

Série Investigação Filosófica

Textos selecionados de

Filosofia Latino- Americana II

Maria Teresa Marques Santos
Lúcio Álvaro Marques
(Organizadores)

**TEXTOS SELECCIONADOS DE FILOSOFIA
LATINO-AMERICANA II**

Série Investigação Filosófica

**TEXTOS SELECIONADOS DE FILOSOFIA
LATINO-AMERICANA II**

Lúcio Álvaro Marques
Maria Teresa Santos
(Organizadores)



Pelotas, 2022

REITORIA

Reitora: Isabela Fernandes Andrade

Vice-Reitora: Ursula Rosa da Silva

Chefe de Gabinete: Aline Ribeiro Paliga

Pró-Reitor de Graduação: Maria de Fátima Cossio

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Flávio Fernando Demarco

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Eraldo dos Santos Pinheiro

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Paulo Roberto Ferreira Júnior

Pró-Reitor Administrativo: Ricardo Hartlebem Peter

Pró-Reitor de Gestão de Informação e Comunicação: Julio Carlos Balzano de Mattos

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Fabiane Tejada da Silveira

Pró-Reitor de Gestão Pessoas: Taís Ulrich Fonseca

CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA DA UFPEL

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrônômicas: Victor Fernando Büttow Roll

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Eder João Lenardão

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosângela Ferreira Rodrigues

Representante da Área das Engenharias e Computação: Reginaldo da Nóbrega Tavares

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Fernanda Capella Rugno

Representante da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto

Representante da Área das Ciências Humanas: Charles Pereira Pennaforte

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Lúcia Bergamaschi Costa Weymar

EDITORIA DA UFPEL

Chefia: Ana da Rosa Bandeira (Editora-chefe)

Seção de Pré-produção: Isabel Cochrane (Administrativo)

Seção de Produção: Suelen Aires Böettge (Administrativo)

Anelise Heidrich (Revisão)

Ingrid Fabiola Gonçalves (Diagramação)

Seção de Pós-produção: Madelon Schimmelpfennig Lopes (Administrativo)

Morgana Riva (Assessoria)

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. João Hobuss (Editor-Chefe)
Prof. Dr. Juliano Santos do Carmo (Editor-Chefe)
Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz (UFSC)
Prof. Dr. Rogério Saucedo (UFSM)
Prof. Dr. Renato Duarte Fonseca (UFSM)
Prof. Dr. Arturo Fatturi (UFFS)
Prof. Dr. Jonadas Techio (UFRGS)
Profa. Dra. Sofia Alborno Stein (UNISINOS)
Prof. Dr. Alfredo Santiago Culleton (UNISINOS)
Prof. Dr. Roberto Hofmeister Pich (PUCRS)
Prof. Dr. Manoel Vasconcellos (UFPEL)
Prof. Dr. Marco Antônio Caron Ruffino (UNICAMP)
Prof. Dr. Evandro Barbosa (UFPEL)
Prof. Dr. Ramón del Castillo (UNED/Espanha)
Prof. Dr. Ricardo Navia (UDELAR/Uruguai)
Profa. Dra. Mónica Herrera Noguera (UDELAR/Uruguai)
Profa. Dra. Mirian Donat (UEL)
Prof. Dr. Giuseppe Lorini (UNICA/Itália)
Prof. Dr. Massimo Dell'Utri (UNISA/Itália)

COMISSÃO TÉCNICA (EDITORAÇÃO)

Prof. Dr. Juliano Santos do Carmo (Diagramador/Capista)

DIREÇÃO DO IFISP

Prof. Dr. João Hobuss

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Prof. Dr. Juliano Santos do Carmo

Série Investigação Filosófica

A Série Investigação Filosófica, uma iniciativa do **Núcleo de Ensino e Pesquisa em Filosofia** do Departamento de Filosofia da UFPel e do **Grupo de Pesquisa Investigação Filosófica** do Departamento de Filosofia da UNIFAP, sob o selo editorial do NEPFil online e da Editora da Universidade Federal de Pelotas, tem por objetivo precípuo a publicação da tradução para a língua portuguesa de textos selecionados a partir de diversas plataformas internacionalmente reconhecidas, tal como a *Stanford Encyclopedia of Philosophy* (<https://plato.stanford.edu/>), por exemplo. O objetivo geral da série é disponibilizar materiais bibliográficos relevantes tanto para a utilização enquanto material didático quanto para a própria investigação filosófica.

EDITORES DA SÉRIE

Rodrigo Reis Lastra Cid (IF/UNIFAP)

Juliano Santos do Carmo (NEPFIL/UFPEL)

COMISSÃO TÉCNICA

Marco Aurélio Scarpino Rodrigues (Revisor em Língua Portuguesa)

Rafaela Nobrega (Diagramadora/Capista)

ORGANIZADORES DO VOLUME

Lúcio Álvaro Marques (UFTM)

Maria Teresa Marques Santos (UFTM)

TRADUTORES E REVISORES

Lúcio Álvaro Marques (UFTM)

Maria Teresa Marques Santos (UFTM)

Danúzia Fernandes Brandão (PPGE/UFTM)

CRÉDITO DA IMAGEM DE CAPA

SIQUEIROS, David Alfaro. The Elements. Source: <https://www.wikiart.org>



GRUPO DE PESQUISA INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA (UNIFAP/CNPq)

O Grupo de Pesquisa Investigação Filosófica (DPG/CNPq) foi constituído por pesquisadores que se interessam pela investigação filosófica nas mais diversas áreas de interesse filosófico. O grupo foi fundado em 2010, como grupo independente, e se oficializou como grupo de pesquisa da Universidade Federal do Amapá em 2019.

MEMBROS PERMANENTES DO GRUPO

Aluizio de Araújo Couto Júnior
Bruno Aislã Gonçalves dos Santos
Cesar Augusto Mathias de Alencar
Daniel Schiochett
Daniela Moura Soares
Everton Miguel Puhl Maciel
Guilherme da Costa Assunção Cecílio
Kherian Galvão Cesar Gracher
Luiz Helvécio Marques Segundo
Paulo Roberto Moraes de Mendonça
Pedro Merlussi
Rafael César Pitt
Rafael Martins
Renata Ramos da Silva
Rodrigo Alexandre de Figueiredo
Rodrigo Reis Lastra Cid
Sagid Salles
Tiago Luís Teixeira de Oliveira

© Série Investigação Filosófica, 2022

Universidade Federal de Pelotas
Departamento de Filosofia
Núcleo de Ensino e Pesquisa em Filosofia
Editora da Universidade Federal de Pelotas

Universidade Federal do Amapá
Departamento de Filosofia
Grupo de Pesquisa Investigação Filosófica

NEPFil online

Rua Alberto Rosa, 154 – CEP 96010-770 – Pelotas/RS

Os direitos autorais estão de acordo com a Política Editorial do NEPFil online. As revisões ortográficas e gramaticais foram realizadas pelos tradutores e revisores. A autorização para a tradução dos verbetes da *Stanford Encyclopedia of Philosophy* neste volume foi obtida pelo *Grupo de Pesquisa Investigação Filosófica*.

Primeira publicação em 2022 por NEPFil online e Editora da UFPel.

Dados Internacionais de Catalogação

N123 Textos selecionados de filosofia latino-americana II.
[recurso eletrônico] Organizadores: Lúcio Álvaro Marques, Maria Teresa Marques
Santos – Pelotas: NEPFIL Online, 2022.
255p. - (Série Investigação Filosófica).
Modo de acesso: Internet
<wp.ufpel.edu.br/nepfil>
ISBN: 978-65-86440-86-7

1. Filosofia. 2. América Latina. I. Marques, Lúcio Álvaro. II. Santos, Maria Teresa Marques.

COD 100



Para maiores informações, visite o site wp.ufpel.edu.br/nepfil

SUMÁRIO

Sobre a Série Investigação Filosófica	12
Introdução	14
I. Filosofia Analítica na América Latina	19
1. Alguns limites geográficos e teóricos	19
2. História da Filosofia analítica na América Latina	22
2.1 Argentina	22
2.2 México	26
2.3 Brasil	29
2.4 Outros países	31
3. Alguns exemplos de desenvolvimentos originais na Filosofia analítica da América Latina	33
3.1 Filosofia teórica	34
3.2 Filosofia prática	37
3.3 Metafilosofia	40
4. Conclusões	42
Referência bibliográfica	43
II. Filosofia da Ciência na América Latina	53
1. Contexto histórico	54
2. As primeiras décadas	57
2.1. México	57
2.2. Brasil	59
2.3. Países andinos	61
2.4. Argentina e Uruguai	64
3. Filosofia geral da ciência	67
3.1. Método científico	67
3.2. Racionalidade e teoria da escolha	68

3.3. Dinâmica da ciência	69
3.4. Realismo científico	70
3.5. Pluralismo científico	71
3.6. Representação na ciência	72
3.7. Causalidade e leis da natureza	73
3.8. História filosófica da ciência	74
3.9. Ciência, sociedade e valores	75
4. Filosofia das ciências particulares	77
4.1. Filosofia da física	77
4.2. Filosofia da química	80
4.3. Filosofia da biologia	83
4.4. Filosofia das ciências formais	84
4.5. Filosofia das ciências cognitivas	86
4.6. Filosofia das ciências sociais	88
4.7. Filosofia da tecnologia	90
4.8. Outros tópicos	91
5. Considerações finais	92
Referência bibliográfica	96

III. Epistemologia na América Latina	139
1. Introdução	140
2. Ceticismo	142
3. Epistemologia central	147
4. Epistemologia forma	152
5. Wittgenstein: epistemologia e ceticismo	155
6. Epistemologia do direito	157
Referência bibliográfica	158

IV. Ceticismo na América Latina	168
1. Introdução	169
2. Antecedentes históricos	171
3. Ceticismo redescoberto	173
4. Neopirronismo	175
5. Reações ao neopirronismo	180
6. Ceticismo contemporâneo	182
7. História do ceticismo moderno	187

8. História do ceticismo antigo	193
9. Ceticismo e literatura	195
Referência bibliográfica	195
V. A influência da filosofia árabe e islâmica no Ocidente latino	214
1. Transmissão	215
2. Divisão das ciências	217
3. Lógica	218
4. Filosofia natural	220
4.1 Eternidade do mundo	222
4.2 Os elementos em um composto	223
4.3 Geração espontânea	225
5. Psicologia	226
5.1 Estimativa	227
5.2 Intelecto ativo	228
5.3 Os quatro intelectos	228
5.4 A tese da unicidade de Averróis	230
5.5 Teorias naturalistas da profecia	233
6. Metafísica	234
6.1 O objeto da metafísica	235
6.2 Conceitos primários	236
6.3 Essência e existência, universais e individuais	237
6.4 A causa primeira e a emanção das inteligências	239
7. Ética	241
Referência bibliográfica	242
Sobre os organizadores e a tradutora	253
Sobre a revisora	253

SOBRE A SÉRIE INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA

A *Série Investigação Filosófica* é uma coleção de livros de traduções de verbetes da *Enciclopédia de Filosofia de Stanford* (*Stanford Encyclopedia of Philosophy*), que se intenciona a servir tanto como material didático, para os professores das diferentes subáreas e níveis da Filosofia, quanto como material de estudo, para a pesquisa e para concursos da área. Nós, professores, sabemos o quão difícil é encontrar bons materiais em português para indicarmos aos estudantes, e há uma certa deficiência na graduação brasileira de Filosofia, principalmente em localizações menos favorecidas, em relação ao conhecimento de outras línguas, como o inglês e o francês. Sendo assim, tentamos suprir essa deficiência, introduzindo essas traduções ao público de Língua Portuguesa, sem nenhuma finalidade comercial, meramente pela glória da Filosofia. Aproveitamos para agradecer a John Templeton Foundation por financiar a publicação de vários dos livros de nossa série, incluindo este, e eximi-la de quaisquer opiniões aqui contidas, as quais são de responsabilidade de seus devidos autores. [*This publication was made possible through a support of a grant from John Templeton Foundation. The opinions expressed in this publication are those of the authors and do not necessarily reflect the views of the John Templeton Foundation.*]

Essas traduções foram todas realizadas por filósofos ou por estudantes de filosofia supervisionados, além de, posteriormente, terem sido revisadas por especialistas nas respectivas áreas. Todas as traduções dos verbetes foram autorizadas pelo querido Prof. Dr. Edward Zalta, editor da *Enciclopédia de Filosofia de Stanford*, razão pela qual o agradecemos imensamente. Sua disposição em contribuir para a ciência brinda os países de Língua Portuguesa com um material filosófico de excelência, disponibilizado gratuitamente no site da Editora da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), assim, contribuindo para nosso maior princípio, a ideia de transmissão de conhecimento livre, além de, também, corroborar nossa intenção, a de promover o desenvolvimento da Filosofia em Língua Portuguesa e seu ensino no país. Aproveitamos o ensejo para agradecer, também, ao editor da

UFPel, na figura do Prof. Dr. Juliano do Carmo, que apoiou nosso projeto desde o início. Agradecemos, ainda, a todos os organizadores, tradutores e revisores, que participam de nosso projeto. Sem a dedicação voluntária desses colaboradores, nosso trabalho não teria sido possível. Esperamos, com o início desta Série, abrir as portas para o crescimento desse projeto de tradução e trabalharmos em conjunto pelo crescimento da Filosofia em Língua Portuguesa.

Prof. Dr. Rodrigo Reis Lastra Cid (IF/UNIFAP)
Prof. Dr. Juliano Santos do Carmo (NEFIL/UFPel)
Editores da *Série Investigação Filosófica*

INTRODUÇÃO

A pergunta inicial presente nos *Textos selecionados de filosofia latino-americana 1*, organizado por Carla Murad e Lúcio Marques (2021), nesta Série, pode ser retomada: existe uma filosofia genuinamente latino-americana? Tanto pela brevidade do tempo que nos separa do volume anterior quanto pela contínua necessidade de meditar seriamente o sentido e valor do ato filosófico entre nós, não há como desconsiderar a necessidade de uma questão como essa. E, por certo, os modos como as questões são colocadas e os lugares a partir de onde o são, alteram consideravelmente a perspectiva do objeto.

O exemplo mais evidente das diferenças entre modos e lugares encontra-se lá no velho Platão. O corpo de cada um de nós, tem usos “*krhêsthai*” diferenciados. Se estamos na academia, cuidamos especialmente dos músculos. Se estamos na academia platônica, exercitamos o pensamento. O deslocamento de lugar entre as academias de ginástica e do pensamento nos conduz a novos usos do corpo. O modo como usamos o corpo configura o espaço ao nosso redor. Enquanto estes meus olhos veem, eu vejo você, mas não me vejo nesse olhar. À medida que o vejo, meus olhos contemplam o mundo e você também, mas não são capazes de se contemplar ao mesmo tempo. Contrariamente, seus olhos me veem, mas também não se veem. Contemporaneamente, os meus olhos espelham sua presença, e apenas os seus olhos captam a minha presença. Por isso, em primeiro lugar, eu sou visto e reconhecido através dos seus olhos e, em segundo, você é visto pelos meus olhos (*Pl., Alc. I, a, 129c-e*). Se sou reconhecido por você, é graças à visibilidade que gozo pelos seus olhos. Se lhe reconheço, igualmente. Mas, existem também os outros que escapam e/ou que podem ser vistos tanto ao meu quanto ao seu olhar. As relações entre mim, você e os outros são relações de mútuo reconhecimento ou desconhecimento, entre as visibilidades e invisibilidades, entre quer ver e reconhecer ou quer invisibilizar e ignorar.

Transpondo a metáfora da visibilidade e do reconhecimento ao plano epistêmico, podemos entender e quem sabe responder à questão inicial sobre a existência de uma filosofia latino-americana genuína. No entanto, a metáfora exige

mais um desdobramento e requer uma ampliação de horizontes. Na dimensão física, o olho é a porta do corpo, mas a filosofia não pertence puramente a essa dimensão. Não basta haver livros de filosofia para se reconhecer uma realidade filosófica. A metáfora do olho precisa ser elevada a uma dimensão além da física, porque os olhos não são capazes de compreender a totalidade do mundo. Tal como o percurso do conhecimento de si não se encerra na visão narcísica e fatal do espelho, assim também o reconhecimento de si e dos outros requer algo mais.

Reduzir o conhecimento de si à visibilidade, equivale a amputar a dimensão da inteligência “*sophía*” no sentido etimológico do termo: a capacidade de ler as entranhas da realidade “*intus leggere*”, mas não apenas. O reconhecimento não é um ato de generosa e benevolente espontaneidade. Enquanto ato próprio às relações entre mim, você e os outros, reconhecer é uma decisão ética que precede a dimensão epistêmica, no sentido que Axel Honneth atribuiu à precedência do ético frente ao epistêmico em *Luta por reconhecimento* (1992). Para além da visibilidade física, está a obra da inteligência “*sophía*”, que requer, tanto para o conhecimento de si quanto para o reconhecimento do outro, os atos daquilo “que se relaciona com o conhecimento “*eidénaí*” e a reflexão “*phroneín*” onde há um olhar mais puro e radiante (*Pl., Alc. I, a, 133c*).

A resposta à questão sobre a originalidade da filosofia latino-americana passa, por um lado, pela visão arguta (inteligência, “*sophía*”) que temos da filosofia externa ao nosso lugar e, por outro, pela visão que o outro, forma a nosso respeito. Essa visão requer tanto o conhecimento do que existe entre nós¹ quanto a prudente

¹ N.E.: Apenas a título de exemplo, destaquemos as pesquisas recentes sobre a filosofia latino-americana e brasileira, além de outras presentes na introdução do primeiro volume dos Textos selecionados de filosofia latino-americana 1, (org. MURAD; MARQUES, 2021): S. Nuccetelli, *Latin American Thought: Philosophical Problems And Arguments* (2001) e *Latin American Philosophy: An Introduction with Readings* (2003); editada por E. Mendieta, *Latin American Philosophy: Currents, Issues, Debates* (2003); de C. Beorlegui, *Historia del pensamiento filosófico latinoamericano: una búsqueda incesantes de la identidad* (2004); editada por J. J. E. Gracia e E. Millan-Zaibert, *Latin American Philosophy for the 21st Century: The Human Condition, Values, and the Search for Identity Paperback* (2004); editado por S. Nuccetelli, *Blackwell Companion to Latin American Philosophy* (2009); *El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y “latino” (1300-2000): historia, corrientes, temas y filósofos* (2009), editado por E. Dussel, E. Mendieta e C. Bohórquez), editado por S. Nuccetelli, O. Schutte e O. Bueno, *A Companion to Latin American Philosophy* (2013); de C. Casalini, *Aristóteles em Coimbra: Cursus Conimbricensis e a educação no Collegium Artium* (2015) e *Jesuit Philosophy on the Eve of Modernity* (2019); editado por R. E. Sanchez Jr., *Latin American and Latinx*

reflexão sobre o que fazemos neste lugar enquanto dedicamo-nos à filosofia. Essa posição relativa ao reconhecimento da filosofia latino-americana tem implicações diretas na forma como fazemos filosofia: a primeira, é impossível qualquer prática que pretenda isolar-se em relação ao outro. Fazer filosofia somente acontece no diálogo com o outro: é uma exposição de si aos olhos dos outros. Ademais, uma filosofia com preocupação meramente endógena e fora da agenda internacional seria a expressão cabal de narcisismo epistêmico que, enfim se reconheceria como obra de um idiotês: aquele que gira sempre em torno do próprio umbigo. Contrário àquilo que já deveríamos ter aprendido tanto com Diógenes de Sinope, o Cínico – sou um cidadão do mundo “*kosmopolitês eimi*” (D.L., VI,63) quanto com Plutarco em *De mundo* em que atribuía a Sócrates a afirmação: “não sou nem ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo”. É tempo de não nos esquecermos da sabedoria do cínico Diógenes e filosofar sem nenhuma estreiteza óptica ou narcisismo epistêmico.

Isso conduz à segunda implicação: necessário conhecer-nos a nós mesmos. Esse conhecimento não tem nada a ver com autorreferenciação, mas com o autoconhecimento através do diálogo filosófico com o outro. Longe de assimilar a visão do outro que, afinal, jamais será nossa, é necessário buscar o conhecimento de quem somos filosoficamente. Não será o outro que produzirá o conhecimento que precisamos ter de nós mesmos. Ele produzirá apenas o olhar que não temos por nós mesmos, enquanto nós temos que nos conhecer para não nos confundirmos com a imagem criada pelos olhos do outro. Esse conhecimento exige que operemos uma volta a nós, enquanto sujeitos e objetos da razão. Para nos conhecermos não podemos ter a ilusão de que veremos no espelho da reflexão “*phroneîn*” a bela imagem do outro. Ao contrário, precisamos ter a coragem de defrontar-nos com a imagem, por vezes, deformada que formamos de nós mesmos. Uma imagem que se deforma tanto pelo excesso quanto pela falta de estima e julgamento adequado a respeito da realidade do pensamento latino-americano. Não por acaso, há quem diga que filosofar entre nós, sobretudo no Brasil, é uma atividade de *home office* acadêmico de cérebros que não sabem onde estão os próprios pés. O pensar latino-americano tem como tarefa, portanto, o dever de assumir-se como sujeito (como quem tem coragem de confrontar a realidade ao redor) e como objeto (aquele que

não teme confrontar as ilusões que criamos de um continente unificado, integrado e partícipe *inter pares* da comunidade filosófica internacional).

A terceira implicação é reflexiva “*phrônimos*”. O filosofar na América Latina não pode dar-se ao luxo de ser alheio à realidade. A filosofia latino-americana será, em amplo sentido, necessariamente comprometida com a realidade local se quiser permanecer digna e viva em seu lugar no mundo, isto é, qualquer investigação alheia às “necessidades políticas, sociais e culturais da região” não se legitima mais entre nós, como destaca Diana Ines Perez no primeiro capítulo sobre a filosofia analítica. Some-se a isso a leitura inversa à dessa autora. Enquanto ela destaca a estabilidade política dos últimos trinta anos como fator de desenvolvimento filosófico, o autor do capítulo sobre filosofia da ciência, Alberto Cordero, reafirma como “a situação política instável e a crise econômica cíclica em países latino-americanos influenciam as políticas de pesquisa, o que coloca os estudiosos em posições instáveis e incertas”. Não obstante, ambos afirmam os benefícios da colaboração e da intercomunicação internacional da filosofia, mas sem nos desligarmos das demandas políticas, sociais e culturais da região.

A análise da epistemologia latino-americana beneficia-se não apenas do ponto de partida local, mas do fato de alguns de seus expoentes terem se formado filosoficamente e trabalhado algum tempo nesse continente. Diego Machuca analisa o lugar do ceticismo e da epistemologia no continente e as consequências tanto em amplo quanto em restrito espectro, isto é, as grandes linhas da epistemologia central e formal e ela, por exemplo, aplicada ao direito. Da epistemologia ao ceticismo, passa-se por uma via de aprofundamento teórico. O capítulo assinado por Plínio Junqueira Smith e Otávio Bueno expõe a história do ceticismo e do neopirronismo latino-americano e conclui-se com a análise do ceticismo na literatura. O ceticismo conserva-se à mesma distância entre o dogmatismo dos metafísicos que, por um lado, ancoram-se na pretensão de conhecer a verdade e, por outro, à distância dos epistemólogos que também se nutrem da pretensão de estabelecer a verdade. Ambos, seriam uma espécie de “filósofos dogmáticos tentando refutar o cético”. Por fim, Dag Nikolaus Hasse, ao analisar a influência da filosofia árabe e islâmica na filosofia ocidental apresenta a divisão clássica das ciências – lógica, física, psicologia, metafísica e ética – e, não obstante, a tênue influência da ética árabe e islâmica na filosofia ocidental, ainda assim identifica um importante contributo na fronteira entre a ética e psicologia, vale dizer, uma influência na reflexão sobre a felicidade humana e os limites da eticidade. Dimensão tão necessária quanto menosprezada entre nós.

Com isso, vemos outra face da filosofia latino-americana, em relação ao primeiro volume. Naquele volume, a preocupação estava direcionada à análise específica da **forma e conteúdo** dessa filosofia; neste, a reflexão está aplicada às suas especificidades. E, não sem certo regozijo, tanto Diana Ines Perez quanto Diego Machuca, entre outros, ainda que indiretamente, reconhecem que o diálogo internacional, somado aos avanços teóricos e à preocupação com o ambiente filosófico latino-americano, “tem alcançado um grau considerável de maturidade e originalidade”. Com isso, opera-se uma mudança de eixo na pauta filosófica: a América Latina está deixando de ser apenas uma importadora e tornando-se uma produtora de filosofia. Essa constatação coaduna diretamente com um argumento central presente em *Textos selecionados de filosofia latino-americana 1* (MURAD; MARQUES, 2021, p. 17): “o ponto de partida será a realidade conhecida, problematizada e analisada filosoficamente com os recursos necessários à herança histórica da filosofia ocidental, sem nenhum medo de operar escolhas (“*haerésis*” ou heresias) na interpretação dos clássicos”.

A filosofia latino-americana é, pois, o pensar em diálogo e a partir da realidade. Afinal, o reconhecimento desse filosofar não esquece, antes, requer o conhecimento de si e a reflexão sobre si mesmo e o diálogo com os outros.

*Prof. Dr. Lúcio Álvaro Marques
Maria Teresa Marques Santos*

(I) Filosofia Analítica na América Latina*

Autora: Diana Ines Perez
Tradução: Maria Teresa Marques Santos
Revisão: Lúcio Álvaro Marques

A Filosofia analítica foi introduzida na América Latina em meados do século XX. Seu desenvolvimento tem sido heterogêneo nos diferentes países da região, no entanto, tem alcançado um grau considerável de maturidade e originalidade. Há, hoje, uma forte comunidade dedicada à tradição analítica na América Latina.

1. Alguns limites geográficos e teóricos

A Filosofia Analítica foi introduzida na América Latina em meados do século XX, embora não tenha se difundido facilmente pela região. Este verbete oferece

*PEREZ, D. I. *Analytic Philosophy in Latin America*. In: ZALTA, E. N. (ed.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Winter 2018 Edition. Stanford, CA: The Metaphysics Research Lab, 2018. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2018/entries/latin-american-analytic/>. Acesso em: 18 jan. 2022.

The following is the translation of the entry *Analytic Philosophy in Latin America* by Diana Ines Perez, in the *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. The translation follows the version of the entry in the SEP's archives at <https://plato.stanford.edu/archives/win2018/entries/latin-american-analytic/>. This translated version may differ from the current version of the entry, which may have been updated since the time of this translation. The current version is located at a <https://plato.stanford.edu/entries/latin-american-analytic/>. We'd like to thank the Editors of the *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, mainly Prof. Dr. Edward Zalta, for granting permission to translate and to publish this entry. Finally, we would like to thank to John Templeton Foundation for financially supporting this project.

um panorama histórico da Filosofia analítica produzida na América Latina, e não apenas sobre a América Latina. O texto a seguir abrange os desenvolvimentos filosóficos relativos aos problemas mais diversos e universais que estão no cerne da Filosofia ocidental. Dado o vasto número de indivíduos, instituições, periódicos e questões que coexistem nessa área geográfica da tradição analítica, devemos iniciar especificando alguns dos limites deste trabalho.

Em primeiro lugar, este verbete está centrado nas ideias de filósofos que têm desenvolvido suas pesquisas e práticas de ensino durante a maior parte de suas vidas em países latino-americanos (ao invés de estabelecer o país de origem como critério). Uma característica dos intelectuais latino-americanos é que muitos tiveram que emigrar para outros países dentro ou fora da região. Em diversos casos a fuga foi por razões políticas, em outros, por razões econômicas e, em alguns poucos casos, por motivos pessoais. Em virtude do espaço, serão excluídos os filósofos de raízes latino-americanas que desenvolveram seus trabalhos filosóficos fora desta região.

Em segundo lugar, não discutiremos a história contemporânea do tópico, uma vez que ela ainda está em evolução. Como mencionado acima, a Filosofia analítica foi introduzida em meados do século XX, inicialmente na Argentina e México e então, em menor grau, no Brasil. Os primeiros filósofos analíticos da região realizaram extensos trabalhos didáticos que resultaram em gerações de filósofos profissionais trabalhando na tradição. Como a pesquisa segue em andamento, é impossível mencionar todos aqueles que atualmente trabalham dentro desta tradição na América Latina. Consulte "Outros Recursos da Internet" para obter *links* de Associações relevantes.

Por fim, é importante delinear o que será considerado no âmbito da Filosofia analítica para o presente trabalho. Nossa consideração da Filosofia analítica não está limitada ao trabalho envolvendo análises conceituais. Na verdade, como afirma Ezcurdia (2015), nem todos os filósofos que se consideram analíticos adotam esse método, e aqueles que o fazem discordam sobre a forma como ele deveria ser compreendido. Rabossi (1975) defende a ideia de que a Filosofia analítica pode ser identificada considerando certas semelhanças familiares. Ele sugere os seguintes traços familiares: atitude positiva em relação ao conhecimento científico; atitude cautelosa em relação à metafísica; uma concepção da Filosofia enquanto tarefa conceitual que considera a análise conceitual um método; relação estreita entre linguagem e filosofia; uma preocupação em buscar respostas argumentativas para problemas filosóficos; busca por clareza conceitual. No caso da Filosofia analítica na América Latina, devemos adicionar dois outros traços familiares à lista acima;

tais traços distinguem as maneiras pelas quais a filosofia é praticada na América Latina da forma como é praticada em outras partes do mundo. Em primeiro lugar, uma vez que a Filosofia analítica foi introduzida quando outras tradições filosóficas eram dominantes, as reflexões filosóficas na tradição analítica frequentemente andam de mãos dadas com questões metafilosóficas (por exemplo, a natureza da Filosofia, seu papel na sociedade, sua forma específica de ensinar, as relações entre várias tradições filosóficas, etc.). Em segundo lugar, dado que a introdução da Filosofia analítica nos países latino-americanos estava ligada a uma busca por mudança nas instituições intelectuais conservadoras, nas estruturas sociais e políticas, bem como em suas formas de gestão, o espírito crítico e construtivo da Filosofia analítica levou muitos de seus praticantes na América Latina a se engajarem politicamente de várias maneiras em seus países de origem.

Mesmo essa lista expandida de traços familiares não é suficiente para caracterizar a Filosofia analítica na América Latina, já que diversos filósofos não analíticos exibem esses mesmos traços. Glock (2008) sugere que a maneira correta de entender a Filosofia analítica é adicionando uma dimensão histórica a esses traços e entendendo a Filosofia analítica como uma tradição intelectual. Na mesma linha, Gracia (2010) argumenta que considerações sociológicas desempenham um importante papel na distinção da Filosofia analítica de outros métodos filosóficos.

O que temos então é uma estrutura familiar não baseada em uma linhagem genética, mas em uma linhagem intelectual, um pedigree intelectual que, por sua vez, se baseia em práticas que foram transmitidas e corrigidas dentro de um contexto familiar. Na verdade, continuamos a nos organizar em famílias e tribos, e há exclusões e feudos.

A humanidade é composta principalmente de comunidades, e a filosofia não difere de outros empreendimentos humanos. Isso explica por qual motivo as considerações culturais, políticas e étnicas desempenham um papel nos projetos humanos, inclusive nos acadêmicos (GRACIA, 2010, p. 29).

A tradição analítica não só tem uma história, mas é composta por diversas gerações de pessoas que estão conectadas de maneiras particulares (por exemplo, relações orientador-aluno e colega-colega). Essas pessoas participam de atividades compartilhadas nas quais se reconhecem enquanto membros da mesma comunidade, discutem e pesquisam tópicos semelhantes utilizando uma abordagem similar, e operam com uma base teórica compartilhada. Isso não significa que filósofos analíticos da América Latina não compartilham vínculos com a comunidade mais ampla de filósofos analíticos europeus e anglo-saxões. Pelo contrário, muitos deles foram educados fora da América Latina, estão engajados em trabalhos que vão

além do contexto latino-americano e estabelecem laços importantes com as comunidades acadêmicas Europeias e Anglo-saxônicas.

Esta entrada apresenta a comunidade de filósofos analíticos que existe hoje na América Latina, descrevendo a maneira pela qual essa tradição filosófica tem se desenvolvido na região. A sessão 2 traz uma abordagem histórica do assunto, enquanto a seção 3 fornece exemplos das linhas de pesquisa mais originais desenvolvidas na América Latina no âmbito da tradição analítica.

2. História da Filosofia analítica na América Latina

A filosofia na América Latina, assim como todos os outros empreendimentos culturais, está intimamente relacionada à cultura europeia, desde tempos coloniais. É contra o pano de fundo da Filosofia tomista, marxista, positivista, fenomenológica, existencialista e idealista que as obras de autores como Frege, Russell, Quine, Carnap, Wittgenstein, Strawson e outros foram introduzidas. A Filosofia analítica desenvolveu-se de maneira heterogênea na América Latina. A tradição analítica surge na Argentina e no México em meados do século XX, e, no mesmo período, porém em menor grau, no Brasil, Peru, Uruguai e na Colômbia. O desenvolvimento na Argentina e no México avançou muito mais rápido e, na década de 1980, a Filosofia analítica amadureceu nos dois países. Instituições fortes criadas pelos primeiros filósofos analíticos [por exemplo, o *Instituto de Investigaciones filosóficas da Universidad Nacional Autónoma de México* (IIF-UNAM) e da *Sociedad Argentina de Análisis Filosófico* (SADAF)] desempenharam um importante papel. O desenvolvimento da Filosofia analítica foi mais limitado em outros países onde havia apenas figuras isoladas que, em muitos casos, não deixaram estudantes.

2.1. Argentina

A Filosofia analítica surgiu na Argentina em meados do século XX em duas áreas bastante diferentes: (1) Filosofia da matemática e da ciência e (2) Filosofia do direito. Diversos matemáticos e físicos interessados nos fundamentos da matemática e das ciências naturais introduziram os desenvolvimentos lógicos do início do século XX e as ideias dos positivistas lógicos do Círculo de Viena. Mario Bunge, que em 1944 fundou o Minerva, primeiro periódico de filosofia do país,

exerceu um papel importante. Bunge também foi o autor do primeiro livro analítico escrito na América Latina, *Causality: The Place of the Causal Principle in Modern Science*, publicado pela Harvard em 1959 e posteriormente traduzido para o espanhol. No ano seguinte ele publicou *Antología Semántica*, as primeiras traduções para o espanhol de Russell, Carnap, Hempel, Tarski, Quine e Goodman. No entanto, Bunge se mudou para o Canadá pouco depois e não deixou alunos na Argentina. Contemporâneos de Bunge, Julio Rey Pastor e Gregorio Klimovsky introduziram questões de lógica e os fundamentos da matemática na Faculdade de Ciências Exatas da *Universidad de Buenos Aires*.

Embora tenha publicado poucos artigos, Gregorio Klimovsky fomentou o desenvolvimento da Filosofia analítica na Argentina. Seu profundo conhecimento e entusiasmo pelos fundamentos da matemática, pela metodologia das ciências naturais, pelos fundamentos da psicanálise e pela história da ciência deixaram profundas marcas em seus alunos. Klimovsky lecionou lógica e Filosofia da ciência na *Universidad de Buenos Aires* de 1957 a 1966, apresentando lógica contemporânea e autores analíticos aos estudantes de Filosofia, alguns dos quais se tornaram a primeira geração de filósofos analíticos argentinos.

A filosofia da linguagem foi introduzida como disciplina na Argentina por Thomas Moro Simpson, que publicou *Formas lógicas, realidad y significado* em 1964, um livro de literatura analítica latino-americana influente não apenas na Argentina e no México (para onde ele viajou em 1967 a fim de lecionar sobre esses tópicos), mas também em outros países latino-americanos.

Simpson também publicou *Semántica Filosófica* em 1973, livro que inclui traduções de alguns dos trabalhos mais fundamentais sobre Filosofia analítica – tais como “*On Denoting*” de Russell e “*Sense and Reference*” de Frege – além de discussões relacionadas a quantificação, existência e atribuição de crenças. Seus alunos Raúl Orayen e Alberto Moretti trabalharam especificamente com lógica, Filosofia da lógica e Filosofia da linguagem. Moretti se especializou em Frege e, também, estudou a Filosofia da linguagem de Davidson e a teoria da verdade de Tarski. Algumas de suas contribuições mais significantes foram compiladas recentemente em *Interpretar y referir. Ejercicios de análisis filosófico* (2008). Orayen trabalhou na Argentina até a década de 1970, quando emigrou para o México e ingressou no IIF-UNAM. Lá ele fomentou diversas gerações de filósofos analíticos e fez suas contribuições mais substantivas, incluindo um de seus trabalhos mais significativos *Lógica, significado y ontología*. Sua pesquisa se concentrou na Filosofia da lógica e da linguagem, incluindo o trabalho de Russell, Frege, Quine, Kripke, entre outros.

Felix Schuster dedicou seu trabalho à Filosofia das ciências sociais. Seu livro *Explicación y predicción: La validez del conocimiento en ciencias sociales*, publicado em 1982, é um clássico que foi reimpresso inúmeras vezes. Nesse trabalho ele se preocupou com a metodologia e a validade da sociologia, da história, economia, antropologia, psicologia e psicanálise, e, também, com estrutura e possibilidades de previsão das várias teorias.

Diversos advogados e especialistas em fundamentos do direito introduziram desenvolvimentos formais, bem como ferramentas analíticas criadas dentro da Filosofia da linguagem comum, para estudar a linguagem do direito.

Quanto às ferramentas analíticas, é necessário mencionar Carlos Cossio e Ambrosio Gioja da Faculdade de Direito da *Universidad de Buenos Aires*. Embora nenhum deles seja, estritamente falando, um filósofo analítico (ambos tiveram sua formação na tradição fenomenológica) eles introduziram seus alunos a novas leituras analíticas em seus seminários. Gioja apresentou textos analíticos clássicos sobre filosofia e ética jurídicas a jovens estudantes que participavam de grupos de leitura com ele. Alguns desses jovens filósofos do direito tornaram-se fundadores da tradução analítica no país. Muitos filósofos se interessaram pela análise da linguagem comum, especialmente Genaro Carrió e Eduardo Rabossi. Rabossi escreveu sobre diversos assuntos. Sua obra mais influente sobre ética foi o livro *La justificación moral del castigo* (1976), tendo também publicado *Análisis filosófico, lenguaje y metafísica* (1975), um livro que introduziu ideias básicas da tradição analítica pela primeira vez na Espanha. Postumamente, uma das obras mais importantes de sua carreira foi publicada, *En el comienzo Dios creó el canon* (2008; vide abaixo §3.3).

Entre os primeiros filósofos analíticos formados em direito, havia também uma linha de pensamento que se afasta da linguagem comum e busca aplicar ferramentas formais ao estudo da linguagem do direito. Especialmente notável nessa área está *Normative Systems* (1971), de Alchourrón e Bulygin, que trata da lógica das normas e proposições normativas. Este trabalho apresenta os sistemas jurídicos como sistemas dedutivos e tem como objetivo estudar as assimetrias lógicas entre os processos de promulgação e abolição de leis. Alchourrón preocupou-se com as mudanças nos sistemas legais produzidas pela promulgação e abolição de leis, e buscou produzir um sistema formal que daria substância aos órgãos jurídicos. O paralelo com os sistemas de crença o induziu a focar na mudança de crença, produzindo o primeiro artigo formal sobre dinâmica da crença (ALCHOURRÓN *et al.*, 1985); a teoria, conhecida como AGM (iniciais dos sobrenomes de seus criadores: Carlos Alchourrón, Peter Gärdenfors e David Makinson), teve um grande impacto mundo afora.

Carlos Nino é um dos mais jovens membros da Faculdade de Direito e teve um influente papel tanto na Filosofia prática quanto na história institucional da Argentina. Prestou importantes contribuições teóricas à ética, Filosofia do direito e teoria constitucional, entre outros, em *Ética y derechos humanos*. Nino também é lembrado por seu compromisso político com a recuperação da democracia na Argentina na década de 1980. Ele foi assessor do presidente Alfonsín e um dos idealizadores (juntamente com Eduardo Rabossi) da política de direitos humanos de Alfonsín que incluía, entre outras medidas, o julgamento histórico dos dirigentes do governo militar de 1985, permitindo a prisão dos líderes do terrorismo de Estado na Argentina. Nino faleceu muito jovem, em 1993.

Embora todos os patriarcas da Filosofia analítica na Argentina tiveram sua formação e iniciaram seus trabalhos na *Universidad de Buenos Aires*, a história institucional do país os obrigou desde cedo a deixar a universidade e se refugiar em uma instituição criada para fortalecer o desenvolvimento da Filosofia analítica na região. De fato, em 1966 o golpe de Estado levou muitos intelectuais a abandonarem a universidade pública, forçando-os a deixar seus empregos e seu desenvolvimento intelectual. Pouco depois, vários filósofos começaram a se reunir fora dos círculos oficiais para dar continuidade a seu trabalho filosófico, fundando a SADAF em 1972. Diversas filósofas também participaram desse empreendimento, como Cecilia Hidalgo, Cristina Gonzalez, Diana Maffia, Gladys Palau e Nora Stigol. A fundação dessa instituição convergiu filósofos das duas linhas acima mencionadas, criando a partir daí uma comunidade unificada de filósofos analíticos no país. Além de manter o espírito e a prática da Filosofia analítica durante os anos em que esta foi excluída da esfera pública (1966-1983), a SADAF e seus membros realizaram três tarefas principais: (1) continuar a formação de jovens gerações dentro da tradição analítica; (2) fortalecer conexões com comunidades analíticas de outros países, especialmente com a comunidade analítica do IIF-UNAM México e do *Centro de lógica, epistemología e historia da ciência* (doravante CLE) no Brasil; e (3) criar, em 1981, o primeiro periódico analítico em espanhol na Argentina e o segundo na América Latina: *Análisis Filosófico*.

Como mencionado acima, o rápido desenvolvimento da Filosofia analítica na Argentina teve duas causas: sua institucionalização adiantada e o legado de ensino de muitos de seus fundadores que produziram novas gerações de filósofos analíticos cujas obras ultrapassaram as fronteiras de seu país de origem.

Thomas Simpson foi o mentor intelectual de gerações de filósofos da linguagem, mais significativamente Alberto Moretti, que, por sua vez, formou uma

nova e poderosa geração de filósofos analíticos. Eduardo Rabossi abordou questões mais amplas de filosofia e teve estudantes focados em bioética, Wittgenstein e na filosofia do século XX, embora a maioria de seus alunos tivessem se concentrado em Filosofia da mente. Carlos Alchourrón e Eugenio Bulygin deixaram vários alunos trabalhando com a lógica das normas, como Hugo Zuleta e Ricardo Caracciolo e Alchourrón também teve alunos dedicados à lógica filosófica. Apesar de sua morte prematura, Carlos Nino também deixou vários alunos.

Em meados dos anos 80, a Filosofia analítica também se desenvolveu além de Buenos Aires, na Universidade Nacional de Córdoba, com foco em três áreas: Filosofia da Linguagem, sob a direção de Carolina Scotto; Lógica, sob a direção de Horacio Faas; e Filosofia da Ciência, sob a direção de Victor Rodriguez.

2.2. México

Na primeira metade do século XX, diversos filósofos mexicanos - que não eram filósofos analíticos estritamente falando – introduziram uma série de ferramentas formais, textos e temas acerca da Filosofia analítica no país. O primeiro livro de Filosofia e história da ciência em espanhol foi publicado por Juan David García Bacca em 1936. Obras mais analíticas se seguiram, como um livro sobre positivismo lógico, e o Círculo de Viena foi publicado em 1941 por Antonio Caso. As obras de Ayer e Carnap foram traduzidas por seu aluno Nicolás Molina Flores, que também foi o primeiro mexicano a argumentar a favor do empirismo lógico. Eduardo García Maynez, filósofo do direito, introduziu as ferramentas da lógica matemática em sua obra. Em 1953 ele publicou *Los principios de la ontología formal del derecho y su expresión simbólica*, uma das primeiras obras filosóficas expressas em símbolos formais no México. Existem, no entanto, duas diferenças notáveis em como a Filosofia analítica se desenvolveu na Argentina. García Maynez fez uso apenas superficial de ferramentas lógicas e não deixou alunos, portanto seus trabalhos não tiveram eco em desenvolvimentos posteriores no México e não tiveram impacto fora do país. No entanto, ele conquistou um legado institucional importante, já que ele e outros defenderam a criação do *Centro de Estudios Filosóficos*, que mais tarde se tornou o IIF-UNAM. Enquanto García Maynez era seu supervisor, o Centro incorporou pesquisadores em tempo integral e criou a revista *Dianoia* em 1955. Durante esse período, discussões filosóficas e publicações em espanhol foram incentivadas.

Além de García Maynez, José Gaos, filósofo espanhol que emigrou para o México por causa da guerra civil espanhola, também foi influente no desenvolvimento da Filosofia analítica no México. Muitos trabalhos importantes em fenomenologia, incluindo o *Ser e tempo* (*Sein und Zeit*) de Heidegger, foram traduzidos para o espanhol por Gaos, ele mesmo um fenomenólogo.

É nas reuniões organizadas por Gaos que encontramos as três figuras que impulsionaram a Filosofia analítica mexicana desde os anos 1960: Alejandro Rossi, Luis Villoro e Fernando Salmerón. Leituras analíticas clássicas, como as obras de Russell, Wittgenstein e Moore foram apresentadas durante esses seminários. Doravante, no México, a Filosofia analítica aparece em diálogo e conflito com a fenomenologia (SALMERÓN, 2003). Essa transição da fenomenologia à Filosofia analítica no IIF-UNAM se consolida entre 1966 e 1977, anos em que Salmerón foi diretor. Em 1967 é fundada a primeira revista estritamente analítica em espanhol: *Crítica: Revista hispanoamericana de filosofía*. O México sempre recebeu bem os emigrantes políticos e adotou uma política de convidar outros colegas latino-americanos que ajudaram a estreitar os laços entre os pesquisadores da região. Nesses anos, diversos filósofos analíticos Argentinos (por exemplo Rabossi, Alchourrón e Simpson) foram convidados a lecionar no México.

O primeiro artigo em espanhol sobre Filosofia analítica da linguagem – mais especificamente sobre o argumento da língua privada – foi publicado por Alejandro Rossi, de raízes italianas e venezuelanas, mas que desenvolveu sua pesquisa no México. Esse e outros trabalhos foram posteriormente reimpressos em *Lenguaje y Significado* (1969), um livro composto por cinco artigos que reflete a mudança da fenomenologia para a Filosofia analítica, tendo Wittgenstein como junção. O primeiro artigo do livro é sobre as *Investigações Lógicas* de Husserl, e os três últimos artigos tratam especificamente da discordância de Strawson e Russell sobre as descrições definidas, o problema das descrições vazias e a relação entre nomes próprios e descrições definidas. Além de seu trabalho filosófico dentro da tradição analítica e de seu enorme esforço no sentido de fortalecer o *Instituto*, Rossi escreveu diversos ensaios de caráter mais literário, compilados posteriormente em *Manual del distraído* (1978).

A epistemologia analítica foi introduzida no México por Luis Villoro, autor de um livro espanhol fundamental chamado *Saber, creer, conocer*, publicado em 1982. Nesse livro Villoro revê diversos temas abordados na epistemologia do século XX, como a distinção entre conhecimento e crença, sua conexão com a verdade, a distinção entre diferentes tipos de conhecimento (*know-that and know-how*), e

considerações éticas em uma teoria do conhecimento (por exemplo, a tolerância com as crenças não compartilhadas dos outros e as regras de veracidade, racionalidade e a autonomia da razão governando nosso conhecimento). Além disso, o livro de Villoro é fundamental no contexto latino-americano porque pela primeira vez ele tenta sistematizar um vocabulário técnico em espanhol sobre esses tópicos. A questão da tradução é central, como será discutido em §3.3. Em inglês, língua dominante na Filosofia analítica, há um único verbo – “*to know*” – enquanto em espanhol (assim como em alemão, francês e outras línguas) há dois verbos: “saber” e “*conocer*”, portanto, a questão da relação entre os diversos tipos de conhecimento identificados por filósofos da língua comum, como Ryle, e sua tradução para o espanhol não é uma questão filosófica insignificante. Além dessas contribuições valiosas à teoria do conhecimento, Villoro também colaborou para o notável progresso de questões relacionadas à história política e à Filosofia política do México, assim como nas discussões sobre a possibilidade de fundar uma Filosofia americana, tema central ao grupo Hyperion (1948-1952).

A Filosofia prática, que inclui a ética e a Filosofia da educação, foi introduzida por Fernando Salmerón. Seu primeiro livro declaradamente analítico foi *La filosofía y las actitudes morales* (1971). Essa obra inclui três ensaios escritos entre 1966 e 1969, em que Salmerón busca: 1) destacar a natureza argumentativa e crítica da atividade filosófica; 2) conectar esse empreendimento vital (a adoção da filosofia como uma profissão) a um sentido mais amplo de filosofia, entendida como uma visão de mundo; e 3) enfatizar questões como o compromisso prático dos filósofos, a conexão entre essas práticas e outras práticas sociais, o papel da pesquisa e do ensino filosófico na sociedade em que está imerso, sua relação com o conhecimento científico, etc. Ele também publicou, com Eduardo Rabossi, uma série de traduções de obras clássicas em Filosofia analítica prática, como as de Moore, Strawson, Hare, Stevenson, Searle, Harman, etc. Entre suas obras mais destacadas estão *Ensayos filosóficos* (1988) e *Enseñanza y filosofía* (1991). Uma de suas maiores preocupações parece ter sido colocar a filosofia – entendida como prática crítica e argumentativa – em um lugar central para o desenvolvimento político e intelectual de uma sociedade. São também dignos de nota o seu trabalho institucional, a divulgação da Filosofia analítica na América Latina e as apresentações internacionais das contribuições analíticas prestadas por filósofos latino-americanos.

Os já mencionados fundadores da tradição analítica no México foram acompanhados por outro grupo de filósofos com experiência em lógica e Filosofia da ciência. A geração seguinte, que inclui Roberto Caso Bercht, Hugo Padilla e

Wonfilio Trejo, abandonou completamente a fenomenologia e pode ser considerada a primeira geração de filósofos analíticos "puros". Questões e autores analíticos foram difundidos por todo o país por Trejo, que lecionou em outras universidades além da UNAM. Contribuições significativas foram feitas por Hugo Margáin à Filosofia da linguagem e por Ulises Schmill e Javier Esquivel à Filosofia do direito.

Durante as duas últimas décadas do século XX, a produção filosófica do IIF-UNAM aumentou significativamente. Entre os filósofos que mais contribuíram estão: Margarita Valdés, que trabalha com ética aplicada, Filosofia da linguagem e da mente, epistemologia e, mais recentemente, com história da Filosofia analítica e da filosofia em geral na América Latina; Paulette Dieterlen, que trabalha com Filosofia política, especificamente com pobreza e justiça distributiva, e Olbeth Hansberg, que trabalha com Filosofia da mente, especialmente com emoções, percepção, consciência e Filosofia davidsoniana.

Mark Platts, de origem Britânica, mudou-se para o México onde publicou *Ways of Meaning* em 1979 (segunda edição em 1997) e *Moral Realities: An Essay in Philosophical Psychology* (1991), em que explora o conceito de desejo e desenvolve uma teoria anti-humana da motivação moral. Ele também influenciou diversos membros do IIF-UNAM, incluindo Lourdes Valdivia, Olbeth Hansberg, Salma Saab, Guillermo Hurtado e Maite Ezcurdia. Carlos Pereda (originalmente do Uruguai) trabalha sobretudo com ética, epistemologia e teoria política, mas também com atos de fala e comunicação linguística. Desde então, gerações mais jovens de filósofos têm diversificado e aprofundado o programa analítico.

Diferente do que ocorreu na Argentina, o México, assim como o Brasil, teve políticas de estado consistentes que encorajaram jovens acadêmicos a fazer pós-graduação no exterior com o compromisso de retornarem ao trabalho em seu país de origem. Assim, diversos filósofos concluíram o doutorado no exterior, com seus orientadores fora do México – geralmente nos Estados Unidos ou no Reino Unido. Essa é a razão pela qual comunidades filosóficas no México são mantidas unidas por instituições como o IIF-UNAM, diferente da Argentina, onde a relação aluno-orientador é essencial para a consolidação das comunidades filosóficas.

2.3. Brasil

No Brasil encontramos diversos vislumbres inaugurais e isolados da tradição analítica. Francisco Cavalcante Pontes de Miranda publicou *O Método de Análise*

Sociopsicológica em 1925 e, em 1937, *O Problema Fundamental do Conhecimento*, influenciado por *Tractatus*, de Wittgenstein, por Ramsey e pelo Círculo de Viena. Vicente Ferreira da Silva publicou um livro sobre os fundamentos da lógica matemática em 1940. É notável que W.V.O. Quine permaneceu algum tempo em São Paulo, onde publicou em português *O sentido da nova lógica* (1944). Embora seu trabalho tenha influenciado a geração seguinte de filósofos, ele não deixou alunos na região. Por outro lado, o filósofo analítico francês Gilles-Gaston Granger, que lecionou na Universidade de São Paulo de 1947 a 1953 e voltou ao Brasil diversas vezes depois, exerceu uma influência mais duradoura em nomes como Newton da Costa e José Arthur Giannotti, que trabalharam na intersecção da fenomenologia e do marxismo sob a influência de Wittgenstein. Dentro dessa primeira geração de filósofos analíticos brasileiros, talvez seja Newton Da Costa, o criador da lógica paraconsistente, quem alcançou maior destaque fora do Brasil.

Além da tradição lógica, o restante da Filosofia analítica brasileira emerge não como uma sequência do positivismo, mas como uma inovação filosófica. As primeiras publicações na área surgiram na década de 70. No Brasil, ao contrário do México e da Argentina, os primeiros trabalhos analíticos não vieram da tradição fenomenológica, mas de estudiosos da história da Filosofia. Na verdade, há duas grandes figuras nessa história que trabalharam com história da Filosofia, mas tiveram alunos analíticos: João Paulo Monteiro (um estudioso de Hume, interessado em questões de epistemologia, ceticismo e Filosofia da ciência) e Oswaldo Porchat (estudioso de Aristóteles, focado no ceticismo, mas também interessado em lógica, Filosofia da linguagem e ciências). Em 1976, Porchat fundou o *Centro de lógica, epistemologia e história da ciência* (CLE) na Universidade de Campinas, São Paulo, e no ano seguinte ele começou a editar o jornal *Manuscrito*, editado por M. Wrigley e posteriormente por M. Ruffino.

Há um grande grupo de filósofos analíticos na região do Rio de Janeiro, incluindo Oswaldo Chateaubriand, que trabalha com Filosofia da lógica, metafísica e Filosofia da linguagem, e que contribuiu com temas como forma lógica, sintaxe, gramática, verdade lógica, teoria das descrições, teorias da verdade, modalidades e contrafactuais. Outros filósofos analíticos atuantes no Rio incluem Danilo Marcondes Filho (Filosofia da linguagem, epistemologia, ceticismo), Wilson Mendonça (Filosofia da mente, ética e metaética) e Maria Clara Dias (ética, Filosofia da ação e da mente).

Ademais, um grande grupo de filósofos da ciência trabalha na Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis) organizados pelo *Núcleo de Epistemologia e Lógica* (NEL) responsável pela edição do periódico *Principia*. A cada dois anos

eles organizam um simpósio internacional sobre tópicos de Filosofia da ciência, epistemologia, lógica e metafísica. Fazem parte do grupo Newton da Costa, Décio Krause, Luiz Henrique de A. Dutra, e dois emigrantes argentinos, Alberto Cupani e Gustavo Caponi.

Diferente da Argentina e do México, onde grande parte das atividades está concentrada nas duas capitais, o Brasil possui uma paisagem vasta onde podemos encontrar, em diferentes universidades, diversos filósofos de tradição analítica trabalhando em conjunto através dos “Grupos de Trabalho” da ANPOF. Apenas em 2008 a Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica (SBFA) foi fundada.

2.4. Outros países

Na Colômbia, assim como em outros países da região, os primeiros trabalhos em Filosofia analítica foram produzidos na segunda metade do século XX. Há dois periódicos – *Ideas y valores* e *Cuadernos de Filosofía y Letras* – em que trabalhos analíticos (e não-analíticos) são publicados. Na segunda metade da década de 1960, Rubén Sierra Mejía trouxe a Bogotá cursos e traduções de obras clássicas da tradição analítica. Seus artigos foram publicados no livro *Apreciación de la Filosofía Analítica* (1987). Na *Universidad del Valle* (Cali), Adolfo León Lobos introduziu a teoria da argumentação e a Filosofia da linguagem comum. Na década de 1980 já havia muita atividade envolvendo Filosofia da linguagem comum. Juan José Botero é conhecido por seu trabalho focado nas origens comuns das tradições fenomenológica e analítica, examinando a correspondência entre Husserl e Frege e publicando trabalhos sobre consciência, atitudes proposicionais, sentido e referência. Há inúmeros outros filósofos colombianos contemporâneos trazendo significantes contribuições à tradição analítica.

No Peru, a Filosofia analítica foi introduzida por Francisco Miró Quesada. Em 1946 ele publicou o primeiro livro na área: *Lógica*. Miró Quesada escreveu diversas obras sobre lógica, lógica deôntica, Filosofia da matemática e, também, sobre a realidade social e política de seu país. Na década de 1970 ele fundou, com Alberto Cordero, um programa em Filosofia da ciência. Na década de 1960, Augusto Salazar Bondy traduziu Moore e Wittgenstein e escreveu uma série de ensaios sobre linguagem avaliativa, que acabou sendo publicada como livro em 1971, no Chile.

Além dessas figuras isoladas que não deixaram estudantes, apenas no século XXI encontraremos dois pequenos grupos no Peru trabalhando com questões

analíticas. Na Pontifícia Universidade Católica do Peru, Pablo Quintanilla lidera um grupo interdisciplinar dedicado ao estudo da Filosofia da linguagem e da mente e sua evolução (*Grupo Mente y Lenguaje*). Na *Universidad Nacional Mayor de San Marcos*, um pequeno grupo liderado por Oscar Garcia Zárate, fundou, em 2006, o *Centro de estudios de filosofía analítica* (CESFIA). O CESFIA publica o periódico *Analítica* (embora o Centro pareça funcionar de forma isolada dos demais filósofos analíticos latino-americanos).

No Uruguai, Carlos Vaz Ferreira introduziu ideias e textos da tradição analítica na primeira metade do século XX, mas morreu jovem, em 1956, sem deixar novos estudantes. Ao final dos anos 1950, Ezra Heymann abordou Frege e Austin, além de ensinar lógica em Montevideo antes de se mudar para a Venezuela. O filósofo uruguaio mais reconhecido internacionalmente foi Mario Otero, educado nos Estados Unidos e exilado no IIF-UNAM na década de 1970. Otero acabou retornando ao Uruguai com o retorno da democracia na década de 1980, vindo a trabalhar na Universidade da República com história da lógica e Filosofia da ciência. Sua aluna Lucía Leiowicz continua trabalhando na área. Também exilados na década de 1970, Javier Sasso e Eduardo Piacenza foram para a Venezuela e Carlos Pereda foi para o IIF-UNAM, nunca mais retornando para o Uruguai. Atualmente, o filósofo mais proeminente do Uruguai é Carlos Enrique Caorsi, que trabalha com Filosofia da linguagem com ênfase na filosofia de Davidson.

O Chile mostra um certo isolamento. Até o golpe de estado em 1973, os avanços foram limitados à lógica formal de Juan Rivano, Gerold Stahl e Rolando Chuaqui. Roberto Torretti, também exilado em Porto Rico, se destaca. Ele exerceu um impacto inicial com um livro bem-conceituado sobre Kant publicado em 1967. Esses estudos históricos levaram a estudos mais sistemáticos no campo da Filosofia da ciência e da história da geometria, publicados na década de 1990. Alfonso Gómez Lobo seguiu pelo caminho oposto com sua primeira publicação de *Siete escritos sobre lógica y semántica* em 1972 antes de deixar a Filosofia analítica para se envolver com Filosofia antiga, na ocasião de seu exílio para os Estados Unidos. Na década de 1990 havia apenas algumas personalidades trabalhando com Filosofia da mente e da linguagem no Chile. No século XXI a tradição analítica cresce, principalmente devido aos muitos filósofos que retornaram ao país após estudos no exterior. Em 2008 é fundada a *Sociedad Chilena de Filosofía Analítica*.

Na Venezuela, Juan David García Bacca, embora não fosse um filósofo analítico, apresentou autores da tradição analítica na década de 1960. Juan Nuño publicou *Sentido de la filosofía contemporánea* em 1965, que incluiu lógica e outras

questões analíticas, e tratou dos nomes próprios e do nativismo em um livro de lógica formal publicado em 1973. Adolfo García Díaz, de origem mexicana, trabalhou na Venezuela nos anos 1960 com questões relacionadas a lógica, metafísica e história da Filosofia. Na década de 1970, a Venezuela, assim como o México, acolheu exilados políticos como Ernesto Batistella, Javier Sasso e Eduardo Piacenza do Uruguai. Nessa época havia também outros venezuelanos trabalhando na tradição analítica, incluindo Rafael Burgos (Wittgenstein e ontologia) e Pedro Lluberés (ontologia e Filosofia da ciência). Nos anos 1980, Victor Krebs trabalhou com a filosofia de Wittgenstein enquanto Vincenzo Lo Monaco se envolveu com a filosofia de Davidson e teoria da interpretação, semântica dos nomes próprios e compromissos ontológicos.

Na Costa Rica, Claudio Gutierrez publicou artigos nas áreas de Filosofia da lógica, epistemologia, Filosofia da linguagem e Filosofia da mente. Luis Camacho Naranjo trouxe contribuições à epistemologia e à Filosofia da ciência. Max Freund trabalhou com a lógica dos sortais, lógica modal e nas consequências lógicas, computacionais e filosóficas do conceitualismo.

Na Guatemala, Hector-Neri Castañeda (que, posteriormente, emigrou para os Estados Unidos) publicou diversos artigos sobre consciência e lógica normativa no final da década de 1950 e sobre o argumento da linguagem privada no início dos anos 1960. De seu local de trabalho nos Estados Unidos (Universidade de Indiana), ele colaborou com alunos de doutorado da Costa Rica, Guatemala e México. Da mesma maneira, outros filósofos latino-americanos emigraram para os Estados Unidos; um caso paradigmático é Ernesto Sosa, um filósofo cubano que estudou e trabalhou por toda a sua vida nos Estados Unidos e que buscou constantemente estabelecer laços com a Filosofia em língua espanhola, especialmente com filósofos analíticos do México e da Argentina.

O crescimento da Filosofia analítica na América Latina levou à fundação, em 2007, da *Asociación Latinoamericana de Filosofía Analítica* (ALFAn), que reúne indivíduos e instituições envolvidos com a tradição analítica na região.

3. Alguns exemplos de desenvolvimentos originais na Filosofia analítica da América Latina

Nesta seção, mencionarei exemplos de trabalhos originais desenvolvidos por filósofos que dedicaram a maior parte de seu exercício profissional na América Latina à tradição analítica (por questões de espaço, é impossível esgotar o tema).

As áreas em que ocorreram as principais contribuições são aquelas envolvendo a lógica, especialmente o que pode ser chamado de "lógica filosófica", como a lógica paraconsistente, dinâmica das crenças e lógica deôntica, e a Filosofia prática, devido ao papel que a Filosofia analítica desempenhou no fortalecimento da democracia na região. Também são importantes as contribuições feitas a questões metafilosóficas decorrentes da reflexão sobre o que implica a "importação" da filosofia. No entanto, existem contribuições importantes em todas as disciplinas filosóficas, uma vez que os filósofos analíticos latino-americanos abordaram a maioria dos problemas universais apresentados pela Filosofia ocidental.

3.1. Filosofia teórica

No caso da Filosofia teórica, a maioria das pesquisas na América Latina não foi originada segundo ideias ou interesses locais, mas pela influência de filósofos no exterior, ou seja, pela importação de teorias e pontos de vista filosóficos. Na maioria dos casos, as ideias filosóficas propostas não estão em diálogo exclusivamente com outros membros da comunidade latino-americana, mas com a comunidade internacional mais ampla. Existem, contudo, algumas exceções no campo da lógica filosófica e da Filosofia da lógica, onde importantes tradições foram fecundadas: a lógica paraconsistente e a lógica da revisão de crenças.

A lógica paraconsistente é um dos produtos filosóficos autóctones da América Latina. A ideia por trás desses desenvolvimentos é simples e filosoficamente motivada: uma lógica é paraconsistente se o princípio de não contradição não é válido em geral; sintaticamente falando, "uma lógica é paraconsistente se pode ser a lógica básica de teorias inconsistentes, mas não triviais" (DA COSTA; BUENO, 2010, p. 221). Como mencionado na seção anterior, o pai dessas lógicas é Newton da Costa, que deu origem ao que se chamou de "escola brasileira da paraconsistência".

A outra figura importante da lógica que deu origem a uma tradição de pesquisa foi Carlos Alchourrón. Além de sua contribuição na lógica deôntica, Alchourrón foi também um dos primeiros lógicos a desenvolver um sistema lógico para dinâmica de crenças (AGM). As noções-chave desta teoria são revisão (quando introduzimos uma nova informação ao estado epistêmico atual e reajustamos as informações de fundo de tal forma que o novo resultado seja consistente), e contradição (quando uma informação é eliminada de um estado epistêmico) (ARLÓ-COSTA; FERMÉ, 2010, p. 483). As pesquisas produzidas por Alchourrón e

colaboradores (até sua morte precoce em (1996) incluíram questões relacionadas a lógica não-monotônica e desenvolvimentos em inteligência artificial.

Uma questão filosófica menos conhecida que se originou e desenvolveu na América Latina é o *Paradoxo de Orayen*, batizado como tal por Alchourrón (1987). O paradoxo de Orayen é um problema que Raul Orayen identificou e apresentou originalmente em um Simpósio sobre Quine em Granada em 1986 (Orayen 1992). Ele surge quando as seguintes proposições são afirmadas simultaneamente:

1. A semântica da TQ (teoria quantificacional) é construída com o auxílio da T (teoria dos conjuntos do tipo Zermelo-Fraenkel), em particular com a restrição de que apenas os conjuntos fornecidos pela T podem ser usados como domínios de interpretação.
2. T pode ser formalizada dentro da TQ (ou seja, pode ser expressa por uma teoria de primeira ordem).

Não se pode aceitar simultaneamente essas duas afirmações, pois se olharmos para (1), a teoria dos conjuntos não pode ser formalizada no sentido de (2). Orayen não apenas expôs esse paradoxo como também ofereceu duas possíveis soluções. A primeira apela à semântica baseada na adoção de predicados da linguagem natural para interpretar predicados formais, isto é, propõe uma nova forma de interpretar os símbolos da linguagem quantificacional com uma linguagem já interpretada.

A segunda solução é inspirada nas hierarquias estabelecidas pela teoria dos tipos de Russell. O Paradoxo de Orayen produziu diversas respostas, entre outras de W.V.O. Quine, Hilary Putnam, e William Hart, assim como de lógicos famosos da comunidade latino-americana como Atocha Aliseda, Agustín Rayo, Eduardo Barrio, Max Freund, Mario Gómez-Torrente, Sandra Lazzer, Adolfo García de la Sienra e Axel Barceló. As principais propostas acerca desse paradoxo são incluídas em Moretti e Hurtado (2003) e García de la Sienra (2008).

Tanto a Filosofia da ciência geral quanto a especial, assim como a história e a sociologia da ciência, têm sido extensivamente estudadas na América Latina. As intensas atividades em Filosofia da ciência se refletem nas instituições regionais que serviram de impulso para o seu desenvolvimento. Na Argentina, as *Jornadas de epistemología e historia de la ciencia* têm sido organizadas todos os anos desde 1989 por um grupo local liderado por Víctor Rodríguez, Marisa Velasco e Jose Ahumada. No Chile, as *Jornadas Rolando Chuaqui Kettlunen* são organizadas todo

ano desde 1999 em homenagem ao ilustre matemático, filósofo da ciência e pensador chileno, Professor Rolando Chuaqui Kettlun, provavelmente o líder mais importante no desenvolvimento das ciências formais no país durante o século XX. Entre os organizadores estão Andrés Bobenrieth, Rolando Rebolledo, José Tomás Alvarado, Guido Vallejos, Claudia Muñoz e Wilfredo Quezada. Existe também uma organização de âmbito regional, a *Asociación de Filosofía e Historia de la ciencia del Cono Sur* (AFHIC), fundada em 2000 com o objetivo de promover laços entre os especialistas regionais e organizar encontros a cada dois anos em diferentes países membros. Veja a entrada sobre Filosofia da ciência na América Latina para uma revisão detalhada das principais contribuições para o campo.

A teoria do conhecimento é uma disciplina popular no Brasil, o que não é surpreendente já que as origens da Filosofia analítica nesse país estão associadas a duas figuras, Porchat e Monteiro, que trabalharam com ceticismo e fundação da ciência, seguidas por Plínio Junqueira-Smith e Paulo Faria. Os principais avanços na área, não apenas no Brasil, mas também no restante da América Latina, podem ser encontrados na entrada dedicada a Cresto (2010). A metafísica analítica, ao contrário, pouco se desenvolveu na região, com apenas algumas exceções.

A Filosofia da linguagem e da mente se desenvolveu amplamente na região. A reflexão filosófica sobre a linguagem, que está no cerne da Filosofia analítica, foi exaustivamente difundida na América Latina. As primeiras publicações analíticas na América Latina, de Alejandro Rossi e Thomas Simpson, foram dedicadas a essa área e geraram uma forte tradição em Filosofia da linguagem nos seus respectivos países. Como no resto do mundo, diversos filósofos originalmente preocupados com questões de Filosofia da linguagem voltaram-se para a Filosofia da mente na década de 1980. Assim, tanto a Filosofia da linguagem quanto a da mente se desenvolveram de forma bastante homogênea em toda a América Latina. Sobre esses tópicos, a influência da filosofia estrangeira é aparente, mas embora os problemas e argumentos abordados não tenham nascido na América Latina, contribuições originais de filósofos latino-americanos podem ser encontradas. A maior parte da pesquisa na área assume uma abordagem naturalística, conectando avanços recentes em linguística, ciências cognitivas e neurociências para lidar com questões filosóficas sobre linguagem e mente, incluindo teorias de referência, contextualismo, conceitos psicológicos e fenomenais, o problema mente-corpo, a compreensão do outro, e teoria da ação. As emoções, nem sempre abordadas na Filosofia da mente dominante, também têm sido objeto de reflexão filosófica na região.

No que diz respeito aos avanços clássicos em filosofia analítica da linguagem, o legado de Frege tem sido profundamente estudado na região.

3.2. Filosofia prática

Diversas questões tradicionais sobre Filosofia moral e política, bem como sobre Filosofia do direito foram abordadas por filósofos latino-americanos. No entanto, as peculiaridades sociais e políticas da região têm gerado questões específicas que serão o tema desta seção.

A instabilidade política prevaleceu na América Latina durante a maior parte do século XX. Quase todos os países da região sofreram golpes de estado, fraude eleitoral, cancelamento de direitos constitucionais, perseguições políticas; em suma, a democracia foi uma quimera. Na maioria desses países a situação política tem mudado nos últimos trinta anos, e, em certa medida, isso se deu a filósofos da moral, da política e do direito que provocaram uma ampla discussão sobre os fundamentos da democracia, dos direitos humanos e outras questões relacionadas. Do ponto de vista econômico, a América Latina foi e ainda é uma região onde grande parte da população vive abaixo da linha da pobreza, onde a lacuna entre ricos e pobres é enorme, onde saúde e educação frequentemente são itens de "luxo" não disponíveis a muitos; em suma, abundam as desigualdades econômicas e, portanto, as desigualdades educacionais, culturais e sanitárias.

A ética aplicada, especialmente a bioética, tem observado avanços filosóficos amplos e originais na América Latina. A situação política, econômica e social da região tem motivado reflexões focadas em questões como aborto e prática médica e em pesquisas sobre sujeitos em vulnerabilidade (RIVERA LÓPEZ, 2010, p. 365). O compromisso público com debates contínuos caros às sociedades locais é uma característica importante da tradição filosófica analítica na região. As reflexões filosóficas sobre o aborto são um caso paradigmático a se considerar. Na maioria dos países latino-americanos, diferente da Europa e dos Estados Unidos, o aborto não é legalizado em quase nenhuma nação, e muitas mulheres morreram ou foram presas por esse motivo. O México foi pioneiro na descriminalização do aborto, que ocorreu apenas em 2007 e somente na Cidade do México, e não em todo o país. A comunidade filosófica mexicana esteve envolvida no processo que levou a essa mudança.

Margarita Valdés (1997, 2001b) tem sido uma pioneira nessa área pois suas contribuições visam produzir impacto político (ou seja, alterar a legislação

vigente) buscando enfraquecer o pensamento dogmático da grande maioria da população e dos legisladores, enfatizando questões específicas como gravidez na infância e na adolescência, gravidez resultante de estupro, etc. Valdés (2001a) apresenta os principais argumentos favoráveis e contrários à legalização do aborto, e distingue três noções de **pessoa** nos argumentos: a noção biológica; a ideia de uma pessoa **potencial**; e a noção metafísica e moral de pessoa. Ela finalmente mostra que os argumentos mais conservadores não podem ser sustentados ou porque apelam para uma noção de pessoa não relevante à questão moral ou porque alegam, falsamente, que a pessoa moral está presente no momento da concepção.

Gustavo Ortiz-Millán (2009), também no México, conduz um estudo sistemático e abrangente sobre aborto, em que avalia os principais argumentos éticos favoráveis e contrários ao aborto, os direitos reprodutivos das mulheres, o conflito com os direitos do feto, as normas jurídicas em seu país e as estatísticas relacionadas aos temas em discussão. Ele considera também a proposta conservadora pró-vida de adoção, direitos de paternidade, política e argumentos religiosos relacionados.

Na Argentina, Florencia Luna, Eduardo Rivera López e Arleen Salles desenvolveram diversas linhas de pesquisa em bioética. Inicialmente foram publicados alguns livros com traduções para o espanhol de importantes artigos da área com o objetivo de introduzir nas sociedades de língua espanhola questões importantes como os problemas levantados pelo conhecimento e pela manipulação genética, por questões como eutanásia, aborto e direitos reprodutivos, o princípio da autonomia e da relação médico-paciente, justiça e direito à saúde, experimentação com seres humanos, transplante de órgãos, etc. Mas logo esses filósofos desenvolveram seus próprios trabalhos na área, deixando de traduzir o trabalho de outros para produzir suas próprias obras originais. Luna (2006) concentra sua pesquisa em sujeitos vulneráveis, isto é, "pessoas vivendo em privação, opressão e impotência, condições que são muito comuns para muitos latino-americanos" (LUNA, 2006, p. 1). Sujeitos em vulnerabilidade impõem questões urgentes a um filósofo da moral, dadas as atitudes paternalistas baseadas no analfabetismo generalizado, na negação dos direitos reprodutivos das mulheres, nas circunstâncias legais extremamente restritivas quanto ao aborto, na ausência de educação sexual e de informações sobre contracepção. Dificuldades encontradas na pesquisa biomédica com sujeitos vulneráveis envolvem falta de respeito pelos sujeitos investigados, por exemplo quando os pesquisadores ocultam informações relevantes dos sujeitos, deixam de solicitar seu consentimento informado ou obtêm seu histórico de caso sem consentimento. Luna também aborda a questão das obrigações pós-ensaio com

sujeitos experimentais, das patentes e da propriedade intelectual de descobertas biomédicas. Rivera López (2011) trata de questões éticas clássicas como a eutanásia, os desafios impostos por novas tecnologias, como reprodução assistida, transplante de órgãos e manipulação genética, mas também aborda questões de justiça distributiva envolvendo recursos e serviços de saúde, tecnologias médicas, o problema moral da venda de órgãos para transplante, entre outros assuntos.

A situação política instável na América Latina durante o século XX caracterizada por repetidas violações da ordem constitucional levou gerações de filósofos a lidar com questões relacionadas aos fundamentos do direito e dos direitos humanos, incluindo a teoria geral da ética e dos direitos humanos, a teoria da democracia, a teoria da punição e a teoria geral das normas jurídicas. Garzón Valdés (1998, p. 27) argumenta que é possível falar genuinamente de uma Filosofia do direito argentina, e não apenas de uma Filosofia do direito feita na Argentina, em virtude de sua originalidade e impacto. Uma figura central da Filosofia do direito foi Carlos Nino, não somente pela importância de seu trabalho fora da América Latina, mas também pelo grande impacto político e teórico que seu trabalho teve na região, inclusive deixando uma longa lista de estudantes que contribuíram fortemente para o avanço desses temas. Um dos eventos políticos mais significativos que contribuíram para a recuperação da democracia foi o julgamento, em 1985, do governo militar que governou a Argentina de 1976 a 1983.

A política de direitos humanos criada pelo presidente Alfonsín baseou-se em discussões teóricas conduzidas na SADF e lideradas por Carlos Nino no início dos anos 1980. As considerações morais e jurídicas em que essas políticas se basearam são desenvolvidas em Nino 1996 (póstumo). Esse livro inclui um contexto histórico no qual Nino revisa soluções anteriores para a violação sistemática e governamental de direitos humanos após uma mudança de governo (como o julgamento de Nuremberg, o julgamento de Eichmann, a falta de respostas a violações de direitos humanos anteriores durante as transições democráticas na Europa na década de 1970 e no Leste Europeu nas décadas de 1980 e 1990), bem como a situação na Ásia, África, América do Sul e Argentina, incluindo o contexto histórico das decisões políticas e jurídicas tomadas pelo presidente Alfonsín. Na segunda parte do livro, Nino analisa os problemas políticos, morais e jurídicos postos pela decisão de processar os violadores de direitos humanos. Alguns dos principais problemas apresentados são: como justificar a aplicação retroativa da justiça criminal, a difusão da responsabilidade (já que para uma massiva violação de direitos humanos, muitas pessoas estão envolvidas em diferentes cargos na cadeia de

comando), sob quais leis os acusados devem ser julgados, em que jurisdição eles devem ser julgados, quem é legalmente responsável por uma violação de direitos humanos (quem deu a ordem ou quem a executou) e se a comunidade internacional deve intervir, entre várias outras questões.

3.3. Metafilosofia

É natural que a Filosofia analítica, tradição com raízes fora da América Latina, tenha produzido uma revolução filosófica ao chegar à região. Não é de se admirar, então, que muitos filósofos analíticos latino-americanos tenham dedicado seus esforços a pensar sobre questões metafilosóficas como os métodos e a natureza da filosofia, o papel social da filosofia, metodologias de ensino, etc. Os fundadores da Filosofia analítica na região abordaram esses temas; Rossi, Salmerón, Villoro, Miró Quesada, e Salazar Bondy buscaram uma Filosofia científica, primeiro valendo-se da fenomenologia e depois da Filosofia analítica e da lógica como ferramentas. Três discussões recentes nessa área são fundamentais.

Contribuições significativas relacionadas à natureza e à prática da filosofia são prestadas quando uma tradição é introduzida e institucionalizada em uma dada região, diversas instituições públicas e privadas são fundadas para orientar a prática filosófica e o profissionalismo desenvolvido. Salmerón (1971) defende que a filosofia na América Latina deve manter a normalidade filosófica e a profissionalização, conectar-se com a ciência e evitar a especulação metafísica e o estilo literário. Posteriormente ele argumenta que existem dois aspectos da filosofia: um crítico, voltado à ciência, e outro preocupado com a concepção do mundo, por exemplo Filosofia da educação e ética. Salmerón busca reconciliar esses dois aspectos da filosofia (SALMERÓN, 1991).

Enquanto isso, Hurtado (2007) distingue a metafilosofia teórica da metafilosofia prática (isto é, a reflexão teórica sobre as condições e problemas postos pela prática concreta da filosofia em um dado espaço e tempo) e defende que esta última depende da metafilosofia teórica (isto é, a concepção geral da filosofia).

O livro póstumo de Rabossi é um exemplo paradigmático do pensamento metafilosófico na região. Rabossi (2008) apresenta uma hipótese bastante original sobre porque a prática filosófica tem suas características atuais baseadas em uma cuidadosa análise histórica da institucionalização da filosofia resultante da separação entre filosofia e outras disciplinas teóricas no pensamento idealista alemão do século

XIX. As três "conjecturas" provocativas que ele desenvolve no livro são: (1) Filosofia, ou seja, o que concebemos, praticamos e valorizamos como filosofia hoje em dia é uma disciplina jovem de apenas duzentos anos; (2) A longa vida geralmente atribuída à filosofia é resultado de uma narrativa histórica também concebida há duzentos anos; e (3) Filosofia é uma disciplina anômala (RABOSSI, 2008, p. 13). A história que ele reconstrói a respeito da divisão entre Filosofia e teologia no século XIX permite-o apresentar o "cânone filosófico" explícito ou implícito nas práticas filosóficas, um decálogo de máximas que orienta toda a pesquisa filosófica através das tradições filosóficas. No livro ele também se envolve com questões geopolíticas acadêmicas, incluindo a tensão entre uma crescente globalização da filosofia e a consolidação de "filosofias nacionais" (tais como a Filosofia Francesa, a Filosofia Latino-Americana, etc.) e a relação entre os produtores centrais e periféricos de filosofia.

Um segundo ponto que tem sido amplamente discutido é o ensino de Filosofia, tanto na universidade quanto no ensino médio. A questão do ensino de Filosofia está entranhada na própria concepção do filosofar. Por séculos, desde o período colonial, a América Latina foi uma mera receptora da filosofia produzida em outras regiões. Na segunda metade do século XX, contudo, o debate em torno da ideia de uma Filosofia latino-americana autêntica foi claramente pacificado, e ambos os movimentos – político e acadêmico –, juntamente com a Filosofia analítica (geralmente focada nos problemas e argumentos em vez de figuras e teorias), ajudaram a questionar as práticas acadêmicas tradicionais na região. O argumento defendido por diversos filósofos analíticos da região era que o ensino da Filosofia deveria promover um pensamento filosófico original, em vez de simplesmente reproduzir os desenvolvimentos filosóficos de outros. Por exemplo, Gaos (1956) insistiu em alterar os currículos universitários de Filosofia, buscando transformar instituições de ensino a fim de formar filósofos capazes de produzir suas próprias filosofias. Outra ideia poderosa, proposta por Rabossi e seu grupo de pesquisa, foi de levar a sério a afirmação de Kant de que a filosofia não pode ser ensinada, mas o filosofar sim pode, e de desenvolver uma série de estratégias de ensino para incutir nos alunos de filosofia o "*know-how*" adequado à prática filosófica (RABOSSI, 1987; GONZÁLEZ; STIGOL, 1993). O ensino de Filosofia não é mais considerado apenas uma forma de transmitir aos alunos informações sobre figuras históricas e teorias (a fim de dar-lhes conhecimento proposicional sobre filosofia); em vez disso, sob um "modelo crítico" de ensino da Filosofia (oposto ao modelo tradicional "dogmático"), o ensino é visto como uma forma de promover o pensamento filosófico.

Finalmente, a última questão metafilosófica notável diz respeito à linguagem da Filosofia. O fato de a maioria dos trabalhos analíticos serem publicados em inglês, somado ao atual estágio de globalização da profissão tem levado filósofos analíticos latino-americanos a produzirem filosofia em língua inglesa (apesar de trabalharem em países cuja língua nativa é o espanhol ou o português). Isso tem gerado muita controvérsia quanto a se devemos ou não abandonar a língua nativa ao fazer filosofia. Algumas linhas de abertura da polêmica são apresentadas em uma edição do periódico *Crítica* (v. 54, p. 133) com contribuições de Gonzalo Rodriguez-Pereyra, Marco Ruffino, Diana Pérez, e Guillermo Hurtado. Em 2014, foi realizada uma discussão sobre o assunto no *Cervantes Institute of Harvard University*. Por um lado, Rodriguez-Pereyra, Ruffino e Toribio argumentam que o inglês deve ser considerado o novo latim no sentido de que o inglês deveria ser amplamente adotado como a língua apropriada para se escrever filosofia em dados contextos profissionais pragmáticos e razões ideais para se ter uma língua comum de comunicação dentro da comunidade analítica. Por outro lado, Pérez, Hurtado e Gracia, entre outros, defendem a ideia de que praticidade não é o único fator relevante a se considerar na hora de decidir qual língua será escolhida para a comunicação, já que há também motivações políticas, culturais, linguísticas, contextuais e experimentais a serem consideradas. Além disso, a experiência compartilhada demonstra que a escolha do idioma de comunicação de ideias não é um processo neutro pois (1) há questões relativas à tradução que são importantes à Filosofia, e usar uma pluralidade de línguas frequentemente ajuda o autor a aprimorar suas ideias; e (2) a língua não é somente um meio de comunicar ideias já estabelecidas em nossas mentes, mas um veículo que contribui para a formação de nossas ideias.

4. Conclusões

O desenvolvimento da Filosofia analítica na América Latina desde sua introdução nos últimos sessenta anos tem sido notável não apenas pela originalidade de muitas das contribuições, mas também no impacto internacional que os filósofos que vivem e trabalham na região têm alcançado. Assim, a América Latina hoje não é apenas importadora de Filosofia analítica, mas também produtora de Filosofia analítica. Cada vez mais recursos estão sendo disponibilizados na região, o que sinaliza um futuro prolífico para a tradição analítica na América Latina. A globalização

e os recursos tecnológicos que permitem uma comunicação mais rápida têm contribuído para esse avanço. Os regimes políticos democráticos mais estáveis nos últimos trinta anos também promoveram a pesquisa, a liberdade de expressão e o pensamento crítico na região.

Ademais, a globalização e o aumento de recursos na área permitiram que filósofos latino-americanos se relacionassem mais intimamente, o que favoreceu o desenvolvimento de uma comunidade filosófica latino-americana. De fato, existem linhas de investigação decorrentes das necessidades políticas, sociais e culturais da região que possibilitaram o desenvolvimento da produção filosófica original no passado. Esses desenvolvimentos irão certamente se estabelecer e multiplicar nos próximos anos.

Referência bibliográfica

- ALCHOURRÓN, C. On the Philosophical Adequacy of Set Theories. **Theoria**, v. 2, p. 567-574, 1987.
- ALCHOURRÓN, C.; BULYGIN, E. **Normative systems**. New York: Springer-Verlag, 1971.
- ALCHOURRÓN, C.; GÄRDENFORS, P.; MAKINSON, D. On the logic of theory change: partial meet contraction and revision functions. **Journal of Symbolic Logic**, v. 50, p. 510-530, 1985.
- ALEGRE, M.; MONTERO, J. Homenaje a Carlos S. Nino. **Análisis Filosófico**, v. XXXV, 2015.
- ALEGRE, M.; GARGARELLA, R.; ROSENKRANTZ, C. **Homenaje a Carlos S. Nino**. Buenos Aires: Facultad de Derecho (UBA)–La Ley, 2008.
- ARLÓ-COSTA, H.; FERMÉ, E. Formal Epistemology and Logic. In: NUCCETELLI, S.; SCHUTTE O.; BUENO, O. (ed.). . New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010, p. 482-495.
- ALVARADO MARAMBIO, J. T. La explicación reductiva de los estados de cosas y el regreso de Bradley, **Análisis filosófico**, v. 32, p. 155-178, 2012.
- ALVARADO MARAMBIO, J. T. Fórmulas Barcan de segundo orden y universales trascendentes. **Ideas y valores**, v. 62, p. 111-131, 2013.
- ALVARADO MARAMBIO, J. T. Principios causales y metafísica modal. **Revista latinoamericana de filosofía**, v. 39, p. 3-42, 2013b.
- FACULTAD DE FILOSOFÍA Y LETRAS. **Aproximaciones a Alejandro Rossi**: memoria del coloquio celebrado en el mes de febrero de 1993. Instituto de

- Investigaciones Filosóficas/Universidad Nacional Autónoma de México, 1994.
- BARCELÓ ASPEITIA, A.; ERAÑA, A.; STANTON, R. The Contribution of Domain Specificity in the Highly Modular Mind. **Mind & Machines**, v. 20, p. 19-27, 2010.
- BÉNITEZ, L. El problema de las materias propedéuticas en la enseñanza actual de la filosofía". In: VALDIVIA, L.; VILLANUEVA, E. (ed.). **Filosofía del lenguaje, de la ciencia de los derechos humanos y problemas de su enseñanza**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1987, p. 227-232.
- BULYGIN, E.; PALAU, G. Homenaje a Carlos E. Alchourrón. **Análisis Filosófico**, v. XXVI, p. 1-2, 2006.
- BUNGE, M. **Causality: The Place of the Causal Principle in Modern Science**. Cambridge: Harvard University Press, 1959.
- BUNGE, M. **Antología semántica**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1960.
- CARACCILO, R. Sistema jurídico. **Problemas actuales**. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1988.
- CARACCILO, R. **La noción del sistema en la teoría del derecho**. México: Fontamara, 1995.
- CARACCILO, R. **El derecho desde la filosofía**. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2009.
- CARACCILO, R. Homenaje a Eugenio Bulygin. **Análisis Filosófico**, v. XXXIII, p. 1-2, 2013.
- CASO, A. **Positivismo, neopositivismo y fenomenología**. México: México, 1941.
- CHATEAUBRIANDO, O. **Logical forms I: truth and description**. Campinas: Editora CLE/UNICAMP, 2001.
- CHATEAUBRIANDO, O. **Logical forms II: logic, language and knowledge**. Campinas: Editora CLE/UNICAMP, 2005.
- COULÓ, A. C. Enseñar a filosofar: la experiencia del curso de posgrado de filosofía". In: PÉREZ, D.; FERNÁNDEZ MORENO, L. Cuestiones filosóficas. **Ensayos en honor de Eduardo Rabossi**. Buenos Aires: Catálogos. 2008, p.555-572.
- CRESTO, E. Epistemology. **A Companion to Latin American Philosophy**. Malden: Wiley-Blackwell, 2010.
- DA COSTA, N. **Sistemas formais inconsistentes**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1963.
- DA COSTA, N. **Lógica indutiva e probabilidade**. São Paulo: EdUSP, 1993.
- DA COSTA, N. **Logique classique et non-classique**. Paris: Masson, 1997.
- DA COSTA, N.; BUENO, O. **Paraconsistent Logic**. In: NUCETELLI, S.; SCHUTTE O.; BUENO, O. (ed.). . New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010, p. 215-229.

DOI:10.1002/9781444314847.ch15.

- DA COSTA, N.; FRENCH, S. **Science and partial truth**: a unitary approach to models and scientific reasoning. Oxford: OUP, 2003.
- DA COSTA, N.; BÉZIAU, J. Y.; BUENO, O. **Elementos de teoría paraconsistente de conjuntos**. Campinas: Editora CLE/UNICAMP, 1997.
- ENGELMANN, M. L. **Wittgenstein's Philosophical Development**. London: Palgrave Macmillan, 2013.
- ERAÑA, A. Dual Process Theories Versus Massive Modularity Hypotheses. **Philosophical Psychology**, v. 25, 2012.
- EZCURDIA, M. Orayen: de la forma lógica al significado. **Instituto de Investigaciones Filosóficas**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.
- EZCURDIA, M. El lenguaje y la mente en Iberoamérica. In: OLIVÉ, L.; GUARIGLIA, O.; MATE, R. (comp.). **La Filosofía Iberoamericana en el Siglo XX**. Madrid: Ed. Trotta, 2015.
- EZCURDIA, M.; STANTON, R. The Semantics-Pragmatics Boundary in Philosophy: A Reader. **Calgary**. Canada: Broadview Press, 2013.
- EZCURDIA, M.; HANSBERG, O. **La Naturaleza de la Experiencia, v. 1. Sensaciones**. Instituto de Investigaciones Filosóficas. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.
- GAOS, J. **La filosofía en la universidad**. México: Imprenta universitaria, 1956.
- GARCÍA BACCA, J. D. **Introducción a la lógica moderna**. Barcelona: Labor, 1936.
- GARCÍA DE LA SIENRA, A. **Reflexiones sobre la paradoja de Orayen**. México: Instituto de Investigaciones Filosóficas/Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.
- GARCÍA MÁYNEZ, E. **Los principios de la ontología formal del derecho y su expresión simbólica**. Mexico: Imprenta Universitaria, 1953.
- GARZÓN VALDÉS, E. **Derecho y la naturaleza de las cosas**. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 1970.
- GARZÓN VALDÉS, E. Algunos aspectos de la filosofía del derecho argentina a fines del siglo XX. **Cuadernos de Filosofía**, v. 43, p. 27-47, 1998.
- GARZÓN VALDÉS, E.; SALMERÓN, F. **Epistemología y cultura**. En torno a la obra de Luis Villoro. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 1993.
- GLOCK, H. J. **What is Analytic Philosophy?** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- GÓMEZ-LOBO, A. **Siete escritos de Lógica y Semántica**. Introducción, traducción y selección bibliográfica. Valparaíso: Ediciones Universitarias, 1972.

- GONZÁLEZ, J.; OLIVÉ, L. **Aproximaciones a Alejandro Rossi**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1994.
- GONZÁLEZ, M. C.; STIGOL, N. La enseñanza de la filosofía como la enseñanza de una técnica. *In*: RABOSSI, E.; OBIOLS, G. (ed.). **La filosofía y el filosofar: problemas en su enseñanza**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1993, p. 47-57.
- GONZÁLEZ, M. C.; STIGOL, N. Teaching Philosophy. *In*: NUCCETELLI, S.; SCHUTTE O.; BUENO, O. (ed.). . New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010, p. 412-424. DOI:0.1002/9781444314847.ch29.
- GONZALEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C.; D'OTAVIANO, F. L. Abductive reasoning, informationand mechanical systems. **Studies in Computational Intelligence**, v. 64, p. 91-102, 2007.
- GORTARI, E. de. **La ciencia de la lógica**. México: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 1950.
- GRACIA, J. Cánones filosóficos y tradiciones filosóficas. El caso de la filosofía latinoamericana. **Análisis Filosófico**, v. XXX, n. 1, p. 17-34, 2010.
- GRACIA, J.; RABOSSI, E.; VILLANUEVA, E.; DASCAL, M. **Philosophical analysis in Latin America**. Dordrecht: Reidel, 1984.
- GUZMÁN JORQUERA, E. **Existencia y realidad**. Arequipa: Universidad Nacional de San Agustín, 2002.
- HANSBERG, O. **La diversidad de las emociones**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.
- HANSBERG, O.; HURTADO, G. (ed.). **Alejandro Rossi**. México: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- HEIDEGGER, M. **Ser y Tiempo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1927/1951.
- HIDALGO, C.; TOZZI, V. **Filosofía para la ciencia y la sociedad**. Buenos Aires: CICCUS/CLACSO, 2010.
- HURTADO, G. **Proposiciones Russellianas**, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998.
- HURTADO, G. El búho y la serpiente. **Ensayos sobre la filosofía en México en el siglo XX**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.
- HURTADO, G. **Por qué no soy falibilista y otros ensayos filosóficos**. México: Los libros de Homero, 2009.
- HURTADO, G. Filosofía analítica en lengua vernácula. **Crítica**, v. 45, n. 133, p. 107-110, 2013.

- KLIMOVSKY, G. **Mis diversas existencias**. Buenos Aires: AZ, 2008.
- KLIMOVSKY, G.; Hidalgo, C. **La inexplicable sociedad. Cuestiones de epistemología en las ciencias sociales**. Buenos Aires: AZ, 2010.
- LECLERC, A. Spontaneous Linguistic Understanding. **Disputatio** (Lisboa), v. IV, n. 34, p. 713-738, 2012.
- LECLERC, A. Frege's Puzzle, Ordinary Proper Names, and Individual Constants. **Revista de Filosofía**, v. 53, p. 41-50, 2014.
- LUNA, F. **Bioethics and Vulnerability: A Latin American View**, Value Inquiry Book Series. Amsterdam–NY: RODOPI, 2006.
- LUNA, F.; RIVERA LÓPEZ, E. Ética y Genética. **Los problemas morales de la genética humana**. Buenos Aires: Catálogos, 2004.
- LUNA, F.; RIVERA LÓPEZ, E. **Los desafíos éticos de la genética humana**, México: Fondo de Cultura Económica/Universidad Nacional Autónoma de México. 2005
- LUNA, F.; SALLES, A. **Decisiones de vida y muerte**. Eutanasia, aborto y otros temas de ética médica, Buenos Aires: Editorial Sudamericana. 1995
- LUNA, F.; SALLES, A. **Bioética**. Investigación, muerte, procreación y otros temas de ética aplicada, Buenos Aires: Editorial Sudamericana. 1998,
- LUNA, F.; SALLES, A., **Bioética**: nuevas reflexiones sobre debates clásicos. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- LUNA, F.; SALLES, A. On Moral Incoherence and Hidden Battles: Stem Cell Research in Argentina. **Developing World Bioethics**, v. 10, p. 3, p. 120-128, 2010.
- MAFFÍA, D. **Sexualidades Migrantes**. Género y Transgénero. Buenos Aires: Feminaria Editora, 2003.
- MASTROLEO, I. Post-trial obligations in the Declaration of Helsinki 2013: classification, reconstruction and interpretation. **Developing world bioethics**, published online 19 October 2015. DOI:10.1111/dewb.12099.
- MIRÓ QUESADA, F. **Lógica**. Lima: D. Miranda, 1946.
- MIRÓ QUESADA, F. **Apuntes para una teoría de la razón**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1963.
- MIRÓ QUESADA, F. **Humanismo y revolución**. Lima: Casa de la cultura, 1969.
- MIRÓ QUESADA, F. **Ensayos de filosofía del derecho**. Lima: Universidad de Lima, 1986.
- MORETTI, A. Interpretar y referir. **Ejercicios de análisis filosófico**. Buenos Aires: Grama, 2008.
- MORETTI, A.; HURTADO, G. **La paradoja de Orayen**. Buenos Aires: EUDEBA, 2003.

- MORETTI, A.; ORLANDO, E.; STIGOL, N. **A medio siglo de Formas lógicas, realidad y significado de T.M.** Simpson. Buenos Aires: EUDEBA, 2015.
- NAVARRO, P. Deontic Logic and Legal Philosophy. In: NUCCETELLI, S.; SCHUTTE O.; BUENO, O. (ed.). . New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010, p. 439-453. DOI:10.1002/9781444314847.ch31.
- NINO, C. S. **Ética y derechos humanos**. Buenos Aires: Paidós, 1984.
- NINO, C. S. **The Ethics of Human Rights**. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- NINO, C. S. **Radical Evil on Trial**. New Heaven: Yale University Press, 1996.
- NUCCETELLI, S.; SCHUTTE, O.; BUENO, O. **A Companion to Latin American Philosophy**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.
- NUÑO, J. **Sentido de la filosofía contemporánea**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1965.
- NUÑO, J. **Elementos de lógica formal**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1973.
- OLIVÉ, L.; VILLORO, L. **Filosofía moral, educación e historia**: homenaje a Fernando Salmerón. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 1996.
- ORAYEN, R. **Lógica, significado y ontología**. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 1989.
- ORAYEN, R. La teoría de modelos vista por el ojo de Dios. **Diánoia**, v. 38, p. 161-170, 1992.
- ORLANDO, E. Fictional Terms without Fictional Entities. **Revista Hispanoamericana de Filosofía**, v. 40, p. 111-127, 2008.
- ORLANDO, E. General Terms and Rigidity: Another Solution to the Trivialization Problem. **Manuscrito**, v. 37, p. 51-84, 2014.
- ORLANDO, E. **Significados en contexto y verdad relativa**. Buenos Aires: Título, 2015.
- ORTIZ MILLÁN, G. **La moralidad del aborto**. México: Siglo XXI, 2009.
- OTERO, M. **La filosofía de la ciencia hoy**: dos aproximaciones. Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 1977.
- PÉREZ, D. **La mente como eslabón causal**. Buenos Aires: Catálogos, 1999.
- PÉREZ, D. The ontology of art: What can we learn from Borges' Menard? **The New Centennial Review**, v. 11, n. 1, p. 75-89, 2011.
- PÉREZ, D. **Sentir, desear, crear**. Una aproximación filosófica a los conceptos psicológicos. Buenos Aires: Prometeo, 2013.
- PÉREZ, D. The will to communicate. **Crítica**, v. 45, n. 133, p. 91-97, 2013b.

- PÉREZ, D.; FERNÁNDEZ MORENO, L. Cuestiones filosóficas. **Ensayos en honor de Eduardo Rabossi**. Buenos Aires: Catálogos, 2008.
- PÉREZ, D. I.; ORTIZ-MILLÁN, G. Analytic Philosophy. *In*: NUC CETELLI, S.; SCHUTTE O.; BUENO, O. (ed.). . New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010, p. 199-213. DOI:10.1002/9781444314847.ch14.
- PÉREZ JIMÉNEZ, M. A. La triangulación del círculo: discusión sobre el significado de la tesis de la ontología hermenéutica. **Cuadernos Salmantinos de Filosofía**, 34, p. 387-402, 2007.
- PÉREZ JIMÉNEZ, M. A. Un Primate de Tercera y Una Persona de Segunda: Sobre El Valor Del Rostro, la Mirada y la Piel Para Comprender a Un Extraño. **Universitas Philosophica**, v. 57, p. 265-293, 2011.
- PLATTS, M. **Moral Realities**: An essay in philosophical psychology. Londres & Nueva York: Routledge, 1991.
- PLATTS, M. **Ways of Meaning**. 2. ed. Cambridge: MIT Press, 1997.
- PONTES DE MIRANDA, F. C. **Método de Análise Sócio-Psicológica**. Rio de Janeiro: P. Melo e Cia, 1925.
- PLATTS, M. **O Problema Fundamental do Conhecimento**. Porto Alegre: Editora do Globo, 1937.
- PORCHAT, O. **Rumo ao Ceticismo**. Brasil: Editora UNESP, 2006.
- QUINE, W. V. O. **O Sentido da Nova Lógica**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.
- QUINTANILLA, P. Comprender al otro es crear un espacio compartido: Caridad, empatía y triangulación. **Ideas y Valores**, Bogotá, n. 124, 2004.
- QUINTANILLA, P.; MANTILLA, C.; CÉPEDA, P. **Cognición social y lenguaje**. La intersubjetividad en la evolución de la especie y en el desarrollo del niño. Lima: Pontificia Universidad Católica de Perú, 2014.
- RABOSSA, E. **Análisis filosófico, lenguaje y metafísica** [Philosophical analysis, language and metaphysics]. Caracas: Monte çivila Editores, 1975.
- RABOSSA, E. **La justificación moral del castigo**. Buenos Aires: Astrea, 1976.
- RABOSSA, E. Enseñar filosofía y aprender a filosofar. *In*: VALDIVIA, L.; VILLANUEVA, E. (ed.). **Filosofía del lenguaje, de la ciencia de los derechos humanos y problemas de su enseñanza**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1987, p. 201-208.
- RABOSSA, E. La teoría de los derechos humanos naturalizada. **Revista del Centro de Estudios Constitucionales**, v. 5, p. 159-175, 1990.

- RABOSSI, E. **En el comienzo Dios creó el canon**. Buenos Aires: Gedisa, 2008.
- RABOSSI, E. Un modelo de enseñanza aprendizaje para un enfoque crítico de la filosofía. **Revista de Filosofía y teoría política**, v. 27, n. 7, p. 158-163, 1986.
- RABOSSI, E.; GONZALEZ, M. C.; STIGOL, N. Un modelo de enseñanza-aprendizaje para un enfoque crítico de la filosofía. **Revista de Filosofía y Teoría Política**, v. 27, n. 7, p. 158-163, 1986.
- RIVERA LÓPEZ, E. **Ética y trasplantes de órganos**. México: Instituto de Investigaciones Filosóficas–UNAM y Fondo de Cultura Económica, 2001.
- RIVERA LÓPEZ, E. "Contemporary Ethics and Political Philosophy. In: NUCCETELLI, S.; SCHUTTE O.; BUENO, O. (ed.). . New Jersey: Wiley-Blackwell, 2010, p. 357-369. DOI:10.1002/9781444314847.ch25
- RIVERA LÓPEZ, E. Problemas de vida o muerte. **Diez ensayos de bioética**. Madrid: Marcial Pons, 2011.
- RODRÍGUEZ LARRETA, J., **Metafísica, ética y conocimiento**, (edited by T.M. Simpson, N. Stigol, and I. Zuberbüller). Buenos Aires: Prometeo. 2013,
- RODRÍGUEZ-PEREYRA, G. The Language of Publication of 'Analytic' Philosophy. **Crítica**, v. 45, n. 133, p. 83-90, 2013.
- ROSAS, A. Mind Reading, Deception and the Evolution of Kantian Moral Agents. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 34, n. 2, p. 127-139, 2004.
- ROSAS, A. Beyond the Sociobiological Dilemma: Social Emotions and the Evolution of Morality. **Zygon**, v. 42, n. 3, p. 685-700, 2007.
- ROSAS, A. Beyond Inclusive Fitness? On A Simple And General Explanation For The Evolution of Altruism. **Philosophy and Theory in Biology**, v. 2, 2010.
- ROSSI, A. **Lenguaje privado**. Mexico: Siglo XXI, 1963.
- ROSSI, A. **Lenguaje y significado**. Mexico: Siglo XXI, 1969.
- ROSSI, A. **Manual del distraído**. Mexico: Joaquín Mortiz, 1978.
- RUFFINO. M. Extensions as Representative Objects in Frege's Logic. **Erkenntnis**, Dordrecht, v. 52, p. 239–252, 2000.
- RUFFINO. M. Why Frege would not be a Neo-Fregean. **Mind**, v. 112, p. 51-78, 2003.
- RUFFINO. M. Some Remarks about Gonzalo Rodriguez Pereyra's Advice on the Language of Philosophy. **Crítica**, v. 45, n. 133, p. 99-105, 2013.
- SALAZAR BONDY, A. **Para una filosofía del valor**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1971.
- SALLES, A.; BERTOMEU, M. J. Bioethics. **Latin American Perspectives**. Amsterdam: Rodopi, 2002.

- SALMERÓN, F. **La filosofía y las actitudes morales**. Mexico: Siglo XXI, 1971.
- SALMERÓN, F. **Ensayos filosóficos**. México: Secretaría de Educación pública, 1988.
- SALMERÓN, F. **Enseñanza y filosofía**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.
- SALMERÓN, F. The Reception of Analytical Philosophy in Latin America. FLØISTAD, G. (ed.). **Philosophy of Latin America**, Contemporary Philosophy 8. Dordrecht: Springer Netherlands, 2003. DOI:10.1007/978-94-017-3651-0.
- SALMERÓN, F. **Filosofía e historia de las ideas en México y en América Latina**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.
- SEBASTIÁN, M. A. Dreams an Empirical way to settle the discussion between cognitive and non-cognitive theories of consciousness. **Synthese**, v. 191, n. 2, p. 263-285, 2014.
- SEBASTIÁN, M. A. Borderline experiences one cannot undergo. **Crítica**, v. 47, n. 140, p. 31-42, 2015a.
- SEBASTIÁN, M. A. What Panpsychists should reject. On the incompatibility of Panpsychism and Organizational Invariantism. **Philosophical Studies**, v. 172, n. 7, p. 1833-1846, 2015b.
- SIERRA MEJÍA R. **Apreciación de la filosofía analítica**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia-Centro Editorial, 1987.
- SILVA, V. F. da. **Elementos de Lógica Matemática**. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1940.
- SKIDELSKY L. Personal-Subpersonal: The problems of Inter-level Relations. **Protosociology**. An international journal of interdisciplinary research, v. 22, p. 120-139, 2006.
- SKIDELSKY L. Faculty of Language, Functional Models, and Mechanisms. **Journal of cognitive science**, v. 14, p. 111-149, 2013.
- SEVERAL. Número dedicado al libro de Raúl Orayen's *Lógica, significado y ontología*. **Análisis Filosófico**, v. XIII, n. 1, p. 1-103, 1993.
- SCHUSTER, F. **Explicación y Predicción**. La validez del conocimiento en ciencias sociales. Buenos Aires: CLACSO, 1982.
- SIERRA MEJÍA, R. **Apreciación de la filosofía analítica**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1985.
- SIMPSON, T. M. **Formas lógicas, realidad y significado**. Buenos Aires: Eudeba, 1964.
- SIMPSON, T. M. **Semántica Filosófica**: Problemas y discusiones. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.
- TORRETTI, R. **Manuel Kant**. Estudio sobre los fundamentos de la filosofía crítica. Buenos Aires: Charcas, 1967.

- TORZA, A. Identity Without Identity. **Mind**, v. 121, n. 481, p. 67-95, 2012.
- TORZA, A. Speaking of Essence. **Philosophical Quarterly**, May 12, 2015. DOI:10.1093/pq/pqv036
- VALDÉS, M. Abortion and contraception in México: The attitudes and the arguments of the Catholic Church. **Bioethics**. Latin American Perspectives. New York: Rodopi, 1997.
- VALDÉS, M. Aborto y personas. In: VALDÉS, M. (ed.). **Controversias sobre el aborto**. México: Fondo de Cultura Económica/Universidad Nacional Autónoma de México, 2001a.
- VALDÉS, M. **Controversias sobre el aborto**. México: Fondo de Cultura Económica/Universidad Nacional Autónoma de México, 2001b.
- VALDIVIA, L.; VILLANUEVA, E. (ed.). **Filosofía del lenguaje, de la ciencia de los derechos humanos y problemas de su enseñanza**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1987.
- VILLORO, L. **Creer, saber, conocer**. Mexico: Siglo XXI, 1982.
- VILLORO, L. **Los grandes momentos del indigenismo en México**. México: FCE, 1996.
- ZERBUDIS, E. Natural Kinds, Natural Kind Terms and the Notion of Rigidity. **Teorema**; v. 31, p. 171-185, 2012.
- ZERBUDIS, E. Second Order Descriptions and General Term Rigidity. **Crítica**, v. 45, p. 3-27, 2013.

(II) Filosofia da Ciência na América Latina*

Autor: Alberto Cordero

Tradução: Maria Teresa Marques Santos

Revisão: Danúzia Fernandes Brandão

Ao final dos anos 1940, quando a Filosofia da ciência estreou enquanto campo profissional, contribuições da América Latina entraram imediatamente na vanguarda do debate internacional. Desde então, filósofos da ciência oriundos do subcontinente têm expandido sua presença. Este artigo busca oferecer uma visão geral da Filosofia da ciência no subcontinente. O foco principal são as contribuições produzidas na América Latina por pensadores que vivem na região, com ênfase na "Filosofia da ciência dominante" - uma disciplina centrada no estudo do conhecimento científico, da metafísica, de metodologia e de valores, com um estilo amplamente analítico, como exemplificado em trabalhos publicados em periódicos de alta

*CORDERO, A. Philosophy of Science in Latin America. In: ZALTA, E. N. (ed.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Spring Edition. Stanford, CA: The Metaphysics Research Lab, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/phil-science-latin-america/>. Acesso em: 19 out. 2021.

The following is the translation of the entry Analytic Philosophy in Latin America by Diana Ines Perez, in the Stanford Encyclopedia of Philosophy. The translation follows the version of the entry in the SEP's archives at <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/phil-science-latin-america/>. This translated version may differ from the current version of the entry, which may have been updated since the time of this translation. The current version is located at a <https://plato.stanford.edu/entries/phil-science-latin-america/>. We'd like to thank the Editors of the Stanford Encyclopedia of Philosophy, mainly Prof. Dr. Edward Zalta, for granting permission to translate and to publish this entry. Finally, we would like to thank to John Templeton Foundation for financially supporting this project.

qualidade, como *Philosophy of Science*, *Erkenntnis*, *The British Journal for the Philosophy of Science*, e *Studies in the History and Philosophy of Science*.

Esta entrada é dividida em quatro partes. A Seção 1 oferece um contexto histórico. A Seção 2 é dedicada à atividade de Filosofia da ciência em vários centros regionais durante o início da década de 1990, quando a internet e recursos institucionais aprimorados "globalizaram" a prática da Filosofia da ciência, obscurecendo as separações geográficas anteriores. As duas seções seguintes têm como foco as últimas décadas: a Seção 3 apresenta contribuições para a filosofia geral da ciência e a Seção 4 analisa os avanços na filosofia das ciências especiais. Por fim, a Seção 5 discute brevemente algumas das dificuldades e perspectivas da Filosofia da ciência na América Latina.

Neste artigo, esforços são empreendidos para que uma imagem imparcial e objetiva seja oferecida, mas, é claro, somente é possível um esboço seletivo feito a partir de escolhas influenciadas pela interpretação dos autores da área.

1. Contexto histórico

É útil iniciar com um breve panorama histórico.

A ciência e o pensamento científico há muito exercem, na América Latina, o papel de faróis de esperança cívica e progresso em meio a múltiplas e recorrentes frustrações que variam em tipo e textura, de um lugar a outro. Na maior parte da região, os ideais iluministas que serviram de combustível aos movimentos de independência do início do século XIX foram rapidamente frustrados pelo caos e barbárie geral que se seguiram em grande parte da região até a década de 1860. Situação diferente ocorreu no Brasil, onde a emancipação em relação à Europa ocorreu de forma gradual e ordenada durante o século, ainda que, também ali, problemas foram se acentuando, assim como as tensões entre a elite econômica e os principais pensadores liberais do país.

Em reação à crescente frustração, muitos latino-americanos viram uma solução nas formas "científicas" de pensamento dominantes nos países industrializados. Na década de 1850, uma Filosofia progressista estava em pleno vapor no cenário maior, pronta para os visionários latino-americanos: o Positivismo Francês, uma doutrina de progresso e religião secular, centrada na esperança na ciência moderna e liderada por Auguste Comte. Comprometidos com o combate às tentações da barbárie, os positivistas buscaram dar continuidade ao projeto iluminista. Contrários

à abordagem impulsiva de tomada de decisão até então preponderante na maior parte da América Latina, positivistas locais buscaram estender o pensamento científico à filosofia e à ação política, convencidos de que com isso se promoveriam a objetividade, o consenso racional, a verdade cumulativa publicamente acessível em todas as esferas, assim como sucesso material característico da ciência moderna. Entre 1870 e 1910 o positivismo ganhou força em grande parte da América Latina, com uma agenda que clamava por aprimoramento na prática local das ciências naturais, da medicina e da educação, o que também influenciou fortemente as atividades em Filosofia, história, arte e direito (vide FRONDIZI, 1943; ZEA, 1943-44; NACHMAN, 1977; QUINTANILLA, 2006). Na Argentina, o cientificismo e a Filosofia de Comte tiveram influentes defensores, notadamente Domingo Faustino Sarmiento, diversos cientistas (por exemplo, o paleontologista Florentino Ameghino), médicos-filósofos (por exemplo, José Ingenieros e Alejandro Korn), educadores (por exemplo, Pedro Scalabrini), e advogados (por exemplo, Carlos Octavio Bunge, cujo sobrinho Mario A. Bunge se tornaria uma figura internacional da Filosofia da ciência no século seguinte). A convicção que esses pensadores compartilhavam afirmava que um sistema moderno e eficiente de educação pública era indispensável para que se alcançassem as transformações desejadas. O interesse em avançar na abordagem positivista alcançou as alturas da religião, especialmente no Brasil, com o positivismo sendo defendido por ilustres figuras políticas como Miguel de Lemos, um reorganizador do currículo do país e uma força decisiva na construção do primeiro Templo da Humanidade para a propagação das ideias de Comte mundo afora. Com a Proclamação da República no Brasil em 1889, a doutrina positivista abriu caminho para a nova bandeira e o lema "Ordem e Progresso" ergueu-se dos textos de Comte, *Système de Politique Positive* (1851). A conclusão do discurso preliminar começa com as palavras "Amor como princípio, ordem como base e progresso como objetivo" (*L'amour pour principe, l'ordre pour base, et le progrès pour but*, p. 321).

A influência do positivismo no México foi quase tão forte, particularmente na educação, como exemplificado pelos trabalhos do respeitado químico e médico Gabino Barreda, que banii a religião e a Filosofia tradicional do currículo escolar e centralizou o acesso ao ensino superior e à cultura. No Chile, os irmãos Jorge e Enrique Lagarrigue foram dois dos principais defensores da Filosofia de Comte e de sua Religião da Humanidade. Na Colômbia, Rafael Nuñez, um reformador da educação e três vezes presidente da Colômbia, promoveu ativamente o positivismo, assim como fizeram no Peru figuras como Javier Prado, Manuel González Prada, Celso Bambarén, e Manuel Vicente Villarán (com toques do evolucionismo de Herbert Spencer). Na Bolívia, o positivismo também contou com influentes defensores, da década de 1870 até a de

1890, notadamente com um círculo de escritores denominado "*Círculo Literario*", em cujo jornal foram publicadas traduções de obras de Charles Darwin, Luis Dumont, Ernst H. P. A. Haeckel e outros naturalistas.

Com todo esse entusiasmo intelectual e progressivo no ar, as esperanças de uma melhoria geral iminente aumentaram, no entanto, resultados "positivos" demoraram a aparecer. As expectativas de avanço econômico e desenvolvimento cívico não se materializaram como anunciado. Para piorar a situação, a devastação causada pela Grande Guerra na Europa comprometeu seriamente a fé social nos produtos da ciência. O positivismo declinou na América Latina, sendo substituído na década de 1920 por um pensamento social mais radical, especialmente o Marxismo, assim como por abordagens de desconfiança do raciocínio naturalista (espiritualismo bergsoniano, fenomenologia e posterior existencialismo). A metafísica descontrolada pela lógica padrão se tornou dominante em muitos círculos universitários.

Reações à excessivamente "alta" filosofia começaram a surgir na década de 1940, sustentadas pela chegada de pensadores da Europa, tais como Juan David García Bacca nos casos do Equador, México e Venezuela, Hans Lindemann na Argentina e Gilles-Gaston Granger no Brasil. Ao longo do caminho veio também um renascimento do interesse pela lógica, pela epistemologia inclinada à ciência e pelo estudo de estruturas conceituais. Graças a esses avanços, quando a Filosofia da ciência se tornou um campo profissional no final dos anos 1940, a América Latina já contava com cientistas e filósofos prontos e dispostos a se unirem a seus pares na Europa e América do Norte. Desde então, nos últimos setenta anos, uma série de filósofos da ciência com base na América Latina, muitas vezes em ambientes não cooperativos, lograram produzir trabalhos dos mais altos padrões internacionais (algo não tão aparente em outros ramos da Filosofia internacional no mundo em desenvolvimento).

Em meados de 1990, centros acadêmicos na América Latina começaram a se beneficiar da interação global possibilitada pela Internet, pelas bibliotecas eletrônicas e por formas aprimoradas de suporte institucional para integração e viagens. Com a intensa redução das barreiras geográficas e institucionais, o campo se expandiu consideravelmente. Ao longo das últimas três décadas, praticamente todos os temas da Filosofia da ciência estiveram presentes em trabalhos produzidos na América Latina. O diálogo e a colaboração entre pesquisadores agora transcendem as fronteiras locais tradicionais. Esse novo ambiente global torna menos relevante a tradicional abordagem geográfica da produção filosófica na região. Consequentemente, as Seções 3 e 4, dedicadas à atividade a partir de meados dos anos 1990, estruturam o assunto em torno de temas, conceitos e princípios (em vez de geografia e indivíduos).

2. As primeiras décadas

2.1. México

A Filosofia da ciência desenvolveu uma presença robusta na Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM), uma importante instituição na vanguarda da vida intelectual no país e no mundo de língua espanhola. A disciplina ganhou força na década de 1960 e no início da década de 1970 por meio dos esforços de notáveis professores, em especial Fernando Salmerón, Luis Villoro e Alejandro Rossi, que incentivaram o rigor e a clareza na Filosofia e forneceram bolsas de estudo para que estudantes cursassem pós-graduação na Europa, Reino Unido e Estados Unidos. Juntos eles fundaram o periódico *Crítica*, em 1967, um espaço selecionado para a Filosofia na América Latina e Espanha. Uma influente obra de Salmerón, *La Filosofía y las Matemáticas*, foi lançada no ano seguinte.

Grandes encontros e seminários internacionais tornaram-se regulares no Instituto de Pesquisas Filosóficas (*Instituto de Investigaciones Filosóficas* - IIF) da UNAM, que em 1970 e 1980 sediou lendários seminários e cursos de curta duração liderados por figuras mundiais. Um desses seminários internacionais, iniciado por Mario Bunge (Argentina e Canadá), focou-se na história e Filosofia da ciência. O IIF se tornou o anfitrião de diversos debates filosóficos vigorosos, com aqueles entre Bunge e Héctor-Neri Castañeda (Guatemala e Estados Unidos) se destacando entre os mais lembrados. Com a ajuda de Bunge, em 1976 um fórum de epistemologia foi estabelecido, o *Asociación Mexicana de Epistemología*. No início da década de 1970, Mario Otero (Uruguai) ingressou formalmente no IIF, com grande influência nos estudos de história filosófica da ciência.

A abordagem estruturalista veio em grande escala para o México com Carlos Ulises Moulines, que se mudou de Munique para o IIF em meados da década de 1970. Nascido na Venezuela, Carlos estudou na Europa, primeiro sob a orientação de Jesús Mosterín em Barcelona e então de Wolfgang Stegmüller em Munique. Seu foco inicial foi na ascensão da abordagem empirista lógica, particularmente nos projetos de reconstrução lógica do mundo empírico defendidos por Bertrand Russell, Rudolf Carnap, e Nelson Goodman; Moulines desenvolveu tais investigações em sua primeira monografia, *La Estructura del Mundo Sensible* (1973). Ele se

interessou por integrar algumas das contribuições originais de Stegmüller ao trabalho estruturalista anterior de Patrick Suppes nos Estados Unidos e de Gunther Ludwig na Alemanha, um esforço demonstrado por alguns de seus artigos desse período (MOULINES, 1975, 1976).

Em resposta à virada histórica na Filosofia da ciência, Moulines, assim como Joseph Sneed nos Estados Unidos e Stegmüller na Alemanha, trouxe foco à questão da mudança teórica. Ele dedicou grande parte de sua pesquisa nas décadas de 1970 e 1980 à dinâmica das teorias, aplicando os recursos da reconstrução estruturalista diacrônica e da análise Kuhniana (em termos de matrizes disciplinares) ao desenvolvimento da mecânica Newtoniana e do equilíbrio termodinâmico. As investigações resultantes foram apresentadas no livro *Exploraciones Metacientíficas* (1982). Moulines se tornou uma importante força intelectual no IIF, onde permaneceu por mais de uma década engajado em pesquisas de ponta que o tornaram uma figura de destaque no movimento estruturalista internacional. Em sua visão, teorias científicas são construções culturais de interesse filosófico. Ele considera a Filosofia da ciência uma disciplina cuja epistemologia é principalmente interpretativa, em vez de prescritiva ou descritiva – uma teorização sobre teorizações.

Uma boa parte da Filosofia da ciência conduzida no IIF durante sua gestão foi diretamente influenciada por ele. Um ponto relevante aos propósitos aqui presentes é que sua obra no México durante esses anos atingiu os níveis mais altos dentro do movimento estruturalista mundial. Em 1984 Moulines deixou o país, primeiro para a Universidade de Bielefeld, depois para Berlim e finalmente para o Centro de Filosofia Matemática da *Ludwig-Maximilians University*, em Munique, onde se tornou o sucessor de Stegmüller e agora é Professor Emérito. Muitas de suas publicações subsequentes tiveram um impacto duradouro na América Latina, em especial *An Architectonic for Science: The Structuralist Program* (BALZER; MOULINES; SNEED, 1987), ao longo de muitos artigos.

Os Seminários de pesquisa no IIF continuaram a se desenvolver e a se fortalecer na década de 1980 com uma série de simpósios internacionais de Filosofia inaugurados por Enrique Villanueva e levados adiante por León Olivé, um empreendimento de impressionante escala que reuniu figuras mundiais de diversas partes da América Latina, Estados Unidos, Grã-Bretanha e Europa. As interações de alta qualidade proporcionadas por esses espaços provaram-se especialmente frutíferas como pontos de partida de atividades de pesquisa subsequentes no México e em outras partes do subcontinente. Este período também foi marcado pelo investimento institucional em bibliotecas especializadas de pesquisa e pelo

fortalecimento dos programas editoriais da UNAM e de outras instituições no México. Programas de bolsas possibilitaram a pesquisadores e estudantes períodos de experiência em renomados centros internacionais. No IIF, a pesquisa filosófica alcançou um nível de apoio nunca presenciado na América Latina. Relevantes artigos e monografias começaram a fluir regularmente de seminários em Filosofia geral da ciência, Filosofia da física e Filosofia da biologia.

Atividades na área também se tornaram mais diversificadas na década de 1980 no IIF. Uma área fundamental teve como foco os limites do conhecimento científico, representada pela crítica de Luis Villoro ao cientificismo em *Creer, Saber, Conocer*, de 1982, onde ele defende uma reavaliação da "sabedoria" (caracterizada como conhecimento extraído de experiências vividas), que, na visão de Villoro, é ricamente encontrada nos "sábios" de culturas tradicionais; nesse livro ele explora como a razão humana operou ao longo da história e até que ponto isso levou a situações de dominação e/ou emancipação da subordinação.

É importante destacar que a profissionalização da Filosofia da ciência no México foi alcançada principalmente por meio da criação de programas especializados de titulação. Atualmente, o *Posgrado en Filosofía de la Ciencia*, fundado na UNAM em 1993, é o programa onde se formou a maior parte das novas gerações que atuam na disciplina no México.

2.2. Brasil

Um influente livro de Gilles-Gaston Granger, *Lógica e Filosofia das Ciências*, publicado pela primeira vez em 1955, é reconhecido como a primeira introdução em português ao campo. Discípulo de Gaston Bachelard, Granger lecionou na Universidade de São Paulo (USP) de 1947 a 1953 e foi uma grande força no desenvolvimento da Filosofia da ciência no Brasil. Seu trabalho favoreceu uma abordagem historicamente orientada e hospitaleira ao estilo analítico Anglo-Saxão. De volta à Europa ele se associou a vários projetos filosóficos e sociais; em 1986 foi eleito para a Cátedra de Epistemologia Comparada no *Collège de France*. Os projetos de pesquisa que Granger iniciou no Brasil continuaram após sua gestão, especialmente graças aos esforços de Oswaldo Porchat.

Em 1964, um golpe militar levou à ação do governo para erradicar acadêmicos suspeitos de simpatias esquerdistas, afetando seriamente muitas áreas, incluindo a Filosofia da ciência. No entanto, grupos de professores logo foram capazes de

voltar às atividades. Em 1970, na USP, João Paulo Monteiro logrou fundar o *Ciência e Filosofia*, periódico dedicado à lógica e à Filosofia da ciência a partir de uma pluralidade de perspectivas. A revitalização da disciplina continuou ao longo da década com oportunos projetos de pesquisa, muitos deles conduzidos de forma articulada a visitas e cursos internacionais, particularmente aqueles organizados por Porchat, inicialmente na USP e depois de 1975 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde chefiou uma nova unidade, o *Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência* (CLE), com membros como Zeljko Loparic e outros ilustres estudiosos. Em 1977 o CLE lança a prestigiosa revista *Manuscrito*, complementada em 1980 pela *Cadernos de Filosofia e História da Ciência*, e em 1987 por uma série de livros (Coleção CLE). O CLE rapidamente se torna um símbolo de esperança para filósofos e historiadores da ciência, bem como para lógicos. Em particular, o CLE está envolvido na articulação da "Lógica Paraconsistente", campo que Newton C. da Costa começou a desenvolver no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, quando trabalhava na Universidade Federal do Paraná. Da Costa torna-se um dos pensadores mais carismáticos e enérgicos da América Latina, de renome internacional em matemática, lógica e Filosofia da ciência, com uma reputação amplamente reconhecida por trabalhos originais em lógicas não clássicas, axiomatização de teorias científicas e Filosofia estruturalista da ciência, orientações que continuam ativas no Brasil com figuras como Itala D'Ottaviano e Walter Carnielli.

Em Filosofia da ciência, o CLE apoia pesquisas significativas sobre o caráter e a estrutura da ciência moderna, assim como seus conceitos e teorias – conduzidos a partir de uma variedade de perspectivas, incluindo investigações relacionadas ao ensino de ciências e aos usos da Filosofia da ciência na educação. O diálogo crítico é fomentado por meio de seminários, visitas internacionais, financiamento de pesquisas, intercâmbios de professores e alunos, estudos interdisciplinares e publicação de monografias e artigos de autores brasileiros, a somar com traduções de importantes obras para o português. Estudos de pós-graduação e bolsas de pós-doutorado em lógica e Filosofia da ciência prosperam na UNICAMP. Um esquema desenvolvido pelo CLE para atrair professores promissores recém-formados de instituições de todo o mundo produziu excelentes resultados. Na década de 1980, Michel Ghins e Harvey Brown energizaram a atividade analítica na física do espaço-tempo. Steven French fez o mesmo ao avançar a abordagem teórica do modelo e a metafísica da mecânica quântica em Campinas. Com a ajuda destes e de outros recrutas, a Filosofia da física, da matemática e as abordagens formais da Filosofia da ciência alavancaram. Em Campinas, French e da Costa

iniciaram uma colaboração duradoura que se mostrou notadamente fértil, resultando em influentes contribuições aos debates contemporâneos sobre metafísica da mecânica quântica, estruturalismo e sobre abordagem semântica das teorias, além de contribuir com uma forma mais renovada de olhar para o conceito de verdade ("verdade pragmática" e "verdade parcial"). Essas colaborações levaram a muitos artigos (DA COSTA; FRENCH, 1989, 1990, 1991, 1993), bem como a um livro, em 2003: *Science and Partial Truth: A Unitary Approach to Models and Scientific Reasoning*, aclamado internacionalmente por trazer luz à lógica filosófica, ao estruturalismo e realismo. Brown e French fizeram do Brasil seu país, e é fácil imaginar como a geografia da Filosofia da física e da matemática poderia ter se tornado diferente caso as circunstâncias no Brasil tivessem sido um pouco mais generosas com a vida acadêmica na década de 1980. Juntamente com da Costa, os recrutas internacionais e os talentos que eles ajudaram a formar provavelmente teriam transformado o CLE e a USP (onde Otávio Bueno havia trabalhado com da Costa) em um dos principais centros de Filosofia da ciência do mundo. O destino, porém, impôs outra realidade; Ghins assumiu como professor em Louvain-la-Neuve, na Bélgica, Brown mudou-se para Oxford, onde agora é professor de Filosofia da física, conquistando uma ilustre carreira, e French foi para os Estados Unidos e então voltou para a Inglaterra, onde agora é professor de filosofia da ciência na Universidade de Leeds e editor-chefe do *The British Journal for the Philosophy of Science*. Brown e French atuaram como presidentes da prestigiosa Sociedade Britânica para a Filosofia da Ciência. Felizmente, todos esses antigos membros internacionais mantêm laços produtivos com os grupos brasileiros. O CLE continuou a prosperar nas últimas duas décadas.

A atividade filosófica tem se expandido no Brasil em diversas outras instituições desde 1990, conforme descrito nas seções seguintes.

2.3. Países andinos

Como nos países anteriores, a área desenvolveu sua presença nos países andinos logo nos primeiros dias da Filosofia profissional da ciência.

Na Venezuela, Juan David García Bacca, crítico de Francisco Franco, foi forçado a deixar a Espanha e chegou em Caracas em 1946, após algum tempo no Equador e no México. García Bacca liderou uma carreira produtiva na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade Central (*Universidad Central de Venezuela*,

UCV). Em meados da década de 1930, após concluir sua tese de doutorado sobre a estrutura lógico-genética das ciências físicas, García Bacca ingressou no Círculo de Vienna. Na América Latina ele se tornou um prolífico escritor, com obras como *Teoría de la relatividad* (1941), *La física* (1962), *História filosófica de la ciencia* (1963), *Teoría y metateoría de la ciencia*, vol. I (1977) e vol. II (1984). Ele continuou sendo uma grande força em Caracas até 1971. Nas décadas de 1970 e 1980, Andrés Kalnay liderou um pequeno grupo interessado nos fundamentos da mecânica quântica, primeiro na Escola de Física da UCV - *Universidad Central de Venezuela* e então no principal centro de pesquisas científicas da Venezuela, o *Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas*. Atualmente a UCV oferece um programa de mestrado em Lógica e Filosofia da Ciência coordenado por Franklin Galindo.

A Filosofia da ciência na Colômbia tem laços duradouros com as escolas da Europa Continental, mas a Filosofia analítica da ciência não esteve ausente. Já na década de 1950, Mario Laserna, na *Universidad de los Andes* (Uniandes) de Bogotá promoveu o estudo de lógica e Filosofia científica de Hans Reichenbach. Posteriormente, grupos locais auxiliados por visitantes internacionais têm exercido um papel consistente no país, notadamente Gonzalo Munévar, um filósofo da ciência colombiano que agora reside nos Estados Unidos, mas visita regularmente seu país.

As atividades no Peru começaram no início da década de 1950, como atestam os encontros organizados na *Universidad Nacional Mayor de San Marcos* (UNMSM, a universidade mais antiga do Peru) e na *Sociedad Peruana de Filosofía*, ambas situadas em Lima. O amplo interesse também se reflete em artigos publicados na década de 50 e 60 no suplemento literário semanal "*El Comercio*", de Oscar Miró-Quesada, Francisco Miró-Quesada e outros intelectuais interessados em lógica, ciência e matemática. Francisco Miró-Quesada, o principal filósofo do país, foi um dos pioneiros no desenvolvimento da lógica filosófica moderna e dos estudos científicos na América Latina, onde ele incansavelmente encorajou a esperança no poder da razão humana. Miró-Quesada lecionou na UNMSM por mais de duas décadas, depois na *Universidad Cayetano Heredia* (UPCH) e outros centros do país. Ele também dirigiu institutos de pesquisa filosófica, primeiro na *Universidad de Lima* e depois na *Universidad Ricardo Palma*. Miró-Quesada foi autor de numerosos trabalhos no campo da Filosofia, incluindo uma obra sobre Filosofia da matemática, *Filosofía de las Matemáticas* (1954). Ele também tem sido campeão nas pesquisas sobre lógica na região (foi Miró-Quesada que sugeriu chamar de "lógica paraconsistente" a abordagem de Newton da Costa, que ajudou a promover). O projeto mais sincero de Miró-Quesada centrou-se no estudo da razão humana, entendida, de forma

geral, como a capacidade de se acessar a verdade, conforme descrito em seu livro preliminar *Apuntes para una Teoría de la Razón* (1962), seguido em 2013 por *Esquema de una Teoría de la Razón*, no qual Miró-Quesada discute a busca pela validade racional na lógica, na ciência, metafísica e na teoria ética. No início dos anos 1970, jovens professores formados na Europa e nos Estados Unidos ampliaram e atualizaram o estudo filosófico da ciência no país, particularmente na UNMSM. Contribuições oportunas foram feitas, especialmente por Luis Piscocoy (Filosofia da psicologia e Filosofia geral da ciência), Juan Abugattas (Filosofia da ciência), Julio-Cesar Sanz-Elguera (Filosofia da ciência) e David Sobrevilla (Filosofia das ciências sociais). Desde então, em San Marcos, Luís Piscocoy tem trabalhado na interface entre Filosofia da ciência e educação, com autoria da obra *Investigación Científica y Educativa: un Enfoque Epistemológico* (1995), e numerosos artigos (por exemplo, Piscocoy, 1993). Ao final dos anos 70, um inovador programa em Filosofia foi aberto na UPCH, uma das principais universidades do subcontinente dedicadas à pesquisa. Com Francisco Miró-Quesada, vários cursos, *workshops* e seminários internacionais aconteceram em Lima como parte desse empreendimento. A partir do final da década de 1980, as atividades na UPCH continuaram através de um programa denominado "Pensamento Científico", liderado por Alberto Cordero, com a colaboração de Sandro D'Onofrio e outros docentes.

Enquanto isso, no Chile, Gerold Stahl, Nathan Stemmer, e Augusto Pescador fizeram da lógica um campo importante, em 1960. Mais tarde, na mesma década, Roberto Torretti publicou um livro inspirador: *Manuel Kant. Estudio sobre los Fundamentos de la Filosofía Crítica* (1967; edição revisada 2005). Seu trabalho posterior sobre Kant o conduziu a pesquisas mais amplas sobre a história filosófica da ciência, um campo com crescente audiência, especialmente em Santiago. No entanto, a vida no Chile tornava-se cada vez mais desafiadora à medida que a década avançava. Em 1970, Torretti partiu para Porto Rico, onde continuou a desenvolver seu trabalho filosófico, especialmente sobre a geometria do século XIX e a teoria da relatividade. Em 1973, uma brutal ditadura militar tomou o governo, trazendo um período de grandes dificuldades para a academia. O principal jornal do Chile, *Revista de Filosofía*, deixou de ser publicado e permaneceu inativo até 1977. Embora o ambiente institucional tenha sofrido muito na maioria dos centros, pesquisas de qualidade persistiram no campo da lógica, conforme evidenciado por contribuições internacionalmente aclamadas, como as de Rolando Chuaqui e outros.

Quase sempre atuando em centros Latino-americanos (Chile e Porto Rico), Torretti é um ícone do rigor e do senso filosófico, autor de contribuições a nível

mundial. Seus textos são celebrados pelos comentários perspicazes e pelas perspectivas educadas acerca do desenvolvimento racional de ideias, especialmente em Galileu, Newton, Leibniz, Kant, na matemática do século XIX, em Helmholtz, Poincaré e Einstein. As principais publicações de Torretti sobre essas temáticas têm lugar cativo nas listas de leitura dos maiores seminários de Filosofia da ciência, em especial as obras *Philosophy of Geometry from Riemann to Poincaré* (1978), *Relativity and Geometry* (1985), *Creative Understanding: Philosophical Reflections on Physics* (1990), e *The Philosophy of Physics* (1999), cada uma delas refletindo um robusto trabalho em Filosofia e história filosófica da ciência. Nos anos em que Torretti esteve no campus *Rio Piedras da Universidad de Puerto Rico*, conduziu uma frutífera carreira até sua aposentadoria em 1995. Durante a maior parte desse período, foi editor do *Diálogos*, um dos principais periódicos sobre Filosofia da América Latina.

2.4. Argentina e Uruguai

No lado oriental do cone sul, avanços de considerável impacto internacional ocorreram na Argentina entre os anos 1940 e 1970. A chegada de Hans Lindemann na década de 40 marcou a virada da Filosofia analítica na Argentina, onde suas discussões sobre a Filosofia de Bertrand Russel e do Círculo de Viena (ele havia estudado com Moritz Schlick e sido membro do círculo) encorajaram novas atividades, em particular, seminários de pesquisa de cursos ministrados por Mario Bunge, Gregorio Klimovsky e Julio Rey Pastor. Ao longo da década de 1950, a região de Buenos Aires viveu uma década de otimismo quanto às possibilidades acadêmicas e culturais da Filosofia da ciência e de suas aplicações. Vários centros prosperaram, particularmente dois que foram fundados em 1952. Em um deles, o *Instituto Libre de Estudios Superiores*, Klimovsky e Rolando García discutiram a abordagem "empirista lógica" e ministraram cursos que apresentavam sistematicamente a nova Filosofia para públicos mais amplos. O outro centro era o *Círculo Filosófico*, liderado por Bunge, onde seu livro *Causalidad* (1959a) e outras obras da época ganharam forma, garantindo que suas produções centrais fossem apresentadas em palestras e debates. Bunge e Klimovsky conseguiram garantir cadeiras na *Universidad de Buenos Aires* (UBA) em Filosofia da ciência e lógica, respectivamente. Em meados da década de 1950, suas pesquisas e cursos colocaram a universidade em um lugar de destaque mundial na área. Os esforços administrativos e culturais de Bunge durante esse período enfatizaram a necessidade de tornar possível a atividade

filosófica profissional na Argentina. Uma nova associação para a lógica e a Filosofia científica, *Agrupación Rioplatense de Lógica y Filosofía Científica*, foi fundada em 1956 com o objetivo de reunir pensadores da Argentina e do Uruguai que desejassem estudar Filosofia no estilo racional e rigoroso da nova abordagem, com Bunge, Klimovsky, Jorge Bosch, Gino Germani e Rolando Garcia entre seus membros. Um grupo consistente começou a se formar, resultando em realizações como a *Cuadernos de Epistemología*, uma série que garantiu a toda a América Latina e à Espanha o acesso a obras-chave da área por meio da tradução ao espanhol.

Em *Causalidad*, Bunge (1959a) centrou-se na concepção empirista da causalidade e em suas deficiências, culpando a perspectiva empirista pela criação de confusão e pessimismo desnecessários à Filosofia. Neste trabalho, Bunge distingue determinação causal de outras formas de determinação (estrutural, teleológica, dialética e estatística), delimitando três sentidos diferentes em que o termo "causalidade" adentra no discurso científico, como uma lei que afirma que as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, como uma relação entre causa e efeito, e como um princípio a afirmar que tudo tem uma causa.

O livro foi lançado em 1959, ganhando considerável repercussão internacional especialmente pela concepção realista que articula. *Causality* também representa um ponto de inflexão: livros de Filosofia que podemos chamar de "clássicos" agora eram produzidos na América Latina e encontravam lugar nas listas de leitura dominantes em países de língua inglesa e na Europa. Cidadão do mundo, talvez o mais universalista dos filósofos do subcontinente, Bunge é, no entanto, muito sul-americano (difícil imaginá-lo ascendendo em qualquer outro lugar que não seja na cosmopolita Argentina).

Bunge sempre foi um intelectual socialmente engajado, tendência já presente em seus esforços como fundador e secretário geral de uma faculdade para trabalhadores, *Universidad Obrera Argentina*, de 1938 até 1943. Continuou sendo um vigoroso porta-voz da necessidade de manter, na América Latina, instituições culturais e educacionais capazes de promover a prática da Filosofia por parte de mentes livres de pressão ideológica, opressão financeira e controle político ou governamental. Primeiro na Argentina e depois em outros lugares, Bunge tem estado em "guerra", como ele diz, contra o tipo de compreensão acrítica da Filosofia que ele encontrou prevalecendo na Faculdade de Filosofia e Letras quando lá ingressou, na década de 1950, trabalhando assim para inspirar um senso duradouro de rigor profissional em seus alunos e colaboradores. A série lançada por ele, *Cuadernos de Epistemología*, teve um impacto significativo sobre cientistas, filósofos

e sobre o público instruído de países de língua espanhola. A produção de Bunge durante esses anos foi notável; além de *Causality*, outros trabalhos de relevância são Bunge (1959b, 1960, 1961a, 1961b, 1962a, 1962b). Infelizmente, tais conquistas não foram alcançadas sem que houvesse atrito com colegas e grupos simpatizantes de ideias alternativas que Bunge não podia respeitar. Ademais, as condições políticas e econômicas do país estavam se deteriorando. No início da década de 1960, alas internas do exército argentino começaram a tornar a vida cívica cada vez mais complicada. Bunge deixou o país em 1963, indo primeiro para os Estados Unidos (onde a Guerra do Vietnã e outros desenvolvimentos políticos o incomodavam), e, então, em 1966, mudando-se para a *McGill University*, em Montreal, onde permanece até os dias de hoje.

Poucos pensadores associados à Filosofia analítica se esforçam para produzir um sistema filosófico abrangente. Bunge é um deles, um pensador que busca integrar ontologia, metafísica, epistemologia, semântica, psicologia e ciência de forma coerente e frutífera. Até agora, as publicações de Bunge perfazem mais de cinquenta livros e centenas de artigos filosóficos e científicos, principalmente em inglês e espanhol. Suas principais obras também foram traduzidas para o alemão, italiano, russo, francês, húngaro e português, entre outras línguas. Seus trabalhos de maior impacto na Filosofia da ciência convencional são, provavelmente, *Causality* (1959a), *The Myth of Simplicity* (1963), e *Foundations of Physics* (1967). A busca de Bunge por uma visão naturalista válida recebeu expressão sistemática em *Treatise on Basic Philosophy* (uma obra de oito volumes publicada entre 1974 e 1989). Publicações mais recentes de Bunge incluem *Emergence and Convergence: Qualitative Novelty and the Unity of Knowledge* (2003), *Chasing Reality: Strife over Realism* (2006), e *Medical Philosophy: Conceptual Issues in Medicine* (2013), e, claro, a sua tão esperada autobiografia *Memorias entre Dos Mundos* (2014), para citar uma fração de sua farta produção.

Em suas apresentações orais e em seus seminários, Bunge dá atenção especial e contundente à avaliação dos argumentos em mãos, defendendo o uso da lógica como um facilitador da clareza de pensamento. Ele é reconhecido por suas críticas contundentes a posições que rebaixam a razão, a busca pela verdade e a universalidade da ciência, o naturalismo científico, assim como posições que falham em respeitar os seres humanos enquanto indivíduos. Bunge endossa com entusiasmo a maneira como o Iluminismo buscou disseminar ferramentas conceituais e morais a fim de rever e aprimorar o pensamento humano e a vida em geral. Os trabalhos de Bunge enfatizam continuamente a ideia de que a ciência pode levar

(e frequentemente assim tem feito) ao que ele considera a única base sensata para a ação social e política: conhecimento relevante acerca do mundo. Importante ressaltar que bem cedo, na América Latina, Bunge exerceu um papel exemplar muito necessário: um pensador líder que na década de 1960 tornou-se a prova viva de que filósofos atuantes no subcontinente podiam, apesar das bizarras dificuldades que a academia frequentemente enfrenta, erguer-se e juntar-se ao debate filosófico nos mais altos níveis. Até então, nenhum filósofo latino-americano havia alcançado algo comparável na Filosofia cosmopolita.

A perda de Bunge foi um grande golpe, um de muitos que a década trouxe. Em 1966, quando os militares intervieram nas universidades, muitas das mais talentosas mentes da ciência e das humanidades fugiram do país. Klimovsky, no entanto, permaneceu, e sua presença ajudou a manter a disciplina ativa durante esse difícil período, primeiro na UBA e então na Universidade Belgrano, do final dos anos 70 até sua morte. A Filosofia da ciência não parou na Argentina, jovens talentos continuaram surgindo, como Alberto Coffa, na *Universidad de la Plata*, até que ele também partiu para os Estados Unidos.

A turbulência presente foi um fator negativo, ainda assim, um notável período de expansão teve início no final da década, marcado pela fundação da *Sociedad Argentina de Análisis Filosófico* (SADAF), uma instituição modelo apoiada por seus inúmeros associados, onde membros e convidados internacionais se reúnem em torno de tópicos de interesse filosófico, muitos de central importância à Filosofia da ciência. Um grande jornal veio a luz em Buenos Aires em 1975: *Revista Latinoamericana de Filosofía*, seguida em 1981 por outro importante periódico: *Análisis Filosófico*.

A atividade em Filosofia da ciência tem crescido no país desde então, como descrevem as demais seções deste artigo.

3. Filosofia geral da ciência

3.1. Método científico

Embora Gregorio Klimovsky tenha sido um dos fundadores da Filosofia da ciência na Argentina, ele permaneceu em atividade até a primeira década do século XXI. Klimovsky introduziu a lógica matemática e a teoria axiomática dos conjuntos

nas universidades argentinas e defendeu um método hipotético-dedutivo, próximo ao de Popper, não apenas para as ciências naturais, mas também para as ciências sociais. Na virada do século, publicou três livros muito relevantes à educação universitária (KLIMOVSKY, 1994; KLIMOVSKY; HIDALGO, 1998; KLIMOVSKY; BOIDO, 2005). Além disso, sua autobiografia (2008) apresenta um retrato vívido da gênese da Filosofia analítica da ciência na Argentina. Não obstante, talvez o mais importante mérito de Klimovsky tenha sido o de ser professor de diversas gerações de lógicos e filósofos da ciência argentinos, tais como Tomás Moro Simpson, Raúl Orayen, e Alberto Coffa.

O interesse pelas teses de Popper reaparece no trabalho de Carlos Verdugo (2009). Em contraste, Alejandro Cassini (2003) defende as vantagens da teoria bayesiana de confirmação sobre o método hipotético-dedutivo.

A abordagem semântica da teoria científica foi estudada por Germán Guerrero Pino (2008, 2010), que comparou as propostas de van Fraassen com aquela da escola estruturalista. Por sua vez, Juan Manuel Jaramillo Uribe (2009, 2014) constrói uma ponte entre o estruturalismo metateórico e outras escolas filosóficas, tais como o estruturalismo francês e o realismo estrutural.

Pablo Lorenzano também desenvolveu um trabalho robusto no campo do estruturalismo metateórico (BALZER; LORENZANO, 2000; LORENZANO; DÍEZ, 2002; LORENZANO, 2013), particularmente aplicado à biologia, liderando um grupo de pesquisa com jovens membros de diferentes países latino-americanos.

3.2. Racionalidade e teoria da escolha²

Percebemos que o projeto mais fervoroso de Francisco Miró-Quesada se centrava no estudo da razão humana, entendida como a capacidade de alcançar

² N.E.: Entenda-se o tópico *Rationality and Theory Choice* à luz da obra *Theory of Games and Economic Behavior* (1944) de Oskar Morgenstern e John von Neumann. Trata-se da teoria matemática dos jogos e da teoria dos jogos de estratégia e que, aplicado à epistemologia, resulta na teoria da escolha racional. Uma breve e consistente apresentação do tema encontra-se em *The Collaboration Between Oskar Morgenstern and John von Neumann on the Theory of Games* presente no *Journal of Economic Literature* (v. 14, n. 3 (set. 1976), p. 8-5-16, publicado pela American Economic Association. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2722628>. Acesso em: 25 out. 2021.

a verdade na lógica, na ciência, na metafísica e na teoria ética (1962, 2013). Ricardo Gómez (2003), por sua vez, de uma perspectiva que defende a racionalidade contra os ataques do pensamento pós-moderno, desenvolve uma forte crítica aos argumentos de Rorty. Uma posição bastante radical é adotada por Gonzalo Munévar (1981) que considera a racionalidade da ciência uma propriedade social que deve ser entendida em termos de desempenho biológico.

No México, o interesse pela racionalidade da ciência levou à publicação de dois volumes relevantes sobre o assunto, um compilado por Ambrosio Velasco (1997) e o outro por Velasco e Ana Rosa Pérez Ransanz, e Ambrosio Velasco (2011); o segundo contém mais de 40 contribuições de autores ibero-americanos, além de oferecer um amplo panorama da discussão sobre o assunto na região. Em particular, Sergio Martínez (2003) focou-se na relação entre racionalidade e práticas científicas.

Mais recentemente, problemas da equivalência empírica entre teorias e a subdeterminação da teoria da escolha foram abordados por Pablo Acuña, particularmente no caso da teoria do éter de Lorentz e a da relatividade especial de Einstein (ACUÑA; DIEKS, 2014; ACUÑA, 2014a). Acuña (2014b) também analisa três casos artificiais de equivalência empírica, argumentando que eles não são resultado da prática da ciência real, mas sim conjecturas de filósofos da ciência.

3.3. Dinâmica da ciência

Como consequência de sua estreita colaboração com Jean Piaget (PIAGET; GARCÍA, 1971, 1987), Rolando García se tornou o autor que ainda representa a epistemologia genética na América Latina (1977). Particularmente, ele desenvolveu com Piaget a ideia de um paralelismo entre a psicogênese e a evolução das ciências (PIAGET; GARCÍA, 1983). Mais recentemente, García (2000) relacionou a epistemologia genética com a teoria dos sistemas complexos.

Nos anos 90, Oscar Nudler começou a desenvolver uma visão da dinâmica da ciência em termos de conflitos (1990). Essa visão tornou-se um modelo bem articulado baseado no que ele chamou de "espaço de controvérsia" (NUDLER, 2002, 2004): uma estrutura dinâmica composta por controvérsias inter-relacionadas, com um "foco", composto pelas questões que constituem o objeto principal das divergências e um "terreno comum", que consiste nos compromissos não passíveis de discussão no espaço da controvérsia.

Espaços de controvérsias normalmente mudam através da "re-focalização" que ocorre quando certas suposições passam do terreno comum para o foco. Esse modelo foi aplicado com sucesso a diferentes casos científicos, como as origens da teoria do caos, o debate acerca das relações entre química e física, as origens da biologia molecular e o desenvolvimento da linguística americana do século XX, entre outros (*vide* NUDLER, 2011).

A Filosofia de Thomas Kuhn atraiu o interesse de muitos filósofos da ciência latino-americanos. Por exemplo, durante a década de 1980, alguns estudiosos cubanos direcionaram o foco no conceito kuhniano de revolução científica (NÚÑEZ, 1985, 1989). No Uruguai, Mario Otero (1997) editou um volume sobre Kuhn com contribuições de seu grupo de pesquisa. Após sua aposentadoria, o grupo ficou nas mãos de Lucía Lewowicz, que deu continuidade a essa linha de pesquisa (2004, 2005) com foco particular na noção Kuhniana de categoria taxonômica (2007). Na Colômbia, o grupo de pesquisa de Jaramillo Uribe também compilou um volume coletivo dedicado à Filosofia de Kuhn (Jaramillo Uribe *et al.* 1997) e, em um livro mais recente, Guerrero Pino (2003) considerou a relevância da Filosofia Kuhniana para a educação científica. Na Argentina, Nélida Gentile (2013) publicou um livro sobre incomensurabilidade em comemoração ao aniversário de 50 anos de *The Structure*. A obra *Kuhn y el Cambio Científico*, de Ana Rosa Pérez Ransanz (1999), merece particular atenção pois foi muito discutida em países de língua espanhola e, por consequência, foi reimpressa duas vezes (2000, 2012).

Após conquistar seu doutorado sob a orientação de Paul Feyerabend, Gonzalo Munévar se tornou um dos principais especialistas internacionais na Filosofia do autor (ver a compilação de seus artigos em Munévar 2006). Além disso, Munévar (1998) defende uma Filosofia evolucionária que conduza a um minucioso relativismo evolutivo do conhecimento científico que, no entanto, não se apresenta como obstáculo a uma teoria da verdade relativa.

3.4. Realismo científico

Christián Carman trabalhou extensivamente no problema do realismo na ciência. Ele ofereceu um esclarecimento detalhado do termo "realismo científico" (2005a) e abordou a distinção teórico-observacional à luz do problema do realismo (2005b). Carman também analisou criticamente o argumento indutivo de Harré para o realismo científico (2005c). Além disso, reformulou o argumento do milagre a fim de aplicá-

lo a previsões simultâneas (2010b), em particular no contexto da teoria planetária de Ptolomeu (CARMAN; DÍEZ, 2015).

Recentemente, levantamentos dos argumentos acerca do problema do realismo têm sido produzidos. Bruno Borge (2015), por exemplo, reconsidera o argumento do milagre 40 anos após sua formulação, e Borge e Gentile (2019) compilam um volume sobre o tema com contribuições de autores latino-americanos.

3.5. Pluralismo na ciência

Após a forte influência do empirismo lógico e sua reivindicação pela "unidade da ciência", nas últimas décadas do século XX várias abordagens pluralistas foram propostas a partir de diferentes perspectivas. Na América Latina, diferentes visões pluralistas foram apresentadas.

Embora Félix Schuster tenha sido aluno de Mario Bunge e Gregorio Klimovsky, ele direcionou seu interesse para as ciências sociais. Nesse campo ele defende o pluralismo metodológico como forma de acessar a realidade social (SCHUSTER, 1992).

A visão de Roberto Torretti sobre o conhecimento científico encontra raízes em sua interpretação da Filosofia de Kant (TORRETTI, 1967). Segundo Torretti, não decorre da dedução transcendental das categorias, a ideia de que elas estão contidas em uma lista definitiva e imutável; ao admitir que os padrões que regem a constituição dos objetos do conhecimento podem mudar, "Kant abre uma larga porta para o pluralismo intelectual" (2008, p. 87). Dessa perspectiva, Torretti (2000) rejeita explicitamente o realismo científico que concebe, como objetivo da ciência, o desenvolvimento de um discurso que "corta a realidade em suas articulações" e concorda com o realismo pragmático de Hilary Putnam (PUTNAM, 1987) com base em alguns exemplos retirados de práticas científicas passadas e presentes.

Também sob a influência de Putnam, mas agora de seu realismo interno (PUTNAM, 1981), Olimpia Lombardi e Ana Rosa Pérez Ransanz (2012) propõem um pluralismo ontológico que, ao invés de ser aplicado ao problema da mudança teórica, encontra sua fertilidade principal em um sentido sincrônico: quando teorias que incorporam diferentes esquemas conceituais são simultaneamente aceitas, deve-se admitir que diferentes ontologias podem coexistir já que cada uma delas é constituída por sua teoria correspondente. Essa visão, que nega a dependência ontológica das disciplinas supostamente "secundárias" ou de teorias "fenomenológicas"

em relação aos campos concebidos como "fundamentais" tem sido aplicada à relação entre a química e a física com o propósito de defender a autonomia ontológica do mundo físico (LOMBARDI; LABARCA, 2005); essa visão gerou um intenso debate no campo da Filosofia da química (será considerado a seguir, na subseção dedicada à Filosofia da química).

3.6. Representação na ciência

O papel dos modelos na ciência foi estudado na América Latina desde os primeiros anos do século XX. No México, Alfredo López Austin (2005) compilou um volume com cinco contribuições que exploram o significado e a natureza dos modelos científicos. Recentemente, Mario Casanueva e Ximena González-Grandón (2016) editaram uma edição especial do jornal *Scientiae Studia*, cujos artigos se enquadram em dois grupos: aqueles do primeiro grupo enfatizam que os modelos ampliam nossa capacidade de representação, percepção e cálculo; os artigos do segundo grupo salientam a função dos modelos na legitimação do conhecimento científico.

Também muito recentemente, Alejandro Cassini dedicou especial atenção à natureza dos modelos científicos. Em particular, ele critica o ficcionalismo, que concebe os modelos como ficções úteis (CASSINI, 2013), e argumenta que todo modelo científico tem um alvo contra aqueles que afirmam que certos modelos não têm (CASSINI, 2018). Hernán Accorinti (2015a, 2015b), por sua vez, discutiu o problema da autonomia dos modelos em relação às teorias, com aplicações à química, em particular, aos modelos atômicos e moleculares em química quântica (ACCORINTI; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, 2016; ACCORINTI; FORTIN; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, 2018) e aos diferentes modelos de eletronegatividade (ACCORINTI, 2019).

Embora não diretamente voltado a modelos, um volume interessante sobre o papel epistêmico das imagens na ciência foi publicado como resultado de um *workshop* realizado na Cidade do México, em 2007 (CASANUEVA; BOLAÑOS, 2009). Na introdução do volume, os editores referem-se à "virada pictórica" para enfatizar a crescente relevância da representação pictórica como um veículo epistêmico para a ciência, onde "pictórico" inclui não apenas figuras visuais, mas também representações táteis e auditivas.

3.7. Causalidade e leis da natureza

Embora a já clássica obra de Mario Bunge *Causality* (1959a) tenha sido um marco no estudo sobre causalidade, foi apenas décadas depois que o interesse pela causalidade decolou na região. Eduardo Flichman desenvolveu uma visão "deflacionista" sobre causalidade, segundo a qual causação não é uma relação ontológica entre eventos, mas uma relação antropomórfica assimétrica que os falantes projetam sobre a realidade. Dessa perspectiva, Flichman (1989) criticou a teoria contrafactual da causalidade proposta por David Lewis (1973) ao mostrar que casos claros de causalidade podem ser revertidos de forma significativa e, portanto, desafiaram a suposta assimetria da causalidade.

Esse criticismo suscitou um debate importante no periódico mexicano, *Crítica* durante os anos 1990. Dorothy Edgington (1990) aceitou a crítica de Flichman como um argumento contra a possibilidade de se analisar o conceito de causalidade. Horacio Abeledo (1995), por sua vez, mostrou que haveria uma saída "formal" do criticismo de Flichman, mas sem respaldo filosófico. De uma perspectiva oposta, Helen Beebe (1997) respondeu explicitamente ao raciocínio de Flichman e à conclusão de Abeledo argumentando que o suposto contraexemplo apresentado por Flichman não é de fato um contraexemplo, no final das contas. Tanto Flichman e Abeledo reagiram ao artigo de Beebe. No sentido de refutar o argumento de Beebe, Flichman (2000) elaborou sua crítica à teoria de Lewis e sua defesa de uma posição acausal. Finalmente, Abeledo (2000) ofereceu um resumo claro e detalhado de toda a controvérsia, adicionando novos argumentos contra a visão de Beebe, porém enfatizando suas discordâncias com a posição de Flichman.

Outros autores latino-americanos estiveram interessados na causalidade. Por exemplo, Sergio Martínez (1997) oferece uma revisão detalhada do papel da causalidade em explicações científicas ao longo da história da ciência. Em Santiago do Chile, Wilfredo Quezada Pulido lidera um grupo de pesquisa dedicado principalmente ao estudo da causalidade física. Em suas publicações, Quezada Pulido (2002) comparou as teorias da transferência causal, dos processos causais e das quantidades conservadas, além de analisar a teoria da manipulabilidade da causalidade à luz do problema do antropomorfismo (2007). Mais recentemente, Fernanda Samaniego apela à abordagem da manipulabilidade para definir uma noção de "profundidade explicativa" (2014) e dar conta de experimentos de *spin-echo* (2013, 2015).

Seu trabalho sobre causalidade levou Flichman (1990, 1995) a discutir o conceito de lei científica: de acordo com ele, a distinção entre leis da natureza e uniformidades acidentais depende do papel que desempenham em uma teoria científica; além disso, uniformidades acidentais "duras" ou "suaves" devem ser cuidadosamente

distinguidas porque estas últimas são frequentemente confundidas com leis da natureza. Pablo Lorenzano (1998, 2007) também reflete sobre o conceito de lei da natureza em relação à existência de leis biológicas.

3.8. História filosófica da ciência

A história da ciência de uma perspectiva filosófica tem sido amplamente estudada na América Latina. Na Argentina, por exemplo, Guillermo Boido promoveu fortemente a área. Seu livro sobre Galileu (BOIDO, 1996) não só oferece uma narrativa histórica como também explica discussões historiográficas à luz do registro histórico. Na Colômbia, Mauricio Nieto Olarte (2000, 2007) desenvolveu trabalhos de pesquisa relevantes sobre as origens da ciência na região durante o período colonial. No México, Laura Benítez publicou vários trabalhos sobre a ciência inicial (*vide* BENÍTEZ, 1993, 2000, 2004), e desenvolveu uma longa e frutífera colaboração com José Antonio Robles sobre a ciência nos tempos modernos (*vide* BENÍTEZ; ROBLES, 2000, 2006; ROBLES; BENÍTEZ, 2004). Também no México, Godfrey Guillaumin (2005) estudou a evolução histórica da noção de evidência científica.

Alguns filósofos da ciência da região também manifestaram interesse em eventos particulares da história da ciência. Por exemplo, Pablo Mariconda analisou a teoria das marés de Galileu (1999), as máquinas simples projetadas por Galileu (2008), e o argumento de Galileu para a autonomia da ciência (LACEY; MARICONDA, 2012). Ele também estudou o método da astronomia segundo Kepler (TOSSATO; MARICONDA, 2010).

Alejandro Cassini e Marcelo Levinas, por sua vez, estabeleceram uma frutífera colaboração para o estudo de diferentes aspectos da história da física no início do século XX, particularmente em relação aos trabalhos de Einstein: a reinterpretação por Einstein do experimento de Michelson-Morley (CASSINI; LEVINAS, 2005), suas explicações sobre o efeito fotoelétrico (CASSINI; LEVINAS, 2008; CASSINI; LEVINAS; PRINGE, 2015) e sobre o efeito Compton (CASSINI; LEVINAS; PRINGE, 2013), sua reinterpretação do experimento de Fizeau (CASSINI; LEVINAS, 2019), bem como o papel desempenhado pelo éter na mudança conceitual para relatividade especial (CASSINI; LEVINAS, 2009). No contexto quântico, Olival Freire Jr. (2015) publicou um livro que traça as fervorosas controvérsias fundacionais que acompanharam o amadurecimento da física quântica durante a segunda metade do século XX.

Os trabalhos de Christián Carman, devido à quantidade e qualidade, merecem menção especial visto que fazem dele um dos maiores especialistas internacionais em astronomia antiga. Seus trabalhos iniciais se centraram nos cálculos e explicações de Ptolomeu (CARMAN, 2009, 2010a, 2011, 2015; RECIO; CARMAN, 2018), mas logo seu interesse se ampliou para outros autores, como Aristarco (2014), Marciano Capela (2017a), Copérnico (2018), e Heráclides do Ponto (2017b). Em uma linha de pesquisa adicional, Carman colaborou com o renomado acadêmico James Evans em um estudo detalhado do mecanismo de Anticítera, que resultou em diversos trabalhos bastante relevantes (EVANS; CARMAN; THORNDIKE, 2010; CARMAN; THORNDIKE; EVANS, 2012; CARMAN; EVANS, 2014). Carman aprofundou suas análises do mecanismo, em alguns casos em obras de autoria única e, em outros, em colaboração com outros acadêmicos internacionais (ANASTASIOU; SEIRADAKIS; CARMAN; EFSTATHIOU, 2014; CARMAN; DI COCCO, 2016; CARMAN, 2017c). Finalmente, Carman recentemente estendeu sua colaboração com Evans para além do interesse original no mecanismo de Anticítera, examinando outras questões relacionadas a astronomia antiga (CARMAN; EVANS, 2015).

3.9. Ciência, sociedade e valores

Na América Latina, discussões sobre ciência e valores têm estado tradicionalmente focadas na questão da dependência da pesquisa científica latino-americana em relação às pautas estabelecidas pelos países centrais. Devido ao interesse local, a maior parte do material foi escrita em espanhol. Em 1971, um debate recordado até hoje por sua significância filosófica e política colocou em confronto, na Argentina, Oscar Varsavsky e Gregorio Klimovsky.

Para Varsavsky (1971), uma vez que a ciência é essencialmente carregada de ideologia, a ideologia deve aparecer explicitamente na política científica como um guia para uma nova ordem social. Klimovsky (1971), ao contrário, defendia uma ciência básica neutra: a política aparece principalmente na aplicação do conhecimento científico. O debate original foi complementado com a contribuição de outros prominentes pensadores argentinos e materializou-se em 1975 com o livro *Ciencia y Ideología*. Aportes polémicos (KLIMOVSKY *et al.*, 1975). No mesmo ano, Jorge Sabato organizou em um importante livro com artigos de mais de vinte especialistas sobre ideologia na ciência, relações entre ciência, tecnologia e sociedade, dependência

científico-tecnológica estrutural da América Latina, produção de tecnologia e planejamento do desenvolvimento científico-tecnológico em países latino-americanos. Os fervorosos debates daqueles anos foram drasticamente interrompidos pelo golpe militar na Argentina, em 1976.

A reivindicação de uma ciência latino-americana orientada por interesses regionais e visões ideológicas encontrava-se em ressonância com estudos filosóficos e sociológicos como os de Enrique Dussel (1995), que denuncia o "mito da modernidade" eurocêntrico usado para justificar a superioridade da cultura europeia sobre culturas americanas nativas. Por sua vez, a necessidade de contextualizar o conhecimento científico no âmbito das necessidades sociais de uma comunidade particular também aparece nos trabalhos de Rolando García (1981) sob o conceito de pesquisa interdisciplinar, ou seja, uma pesquisa que combina diferentes abordagens teóricas na busca por solucionar necessidades sociais locais.

Considerando que as contribuições acima se concentraram principalmente nas ciências naturais, o interesse em como o conhecimento social é produzido na América Latina cresceu nas últimas décadas. Um exemplo desse interesse é a obra de Leandro Rodríguez Medina (2014), que investiga a circulação de conhecimento no mundo globalizado com foco nas diferenças entre centros e periferias da produção de conhecimento nas ciências sociais e nas formas como ideias estrangeiras moldam os campos periféricos.

Embora partindo de perspectivas diferentes, dois filósofos da ciência muito conhecidos nas comunidades latino-americanas manifestaram bastante interesse em questões relacionadas a valores sociais e políticos na ciência. Desde os anos 1990, León Olivé (1988) se posicionou na interface entre a Filosofia e a sociologia do conhecimento, buscando explicar a dupla natureza do conhecimento enquanto construção social e representação da realidade. Mais recentemente, seu interesse se voltou a observar como a tecnologia tem permeado a sociedade contemporânea, moldando tanto o conhecimento como os valores (OLIVÉ, 2007). Ricardo Gómez, por outro lado, articula sua posição em confronto aberto com o neoliberalismo (2002, 2017a). Com base nisso ele considera que a dimensão ética da ciência e da tecnologia deve se opor aos princípios neoliberais a partir de uma posição política clara (GÓMEZ, 2017b).

A interação entre atividades científicas e valores tem sido o interesse de Pablo Mariconda (LACEY; MARICONDA, 2014a, 2014b). Em particular, Mariconda (2014) discute os riscos tecnológicos associados à agricultura transgênica. Na mesma linha, Guillermo Folgera analisa o discurso técnico-científico sobre organismos

geneticamente modificados (FOLGUERA; CARRIZO; MASSARINI, 2014) e denuncia a omissão dos riscos no uso desses organismos (FRANCESE; FOLGUERA, 2018).

No contexto da ciência, da sociedade e dos valores, estudos que combinam reflexões sobre o conhecimento científico com questões de gênero precisam ser mencionados. Por exemplo, Fabrizio (agora Siobhan) Guerrero Mc Manus (2016) oferece aos leitores língua espanhola uma visão geral de um feminismo que busca desenvolver uma estrutura crítica voltada à identificação, exposição e correção de diversos preconceitos de gênero atualmente presentes nas ciências. Nesse contexto, os trabalhos de Diana Maffía não podem ser esquecidos, uma vez que ela analisou de forma crítica as ligações entre gênero e ciência nos últimos vinte anos (*vide* MAFFÍA, 2001, 2005, 2006, 2007; RIETTI; MAFFÍA, 2005).

4. Filosofia das ciências particulares

4.1. Filosofia da física

Embora Mario Bunge e Roberto Torretti tenham sido figuras centrais na filosofia da física na América Latina, a emigração precoce os impediu de iniciar linhas de pesquisa em torno de suas obras. Como consequência, o desenvolvimento da filosofia da física na região é relativamente recente.

A mecânica quântica é um dos focos do grupo de pesquisa liderado por Olimpia Lombardi, que desenvolveu seu trabalho em duas direções: a interpretação da teoria e a análise do significado da decoerência. Em relação ao primeiro tópico, Lombardi e Mario Castagnino propuseram a interpretação modal-hamiltoniana da mecânica quântica: uma interpretação realista e não colapsada que confere ao Hamiltoniano um papel determinante. Tal interpretação provou ser eficaz para explicar medidas ideais e não ideais e várias outras situações físicas bem conhecidas como o átomo de hidrogênio, o efeito Zeeman, a estrutura fina, etc. (LOMBARDI; CASTAGNINO, 2008).

A interpretação foi reformulada em uma forma invariante galileana (ARDENGHI; CASTAGNINO; LOMBARDI, 2009; LOMBARDI; CASTAGNINO; ARDENGHI, 2010), e então aplicada a outras situações, como o relato de não-colapso de medições consecutivas em física (ARDENGHI; LOMBARDI; NARVAJA, 2013), a compreensão da decoerência quântica (LOMBARDI; ARDENGHI; FORTIN;

CASTAGNINO, 2011), a visão da medição quântica em termos informacionais (LOMBARDI; FORTIN; LÓPEZ, 2015), e o problema da isomeria óptica em química (FORTIN; LOMBARDI; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, 2016, 2018). Além disso, a interpretação modal-hamiltoniana propõe uma ontologia de pacote de propriedades que considera adequadamente a contextualidade e indistinguibilidade (DA COSTA; LOMBARDI; LASTIRI, 2013; DA COSTA; LOMBARDI, 2014), mas sem evitar a emergência de partículas sob certas circunstâncias particulares (LOMBARDI; DIEKS, 2016).

Ao enfatizar a distinção entre colapso e decoerência, Osvaldo Pessoa (1997) criticou o pressuposto de que a decoerência soluciona o problema da medição. Seguindo a visão de Pessoa, Castagnino, Sebastian Fortin, e Lombardi (2010) aprofundaram as críticas à abordagem ortodoxa da decoerência (*vide* também LOMBARDI; FORTIN; CASTAGNINO, 2012; FORTIN; LOMBARDI, 2014, 2017), propuseram um novo método para sistemas fechados (CASTAGNINO; LOMBARDI, 2004; FORTIN; LOMBARDI, 2018), e desenvolveram uma estrutura conceitual geral para decoerência em sistemas abertos e fechados (CASTAGNINO; LAURA; LOMBARDI, 2007). Boa base nesta nova perspectiva, o grupo de pesquisa ofereceu uma visão particular do limite clássico da mecânica quântica (CASTAGNINO; LOMBARDI, 2005; FORTIN; LOMBARDI, 2016) e a aplicou ao problema da definição da hierarquia ergódica quântica (CASTAGNINO; LOMBARDI, 2007; GÓMEZ; CASTAGNINO, 2014).

Na sutil fronteira entre lógica e física, Décio Krause desenvolveu um impressionante trabalho relacionado aos desafios quânticos às noções de identidade e individualidade. Já na sua tese de doutorado, sob a orientação de Newton da Costa, Krause forneceu uma semântica à chamada "lógica de Schrödinger" (DA COSTA; KRAUSE, 1994, 1997) projetada para explicar as partículas quânticas elementares. Esse trabalho o levou a formular sua teoria de quase-conjuntos (KRAUSE, 1991, 1992, 1996a, 1996b), segundo a qual existem elementos originais (*urelements*) para os quais a identidade não faz sentido. A teoria de quase-conjunto semi-extensional de Krause foi comparada com a teoria de quase-conjunto intensional desenvolvida por Maria Luisa dalla Chiara e Giuliano Toraldo di Francia (DALLA CHIARA; GIUNTINI; KRAUSE, 1998), e aplicada a problemas particulares nos fundamentos da mecânica quântica (SANT'ANNA; KRAUSE, 1997; KRAUSE; SANT'ANNA; VOLKOV, 1999; KRAUSE, 2000; DOMENECH; HOLIK; KRAUSE, 2008).

Krause também desenvolveu uma intensa colaboração com Steven French para a elaboração de um conceito de individualidade para a ontologia quântica (KRAUSE; FRENCH, 1995, 2007; FRENCH; KRAUSE, 1995, 1999, 2003); juntos,

eles também avançaram em algumas ideias sobre individualidade na teoria quântica de campos (FRENCH; KRAUSE, 2010). Essa colaboração deu origem a um livro muito relevante sobre o assunto (FRENCH; KRAUSE, 2006), que discute o problema da individualidade na Filosofia e na física quântica e clássica, assim como articula a teoria de quase-conjuntos como uma teoria para não-indivíduos.

Mais recentemente, Krause produziu um trabalho colaborativo relevante com Jonas Arenhart, seu ex-aluno de doutorado, sobre a não individualidade quântica (KRAUSE; ARENHART, 2012, 2016a) e sua compatibilidade com o realismo de Einstein (KRAUSE; ARENHART, 2014). Eles também examinaram a visão das partículas quânticas como indivíduos em um sentido primitivo (ARENHART; KRAUSE, 2014a, 2014b). Essa colaboração rendeu um livro recente sobre os fundamentos lógicos das teorias científicas (KRAUSE; ARENHART, 2016b). Nos últimos anos, Krause também trabalhou com da Costa na aplicação de lógicas paraconsistentes à física (DA COSTA; KRAUSE, 2014, 2016).

Ainda no campo da interpretação da mecânica quântica, Elías Okon e Daniel Sudarsky (2014a, 2014b) criticaram a abordagem histórias consistentes de Robert Griffiths, argumentando que ela é interpretativamente vaga e não soluciona o problema de medição. Esses trabalhos foram refutados por Griffiths (2015), e a refutação foi imediatamente respondida por Okon e Sudarsky (2015a) ao afirmarem que a interpretação histórias consistentes introduz termos antropomórficos não contidos no formalismo. Por sua vez, com base na crítica de Okon e Sudarsky, Marcelo Losada e Lombardi (2018) defendem um "formalismo de histórias contextuais", que fica livre das lacunas da proposta de Griffiths.

Dada a necessidade de uma interpretação independente de observador da mecânica quântica para a cosmologia, Okon e Sudarsky (2014c) defenderam uma teoria do colapso objetivo para aplicação à cosmologia e à gravidade quântica e, com base nisso, propuseram uma adaptação dos modelos de colapso objetivo para um contexto relativístico geral. Os autores também examinaram o paradoxo da perda de informação em buracos negros como uma situação que pode ser explicada pelas interpretações do colapso (OKON; SUDARSKY, 2015b, 2017, 2018b).

Outros aspectos e interpretações da mecânica quântica também foram abordados. Por exemplo, Sergio Martínez explorou o conteúdo físico da Regra de Luders (1990, 1991), Pessoa (2005) propôs um tratamento lógico modal da mecânica quântica, e Pablo Acuña (2016b) apontou as dificuldades em definir a noção de trajetória inercial na mecânica Bohmiana, considerada uma teoria diferente e não uma interpretação diferente de mecânica quântica (ACUÑA seguinte). Rodolfo

Gambini, Luis Pedro García-Pintos, e Jorge Pullin (2010, 2011), por sua vez, conceberam uma interpretação que oferece uma solução ao problema da medição quântica baseada na perda de coerência devido ao uso de relógios realistas.

Questões não diretamente relacionadas a mecânica quântica também foram estudadas por filósofos da física latino-americanos. Acuña (2016a), por exemplo, avaliou de forma crítica o debate sobre a direção da explicação entre o espaço-tempo de Minkowski e a invariância das leis dinâmicas de Lorentz. Diego Romero-Maltrana (2015) analisou a relação entre simetrias e quantidades conservadas sustentada pelos teoremas de Noether a fim de argumentar pela prioridade das quantidades conservadas sobre simetrias.

O problema da flecha do tempo foi abordado por Castagnino, Lombardi e colaboradores com o aperfeiçoamento da heresia de John Earman (1974), segundo a qual a flecha do tempo é uma propriedade geométrica do universo (CASTAGNINO; LOMBARDI; LARA, 2003). Essa flecha global é transferida para o domínio local como um fluxo de energia que aponta para a mesma direção do tempo em todo o espaço-tempo (CASTAGNINO; LOMBARDI, 2009), que, por sua vez, fornece as bases para teorias irreversíveis locais (AIELLO; CASTAGNINO; LOMBARDI, 2008). Castagnino e Lombardi também colaboraram com Manuel Gadella, um dos autores da mecânica quântica assimétrica no tempo, a fim de analisar a irreversibilidade e a flecha do tempo no domínio quântico (CASTAGNINO; GADELLA; LOMBARDI, 2006), trabalho recentemente prosseguido por Cristian López (2019).

4.2. Filosofia da química

Embora a Filosofia da química seja uma subespecialidade relativamente jovem da Filosofia da ciência, ela tem atraído o interesse de diversos pesquisadores na América Latina.

O grupo liderado por Olimpia Lombardi trabalhou com o tema desde 2005, quando foi publicado um artigo em defesa da autonomia ontológica da química (LOMBARDI; LABARCA, 2005). O artigo gerou um debate acalorado que começou com uma crítica de Paul Needham (2006) que foi imediatamente respondida por Lombardi e Labarca (2006), e seguida por muitos outros autores. Nesse ínterim, Labarca e Lombardi (2010) também defenderam a existência de orbitais na ontologia da química com base no pluralismo ontológico. Devido ao impacto de sua visão, Lombardi (2014a) revisou e organizou as diferentes críticas e ofereceu uma resposta

sistemática a elas; Com Mariana Córdoba, destacou as raízes kantianas de seu pluralismo ontológico (CÓRDOBA; LOMBARDI, 2013).

Dada sua perspectiva antireducionista, Lombardi (2013, 2014b) também criticou o livro de Hinne Hettema (2012) *Reducing Chemistry to Physics*, destacando as inúmeras dificuldades a serem enfrentadas por aqueles que insistem na redução da química à física; os artigos receberam respostas imediatas de Hettema (2014).

Os problemas envolvendo as relações entre química e física foram abordados pelo grupo de Lombardi a partir de várias perspectivas. Em particular, eles trouxeram à luz diversas questões interpretativas da mecânica quântica que não são acomodadas quando a teoria é usada na química (LOMBARDI; CASTAGNINO, 2010; MARTÍNEZ GONZÁLEZ; FORTIN; LOMBARDI, 2019) e argumentaram que a decoerência quântica não soluciona o problema da isomeria (FORTIN; LOMBARDI; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, 2016). Eles também começaram a examinar a relação entre química e mecânica quântica a partir de uma perspectiva teórica, como a Teoria Quântica de Átomos em Moléculas (Jaimes ARRIAGA; FORTIN; LOMBARDI, 2019) e mecânica Bohmiana (FORTIN; LOMBARDI; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, 2017); este último artigo foi criticamente avaliado por Giovanni Villani, Elena Ghibaudi, e Luigi Cerruti (2018).

Como continuação de seu trabalho anterior em espanhol, Lombardi (2012) ofereceu uma análise crítica das propostas de Ilya Prigogine. Por sua vez, juntamente com Lucía Lewowicz ela analisou a categoria ontológica das coisas, como exigido pela macroquímica (LEWOWICZ; LOMBARDI, 2013). O problema das categorias subjacentes ao discurso da química foi também abordado no contexto do grupo composto por Córdoba e Alfio Zambon (2017) para o caso particular dos nanomateriais. Faz-se necessária uma menção particular à representação completamente nova de Zambon (2018) do sistema periódico baseado em tríades de números atômicos.

Guillermo Restrepo concentrou seu interesse em como as ferramentas formais podem ser aplicadas à química. Com José Luis Villaveces ele notou a semelhança entre os programas de Leibniz e Lavoisier em relação a uma *lingua philosophica* para a compreensão da natureza (RESTREPO; VILLAVECES, 2011) e revisou as origens do pensamento matemático na química (RESTREPO; VILLAVECES, 2012). Restrepo também analisou os aspectos matemáticos da lei periódica (RESTREPO; PACHÓN, 2007) e considerou os diferentes aspectos fundamentais do campo denominado "química matemática" (2013; RESTREPO; VILLAVECES, 2013). Restrepo tem trabalhado na Alemanha desde 2014 onde ainda produz interessantes contribuições para a Filosofia da química.

O desenvolvimento dos aspectos tecnológicos da química tem despertado o interesse de José Antonio Chamizo (2013, 2017, 2019), com aplicações no ensino de química.

4.3. Filosofia da biologia

A Filosofia da biologia na região tem sido desenvolvida em várias direções, desde os tópicos mais tradicionais da área às questões mais inovadoras.

O tema tradicional da seleção natural é tratado em vista do seu poder explicativo por Pablo Lorenzano em colaboração com o filósofo espanhol José Díez (DÍEZ; LORENZANO, 2013, 2015). Santiago Ginnobili (2016) oferece uma reconstrução estruturalista metateórica da teoria de Darwin com o propósito de elucidar o conceito de aptidão ecológica, e Mario Casanueva (2011) propõe uma reconstrução estruturalista do mecanismo de seleção natural por meio de recursos gráficos. Gustavo Caponi (2013), por sua vez, estuda os conceitos de função, aptidão e adaptação na teoria da seleção natural.

Intimamente relacionado a seleção natural, o tema da evolução é abordado de perspectivas bastante diferentes. Por exemplo, Guillemo Folguera destaca a dependência da macroevolução em relação à microevolução mesmo nas críticas à síntese desde os anos setenta (FOLGUERA; LOMBARDI, 2012), enquanto Maurizio Esposito (2011) oferece exemplos de como o Darwinismo foi empregado e adaptado a diferentes contextos. No entanto, o trabalho mais amplo sobre esse tema tem sido desenvolvido por Edna Suárez-Díaz, cujo foco específico é a evolução molecular. Neste campo, ela estudou o papel desempenhado pelo conceito de molécula informacional e pela ideia de evolução molecular das moléculas informacionais na diferenciação de moléculas dos evolucionistas clássicos e na constituição do genoma (SUÁREZ-DÍAZ, 2009, 2010). Apesar de destacar a importância da abordagem experimental molecular na biologia evolutiva (SUÁREZ-DÍAZ; BARAHONA, 1996), Suárez-Díaz reconhece as dificuldades conceituais e metodológicas existentes no uso da evidência molecular para elaborar filogenias moleculares (SUÁREZ-DÍAZ; ANAYA-MUÑOZ, 2008; SUÁREZ-DÍAZ, 2014a) e enfatiza a natureza generativa da experimentação (SUÁREZ-DÍAZ, 2013).

A hereditariedade, sempre ligada ao conhecimento biológico, tem sido o tema de interesse de Carlos López-Beltrán, que mostra a transformação do conceito, de um papel metafórico à aquisição de um papel narrativo (1994), sendo posteriormente concebido em termos estatísticos (2006). Ao relacionar hereditariedade com genética,

Esposito (2017) enfatiza as relações de longa data entre a visão reducionista do gene enquanto unidade hereditária, a ideia de informação codificada no DNA e as profecias sobre o poder no controle sobre informações genéticas.

De uma perspectiva estruturalista, Lorenzano oferece uma reconstrução metateórica da genética clássica (BALZER; LORENZANO, 2000), com especial atenção à lei de Hardy-Weinberg dentro da genética populacional (2014). Mario Casanueva (1997) explora a relação entre a teoria sexual da reprodução, genética mendeliana e a teoria da hibridização de Mendel. Por sua vez, Juan Manuel Torres (1997, 2002, 2006) concentra-se no uso de testes genéticos na prática médica, e Anna Barahona (2007) investiga como diferentes questões hereditárias podem ser representadas por mapas genéticos.

Fabrizio (agora Siobhan) Guerrero Mc Manus examina problemas metodológicos: a seleção racional de um algoritmo para inferência filogenética (2009) e as limitações das explicações mecanicistas ao lidar com mecanismos de desenvolvimento (2012). Ademais, a questão da causalidade é tratada por Maximiliano Martínez nos termos do conceito de causalidade multinível (MARTÍNEZ; MOYA, 2011; MARTÍNEZ; ESPOSITO, 2014). As ideias de multiplicidade de níveis e de causalidade descendente aparecem repetidamente nos trabalhos de Charbel El-Hani (EL-HANI; PEREIRA, 1999; EL-HANI; EMMECHE, 2000; QUEIROZ; EL-HANI, 2006) com o propósito de advogar por uma propriedade e emergência de processo na biologia.

Em colaboração com El-Hani, João Queiroz desenvolveu um extenso trabalho sobre a abordagem biossemiótica da biologia (EL-HANI; QUEIROZ; STJERNFELT, 2010; QUEIROZ; EMMECHE; KULL; EL-HANI, 2011; QUEIROZ, 2012; QUEIROZ; STJERNFELT; EL-HANI, 2014) e sua relação com a informação genética (EL-HANI; QUEIROZ; EMMECHE, 2006). De um ponto de vista completamente diferente, Suárez-Díaz (2007) discute o que considera a metáfora da informação na biologia molecular.

Outros tópicos não clássicos, mas atualmente muito relevantes nas ciências da vida, são também abordados na região, tais como questões ambientais (KLIER *et al.*, 2017), ecologia (NUNES-NETO; MORENO; EL-HANI, 2014) e evo-devo (BAEDKE; MC MANUS, 2018).

Finalmente, é importante mencionar uma tendência recente que, na confluência entre Filosofia, antropologia e biologia, integra questões políticas à pesquisa biológica (WADE *et al.*, 2015; GARCÍA-DEISTER; LÓPEZ-BELTRÁN, 2015; DELGADO, 2018), estuda variações genômicas na América Latina (SUÁREZ-DÍAZ, 2014b; ANAYA-MUÑOZ; GARCÍA-DEISTER; SUÁREZ-DÍAZ, 2017), examina

a relação entre pesquisa genética, nacionalismo e a construção de identidades sociais coletivas (KENT *et al.*, 2015) e explora as relações entre homossexualidade, homofobia e ciências biomédicas na região (MC MANUS, 2014).

4.4. Filosofia das ciências formais

Às vezes bem próxima da lógica em si, a Filosofia da lógica tem importante presença na Filosofia da ciência latino-americana sob múltiplas perspectivas.

O tratamento lógico da contradição despertou grande interesse, especialmente nos grupos de Campinas e Buenos Aires, apesar das diferentes motivações. Em Campinas, onde um dos interesses intrínsecos era a possibilidade de modelar informações contraditórias na prática científica, Newton da Costa centrou-se no conceito matemático de "verdade pragmática" (MIKENBERG; DA COSTA; CHUAQUI, 1986) com o objetivo de mostrar que a lógica da verdade pragmática é paraconsistente (DA COSTA; BUENO; FRENCH, 1998). Por sua vez, Walter Carnielli e Marcelo Coniglio desenvolveram uma abordagem em que a distinção entre lógica e Filosofia não é direta. Do lado filosófico, e seguindo o caminho aberto por da Costa, eles se concentraram na chamada "lógica da inconsistência formal", uma família de lógicas paraconsistentes que podem expressar a noção de consistência dentro da linguagem do objeto (CARNIELLI; CONIGLIO; MARCOS, 2007). Carnielli também desenvolveu abordagens dialógicas e epistêmicas para a paraconsistência (RAHMAN; CARNIELLI, 2000; CARNIELLI; RODRIGUES, 2019).

No grupo liderado por Eduardo Barrio em Buenos Aires, trabalhos sobre inconsistência foram motivados por razões semânticas, em particular, o tratamento de paradoxos (BARRIO, 2010; PICOLLO, 2012; BARRIO; PICOLLO, 2013). Eles estudaram a não-transitividade como uma solução de paradoxos (BARRIO; ROSENBLATT; TAJER, 2015; BARRIO; PAILOS; SZMUC, 2018) e levaram em conta abordagens não-tradicionais dos paradoxos (DA RÉ; ROSENBLATT, 2018). Alguns membros do grupo também estavam interessados na recaptura clássica nos contextos da lógica paraconsistente (TEIJEIRO seguinte) e das lógicas da inconsistência formal (TAJER, no prelo). Recentemente, Barrio e colaboradores começaram a se concentrar especificamente na paraconsistência em seus diferentes aspectos (BARRIO; PAILOS; SZMUC, 2017, seguinte a; BARRIO; DA RÉ, 2018b; BARRIO; CLERBOUT; RAHMAN, no prelo).

O forte contato entre os grupos de Campinas e Buenos Aires resultou na publicação de duas edições especiais do *Logic Journal of the IGPL* (BARRIO; CARNIELLI, no prelo) dedicadas às lógicas da inconsistência formal. O interesse por paradoxos e inconsistências também apareceu em outros autores da região, como Andrés Bobenrieth (1998).

Tópicos relacionados à não-extensionalidade, em particular lógica modal e semântica Kripkeana, também foram tratados por alguns filósofos da lógica na América Latina (*vide* MORTARI, 2007; MARCOS, 2009; ESTRADA GONZÁLEZ, 2012; ROSENBLATT; SZMUC, 2014). Em particular, Max Freund (2001, 2004, 2007, 2015) dedicou-se à lógica modal com quantificadores sortais e escreveu um livro colaborativo sobre lógica modal (COCCHIARELLA; FREUND, 2008).

A questão da coexistência de diferentes lógicas foi analisada adicionalmente pelos grupos em Buenos Aires e Campinas. Enquanto Barrio e colaboradores discutiam o pluralismo lógico (BARRIO; PAILOS; SZMUC, no prelo), Carnielli e Coniglio concentravam-se nos problemas de traduções entre lógicas (CARNIELLI; CONIGLIO; D'OTTAVIANO, 2009) e combinações de lógicas (CARNIELLI; CONIGLIO, 2007).

Problemas mais tradicionais relacionados a verdade também foram tratados pelos filósofos da lógica da região (por exemplo, BARRIO; RODRÍGUEZ-PEREYRA, 2015; BARRIO; DA RÉ, 2018a). Mario Gómez-Torrente (1998, 2000, 2002, 2008, 2006 [2019]), por exemplo, desenvolveu um trabalho de longa data sobre a noção de verdade lógica, preservação da verdade e sobre as relações entre verdade lógica, derivabilidade e validade teórica do modelo.

Embora na fronteira entre lógica e epistemologia, a lógica de revisão de crenças e os trabalhos de Carlos Alchourrón (ALCHOURRÓN; MAKINSON, 1981, 1982; ALCHOURRÓN, 1996) não podem ser esquecidos: o modelo AGM (ALCHOURRÓN; GÄRDENFORS; MAKINSON, 1985) ainda é a teoria dominante de revisão de crenças (*vide* o verbete **lógica de revisão de crenças**, na SEP). Andrés Páez (2006) usa a teoria de revisão de crenças para fornecer um conceito de explicação incorporado a condições pragmáticas. Intimamente relacionado a esse tópico, o "raciocínio revogável" foi extensivamente estudado por Gustavo Bodanza e Fernando Tohmé (2005, 2009; BODANZA; TOHMÉ; SIMARI, 2016; BODANZA; TOHMÉ; AUDAY, 2017; ver também BODANZA, 2002; BODANZA; ALESSIO, 2017). Tohmé também forneceu uma representação teórico-categórica de abdução (TOHMÉ; CATERINA; GANGLE, 2015) e analisou a abdução em sua aplicação à economia (CRESPO; TOHMÉ; HEYMANN, 2010; TOHMÉ; CRESPO, 2013).

O raciocínio abdutivo também foi o principal interesse de Atocha Aliseda (2003; SOLER-TOSCANO; NEPOMUCENO-FERNÁNDEZ; ALISEDA-LLERA, 2009), que aplicou a abdução ao diagnóstico médico (ALISEDA; LEONIDES, 2013) e propôs uma lógica condicional para formalizar a abdução (BEIRLAEN; ALISEDA, 2014). Ela também publicou um livro integralmente dedicado a abdução (ALISEDA, 2006) que não apenas discute questões conceituais e formais, mas também presta especial atenção às aplicações epistêmicas do raciocínio abdutivo.

4.5. Filosofia das ciências cognitivas

A Filosofia das ciências cognitivas é um campo bastante complexo especialmente pela dificuldade em distingui-la de outras áreas como Filosofia da mente, epistemologia, linguística, Filosofia da ação e lógica.

O tema tradicional da consciência tem sido tratado em sua relação com as funções cerebrais a partir de uma perspectiva naturalizada por José Luis Díaz (1995, 2000) e mais recentemente por Miguel Angel Sebastián (2014) com base na neurofisiologia dos sonhos; Beatriz Sorrentino Marques e Osvaldo Pessoa (2017), por sua vez, analisam o papel da consciência nas teorias da causalidade do agente. A percepção, outro tema tradicional, é abordada por Juan Carlos González, que analisa o processo de recalibragem perceptual (GONZÁLEZ; BACH-Y-RITA; HAASE, 2005) e o caso das alucinações (GONZÁLEZ; BACH-Y-RITA; HAASE, 2005), e por Laura Danón e Daniel Kalpokas (2017), que oferecem uma explicação da percepção direta dos estados mentais de outros. Já Juan Pablo Bermúdez foca-se nas ações mentais, fornecendo uma descrição da ação hábil que rejeita tanto o intelectualismo quanto o anti-intelectualismo, argumentando que o recordar não é meramente passivo – deve ser visto como uma ação mental (ARANGO-MUÑOZ; BERMÚDEZ, 2018). Juntamente com Bermúdez, Alejandro Rosas destaca as raízes cognitivas e não-cognitivas da intencionalidade compartilhada (ROSAS; BERMÚDEZ, 2018) e a influência das disposições cognitivas na atribuição da fraqueza da vontade (ROSAS; BERMÚDEZ; GUTIÉRREZ, 2018).

Adicionalmente à sua colaboração com Bermúdez, Rosas desenvolveu um extenso trabalho sobre a evolução da cognição moral e as raízes cognitivas da cooperação (2002, 2008a). Em específico, ele defende que o altruísmo é selecionado tanto no nível do indivíduo quanto no do grupo (2008b) e propõe uma teoria unificada da cooperação humana baseada na reciprocidade (2010, 2012). Recentemente,

com colegas vindos da Filosofia e da ciência, Rosas tem contribuído nas pesquisas sobre julgamento moral com dilemas morais (ROSAS; KOENIGS, 2014; ROSAS; VICIANA; CAVIEDES; ARCINIEGAS, 2019).

Uma abordagem que recebeu grande atenção na região é a de cognição incorporada e, em particular, o enativismo (*vide* GONZÁLEZ, 2013; HUTTO; SATNE, 2017; MARTÍNEZ; ESPAÑOL; PÉREZ, 2018). Como exemplo, Ignacio Avila analisa a consciência corporal e seu papel na auto-localização perceptual (2014, 2017) e considera certos relatos enativos da percepção (2015). Adrian Cussins (2012) discute o papel que a representação do corpo desempenha na cognição. Por sua vez, Maria Eunice Quilici González questiona se a cognição incorporada pode ser aplicada a sistemas artificiais como robôs (HASELAGER; GONZÁLEZ, 2007a).

Axel Barceló Aspeitia e Angeles Eraña focaram seu trabalho principalmente na modularidade da mente para adaptar a ideia de especificidade de domínio (BARCELÓ; ERAÑA; STANTON, 2010) e para comparar a hipótese da modularidade massiva com outras visões acerca da estrutura da mente (ERAÑA, 2012). Nesse contexto, Claudia Lorena García (2007) argumenta que a hipótese da modularidade da mente precisa ser entendida em termos dos conceitos biológicos evolutivos de independência variacional (2007) e de homologia funcional e variação funcional (2010).

Metacognição é o tema que atraiu o interesse de Santiago Arango-Muñoz, que diferencia o nível de racionalização do nível de controle na metacognição (2011) e apela aos conceitos de metamemória e sentimentos metacognitivos para abordar as interações entre a mente e o mundo (2013). Ademais, ele explora a natureza dos assim chamados "sentimentos epistêmicos" de uma perspectiva metacognitiva (2014, 2019).

Funções cognitivas são tratadas de uma perspectiva informacional por M.E.Q. González, que analisa os modelos mecânicos de inteligência (2005) e de raciocínio (GONZÁLEZ; BROENS; D'OTTAVIANO, 2007; HASELAGER; GONZÁLEZ, 2007b). Partindo da mesma abordagem informacional, Sebastián e Artiga (seguinte) exploram a metarepresentação. Outras perspectivas formais são adotadas para verificar a assim chamada análise cognitiva da tarefa (LAUREANO-CRUCES; BARCELÓ-ASPEITIA, 2002) e para analisar a resolução de problemas de probabilidade condicional pelo agente (MORO; BODANZA; FREIDIN, 2011).

De um ponto de vista completamente diferente, diversos autores da região preferem compreender os fenômenos cognitivos em uma estrutura analítica, especificamente em relação à linguagem (por exemplo, SKIDELSKY, 2013; GARCÍA-RAMÍREZ, 2011; GARCÍA-RAMÍREZ; SHATZ, 2011) em afinidade com pesquisas sobre Filosofia da mente.

4.6. Filosofia das ciências sociais

Certos problemas metodológicos das ciências sociais têm sido abordados por Diego Ríos (2004), que analisou explicações com modelos mecanicistas e evolutivos (KUCHLE; RÍOS, 2015) e estudou a relação entre individualismo metodológico e holismo metodológico (RÍOS, 2005, 2009; RÍOS POZZI, 2007). Em particular, a autonomia e a irredutibilidade da economia têm sido debatidas (SCARANO, 2012; GÓMEZ, 2012). No entanto, quase toda a Filosofia das ciências sociais na América Latina tem sido direcionada a questões teóricas em ciências específicas ou a problemas particulares da região.

Um campo a atrair grande interesse é a Filosofia da história. Elías Palti relembra a evolução e a crise da área (2018) e distingue a chamada "história político-intelectual" da velha "história das ideias políticas" (2010, 2014). Veronica Tozzi (2012a, 2016, 2018), por sua vez, propõe uma abordagem pragmatista original à Filosofia da história, que apela à noção de Dewey de "sentido prático" em relação ao conhecimento do passado. Tozzi também se concentra no problema dos papéis que a memória e o testemunho desempenham na representação do passado recente (2009, 2012b). Em sintonia com esses conceitos, Esteban Lythgoe (2011, 2014) analisa como Paul Ricoeur articula história, memória e testemunho.

Outros tópicos relacionados à Filosofia da história também têm sido considerados: a historicidade do conceito de sujeito (PALTÍ, 2004), as ideias de progresso (RATTO, 2018) e de futuro (BELVEDRESI, 2018). María Inés Mudrovic, em especial, destaca os diferentes tipos de consciência da temporalidade (2014) e analisa a autocompreensão política do presente em termos do passado nas sociedades ocidentais contemporâneas (2013). O impacto do fenômeno da globalização nos paradigmas historiográficos (BRAUER, 2018) e na deformação de conceitos éticos e políticos (ROLDÁN, 2018) são também examinados. Por sua vez, a ideia de História Global é considerada por Rosa Belvedresi (2012), que a compara ao conceito de história universal, e por Francisco Naishtat (2012) como um marco para o debate marxista sobre colonialismo e modernização.

No cruzamento entre Filosofia da política e Filosofia política, caso haja alguma diferença entre elas, as categorias de igualdade e liberdade (HILB, 1994), autoridade (OYARZÚN, 2012), e poder (OYARZÚN, 2017) têm sido analisadas. Nessa área, Naishtat tem desenvolvido uma ampla pesquisa voltada principalmente

à avaliação crítica de fenômenos em escala global. Ele analisa, por exemplo, a relação entre soberanias frágeis, aparatos de governança globais e intensivos e um mundo-catástrofe carente de horizonte (2010a), argumentando que a dimensão política do global é a justiça global (2011). Por sua vez, Naishtat se posiciona no contexto dos eventos políticos recentes quando considera a possibilidade da paz e dos direitos transcenderem as fronteiras do Estado à luz das guerras dos *Balcãs* nos anos 1990 (2000) e o deslocamento do conteúdo dos termos "terror" e "terrorismo" após o 11 de setembro em direção a um significado funcional para a globalização (2010b).

Temas latino-americanos são recorrentes na Filosofia das ciências sociais da região. Nesse campo, Palti tem sido bastante ativo: estudou a história intelectual latino-americana do século XIX tendo como base a tese da contestabilidade essencial dos conceitos (2005), considerou as limitações da noção de "ideias deslocadas", por meio das quais Roberto Schwarz analisou a dinâmica de ideias na América Latina (2006), assim como examinou criticamente a transformação radical nas formas de conceber o processo que levou ao rompimento dos laços coloniais que ligavam a América Latina à Espanha (2009). Outros autores compartilharam esse interesse pelos problemas regionais, a exemplo de Pablo Oyarzún (2007), que se dedicou às singularidades latino-americanas, Gustavo Leyva (2014), que considerou como o projeto democrático foi reformulado e radicalizado na América Latina ao longo das últimas décadas, assim como Ambrosio Velasco Gómez (2015), que propôs uma tese original sobre as raízes intelectuais da independência mexicana.

Ao se considerar temas latino-americanos, não se pode esquecer da assim denominada Filosofia da Libertação: um movimento filosófico que emergiu ao final dos anos 1960 na Argentina e se espalhou pela América Latina nas décadas seguintes com autores como Enrique Dussel, Leopoldo Zea, Arturo Roig, Francisco Miró Quesada, Arturo Roig e Carlos Cullen, entre vários outros. Aqui, contudo, este tópico não será tratado, pois um verbete completo da *Enciclopédia* está destinado a ele (Eduardo Mendieta, **Filosofia da libertação**)³.

³N.E.: O verbete encontra-se no volume *Textos selecionados de Filosofia Latino-Americana I* (Pelotas: NEPFIL Online, 2021, p. 41-72) organizado por Carla R. R. O. Murad e Lúcio Á. Marques. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2021/08/FALVF.pdf>. Acesso em: 25 out. 2021.

4.7. Filosofia da tecnologia

A Filosofia da tecnologia tem atraído significativo interesse de pesquisadores que trabalham a partir de perspectivas muito diferentes, sejam elas ontológico-epistemológicas ou ético-políticas. De um ponto de vista geral, Ricardo Gómez (2010) oferece um panorama detalhado das ideias filosóficas sobre tecnologia.

Com relação ao *status* ontológico de artefatos e ações técnicas, Diego Lawler analisa criticamente as teorias funcionais e intencionais sobre a natureza das torções do artefato (VEGA; LAWLER, 2014) e propõe uma abordagem praxeológica para as práticas tecnológicas (LAWLER, 2018). Por sua vez, Andrés Vaccari direciona críticas aos pressupostos funcionalistas subjacentes à natureza dual do programa de artefatos técnicos (2013) e à teoria da cognição estendida aplicada a artefatos (2017), argumentando que o transumanismo falhou em seu propósito de fundamentar as transformações da condição humana através da tecnologia (2015). O *status* ontológico dos agentes artificiais e da vida artificial foi abordado por Mari González e Osvaldo Pessoa (2008), que encararam o problema relacionado a se a vida e a autonomia poderiam, em princípio, ser sustentadas por outros componentes além do carbono. O tema foi também analisado por Diego Parente (2018), que considera os desafios que esses casos impõem à tradicional dicotomia entre natural/artificial. Pablo Rodríguez e Javier Blanco (2017), por sua vez, confrontam a teoria da individuação de Gilbert Simondon com ideias vindas da cibernética. De uma perspectiva epistemológica, Myriam Altamirano Bustamante, Adalberto de Hoyos e León Olivé (2011) argumentam que muito do conhecimento tácito envolvendo tecnologia pode ser transmitido como conhecimento explícito através de patentes.

As dimensões ética e sociopolítica da tecnologia são tópicos que receberam grande atenção na região. Jorge Linares Salgado (2018), por exemplo, analisa as consequências éticas e societárias da produção de bio-artefatos derivados da biologia sintética. Carlos Osorio Marulanda (2018) oferece um estudo ainda mais específico, analisando os problemas relacionados à produção de água potável, especialmente em áreas rurais da América Latina, da perspectiva dos estudos em ciência, tecnologia e sociedade (CTS).

Na área dos estudos em CTS, o extenso trabalho de Hebe Vessuri ocupa lugar relevante. Nas fronteiras entre sociologia e Filosofia, Vessuri abordou problemas gerais de um ponto de vista regional. Por exemplo, ela considera como a atual admissão da complexidade ontológica subjacente do mundo influencia a organização sociocognitiva e institucional do conhecimento disciplinar, particularmente em países

em desenvolvimento (2000), e como a ciência e a tecnologia podem responder às necessidades particulares das sociedades latino-americanas (2003). Vessuri também discute a distribuição mundial de cientistas, engenheiros e tecnólogos, bem como o movimento desse pessoal de países periféricos a países centrais (DE LA VEGA; VESSURI, 2008). Os leitores interessados nos estudos em CTS na América Latina podem consultar o artigo "*Latin American science, technology, and society. A historical and reflexive approach*" (KREIMER; VESSURI, 2018), que descreve o desenvolvimento da CTS na região, sua institucionalização e seus espaços de interação.

Por fim, dois livros em língua espanhola de León Olivé devem ser lembrados por seu impacto na comunidade latino-americana de filósofos da ciência: enquanto no primeiro (OLIVÉ, 2000) ciência e tecnologia são abordadas em pé de igualdade, o segundo (OLIVÉ, 2007) trata especificamente das diferentes facetas da tecnologia.

4.8. Outros tópicos

Outros tópicos, não facilmente incluídos nas Filosofias tradicionais de ciências particulares, também têm sido abordados na América Latina.

O que hoje se conhece como Filosofia da informação tem despertado o interesse, sob diferentes perspectivas, de Olimpia Lombardi e seu grupo de pesquisa. O significado do termo "informação" é elucidado de um ponto de vista geral (LOMBARDI, 2004), com atenção especial à informação de Shannon (LOMBARDI, 2005; LOMBARDI; HOLIK; VANNI, 2016a), e em defesa de uma interpretação pluralista do conceito (LOMBARDI; FORTIN; VANNI, 2015). Ao adotar uma perspectiva crítica em relação à visão deflacionária da informação de Christopher Timpson (LOMBARDI; FORTIN; LÓPEZ, 2016), argumenta-se que não há, além da diferença na forma como são codificadas, nenhuma diferença qualitativa entre a informação segundo Shannon e a informação quântica (LOMBARDI; HOLIK; VANNI, 2016b). Desta forma, uma consideração interpretativa de medição quântica é oferecida (LOMBARDI; FORTIN; LÓPEZ, 2015). Com base nesse trabalho crítico, Lombardi e Cristian López (2018) elucidaram o conceito de informação utilizado na Teoria da Informação Integrada da Consciência, de Giulio Tononi, e propuseram uma interpretação da informação comunicacional baseada na manipulação (LÓPEZ; LOMBARDI, 2019).

A Filosofia da ciência como recurso para o ensino de ciências é um tema que vem adquirindo crescente interesse na América Latina nas últimas décadas.

Nessa área, dois autores desenvolveram um intenso trabalho. Agustín Adúriz-Bravo analisou o uso de conhecidos episódios da história da ciência, como a formulação da lei do pêndulo por Galileo (2004) e a descoberta do rádio pelos Curie (ADÚRIZ-BRAVO; IZQUIERDO-AYMERICH, 2009), para o ensino de ciências. Além disso, Adúriz-Bravo aplicou o modelo cognitivo da ciência (IZQUIERDO-AYMERICH; ADÚRIZ-BRAVO, 2003; ADÚRIZ-BRAVO; IZQUIERDO-AYMERICH, 2005) e a visão semântica das teorias científicas (ADÚRIZ-BRAVO, 2011, 2013) tanto à prática de ensino de ciências quanto às pesquisas em educação científica. Ele também apelou à visão da ciência denominada "Natureza da Ciência" para a formação de professores de ciências (ADÚRIZ-BRAVO, 2007, 2014). Tendo em vista essas bases teóricas, Adúriz-Bravo concentra-se na Filosofia da química como um recurso para a didática da química (ERDURAN; ADÚRIZ-BRAVO; MAMLOK NAAMAN, 2007; IZQUIERDO-AYMERICH; ADÚRIZ-BRAVO, 2009; ADÚRIZ-BRAVO; MERINO; IZQUIERDO-AYMERICH, 2012).

O interesse de Charbel El-Hani centra-se principalmente na Filosofia da biologia para a didática da biologia. El-Hani defende uma abordagem do conceito de vida centrada na teoria (2008) e considera as vantagens do diálogo entre o conhecimento etnobiológico dos estudantes e o conhecimento escolar da biologia (BAPTISTA; EL-HANI, 2009). O pesquisador também recorre aos trabalhos de Mendel e Darwin para o ensino de genética e evolução (BIZZO; EL-HANI, 2009; EL-HANI, 2015) e analisa os diferentes conceitos de gene que muitas vezes se sobrepõem no ensino de biologia (DOS SANTOS; JOAQUIM; E EL-HANI, 2012; MEYER; BOMFIM; E EL-HANI, 2013, GERICKE; HAGBERG; DOS SANTOS; JOAQUIM; EL-HANI, 2014). Para além do campo específico da biologia, El-Hani explica as diferentes formas como indivíduos e sociedades representam conceitos (AGUIAR JR; SEVIAN; EL-HANI, 2018), discute como lidar com as relações entre diferentes perspectivas culturais na sala de aula (MOREIRA-DOS-SANTOS; EL-HANI, 2017), e defende a compreensão como um dos principais objetivos do ensino de ciências (FERREIRA; EL-HANI; DA SILVA FILHO, 2016).

5. Considerações finais

Após a revisão do desenvolvimento da Filosofia da ciência na América Latina desde sua emergência em meados do século XX, pode-se afirmar a existência de distintas características em diferentes países. Contudo, nas últimas décadas,

especialmente com a difusão do uso da *internet* e de bibliotecas digitais em meados dos anos 1990, uma crescente intercomunicação e colaboração pode ser verificada, assim como a tendência de formação de uma comunidade acadêmica com importante presença internacional que, ao mesmo tempo, tem certas características próprias. Dentre as características comuns, é importante destacar as seguintes:

- a Em geral, nos países latino-americanos, a Filosofia da ciência começou a ser cultivada em meados do século XX naqueles círculos acadêmicos favoráveis à Filosofia analítica, entendida em sentido amplo. A chamada "análise filosófica", mais que uma escola ou corpo doutrinário, representou na América Latina uma maneira alternativa de fazer Filosofia: nessa corrente, as demandas metodológicas de elucidação conceitual e de rigor argumentativo sustentaram uma reação contra as tradições metafísicas, especulativas ou dogmáticas que predominavam nos anos 1940. Desta forma, a Filosofia analítica privilegiou o enfoque em problemas suscitados nos campos da lógica, da ciência e da linguagem (sem limitar sua análise à linguagem comum). Com base nessa raiz comum, desde a década de 1960 a Filosofia da ciência tem conquistado seu lugar próprio na maioria dos países da região.
- b Embora a preocupação "Americanista" (entendida como a busca por uma Filosofia da região com sua própria identidade) não tenha prevalecido na Filosofia da ciência latino-americana, a constante e crescente troca entre os filósofos da ciência do continente tem tido como resultado a criação de linhas de pesquisa que integram as preocupações com os problemas sociais que afligem os países da região e o papel que a ciência e a tecnologia podem desempenhar na solução desses problemas. Assim, a partir de 1990, um triplo movimento foi gerado: inclinação a questões práticas, abertura a outras tradições filosóficas – diferentes da tradição analítica – e conexão direta entre os principais núcleos latino-americanos onde a Filosofia da ciência é desenvolvida.

- c Na virada do século, um crescimento vigoroso da Filosofia de ciências particulares pode ser observado, especialmente na Filosofia da física e da biologia e, mais recentemente, na Filosofia das ciências cognitivas. A Filosofia da química – um campo que havia sido ignorado por todo o mundo até 1980 – apenas recentemente começou a ser cultivado em países como Argentina e México. Em contraste, na Filosofia das ciências sociais a América Latina apresenta um crescimento desigual em comparação com a Filosofia das ciências naturais. Apesar disso, pode-se dizer que um esforço contínuo tem sido feito para promover áreas como a Filosofia da psicologia, da sociologia e da economia. Ademais, a Filosofia das ciências formais tem avançado significativamente.
- d Com relação à Filosofia da tecnologia, esta área recebeu pouquíssima atenção até o final do século passado. No entanto, a frequente interação com filósofos da tecnologia espanhóis – por meio da participação em encontros especializados e de colaborações em programas de pós-graduação – tem favorecido o cultivo desse eixo de investigação em íntima conexão com a reflexão crítica sobre as relações entre tecnologia e os problemas econômicos, sociais e ambientais que afligem a região.
- e Com respeito à Filosofia geral da ciência, seu desenvolvimento apresenta uma notável diversificação na América Latina. Em um período relativamente curto, que começou no final dos anos 1980, tem havido uma crescente expansão de problemas, abordagens e linhas de pesquisa. Até mesmo a discussão de grandes problemas clássicos, como a racionalidade e o realismo, é realizada a partir de perspectivas alternativas, muitas das quais têm recuperado a abordagem naturalista dos pragmáticos clássicos, que na década de 1960 ganhou um novo

ímpeto sob a assim chamada "virada historicista". Por outro lado, essa forte tendência ao desenvolvimento de uma Filosofia da ciência naturalizada tem sido acompanhada pela defesa de posições marcadamente pluralistas, tanto no campo metodológico quanto no epistemológico e ontológico. Tudo isso aponta para uma concepção de trabalho filosófico que, sem deixar de lado o rigor argumentativo e a elucidação conceitual, lida e se preocupa com os problemas de seu contexto e momento histórico. Na Filosofia da ciência, isso tem se refletido em uma crescente consciência da necessidade de se repensar as relações entre ciência, tecnologia e sociedade, juntamente com suas dimensões ética, política, econômica, ambiental e de gênero.

- f Em conclusão, deve-se observar que, diferentemente do modo como a Filosofia da ciência se desenvolveu na esfera anglo-saxônica, os trabalhos na América Latina se moveram muito mais rápido do estágio meramente "acadêmico", onde as discussões giram em torno do que outros colegas (clássicos ou contemporâneos) propuseram, ao estágio de reflexão crítica sobre os problemas de ambiente social mais amplo em que a atividade científica ocorre. Contudo, deve-se observar também que essa expansão de horizontes não afetou negativamente a pesquisa sobre os problemas centrais da disciplina (lógico, semântico, metodológico, pragmático, epistemológico e ontológico) que continuam sendo o núcleo do currículo dos programas de grau especializado, bem como dos centros de pesquisa onde a Filosofia da ciência é desenvolvida.

Por fim, é importante ressaltar que a área progrediu fortemente, apesar dos inúmeros obstáculos que a pesquisa filosófica enfrenta na região; a situação política instável e a crise econômica cíclica em países latino-americanos influenciam as políticas de pesquisa, o que coloca os estudiosos em posições instáveis e incertas. Ainda assim, apesar das dificuldades, atualmente uma nova geração de jovens

filósofos da ciência nos permite antever que a Filosofia da ciência produzida na América Latina continuará a crescer em quantidade e qualidade, aumentando sua já considerável presença internacional.

Referência bibliográfica

- ABELED, H., 1995, "Lewis's Causation: An Almost Fatal Example", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 27(81): 79-100.
- ABELED, H., 2000, "Lewis, Causation, Barometers: Dubious Fate of an Example", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 32(94): 127-144.
- ACCORINTI, H. L., 2015a, "Qué nos dicen los modelos científicos", in *Fronteras del Determinismo Científico. Filosofía y Ciencias en Diálogo*, Claudia E. Vanney and Olimpia Lombardi (eds.), Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, pp. 57-68.
- ACCORINTI, H. L., 2015b, "Modelos, autonomía y mediación", in *Filosofía e Historia de la Ciencia en el Cono Sur*, José V. Ahumada, A. Nicolás Venturelli, and Silvio Seno Chibeni (eds), Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, pp. 15-24.
- ACCORINTI, H. L., 2019, "Incompatible Models in Chemistry: The Case of Electronegativity", **Foundations of Chemistry**, 21(1): 71-81. doi:10.1007/s10698-018-09328-x
- ACCORINTI, H. L.; FORTIN, S.; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, J. C., 2018, "Modelos atómicos y moleculares: ¿independencia conceptual o relativa?", in *Filosofía e Historia de la Ciencia en el Cono Sur*, Silvio Seno Chibeni et al. (eds.), Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, pp. 293-304.
- ACCORINTI, H. L.; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, J. C. 2016, "Acerca de la independencia de los modelos respecto de las teorías: un caso de la química cuántica", **Theoria: An International Journal for Theory, History and Foundations of Science**, 31(2): 225-245. doi:10.1387/theoria.15235.
- ACUÑA, P., 2014a, "On the Empirical Equivalence between Special Relativity and Lorentz's Ether Theory", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 46: 283-302. doi:10.1016/j.shpsb.2014.01.002

- ACUÑA, P., 2014b, "Artificial Examples of Empirical Equivalence", in **New Directions in the Philosophy of Science**, Maria Carla Galavotti, Dennis Dieks, Wenceslao J. Gonzalez, Stephan Hartmann, Thomas Uebel, and Marcel Weber (eds.), (The Philosophy of Science in a European Perspective 5), Cham: Springer International Publishing, 453-467. doi:10.1007/978-3-319-04382-1_31
- ACUÑA, P., 2016a, "Minkowski Spacetime and Lorentz Invariance: The Cart and the Horse or Two Sides of a Single Coin?", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 55: 1-12. doi:10.1016/j.shpsb.2016.04.002
- ACUÑA, P., 2016b, "Inertial Trajectories in de Broglie-Bohm Quantum Theory: An Unexpected Problem", **International Studies in the Philosophy of Science**, 30(3): 201-230. doi:10.1080/02698595.2017.1316107
- ACUÑA, P., (no prelo), "Charting the Landscape of Interpretation, Theory Rivalry, and Underdetermination in Quantum Mechanics", **Synthese**, first online: 27 March 2019. doi:10.1007/s11229-019-02159-z.
- ACUÑA, P.; DIEKS, D. 2014, "Another Look at Empirical Equivalence and Underdetermination of Theory Choice", **European Journal for Philosophy of Science**, 4(2): 153-180. doi:10.1007/s13194-013-0080-3.
- ADÚRIZ-BRAVO, A., 2004, "Methodology and Politics: A Proposal to Teach the Structuring Ideas of the Philosophy of Science through the Pendulum", **Science & Education**, 13(7-8): 717-731. doi:10.1007/s11191-004-5720-8
- ADÚRIZ-BRAVO, A., 2007, "A Proposal to Teach the Nature of Science (NOS) to Science Teachers: The Structuring Theoretical Fields of NOS", **Review of Science, Mathematics, and ICT Education**, 1(2): 41-56.
- ADÚRIZ-BRAVO, A., 2011, "Fostering Model-Based School Scientific Argumentation Among Prospective Science Teachers", **US-China Education Review**, 8: 718-723.
- ADÚRIZ-BRAVO, A., 2013, "A 'Semantic' View of Scientific Models for Science Education", **Science & Education**, 22(7): 1593-1611. doi:10.1007/s11191-011-9431-7
- ADÚRIZ-BRAVO, A., 2014, "Teaching the Nature of Science with Scientific Narratives", **Interchange**, 45(3-4): 167-184. doi:10.1007/s10780-015-9229-7
- ADÚRIZ-BRAVO, A.; IZQUIERDO-AYMERICH, M., 2005, "Utilising the '3P-Model' to Characterise the Discipline of Didactics of Science", **Science & Education**,

- 14(1): 29-41. doi:10.1007/s11191-004-0068-7.
- ADÚRIZ-BRAVO, A., 2009, "A Research-Informed Instructional Unit to Teach the Nature of Science to Pre-Service Science Teachers", **Science & Education**, 18(9): 1177-1192. doi:10.1007/s11191-009-9189-3
- ADÚRIZ-BRAVO, A.; MERINO, C.; IZQUIERDO-AYMERICH, M. 2012, "An Approach to the Construction of Chemistry Curricula on the Basis of Structuring Theoretical Fields", **Journal of Science Education**, 13: 42-45.
- AGUIAR, O.; HANNAH SEVIAN, H.; EL-HANI, C.N. 2018, "Teaching About Energy: Application of the Conceptual Profile Theory to Overcome the Encapsulation of School Science Knowledge", **Science & Education**, 27(9-10): 863-893. doi:10.1007/s11191-018-0010-z.
- AIELLO, M.; CASTAGNINO, M.; LOMBARDI, O. 2008, "The Arrow of Time: From Universe Time-Asymmetry to Local Irreversible Processes", **Foundations of Physics**, 38(3): 257-292. doi:10.1007/s10701-007-9202-0.
- ALCHOURRÓN, C. E., 1996, "Detachment and Defeasibility in Deontic Logic", **Studia Logica**, 57(1): 5-18. doi:10.1007/BF00370667.
- ALCHOURRÓN, C. E.; GÄRDENFORS, P.; MAKINSON, D. 1985, "On the Logic of Theory Change: Partial Meet Contraction and Revision Functions", **Journal of Symbolic Logic**, 50(2): 510-530. doi:10.2307/2274239
- ALCHOURRÓN, C. E.; MAKINSON, D., 1981, "Hierarchies of Regulations and Their Logic", in **New Studies in Deontic Logic**, Risto Hilpinen (ed.), Dordrecht: Springer Netherlands, 125-148. doi:10.1007/978-94-009-8484-4_5
- ALCHOURRÓN, C. E.; MAKINSON, D., 2008, "On the Logic of Theory Change: Contraction Functions and Their Associated Revision Functions", **Theoria**, 48(1): 14-37. doi:10.1111/j.1755-2567.1982.tb00480.x.
- ALISEDA, A., 2003, "Mathematical Reasoning Vs. Abductive Reasoning: A Structural Approach", **Synthese**, 134(1/2): 25-44. doi:10.1023/A:1022127429205
- ALISEDA, A., 2006, "Abductive Reasoning: Logical Investigations into Discovery and Explanation", **Synthese Library** 330, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. doi:10.1007/1-4020-3907-7
- ALISEDA, A.; LEONIDES, L. 2013, "Hypotheses Testing in Adaptive Logics: An Application to Medical Diagnosis", **Logic Journal of IGPL**, 21(6): 915-930. doi:10.1093/jigpal/jzt005
- ALTAMIRANO-BUSTAMANTE, M.; HOYOS, A de; OLIVÉ, L. 2011, "Theory of Knowledge and Biotech Patents: Worlds Apart?", **Nature Biotechnology**, 29(11): 977-978. doi:10.1038/nbt.2026

- ANASTASIOU, M.; SEIRADAKIS, J.H; CHRISTIÁN CARLOS CARMAN, C. C.; EFSTATHIOU, K. 2014, "The Antikythera Mechanism: The Construction of the Metonic Pointer and the Back Plate Spirals", **Journal for the History of Astronomy**, 45(4): 418-441. doi:10.1177/0021828614537185
- ANAYA-MUÑOZ, V. H.; GARCÍA-DEISTER, V.; SUÁREZ-DÍAZ, E. 2017, "Flattening and Unpacking Human Genetic Variation in Mexico, Postwar to Present", **Science in Context**, 30(1): 89-112. doi:10.1017/S0269889717000047.
- ARANGO-MUÑOZ, S., 2011, "Two Levels of Metacognition", **Philosophia**, 39(1): 71-82. doi:10.1007/s11406-010-9279-0
- ARANGO-MUÑOZ, S., 2013, "Scaffolded Memory and Metacognitive Feelings", **Review of Philosophy and Psychology**, 4(1): 135-152. doi:10.1007/s13164-012-0124-1
- ARANGO-MUÑOZ, S., 2014, "The Nature of Epistemic Feelings", **Philosophical Psychology**, 27(2): 193-211. doi:10.1080/09515089.2012.732002
- ARANGO-MUÑOZ, S., 2019, "Cognitive Phenomenology and Metacognitive Feelings", **Mind & Language**, 34(2): 247-262. doi:10.1111/mila.12215
- ARANGO-MUÑOZ, S.; BERMÚDEZ, J.P. 2018, "Remembering as a Mental Action", in **New Directions in the Philosophy of Memory**, Kourken Michaelian, Dorothea Debus, and Denis Perrin (eds.), New York: Routledge, 75-96.
- ARDENGHI, J. S.; CASTAGNINO, M.; LOMBARDI, O. 2009, "Quantum Mechanics: Modal Interpretation and Galilean Transformations", **Foundations of Physics**, 39(9): 1023-1045. doi:10.1007/s10701-009-9313-x
- ARDENGHI, J. S.; LOMBARDI, O.; NARVAJA, M. 2013, "Modal Interpretations and Consecutive Measurements", in **EPSA11 Perspectives and Foundational Problems in Philosophy of Science**, Vassilios Karakostas and Dennis Dieks (eds.), Cham: Springer International Publishing, 207-217. doi:10.1007/978-3-319-01306-0_17.
- ARENHART, J.; BECKER, R.; KRAUSE, D., 2014a, "From Primitive Identity to the Non-Individuality of Quantum Objects", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 46: 273-282. doi:10.1016/j.shpsb.2014.01.004.
- ARENHART, J.; BECKER, R.; KRAUSE, D., 2014b, "Why Non-Individuality? A Discussion on Individuality, Identity, and Cardinality in the Quantum Context", **Erkenntnis**, 79(1): 1-18. doi:10.1007/s10670-013-9429-4.

- ÁVILA, I., 2014, "Evans on Bodily Awareness and Perceptual Self-Location", **European Journal of Philosophy**, 22(2): 269-287. doi:10.1111/j.1468-0378.2012.00525.x.
- ÁVILA, I., 2015, "Perceiving the Intrinsic Properties of Objects: On Noë's Enactive View", **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 14(1): 55-71. doi:10.1007/s11097-013-9311-5.
- ÁVILA, I., 2017, "Is Bodily Awareness a Form of Perception?", **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 16(3): 337-354. doi:10.1007/s11097-016-9453-3.
- BAEDKE, J.; MC MANUS, S.F. 2018, "From Seconds to Eons: Time Scales, Hierarchies, and Processes in Evo-Devo", **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, 72: 38-48. doi:10.1016/j.shpsc.2018.10.006.
- BALZER, W.; LORENZANO, P. 2000, "The Logical Structure of Classical Genetics", **Journal for General Philosophy of Science**, 31(2): 243-266. doi:10.1023/A:1026544916567.
- BALZER, W.; MOULINES, C. U.; SNEED, J. D. 1987, **An Architectonic for Science: The Structuralist Program**, Dordrecht: D. Reidel.
- BAPTISTA, G. C. S.; EL-HANI, C.N. 2009, "The Contribution of Ethnobiology to the Construction of a Dialogue Between Ways of Knowing: A Case Study in a Brazilian Public High School", **Science & Education**, 18(3-4): 503-520. doi:10.1007/s11191-008-9173-3.
- BARAHONA, A. 2007, "Science and Representation: The Case of Genetic Maps", **History and Philosophy of the Life Sciences**, 29(2): 145-159.
- BARRIO, E. A., 2010, "Theories of Truth without Standard Models and Yablo's Sequences", **Studia Logica**, 96(3): 375-391. doi:10.1007/s11225-010-9289-8
- BARRIO, E. A., CARNIELLI, W. (ed.), no prelo (a), "Volume I: Recovery Operators in Logics of Formal Inconsistency", special issue of **Logic Journal of the IGPL**, first online: 10 January 2019.
- BARRIO, E. A., CARNIELLI, W. (ed.), no prelo (b) "Volume II: New advances in Logics of Formal Inconsistency", special issue of **Logic Journal of the IGPL**, first online: 10 January 2019.
- BARRIO, E. A.; CLERBOUT, N.; RAHMAN, S. forthcoming, "Introducing Consistency in a Dialogical Framework for Paraconsistent Logic", **Logic Journal of the IGPL**, first online: 29 November 2018. doi:10.1093/jigpal/jzy069
- BARRIO, E.; DA RÉ, B., 2018a, "Truth without Standard Models: Some Conceptual Problems Reloaded", **Journal of Applied Non-Classical Logics**, 28(1):

- 122-139. doi:10.1080/11663081.2017.1397326
- BARRIO, E.; DA RÉ, B., 2018b, "Paraconsistency and Its Philosophical Interpretations", **The Australasian Journal of Logic**, 15(2): 151-170. doi:10.26686/ajl.v15i2.4860.
- BARRIO, E.; PICOLLO, L., 2013, "Notes on ω -Inconsistent Theories of Truth in Second-Order Languages", **The Review of Symbolic Logic**, 6(4): 733-741. doi:10.1017/S1755020313000269.
- BARRIO, E. A.; PAILOS, F. M.; SZMUC, D. M., 2017, "A Paraconsistent Route to Semantic Closure", **Logic Journal of the IGPL**, 25(4): 387-407. doi:10.1093/jigpal/jzx009.
- BARRIO, E. A.; PAILOS, F. M.; SZMUC, D. M., 2018, "What Is a Paraconsistent Logic?", in **Contradictions, from Consistency to Inconsistency**, Walter Carnielli and Jacek Malinowski (eds.), (Trends in Logic 47), Cham: Springer International Publishing, 89-108. doi:10.1007/978-3-319-98797-2_5.
- BARRIO, E. A.; PAILOS, F. M.; SZMUC, D. M., no prelo (a), "A Recovery Operator for Nontransitive Approaches", **The Review of Symbolic Logic**, first online: 6 November 2018. doi:10.1017/S1755020318000369.
- BARRIO, E. A.; PAILOS, F. M.; SZMUC, D. M., no prelo (b), "Substructural Logics, Pluralism and Collapse", **Synthese**, first online: 1 October 2018. doi:10.1007/s11229-018-01963-3.
- BARRIO, E.; RODRIGUEZ-PEREYRA, G. 2015, "Truthmaker Maximalism Defended Again", **Analysis**, 75(1): 3-8. doi:10.1093/analys/anu121
- BARRIO, E.; ROSENBLATT, L.; TAJER, D. 2015, "The Logics of Strict-Tolerant Logic", **Journal of Philosophical Logic**, 44(5): 551-571. doi:10.1007/s10992-014-9342-6.
- BARCELÓ A., ARTURO, A.; ERAÑA, A.; STANTON, R. 2010, "The Contribution of Domain Specificity in the Highly Modular Mind", **Minds and Machines**, 20(1): 19-27. doi:10.1007/s11023-010-9183-1.
- BEEBEE, H., 1997, "Counterfactual Dependence and Broken Barometers: A Response to Flichman's Argument", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 29(86): 107-119.
- BEIRLAEN, M.; ALISEDA, A. 2014, "A Conditional Logic for Abduction", **Synthese**, 191(15): 3733-3758. doi:10.1007/s11229-014-0496-0.
- BELVEDRESI, R. E., 2012, "Global History and the Idea of Universal History", in **New Perspectives in Global History**, Daniel Brauer, Iwan D'Aprile, Günther Lottes, and Concha Roldán (eds.), Hannover: Wehrhahn Verlag, 65-71.

- BELVEDRESI, R. E., 2018, "A Philosophical Inquiry into the Future as a Category of Historical Time", in **Philosophy of Globalization**, Concha Roldán, Daniel Brauer, and Johannes Rohbeck (eds.), Berlin: De Gruyter, 449-461. doi:10.1515/9783110492415-033.
- BENÍTEZ, L., 1993, **El Mundo en René Descartes**, Mexico D.F.: UNAM.
- BENÍTEZ, L., 2000, "Los *lunarios* en la perspectiva de la filosofía natural de Carlos de Sigüenza y Góngora", in **Carlos de Sigüenza y Góngora. Homenaje 1700-2000**, Alice Mayer (ed.), México D.F.: UNAM, 125-144.
- BENÍTEZ, L., 2004, **Descartes y el Conocimiento del Mundo Natural**, Mexico D.F.: Porrúa.
- BENÍTEZ, L.; ROBLES, J. A., 2000, **Espacio e Infinito en la Perspectiva de la Modernidad**, México D.F.: Ediciones Cruz.
- BENÍTEZ, L.; ROBLES, J. A., 2006, **De Newton y los Newtonianos: entre Descartes y Berkeley**, Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.
- BERMÚDEZ, J. P., 2017, "Do We Reflect While Performing Skillful Actions? Automaticity, Control, and the Perils of Distraction", **Philosophical Psychology**, 30(7): 896-924. doi:10.1080/09515089.2017.1325457.
- BIZZO, N.; EL-HANI, C. N. 2009, "Darwin and Mendel: Evolution and Genetics", **Journal of Biological Education**, 43(3): 108-114. doi:10.1080/00219266.2009.9656164.
- BODANZA, G. A., 2002, "Disjunctions and Specificity in Suppositional Defeasible Argumentation", **Logic Journal of IGPL**, 10(1): 23-49. doi:10.1093/jigpal/10.1.23
- BODANZA, G. A.; ALESSIO, C. A. 2017, "Rethinking Specificity in Defeasible Reasoning and Its Effect in Argument Reinstatement", **Information and Computation**, 255: 287-310. doi:10.1016/j.ic.2017.01.006.
- BODANZA, G. A.; TOHMÉ, F. A., 2005, "Local Logics, Non-Monotonicity and Defeasible Argumentation", **Journal of Logic, Language and Information**, 14(1): 1-12. doi:10.1007/s10849-005-4510-2.
- BODANZA, G. A.; TOHMÉ, F. A., 2009, "Two Approaches to the Problems of Self-Attacking Arguments and General Odd-Length Cycles of Attack", **Journal of Applied Logic**, 7(4): 403-420. doi:10.1016/j.jal.2007.06.012.
- BODANZA, G.; TOHMÉ, F.; AUDAY, M. 2017, "Collective Argumentation: A Survey of Aggregation Issues around Argumentation Frameworks", **Argument & Computation**, 8(1): 1-34. doi:10.3233/AAC-160014.

- BODANZA, G. A.; TOHMÉ, F. A.; SIMARI, G. R. 2016, "Beyond Admissibility: Accepting Cycles in Argumentation with Game Protocols for Cogency Criteria", **Journal of Logic and Computation**, 26(4): 1235-1255. doi:10.1093/logcom/exu004.
- BOIDO, A. G. 1996, **Noticias del Planeta Tierra. Galileo Galilei y la Revolución Científica**, Buenos Aires: A-Z Editora.
- BOBENRIETH, A. 1998, "Five Philosophical Problems Related to Paraconsistent Logic", **Logique et Analyse**, 41(161-163): 21-30.
- BORGE, B. 2015, "Realismo científico hoy: a 40 años de la formulación del argumento del no-milagro", **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, 37(2): 221-233. doi:10.4025/actascihumansoc.v37i2.26933.
- BORGE, B.; GENTILE, N. (eds.), 2019, **La Ciencia y el Mundo Inobservable. Discusiones Contemporáneas en torno al Realismo Científico**, Buenos Aires: Eudeba.
- BRAUER, D. 2018, "Theory and Practice of Historical Writing in Times of Globalization", in **Philosophy of Globalization**, Concha Roldán, Daniel Brauer, and Johannes Rohbeck (eds.), Berlin: De Gruyter, 397-408. doi:10.1515/9783110492415-029.
- BRAUER, D.; D'APRILE, I. M.; LOTTES, G.; ROLDÁN, C. (eds.), 2012, **New Perspectives in Global History**, Hannover: Wehrhahn Verlag.
- BUNGE, M., 1959a, **Causality; the Place of the Causal Principle in Modern Science**, Cambridge, MA: Harvard University Press.
- BUNGE, M., 1959b, **Metascientific Queries**, Springfield, IL: C. C. Thomas.
- BUNGE, M., 1960, "The Place of Induction in Science", **Philosophy of Science**, 27(3): 262-270. doi:10.1086/287745
- BUNGE, M., 1961a, "Kinds and Criteria of Scientific Laws", **Philosophy of Science**, 28(3): 260-281. doi:10.1086/287809
- BUNGE, M., 1961b, "The Weight of Simplicity in the Construction and Assaying of Scientific Theories", **Philosophy of Science**, 28(2): 120-149. doi:10.1086/287794
- BUNGE, M., 1962a, "The Complexity of Simplicity", **Journal of Philosophy**, 59(5): 113-135. doi:10.2307/2023305
- BUNGE, M., 1962b, **Intuition and Science**, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- BUNGE, M., 1963, **The Myth of Simplicity. Problems of Scientific Philosophy**, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- BUNGE, M., 1967, **Foundations of Physics**, New York: Springer-Verlag.

- BUNGE, M., 1974-1989, **Treatise on Basic Philosophy**, 8 volumes, Dordrecht: Reidel.
- BUNGE, M., 2003, **Emergence and Convergence: Qualitative Novelty and the Unity of Knowledge**, Toronto: University of Toronto Press.
- BUNGE, M., 2006, **Chasing Reality: Strife over Realism**, Toronto: University of Toronto Press.
- BUNGE, M., 2013, **Medical Philosophy: Conceptual Issues in Medicine**, London: World Scientific Publishing Company.
- BUNGE, M., 2014, **Memorias entre Dos Mundos**, Buenos Aires: Gedisa.
- CAPONI, G. 2013, "Teleología naturalizada: los conceptos de función, aptitud y adaptación en la teoría de la selección natural", **Theoria: An International Journal for Theory, History and Foundations of Science**, 28(1): 97-114. doi:10.1387/theoria.3000
- CARMAN, C. C., 2005a, "'Realismo científico' se dice de muchas maneras, al menos de 1111: una elucidación del término 'realismo científico'", **Scientiae Studia**, 3(1): 43-64.
- CARMAN, C. C., 2005b, "La distinción teórica/observacional: ¿favorece o perjudica al realismo científico?", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 37(111): 83-96.
- CARMAN, C. C., 2005c, "El argumento inductivo de Harré: algunas inconsistencias", **Ágora: Papeles de Filosofía**, 24(2): 245-259.
- CARMAN, C. C., 2009, "Rounding Numbers: Ptolemy's Calculation of the Earth-Sun Distance", **Archive for History of Exact Sciences**, 63(2): 205-242. doi:10.1007/s00407-008-0038-6
- CARMAN, C. C., 2010a, "On the Determination of Planetary Distances in the Ptolemaic System", **International Studies in the Philosophy of Science**, 24(3): 257-265. doi:10.1080/02698595.2010.522408
- CARMAN, C. C., 2010b, "Predicciones coincidentes (una reformulación del argumento del no-milagro)", **Ágora: Papeles de Filosofía**, 29(1): 25-51.
- CARMAN, C. C., 2011, "La refutabilidad del sistema de epiciclos y deferentes de Ptolomeo", **Principia: An International Journal of Epistemology**, 14(2): 211-239. doi:10.5007/1808-1711.2010v14n2p211.
- CARMAN, C. C., 2014, "Two Problems in Aristarchus's Treatise *On the Sizes and Distances of the Sun and Moon*", **Archive for History of Exact Sciences**, 68(1): 35-65. doi:10.1007/s00407-013-0123-3.
- CARMAN, C. C., 2015, "The Planetary Increase of Brightness during Retrograde Motion: An Explanandum Constructed Ad Explanantem", **Studies in History**

- and Philosophy of Science Part A**, 54: 90-101. doi:10.1016/j.shpsa.2015.09.007.
- CARMAN, C. C., 2017a, "Martianus Capella's Calculation of the Size of the Moon", **Archive for History of Exact Sciences**, 71(2): 193-210. doi:10.1007/s00407-016-0185-0.
- CARMAN, C. C., 2017b, "Heraclides of Pontus on the Solar Anomaly", **Almagest**, 8(1): 119-125. doi:10.1484/J.ALMAGEST.5.113699.
- CARMAN, C. C., 2017c, "The Final Date of the Antikythera Mechanism", **Journal for the History of Astronomy**, 48(3): 312-323. doi:10.1177/0021828617721553.
- CARMAN, C. C., 2018, "The First Copernican Was Copernicus: The Difference between Pre-Copernican and Copernican Heliocentrism", **Archive for History of Exact Sciences**, 72(1): 1-20. doi:10.1007/s00407-017-0198-3.
- CARMAN, C. C.; DI COCCO, M. 2016, "The Moon Phase Anomaly in the Antikythera Mechanism", **ISAW Papers**, 11.
- CARMAN, C.; DÍEZ, J. 2015, "Did Ptolemy Make Novel Predictions? Launching Ptolemaic Astronomy into the Scientific Realism Debate", **Studies in History and Philosophy of Science Part A**, 52: 20-34. doi:10.1016/j.shpsa.2015.04.002.
- CARMAN, C. C.; EVANS, J., 2014, "On the Epoch of the Antikythera Mechanism and Its Eclipse Predictor", **Archive for History of Exact Sciences**, 68(6): 693-774. doi:10.1007/s00407-014-0145-5.
- CARMAN, C. C.; EVANS, J., 2015, "The Two Earths of Eratosthenes", **Isis**, 106(1): 1-16. doi:10.1086/681034.
- CARMAN, C. C.; THORNDIKE, A.; EVANS, J. 2012, "On the Pin-and-Slot Device of the Antikythera Mechanism, with a New Application to the Superior Planets", **Journal for the History of Astronomy**, 43(1): 93-116. doi:10.1177/002182861204300106.
- CARNIELLI, W.; CONIGLIO, M. E. 2007 [2016], "Combining Logics", in **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, (Winter 2016), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/logic-combining/>.
- CARNIELLI, W. A.; CONIGLIO, M. E.; D'OTTAVIANO, I. M. L. 2009, "New Dimensions on Translations Between Logics", **Logica Universalis**, 3(1): 1-18. doi:10.1007/s11787-009-0002-5
- CARNIELLI, W.; CONIGLIO, M. E.; MARCOS, J. 2007, "Logics of Formal Inconsistency", in **Handbook of Philosophical Logic**, Volume 14, Dov Gabbay and Franz Guenther (eds.), Dordrecht: Springer Netherlands, 1-93. doi:10.1007/978-

1-4020-6324-4_1

- CARNIELLI, W.; RODRIGUES, A. 2019, "An Epistemic Approach to Paraconsistency: A Logic of Evidence and Truth", **Synthese**, 196(9): 3789-3813. doi:10.1007/s11229-017-1621-7
- CASANUEVA, M., 1997, "Genetics and Fertilization: a Good Marriage", in **Representations of Scientific Rationality**, Andoni Ibarra and Thomas Mormann (eds.). Amsterdam: Rodopi, 321-358.
- CASANUEVA, M., 2011, "A Structuralist Reconstruction of the Mechanism of Natural Selection in Set Theory, and Graph Formats", in **Darwin's Evolving Legacy**, Jorge Martínez Contreras and Aura Ponce de León (eds), México: Siglo XXI, 177-192.
- CASANUEVA, M.; BOLAÑOS, B. (eds), 2009, **El Giro Pictórico. Epistemología de la Imagen**, Cuajimalpa: Anthropos-UAM.
- CASANUEVA, M.; GONZÁLEZ-GRANDÓN, X. 2016, "Introduction: Models, Images and Representations", **Scientiae Studia**, 14(1): 9-18. doi:10.11606/S1678-31662016000100002.
- CASSINI, A., 2003, "Confirmación hipotético-deductiva y confirmación bayesiana", **Análisis Filosófico**, 23(1): 41-84.
- CASSINI, A., 2013, "Modelos, idealizaciones: una crítica del ficcionalismo", **Principia: An International Journal of Epistemology**, 17(3): 345. doi:10.5007/1808-1711.2013v17n3p345.
- CASSINI, A., 2018, "Modelos sin target", **Artefactos. Revista de Estudios de la Ciencia y la Tecnología**, 7(2): 185-209.
- CASSINI, A.; LEVINAS, M. L., 2005, "La reinterpretación radical del experimento de Michelson-Morley por la relatividad especial", **Scientiae Studia**, 3(4): 547-581. doi:10.1590/S1678-31662005000400002.
- CASSINI, A.; LEVINAS, M. L., 2008, "La explicación de Einstein del efecto fotoeléctrico: un análisis histórico-epistemológico", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 34(1): 5-38.
- CASSINI, A.; LEVINAS, M. L., 2009, "El éter relativista: un cambio conceptual inconcluso", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 41(123): 3-38.
- CASSINI, A.; LEVINAS, M. L., 2019, "Einstein's Reinterpretation of the Fizeau Experiment: How It Turned out to Be Crucial for Special Relativity", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 65: 55-72. doi:10.1016/j.shpsb.2018.08.004.

- CASSINI, A.; LEVINAS, L.; PRINGE, H. 2013, "Einstein y el efecto Compton", **Scientiae Studia**, 11(1): 185-209. doi:10.1590/S1678-31662013000100009.
- CASSINI, A.; LEVINAS, M. L., 2015, "Einstein y la evidencia experimental a favor de la hipótesis del cuanto de luz", **Scientiae Studia**, 13(1): 73-96. doi:10.1590/S1678-31662015000100004.
- CASTAGNINO, M.; FORTIN, S.; LOMBARDI, O. 2010, "Is the decoherence of a system the result of its interaction with the environment?", **Modern Physics Letters A**, 25(17): 1431-1439. doi: 10.1142/S0217732310032664.
- CASTAGNINO, M.; GADELLA, M.; LOMBARDI, O. 2006, "Time-Reversal, Irreversibility and Arrow of Time in Quantum Mechanics", **Foundations of Physics**, 36(3): 407-426. doi:10.1007/s10701-005-9021-0.
- CASTAGNINO, M.; LAURA, R.; LOMBARDI, O. 2007, "A General Conceptual Framework for Decoherence in Closed and Open Systems", **Philosophy of Science**, 74(5): 968-980. doi:10.1086/525637.
- CASTAGNINO, M.; LOMBARDI, O., 2004, "Self-Induced Decoherence: A New Approach", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 35(1): 73-107. doi:10.1016/j.shpsb.2003.03.001.
- CASTAGNINO, M.; LOMBARDI, O., 2005, "Self-Induced Decoherence and the Classical Limit of Quantum Mechanics", **Philosophy of Science**, 72(5): 764-776. doi:10.1086/508945.
- CASTAGNINO, M.; LOMBARDI, O., 2007, "Non-Integrability and Mixing in Quantum Systems: On the Way to Quantum Chaos", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 38(3): 482-513. doi:10.1016/j.shpsb.2006.07.002.
- CASTAGNINO, M.; LOMBARDI, O., 2009, "The Global Non-Entropic Arrow of Time: From Global Geometrical Asymmetry to Local Energy Flow", **Synthese**, 169(1): 1-25. doi:10.1007/s11229-009-9495-y.
- CASTAGNINO, M.; LOMBARDI, O.; LARA, L. 2003, "The Global Arrow of Time as a Geometrical Property of the Universe", **Foundations of Physics**, 33(6): 877-912. doi:10.1023/A:1025665410999.
- CHAMIZO, J. A., 2013, "Technochemistry: One of the Chemists' Ways of Knowing", **Foundations of Chemistry**, 15(2): 157-170. doi:10.1007/s10698-013-9179-z.
- CHAMIZO, J. A., 2017, "The Fifth Chemical Revolution: 1973-1999", **Foundations of Chemistry**, 19(2): 157-179. doi:10.1007/s10698-017-9280-9.

- CHAMIZO, J. A., 2019, "About Continuity and Rupture in the History of Chemistry: The Fourth Chemical Revolution (1945-1966)", **Foundations of Chemistry**, 21(1): 11-29. doi:10.1007/s10698-018-9308-9.
- COCCHIARELLA, N. B.; FREUND, M. A. 2008, **Modal Logic: An Introduction to Its Syntax and Semantics**, Oxford: Oxford University Press. doi:10.1093/acprof:oso/9780195366587.001.0001.
- COMTE, A., 1851, **Système de Politique Positive, Ou, Traite de Sociologie Instituant La Religion de L'Humanite**, Paris: La Librairie Scientifique e Industrielle de L. Mathias.
- CÓRDOBA, M.; LOMBARDI, O. 2013, "A Kantian Perspective for the Philosophy of Chemistry", in **The Philosophy of Chemistry: Practices, Methodologies, and Concepts**, Jean-Pierre Llored (ed.), Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 478-490.
- CÓRDOBA, M.; ZAMBON, A. 2017, "How to Handle Nanomaterials? The Re-Entry of Individuals into the Philosophy of Chemistry", **Foundations of Chemistry**, 19(3): 185-196. doi:10.1007/s10698-017-9283-6.
- CRESPO, R. F.; TOHMÉ, F.; HEYMANN, D. 2010, "Abducting the Crisis", in **Model-Based Reasoning in Science and Technology**, Lorenzo Magnani, Walter Carnielli, and Claudio Pizzi (eds.), (Studies in Computational Intelligence 314), Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 179-198. doi:10.1007/978-3-642-15223-8_9.
- CUSSINS, A. 2012, "Environmental Representation of the Body", **Review of Philosophy and Psychology**, 3(1): 15-32. doi:10.1007/s13164-012-0086-3.
- DA COSTA, N. C. A.; OTÁVIO BUENO, O.; FRENCH, S. 1998, "The Logic of Pragmatic Truth", **Journal of Philosophical Logic**, 27(6): 603-620. doi:10.1023/A:1004304228785.
- DA COSTA, N. C. A.; FRENCH, S., 1989, "Pragmatic Truth and the Logic of Induction", **The British Journal for the Philosophy of Science**, 40(3): 333-356. doi:10.1093/bjps/40.3.333.
- DA COSTA, N. C. A.; FRENCH, S., 1990, "The Model-Theoretic Approach in the Philosophy of Science", **Philosophy of Science**, 57(2): 248-265. doi:10.1086/289546.
- DA COSTA, N. C. A.; FRENCH, S., 1991, "On Russell's Principle of Induction", **Synthese**, 86(2): 285-295. doi:10.1007/BF00485812.

- DA COSTA, N. C. A.; FRENCH, S., 1993, "A Model Theoretic Approach to 'Natural' Reasoning", **International Studies in the Philosophy of Science**, 7(2): 177-190. doi:10.1080/02698599308573462.
- DA COSTA, N. C. A.; FRENCH, S., 2003, **Science and Partial Truth: A Unitary Approach to Models and Scientific Reasoning**, (Oxford Studies in the Philosophy of Science), Oxford: Oxford University Press. doi:10.1093/019515651X.001.0001.
- DA COSTA, NEWTON C. A., KRAUSE, D., 1994, "Schrödinger Logics", **Studia Logica**, 53(4): 533-550. doi:10.1007/BF01057649.
- DA COSTA, NEWTON C. A., KRAUSE, D., 1997, "An Intensional Schrödinger Logic", **Notre Dame Journal of Formal Logic**, 38(2): 179-194. doi:10.1305/ndjfl/1039724886.
- DA COSTA, NEWTON C. A., KRAUSE, D., 2014, "Physics, Inconsistency, and Quasi-Truth", **Synthese**, 191(13): 3041-3055. doi:10.1007/s11229-014-0472-8.
- DA COSTA, NEWTON C. A., KRAUSE, D., 2016, "An Application of Paraconsistent Logic to Physics: Complementarity", in **Towards Paraconsistent Engineering**, Seiki Akama (ed.), (Intelligent Systems Reference Library 110), Cham: Springer International Publishing, 25-34. doi:10.1007/978-3-319-40418-9_3.
- DA COSTA, N.; LOMBARDI, O. 2014, "Quantum Mechanics: Ontology Without Individuals", **Foundations of Physics**, 44(12): 1246-1257. doi:10.1007/s10701-014-9793-1.
- DA COSTA, N.; LOMBARDI, O.; LASTIRI, M. 2013, "A Modal Ontology of Properties for Quantum Mechanics", **Synthese**, 190(17): 3671-3693. doi:10.1007/s11229-012-0218-4.
- DA RÉ, B.; ROSENBLATT, L. 2018, "Contraction, Infinitary Quantifiers, and Omega Paradoxes", **Journal of Philosophical Logic**, 47(4): 611-629. doi:10.1007/s10992-017-9441-2.
- DALLA CHIARA, M. L.; GIUNTINI, R.; KRAUSE, D. 1998, "Quasi Set Theories for Microobjects: A Comparison", in **Interpreting Bodies: Classical and Quantum Objects in Modern Physics**, Elena Castellani (ed), Princeton: Princeton University Press, 142-153.
- DANÓN, L.; KALPOKAS, D. 2017, "Perceiving Mental States: Co-Presence and Constitution", **Filosofia Unisinos**, 18(2): 87-97. doi:10.4013/fsu.2017.182.03.
- DE LA VEGA, I.; VESSURI, H. 2008, "Science and Mobility: Is Physical Location Relevant?", **Technology in Society**, 30(1): 71-83. doi:10.1016/j.techsoc.2007.10.003.

- DÍAZ, J. L., 1995, "Hunting for Consciousness in the Brain: What Is (the Name of) the Game?", **Behavioral and Brain Sciences**, 18(4): 679-680. doi:10.1017/S0140525X00040437.
- DÍAZ, J. L., 2000, "Mind-Body Unity, Dual Aspect, and the Emergence of Consciousness", **Philosophical Psychology**, 13(3): 393-403. doi:10.1080/09515080050128187.
- DÍEZ, J.; LORENZANO, P., 2013, "Who Got What Wrong? Fodor and Piattelli on Darwin: Guiding Principles and Explanatory Models in Natural Selection", **Erkenntnis**, 78(5): 1143-1175. doi:10.1007/s10670-012-9414-3.
- DÍEZ, J.; LORENZANO, P., 2015, "Are Natural Selection Explanatory Models a Priori?", **Biology & Philosophy**, 30(6): 787-809. doi:10.1007/s10539-015-9498-7.
- DOMENECH, G.; HOLIK, F.; KRAUSE, D. 2008, "Q-Spaces and the Foundations of Quantum Mechanics", **Foundations of Physics**, 38(11): 969-994. doi:10.1007/s10701-008-9246-9.
- DOS SANTOS, V. C.; JOAQUIM, L. M.; EL-HANI, C. N. 2012, "Hybrid Deterministic Views About Genes in Biology Textbooks: A Key Problem in Genetics Teaching", **Science & Education**, 21(4): 543-578. doi:10.1007/s11191-011-9348-1.
- DUSSEL, E. D. 1995, **The Invention of the Americas: Eclipse of "the Other" and the Myth of Modernity**, Michael D. Barber (trans.), New York: Continuum. Translated from: Dussel, Enrique D., 1993, **El Encubrimiento del Otro. Hacia el origen del mito de la modernidad**, Madrid: Nueva Utopía.
- EARMAN, J. 1974, "An Attempt to Add a Little Direction to 'The Problem of the Direction of Time'", **Philosophy of Science**, 41(1): 15-47. doi:10.1086/288568.
- EDGINGTON, D. 1990, "Explanation, Causation and Laws", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 22(66): 55-73.
- EL-HANI, C. N., 2008, "Theory-Based Approaches to the Concept of Life", **Journal of Biological Education**, 42(4): 147-149. doi:10.1080/00219266.2008.9656132.
- EL-HANI, C. N., 2015, "Mendel in Genetics Teaching: Some Contributions from History of Science and Articles for Teachers", **Science & Education**, 24(1-2): 173-204. doi:10.1007/s11191-014-9685-y
- EL-HANI, C. N.; EMMECHE, C. 2000, "On Some Theoretical Grounds for an Organism-Centered Biology: Property Emergence, Supervenience, and Downward Causation", **Theory in Biosciences**, 119(3-4): 234-275. doi:10.1007/s12064-000-0018-0.

- EL-HANI, C. N.; PEREIRA, A. M. 1999, "Understanding Biological Causation", in **Where Biology Meets Psychology: Philosophical Essays**, Valerie Hardcastle (ed.), Cambridge MA: MIT Press, 333-356.
- EL-HANI, C. N.; QUEIROZ, J.; EMMECHE, C. 2006, "A Semiotic Analysis of the Genetic Information System", **Semiotica**, 2006(160): 1-68. doi:10.1515/SEM.2006.039.
- EL-HANI, C. N.; QUEIROZ, J.; STJERNFELT, F. 2010, "Firefly Femmes Fatales: A Case Study in the Semiotics of Deception", **Biosemiotics**, 3(1): 33-55. doi:10.1007/s12304-009-9048-2.
- ERAÑA, A. 2012, "Dual Process Theories versus Massive Modularity Hypotheses", **Philosophical Psychology**, 25(6): 855-872. doi:10.1080/09515089.2011.631994.
- ERDURAN, S.; BRAVO, A. A.; NAAMAN, R. M. 2007, "Developing Epistemologically Empowered Teachers: Examining the Role of Philosophy of Chemistry in Teacher Education", **Science & Education**, 16(9-10): 975-989. doi:10.1007/s11191-006-9072-4.
- ESPOSITO, M., 2011, "Utopianism in the British Evolutionary Synthesis", **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, 42(1): 40-49. doi:10.1016/j.shpsc.2010.11.007.
- ESPOSITO, M., 2017, "Expectation and Futurity: The Remarkable Success of Genetic Determinism", **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, 62: 1-9. doi:10.1016/j.shpsc.2017.01.001.
- ESTRADA-GONZÁLEZ, L. 2013, "Models of Possibilism and Trivialism", **Logic and Logical Philosophy**, 21(2): 175-205. doi:10.12775/LLP.2012.010.
- EVANS, J.; CARMAN, C. C.; THORNDIKE, A. S. 2010, "Solar Anomaly and Planetary Displays in the Antikythera Mechanism", **Journal for the History of Astronomy**, 41(1): 1-39. doi:10.1177/002182861004100101.
- FERREIRA, T. A. S.; EL-HANI, C. N.; DA SILVA-FILHO, W. J. 2016, "Knowledge, Belief, and Science Education: A Contribution from the Epistemology of Testimony", **Science & Education**, 25(7-8): 775-794. doi:10.1007/s11191-016-9834-6.
- FLICHMAN, E. H., 1989, "The Causalist Program. Rational or Irrational Persistence?", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 21(62): 29-53.

- FLICHMAN, E. H., 1990, "A Crucial Distinction: Initial Data and Law Application Instances", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 22(66): 75-85.
- FLICHMAN, E. H., 1995, "Hard and Soft Accidental Uniformities", **Philosophy of Science**, 62(1): 31-43. doi:10.1086/289837.
- FLICHMAN, E. H., 2000, "Lewis's Causation: A Fatal Example. A Response to Dorothy Edgington, Helen Beebe and Horacio Abeledo", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, 32(94): 89-125.
- FOLGUERA, G.; CARRIZO, E.; MASSARINI, A. 2014, "Análisis de los aspectos epistemológicos y sociales presentes en el discurso tecno-científico referido a los organismos genéticamente modificados (OGM) cultivados en la Argentina", **Revista CTS**, 9(25): 91-119.
- FOLGUERA, G.; LOMBARDI, O. 2012, "The Relationship between Microevolution and Macroevolution, and the Structure of the Extended Synthesis", **History and Philosophy of the Life Sciences**, 34(4): 539-559.
- FORTIN, S.; LOMBARDI, O., 2014, "Partial Traces in Decoherence and in Interpretation: What Do Reduced States Refer To?", **Foundations of Physics**, 44(4): 426-446. doi:10.1007/s10701-014-9791-3.
- FORTIN, S.; LOMBARDI, O., 2016, "A Top-down View of the Classical Limit of Quantum Mechanics", in **Quantum Structural Studies: Classical Emergence from the Quantum Level**, Ruth E Kastner, Jasmina Jeknić-Dugić, and George Jaroszkiewicz (eds.), Singapore: World Scientific, 435-468. doi:10.1142/9781786341419_0014.
- FORTIN, S.; LOMBARDI, O., 2017, "Interpretation and Decoherence: A Contribution to the Debate Vassallo & Esfeld Versus Crull", **Foundations of Physics**, 47(11): 1423-1427. doi:10.1007/s10701-017-0121-4.
- FORTIN, S.; LOMBARDI, O., 2018, "Understanding Decoherence as an Irreversible Process", **International Journal of Quantum Foundations**, 4(4): 247-267.
- FORTIN, S.; LOMBARDI, O.; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, J. C., 2016, "Isomerism and Decoherence", **Foundations of Chemistry**, 18(3): 225-240. doi:10.1007/s10698-016-9251-6.
- FORTIN, S.; LOMBARDI, O.; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, J. C., 2017, "The Relationship between Chemistry and Physics from the Perspective of Bohmian Mechanics", **Foundations of Chemistry**, 19(1): 43-59. doi:10.1007/s10698-017-9277-4.
- FORTIN, S.; LOMBARDI, O.; MARTÍNEZ GONZÁLEZ, J. C., 2018, "A New Application of the Modal-Hamiltonian Interpretation of Quantum Mechanics: The Problem of Optical Isomerism", **Studies in History and Philosophy of Science**

- Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 62: 123-135. doi:10.1016/j.shpsb.2017.06.008.
- FRANCESE, C.; FOLGUERA, G. 2018, "Saberes simplificados, tecnociencia y omisión de riesgos. El caso de los organismos genéticamente modificados", **RUNA, Archivo para las Ciencias del Hombre**, 39(2): 5-27. doi:10.34096/runa.v39i2.4251.
- FREIRE JR., O. 2015, **The Quantum Dissidents: Rebuilding the Foundations of Quantum Mechanics (1950-1990)**, Berlin and Heidelberg: Springer. doi:10.1007/978-3-662-44662-1.
- FRENCH, S.; KRAUSE, D., 1995, "Vague Identity and Quantum Non-Individuality", **Analysis**, 55(1): 20-26. doi:10.1093/analys/55.1.20.
- FRENCH, S.; KRAUSE, D., 1999, "The Logic of Quanta", in **Conceptual Foundations of Quantum Field Theory**, Tian Yu Cao (ed.), Cambridge: Cambridge University Press, 324-342. doi:10.1017/CBO9780511470813.027.
- FRENCH, S.; KRAUSE, D., 2003, "Quantum Vagueness", **Erkenntnis**, 59(1): 97-124. doi:10.1023/A:1023921928559.
- FRENCH, S.; KRAUSE, D., 2006, **Identity in Physics: A Historical, Philosophical, and Formal Analysis**, Oxford: Oxford University Press. doi:10.1093/0199278245.001.0001.
- FRENCH, S.; KRAUSE, D., 2010, "Remarks on the Theory of Quasi-Sets", **Studia Logica**, 95(1-2): 101-124. doi:10.1007/s11225-010-9249-3.
- FREUND, M. A., 2001, "A Temporal Logic for Sortals", **Studia Logica**, 69(3): 351-380. doi:10.1023/A:1013840126121.
- FREUND, M. A., 2004, "A Modal Sortal Logic", **Journal of Philosophical Logic**, 33(3): 237-260. doi:10.1023/B:LOGI.0000031381.56344.a9.
- FREUND, M. A., 2007, "A Two-Dimensional Tense-Modal Sortal Logic", **Journal of Philosophical Logic**, 36(5): 571-598. doi:10.1007/s10992-007-9050-6.
- FREUND, M. A., 2015, "A Modal-Tense Sortal Logic with Variable-Domain Second-Order Quantification", **The Australasian Journal of Logic**, 12(1): art. 5. doi:10.26686/ajl.v12i1.2084.
- FRONZIZI, Risieri, 1943, "Contemporary Argentine Philosophy", **Philosophy and Phenomenological Research**, 4(2): 180-186. doi:10.2307/2103068.
- GAMBINI, R.; GARCÍA PINTOS, L. P.; PULLIN, J., 2010, "Undecidability and the Problem of Outcomes in Quantum Measurements", **Foundations of Physics**, 40(1): 93-115. doi:10.1007/s10701-009-9376-8.

- GAMBINI, R.; GARCÍA PINTOS, L. P.; PULLIN, J., 2011, "An Axiomatic Formulation of the Montevideo Interpretation of Quantum Mechanics", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 42(4): 256-263. doi:10.1016/j.shpsb.2011.10.002.
- GARCÍA, C. L., 2007, "Cognitive Modularity, Biological Modularity, and Evolvability", **Biological Theory**, 2(1): 62-73. doi:10.1162/biot.2007.2.1.62
- GARCÍA, C. L., 2010, "Functional Homology and Functional Variation in Evolutionary Cognitive Science", **Biological Theory**, 5(2): 124-135. doi:10.1162/BIOT_a_00036
- GARCÍA, R., 1981, **Nature Pleads Not Guilty**, Oxford: Pergamon Press.
- GARCÍA, R. (ed.), 1997, **La Epistemología Genética y la Ciencia Contemporánea**, Barcelona: Gedisa.
- GARCÍA, R. (ed.), 2000, **El Conocimiento en Construcción**. De las Formulaciones de Jean Piaget a la Teoría de los Sistemas Complejos, Barcelona: Gedisa.
- GARCÍA BACCA, J. D., 1941, **Filosofía de las Ciencias**. Teoría de la Relatividad, México: Editorial Séneca.
- GARCÍA BACCA, J. D., 1962, **Filosofía de las Ciencias**. La Física, Caracas: Instituto Pedagógico.
- GARCÍA BACCA, J. D., 1963, **Historia Filosófica de la Ciencia**, México: Universidad Autónoma de México.
- GARCÍA BACCA, J. D., 1977, **Teoría y Metateoría de la Ciencia. Curso Sistemático**. Vol. I: Teoría de la Ciencia, Caracas: Universidad Central de Venezuela.
- GARCÍA BACCA, J. D., 1984, **Teoría y Metateoría de la Ciencia**. Vol. II, Caracas: Universidad Central de Venezuela.
- GARCÍA-DEISTER, V.; LÓPEZ-BELTRÁN, C. 2015, "País de Gordos/País de Muertos: Obesity, Death and Nation in Biomedical and Forensic Genetics in Mexico", **Social Studies of Science**, 45(6): 797-815. doi:10.1177/0306312715608449.
- GARCÍA-RAMÍREZ, E. 2011, "A Cognitive Theory of Empty Names", **Review of Philosophy and Psychology**, 2(4): 785-807. doi:10.1007/s13164-011-0078-8.
- GARCÍA-RAMÍREZ, E.; SHATZ, M. 2011, "On Problems with Descriptivism: Psychological Assumptions and Empirical Evidence", **Mind & Language**, 26(1): 53-77. doi:10.1111/j.1468-0017.2010.01410.x.
- GENTILE, N. 2013, **La Tesis de la Inconmensurabilidad: A 50 Años de la Estructura de las Revoluciones Científicas**, Buenos Aires: Editorial Eudeba.

- GERICKE, N. M.; HAGBERG, M.; DOS SANTOS, V. C.; JOAQUIM, L. M.; EL-HANI, C. N. 2014, "Conceptual Variation or Incoherence? Textbook Discourse on Genes in Six Countries", **Science & Education**, 23(2): 381-416. doi:10.1007/s11191-012-9499-8.
- GINNOBILI, S. 2016, "Missing Concepts in Natural Selection Theory Reconstructions", **History and Philosophy of the Life Sciences**, 38(3): art. 8. doi:10.1007/s40656-016-0109-y.
- GOMEZ, I.; CASTAGNINO, M. 2014, "Towards a Definition of the Quantum Ergodic Hierarchy: Kolmogorov and Bernoulli Systems", **Physica A: Statistical Mechanics and Its Applications**, 393: 112-131. doi:10.1016/j.physa.2013.08.070.
- GÓMEZ, R. J., 2002, "El mito de la neutralidad valorativa de la economía neoliberal", **Energeia: Revista Internacional de Filosofía y Epistemología de las Ciencias**, 1(1): 32-51.
- GÓMEZ, R. J., 2003, "Filosofía posmoderna: sobre muertes anunciadas y otros menesteres", in **El Filósofar Hoy**, Oscar Nudler and Francisco Naishtat (eds.), Buenos Aires: Biblos, 77-89.
- GÓMEZ, R. J., 2010, "What is that Thing Called Philosophy of Technology?", in **History and Philosophy of Science and Technology -Volume IV**, Pablo Lorenzano, Hans-Jörg Rheinberger, Eduardo Ortiz, and Carlos Delfino Galles (eds.), Oxford: Eolss Publishers, 47-81.
- GÓMEZ, R. J., 2012, "On Economics and the Impossibility of Its Reduction to Physics", in **Perspectives on Epistemology and Economics**, Andrés Lazzarini and Diego Weisman (eds.), Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 139-160.
- GÓMEZ, R. J., 2017a, "El fin de todos los fines. ¿Acaso no había llegado el Fin de la Historia?", **Theorein. Revista de Ciencias Sociales**, 2(1): 73-94.
- GÓMEZ, R. J., 2017b, "Tecnología y nueva ética", **De Raíz Diversa. Revista Especializada En Estudios Latinoamericanos**, 3(6): 115-136. doi:10.22201/ppela.24487988e.2016.6.58428.
- GÓMEZ-TORRENTE, M., 1998, "Logical Truth and Tarskian Logical Truth", **Synthese**, 117(3): 375-408. doi:10.1023/A:1005165824990
- GÓMEZ-TORRENTE, M., 2000, "A Note on Formality and Logical Consequence", **Journal of Philosophical Logic**, 29(5): 529-539. doi:10.1023/A:1026510905204

- GÓMEZ-TORRENTE, M., 2002, "The Problem of Logical Constants", **Bulletin of Symbolic Logic**, 8(1): 1-37. doi:10.2178/bsl/1182353851.
- GÓMEZ-TORRENTE, M., 2006 [2019], "Logical Truth", in **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, (Spring 2019), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/logical-truth/>.
- GÓMEZ-TORRENTE, M., 2008, "Are There Model-Theoretic Logical Truths That Are Not Logically True?", in **New Essays on Tarski and Philosophy**, Douglas Patterson (ed.), Oxford: Oxford University Press, 340-368. doi:10.1093/acprof:oso/9780199296309.003.0013.
- GONZÁLEZ, J. C., 2010, "On Pink Elephants, Floating Daggers, and Other Philosophical Myths", **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 9(2): 193-211. doi:10.1007/s11097-010-9164-0.
- GONZÁLEZ, J. C., 2013, "Interactive Fiat Objects", **Review of Philosophy and Psychology**, 4(2): 205-217. doi:10.1007/s13164-012-0121-4.
- GONZÁLEZ, J. C., 2016, "Blurring the Differences Between the Dream, Perceptual and Hallucinatory Experiences is Not the Answer", **Constructivist Foundations**, 11(2): 417-419.
- GONZÁLEZ, J. C.; BACH-Y-RITA, P.; HAASE, S. J. 2005, "Perceptual Recalibration in Sensory Substitution and Perceptual Modification", **Pragmatics & Cognition**, 13(3): 481-500. doi:10.1075/pc.13.3.05gon.
- GONZÁLEZ, M. E. Q. 2005, "Information and Mechanical Models of Intelligence: What Can We Learn from Cognitive Science?", **Pragmatics & Cognition**, 13(3): 565-582. doi:10.1075/pc.13.3.09qui.
- GONZÁLEZ, M. E. Q.; BROENS, M. C.; D'OTTAVIANO, F. L. 2007, "Abductive Reasoning, Information, and Mechanical Systems", in **Model-Based Reasoning in Science, Technology, and Medicine**, Lorenzo Magnani and Ping Li (eds.), (Studies in Computational Intelligence, 64), Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 91-102. doi:10.1007/978-3-540-71986-1_4.
- GONZÁLEZ, M. E. Q.; PESSOA JR, O. 2008, "Emergence of Autonomy in Contemporary Artificial Agents: Any Novelty?" **Cybernetics & Human Knowing**, 15(3-4): 42-49.
- GRANGER, G. G. 1955, **Lógica e Filosofia das Ciências**, São Paulo: Edições Melhoramentos.
- GRIFFITHS, R. B. 2015, "Consistent Quantum Measurements", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy**

- of **Modern Physics**, 52: 188-197. doi:10.1016/j.shpsb.2015.07.002.
- GUERRERO PINO, G., 2003, **Estudios Kuhnianos**, Santiago de Cali: Universidad del Valle.
- GUERRERO PINO, G., 2008, "Individuación de las teorías en el enfoque semántico", **Principia: An International Journal of Epistemology**, 12(1): 97-119. doi:10.5007/1808-1711.2008v12n1p97.
- GUERRERO PINO, G., 2010, "La noción de modelo en el enfoque semántico de las teorías", **Praxis Filosófica**, 31: 169-185. doi:10.25100/pfilosofica.v0i31.3434.
- GUILLAUMIN, G., 2005, **El Surgimiento de la Noción de Evidencia**. Un Estudio de Epistemología Histórica sobre la Idea de Evidencia Científica, Mexico D.F.: UNAM.
- HASELAGER, W.; GONZÁLEZ, M. E. Q., 2007a, "The Meaningful Body: on Differences Between Artificial and Organic Creatures", in **Artificial Cognition Systems**, Angelo Loula, Ricardo Gudwin, and João Queiroz (eds.), Hershey: Idea Group Publishers, 238-250.
- HASELAGER, W.; GONZÁLEZ, M. E. Q., 2007b, "Mechanicism and Autonomy: What Can Robotics Teach Us about Human Cognition and Action?", **Pragmatics & Cognition**, 15(3): 407-412. doi:10.1075/pc.15.3.02has.
- HETTEMA, H., 2012, **Reducing Chemistry to Physics**. Limits, Models, Consequences, Groningen: Rijksuniversiteit Groningen.
- HETTEMA, H., 2014, "Linking Chemistry with Physics: A Reply to Lombardi", **Foundations of Chemistry**, 16(3): 193-200. doi:10.1007/s10698-014-9200-1.
- HILB, C., 1994, "Equality and the Limit of Liberty", in **The Making of Political Identities**, Ernesto Laclau (ed), London: Verso, 103-114.
- HUTTO, D. D.; SATNE, G. 2017, "Demystifying Davidson: Radical Interpretation Meets Radical Enactivism", **Argumenta**, 5(1): 127-144. doi: 10.14275/2465-2334/20175.HUT.
- IZQUIERDO-AYMERICH, M.; ADÚRIZ-BRAVO, A., 2003, "Epistemological Foundations of School Science", **Science & Education**, 12(1): 27-43. doi:10.1023/A:1022698205904.
- IZQUIERDO-AYMERICH, M.; ADÚRIZ-BRAVO, A., 2009, "Physical Construction of the Chemical Atom: Is It Convenient to Go All the Way Back?", **Science & Education**, 18(3-4): 443-455. doi:10.1007/s11191-008-9156-4.
- ARRIAGA, J.; ALBERTO, J.; FORTIN, S.; LOMBARDI, O. 2019, "A New Chapter in the Problem of the Reduction of Chemistry to Physics: The Quantum Theory of Atoms in Molecules", **Foundations of Chemistry**, 21(1): 125-136.

- doi:10.1007/s10698-018-09332-1.
- URIBE, J.; MANUEL, J., 2009, "Estructuralismo francés y estructuralismo metateórico", **Discusiones Filosóficas**, 10(15): 23-50.
- URIBE, J.; MANUEL, J., 2014, "Realismo estructural y estructuralismo metateórico", **Estudios de Filosofía**, 50: 171-193.
- JARAMILLO URIBE, J. M.; DUQUE M., L. M.; SALDAÑA, O. D.; PINO, G. G.; HERNÁNDEZ, L. H.; URQUIJO, M. J.; GÓMEZ, A. L. 1997, **Thomas Kuhn**, Santiago de Cali: Universidad del Valle.
- KENT, M.; GARCÍA-DEISTER, V.; LÓPEZ-BELTRÁN, C. SANTOS, R. V.; SCHWARTZ-MARÍN, E.; WADE, P. 2015, "Building the Genomic Nation: 'Homo Brasilis' and the 'Genoma Mexicano' in Comparative Cultural Perspective", **Social Studies of Science**, 45(6): 839-861. doi:10.1177/0306312715611262.
- KLIER, G.; BUSAN, T.; DI PASQUO, F.; BLOIS, P.; FRANCESE, C.; FOLGUERA, G. 2017, "Natural Sciences and Environmental Issues: A Contribution from the Philosophy of Environmental Sciences", **International Journal of Environment and Health**, 8(4): 255-271. doi:10.1504/IJENVH.2017.088112.
- GREGORIO, K., 1971, "Ciencia e ideología", **Ciencia Nueva**, 10: 12-21. See in <http://www.politicasci.net/images/ciencianueva/CIENCIANUEVA10.pdf>.
- GREGORIO, K., 1994, **Las Desventuras del Conocimiento Científico**. Una introducción a la epistemología, Buenos Aires: A-Z Editora.
- GREGORIO, K., 2008, **Mis Diversas Existencias**. Apuntes para una autobiografía, Buenos Aires: A-Z Editora.
- KLIMOVSKY, G.; BOIDO, G. 2005, **Las Desventuras del Conocimiento Matemático**, Buenos Aires: A-Z Editora.
- KLIMOVSKY, G.; HIDALGO, C. 1998, **La Inexplicable Sociedad**, Buenos Aires: A-Z Editora.
- KLIMOVSKY, G.; VARSAVSKY, O.; SCHVARZER, J.; SADOSKY, M.; LAN, C. E.; SIMPSON, T. M.; GARCÍA, R. 1975, **Ciencia e Ideología. Aportes polémicos**, Buenos Aires: Ediciones Ciencia Nueva; Klimovsky et al. 1975 available online.
- KRAUSE, D., 1991, "Multisets, Quasi-Sets and Weyl's Aggregates", **The Journal of Non-Classical Logic**, 8(2): 9-39.
- KRAUSE, D., 1992, "On a Quasi-Set Theory", **Notre Dame Journal of Formal Logic**, 33(3): 402-411. doi:10.1305/ndjfl/1093634404.

- KRAUSE, D., 1996a, "Remarks on Individuation, Quantum Objects and Logic", **Logique et Analyse**, 39(155-156): 325-333.
- KRAUSE, D., 1996b, "Axioms for Collections of Indistinguishable Objects", **Logique et Analyse**, 39(153-154): 69-93.
- KRAUSE, D., 2000, "Remarks on Quantum Ontology", **Synthese**, 125(1/2): 155-167. doi:10.1023/A:1005235125284.
- KRAUSE, D.; ARENHART, J. R. B., 2012, "A Discussion on Quantum Non-Individuality", **Journal of Applied Non-Classical Logics**, 22(1-2): 105-124. doi:10.1080/11663081.2012.682447.
- KRAUSE, D.; ARENHART, J. R. B., 2014, "Separability and Non-Individuality: Is It Possible to Conciliate (at Least a Form of) Einstein's Realism with Quantum Mechanics?", **Foundations of Physics**, 44(12): 1269-1288. doi:10.1007/s10701-014-9808-y.
- KRAUSE, D.; ARENHART, J. R. B., 2016a, "Individuality, Quantum Physics, and a Metaphysics of Nonindividuals", in **Individuals Across the Sciences**, Alexandre Guay and Thomas Pradeu (eds.), Oxford: Oxford University Press, 61-82. doi:10.1093/acprof:oso/9780199382514.003.0005.
- KRAUSE, D.; ARENHART, J. R. B., 2016b, **The Logical Foundations of Scientific Theories: Languages, Structures, and Models**, London: Routledge.
- KRAUSE, D.; FRENCH, S., 1995, "A Formal Framework for Quantum Non-Individuality", **Synthese**, 102(1): 195-214. doi:10.1007/BF01063905
- KRAUSE, D.; FRENCH, S., 2007, "Quantum Sortal Predicates", **Synthese**, 154(3): 417-430. doi:10.1007/s11229-006-9127-8.
- KRAUSE, D.; SANT'ANNA, A. S.; VOLKOV, A. G. 1999, "Quasi-Set Theory for Bosons and Fermions: Quantum Distributions", **Foundations of Physics Letters**, 12(1): 51-66. doi:10.1023/A:1021678721611.
- KREIMER, P.; VESSURI, H. 2018, "Latin American Science, Technology, and Society: A Historical and Reflexive Approach", **Tapuya: Latin American Science, Technology and Society**, 1(1): 17-37. doi:10.1080/25729861.2017.1368622.
- KUECHLE, G.; RÍOS, D. 2015, "Optimization-Based Explanations", **Philosophy of the Social Sciences**, 45(4-5): 481-496. doi:10.1177/0048393115586999.
- LABARCA, M.; LOMBARDI, O. 2010, "Why Orbitals Do Not Exist?", **Foundations of Chemistry**, 12(2): 149-157. doi:10.1007/s10698-010-9086-5.
- LACEY, H.; MARICONDA, P. R., 2012, "The Eagle and the Starlings: Galileo's Argument for the Autonomy of Science-How Pertinent Is It Today?", **Studies in History and Philosophy of Science Part A**, 43(1): 122-131. doi:10.1016/

- j.shpsa.2011.10.012.
- LACEY, H.; MARICONDA, P. R., 2014a, "O modelo das interações entre as atividades científicas e os valores", **Scientiae Studia**, 12(4): 643-668. doi:10.1590/S1678-31662014000500002.
- LACEY, H.; MARICONDA, P. R., 2014b, "O modelo da interação entre as atividades científicas e os valores na interpretação das práticas científicas contemporâneas", **Estudos Avançados**, 28(82): 181-199. doi:10.1590/S0103-40142014000300012.
- LASPRA, B.; CERESO, J. A. L (eds.), 2018, **Spanish Philosophy of Technology: Contemporary Work from the Spanish Speaking Community**, (Philosophy of Engineering and Technology 24), Cham: Springer International Publishing. doi:10.1007/978-3-319-71958-0.
- LAUREANO-CRUCES, A. L.; BARCELÓ-ASPEITIA, A. A. 2003, "Formal Verification of Multi-Agent Systems Behaviour Emerging from Cognitive Task Analysis", **Journal of Experimental & Theoretical Artificial Intelligence**, 15(4): 407-431. doi:10.1080/0952813031000119719.
- LAWLER, D. 2018, "Praxeology Approaches Technology: The Ontology and Epistemology of Our Technological Practices", in **Spanish Philosophy of Technology**, Belén Laspra and Jose Antonio López Cerezo (eds.), 17-30. doi:10.1007/978-3-319-71958-0_2.
- LAZZARINI, A.; WEISMAN, D. (ed.), 2012, **Perspectives on Epistemology of Economics. Essays on Methodology of Economics**, Buenos Aires: Facultad de Ciencias Económicas.
- LEWIS, D. 1973, **Counterfactuals**, Oxford: Blackwell.
- LEWOWICZ, L., 2004, "El carácter no universal del lenguaje en las últimas obras de Kuhn", **Análisis Filosófico**, 24(2): 195-214.
- LEWOWICZ, L., 2005, **Del Relativismo Lingüístico al Relativismo Ontológico en el último Kuhn**, Montevideo: Universidad de la República.
- LEWOWICZ, L., 2007, "Incommensurabilidad y no solapamiento. Una ambigüedad planteada a través del concepto de categoría taxonómica en el último Kuhn", in Pablo Lorenzano and Hernán Miguel (eds.), **Filosofía e Historia de la Ciencia en el Cono Sur**, Buenos Aires: CCC Educando, 293-300.
- LEWOWICZ, L.; LOMBARDI, O. 2013, "Stuff versus Individuals", **Foundations of Chemistry**, 15(1): 65-77. doi:10.1007/s10698-012-9152-2
- LEYVA, G. 2014, "Democracy in Latin America: An Unfinished Project", **Journal of the British Society for Phenomenology**, 45(1): 59-71.

- doi:10.1080/00071773.2014.915643.
- LINARES SALGADO, J. E. 2018, "The Promises of Synthetic Biology: New Bioartefacts and Their Ethical and Societal Consequences", in **Spanish Philosophy of Technology**, Belén Laspra and Jose Antonio López Cerezo (eds.), 179-194. doi:10.1007/978-3-319-71958-0_13.
- LOMBARDI, O., 2004, "What Is Information?", **Foundations of Science**, 9(2): 105-134. doi:10.1023/B:FODA.0000025034.53313.7c.
- LOMBARDI, O., 2005, "Dretske, Shannon's Theory and the Interpretation of Information", **Synthese**, 144(1): 23-39. doi:10.1007/s11229-005-9127-0
- LOMBARDI, O., 2012, "Prigogine and the Many Voices of Nature", **Foundations of Chemistry**, 14(3): 205-219. doi:10.1007/s10698-011-9140-y.
- LOMBARDI, O., 2013, "Book Review: Hinne Hettema: *Reducing Chemistry to Physics. Limits, Models, Consequences*, Groningen: Rijksuniversiteit Groningen, Groningen, 2012", **Hyle: International Journal for Philosophy of Chemistry**, 19(1): 135-137.
- LOMBARDI, O., 2014a, "The Ontological Autonomy of the Chemical World: Facing the Criticisms", in **Philosophy of Chemistry: Growth of a New Discipline**, Eric Scerri and Lee McIntyre (eds.), (Boston Studies in the Philosophy and History of Science 306), Dordrecht: Springer Netherlands, 23-38. doi:10.1007/978-94-017-9364-3_3.
- LOMBARDI, O., 2014b, "Linking Chemistry with Physics: Arguments and Counterarguments", **Foundations of Chemistry**, 16(3): 181-192. doi:10.1007/s10698-013-9197-x.
- LOMBARDI, O.; ARDENGHI, J. S.; FORTIN, S.; CASTAGNINO, M. 2011, "Compatibility between Environment-Induced Decoherence and the Modal-Hamiltonian Interpretation of Quantum Mechanics", **Philosophy of Science**, 78(5): 1024-1036. doi:10.1086/662253.
- LOMBARDI, O.; CASTAGNINO, M., 2008, "A Modal-Hamiltonian Interpretation of Quantum Mechanics", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 39(2): 380-443. doi:10.1016/j.shpsb.2008.01.003.
- LOMBARDI, O.; CASTAGNINO, M., 2010, "Matters Are Not so Clear on the Physical Side", **Foundations of Chemistry**, 12(2): 159-166. doi:10.1007/s10698-010-9090-9.

- LOMBARDI, O.; CASTAGNINO, M.; ARDENGHI, J. S. 2010, "The Modal-Hamiltonian Interpretation and the Galilean Covariance of Quantum Mechanics", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 41(2): 93-103. doi:10.1016/j.shpsb.2010.02.002.
- LOMBARDI, O.; DIEKS, D. 2016, "Particles in a Quantum Ontology of Properties", in **Metaphysics in Contemporary Physics**, Tomasz Bigaj and Christian Wüthrich (eds.), Leiden: Brill-Rodopi, 123-143. doi:10.1163/9789004310827_007.
- LOMBARDI, O.; FORTIN, S.; CASTAGNINO, M. 2012, "The Problem of Identifying the System and the Environment in the Phenomenon of Decoherence", in **EPSA Philosophy of Science: Amsterdam 2009**, Henk W. de Regt, Stephan Hartmann, and Samir Okasha (eds.), Dordrecht: Springer Netherlands, 161-174. doi:10.1007/978-94-007-2404-4_15.
- LOMBARDI, O.; FORTIN, S.; LÓPEZ, C., 2015, "Measurement, Interpretation and Information", **Entropy**, 17(12): 7310-7330. doi:10.3390/e17117310.
- LOMBARDI, O.; FORTIN, S.; LÓPEZ, C., 2016, "Deflating the Deflationary View of Information", **European Journal for Philosophy of Science**, 6(2): 209-230. doi:10.1007/s13194-015-0128-7
- LOMBARDI, O.; FORTIN, S.; VANNI, L. 2015, "A Pluralist View about Information", **Philosophy of Science**, 82(5): 1248-1259. doi:10.1086/683650
- LOMBARDI, O.; HOLIK, F.; VANNI, L., 2016a, "What Is Shannon Information?", **Synthese**, 193(7): 1983-2012. doi:10.1007/s11229-015-0824-z
- LOMBARDI, O.; HOLIK, F.; VANNI, L., 2016b, "What Is Quantum Information?", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 56: 17-26. doi:10.1016/j.shpsb.2016.10.001.
- LOMBARDI, O.; LABARCA, M., 2005, "The Ontological Autonomy of the Chemical World", **Foundations of Chemistry**, 7(2): 125-148. doi:10.1007/s10698-004-0980-6
- LOMBARDI, O.; LABARCA, M., 2006, "The Ontological Autonomy of the Chemical World: A Response to Needham", **Foundations of Chemistry**, 8(1): 81-92. doi:10.1007/s10698-005-9004-4
- LOMBARDI, O.; LÓPEZ, C. 2018, "What Does 'Information' Mean in Integrated Information Theory?", **Entropy**, 20(12): 894-912. doi:10.3390/e20120894

- LOMBARDI, O.; RANSANZ, A. R. P. 2012, **Los Múltiples Mundos de la Ciencia**. Un Realismo Pluralista y su Aplicación a la Filosofía de la Física, México: UNAM-Siglo XXI.
- LÓPEZ, C. 2019, "Roads to the past: how to go and not to go backward in time in quantum theories", **European Journal for Philosophy of Science**, 9: art. 27. doi:10.1007/s13194-019-0250-z.
- LÓPEZ, C.; LOMBARDI, O. 2019, "No Communication without Manipulation: A Causal-Deflationary View of Information", **Studies in History and Philosophy of Science Part A**, 73: 34-43. doi:10.1016/j.shpsa.2018.06.003.
- LÓPEZ A. A. 2005, **El Modelo en la Ciencia y la Cultura**, México D.F.: UNAM-Siglo XXI.
- LÓPEZ-BELTRÁN, C., 1994, "Forging Heredity: From Metaphor to Cause, a Reification Story", **Studies in History and Philosophy of Science Part A**, 25(2): 211-235. doi:10.1016/0039-3681(94)90028-0.
- LÓPEZ-BELTRÁN, C., 2006, "Storytelling, Statistics and Hereditary Thought: The Narrative Support of Early Statistics", **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, 37(1): 41-58. doi:10.1016/j.shpsc.2005.12.003.
- LORENZANO, P., 1998, "Sobre las leyes en la biología", **Episteme (Porto Alegre)**, 3(7): 261-272.
- LORENZANO, P., 2007, "Leyes fundamentales y leyes de la biología", **Scientiae Studia**, 5(2): 185-214. doi:10.1590/S1678-31662007000200004.
- LORENZANO, P., 2013, "The Semantic Conception and the Structuralist View of Theories: A Critique of Suppe's Criticisms", **Studies in History and Philosophy of Science Part A**, 44(4): 600-607. doi:10.1016/j.shpsa.2013.09.001.
- LORENZANO, P., 2014, "What Is the Status of the Hardy-Weinberg Law within Population Genetics?", in **European Philosophy of Science: Philosophy of Science in Europe and the Viennese Heritage**, Maria Carla Galavotti, Elisabeth Nemeth, and Friedrich Stadler (eds.), Cham: Springer International Publishing, 159-172. doi:10.1007/978-3-319-01899-7_11.
- LORENZANO, P.; DÍEZ, J. 2002, "La concepción estructuralista en el contexto de la filosofía de la ciencia del siglo XX", in Pablo Lorenzano and José Díez (eds.), **Desarrollos Actuales de la Metateoría Estructuralista: Problemas y Discusiones**, Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 13-78.
- LOSADA, M.; LOMBARDI, O. 2018, "Histories in Quantum Mechanics: Distinguishing between Formalism and Interpretation", **European Journal for Philosophy**

- of Science**, 8(3): 367-394. doi:10.1007/s13194-017-0197-x.
- LYTHGOE, E., 2011, "Ricoeur's Concept of Testimony", **Analecta Hermeneutica**, 3: lythgoe.
- LYTHGOE, E., 2014, "Social Imagination, Abused Memory, and the Political Place of History in Memory, History, Forgetting", **Études Ricoeuriennes / Ricoeur Studies**, 5(2): 35-47. doi:10.5195/ERRS.2014.249.
- MAFFÍA, D. H., 2001, "Conocimiento y subjetividad", in **Ciencia y Género**, Eulalia Pérez Sedeño and Paloma Alcalá Cortijo (eds.), Madrid: Universidad Complutense, pp. 329-333.
- MAFFÍA, D. H., 2005, "Conocimiento y emoción", **Arbor: Ciencia Pensamiento y Cultura**, 181(716): 515-521. doi:10.3989/arbor.2005.i716.408.
- MAFFÍA, D. H., 2006, "El vínculo crítico entre género y ciencia", **Clepsydra: Revista de Estudios de Género y Teoría Feminista**, 5: 37-57.
- MAFFÍA, D. H., 2007, "Epistemología feminista: la subversión semiótica de las mujeres en la ciencia", **Revista venezolana de estudios de la mujer**, 12(28): 63-98.
- MARCOS, J., 2009, "What Is a Non-Truth-Functional Logic?", **Studia Logica**, 92(2): 215-240. doi:10.1007/s11225-009-9196-z.
- MARICONDA, P. R., 1999, "Galileu e a teoria das marés", **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, series 3, 9: 33-71.
- MARICONDA, P. R., 2008, "As *Mecânicas* de Galileu: as máquinas simples e a perspectiva técnica moderna", **Scientia Studia**, 6(4): 565-606. doi:10.1590/S1678-31662008000400006.
- MARICONDA, P. R., 2014, "Technological Risks, Transgenic Agriculture and Alternatives", **Scientiae Studia**, 12(spe): 75-104. doi:10.1590/S1678-31662014000400005
- MARQUES, B. S.; PESSOA, O. F. 2017, "Presuppositions about the Role of Consciousness in the Agent Causation Conception of Agents and the Problem of the Disappearing Agent", **Cognitive Systems Research**, 43: 45-52. doi:10.1016/j.cogsys.2016.12.003.
- MARTÍNEZ, I. C.; ESPAÑOL, S. A; PÉREZ, D. I. 2018, "The Interactive Origin and the Aesthetic Modelling of Image-Schemas and Primary Metaphors", **Integrative Psychological and Behavioral Science**, 52(4): 646-671. doi:10.1007/s12124-018-9432-z.

- MARTÍNEZ, M.; ESPOSITO, M. 2014, "Multilevel Causation and the Extended Synthesis", **Biological Theory**, 9(2): 209-220. doi:10.1007/s13752-014-0161-3
- MARTÍNEZ, M.; MOYA, A. 2011, "Natural Selection and Multi-Level Causation", **Philosophy and Theory in Biology**, 3: art. 2. doi:10.3998/ptb.6959004.0003.002.
- MARTÍNEZ, S. F., 1990, "A Search for the Physical Content of Luders' Rule", **Synthese**, 82(1): 97-125. doi:10.1007/BF00413671.
- MARTÍNEZ, S. F., 1991, "Lüders's Rule as a Description of Individual State Transformations", **Philosophy of Science**, 58(3): 359-376. doi:10.1086/289622.
- MARTÍNEZ, S. F., 1997, **De los Efectos a las Causas**, México D. F.: UNAM-Paidós.
- MARTÍNEZ, S. F., 2003, **Geografía de las Prácticas Científicas: Racionalidad, Heurística y Normatividad**, México D.F.: UNAM.
- MARTÍNEZ GONZÁLEZ, J. C.; FORTIN, S.; LOMBARDI, O. 2019, "Why Molecular Structure Cannot Be Strictly Reduced to Quantum Mechanics", **Foundations of Chemistry**, 21(1): 31-45. doi:10.1007/s10698-018-9310-2.
- MC MANUS, F. G., 2009, "Rational Disagreements in Phylogenetics", **Acta Biotheoretica**, 57(1-2): 99-127. doi:10.1007/s10441-009-9072-2.
- MC MANUS, F. G., 2012, "Development and Mechanistic Explanation", **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, 43(2): 532-541. doi:10.1016/j.shpsc.2011.12.001.
- MC MANUS, F. G., 2014, "Homosexuality, Homophobia, and Biomedical Sciences in Twentieth Century Mexico", **Sexuality & Culture**, 18(2): 235-256. doi:10.1007/s12119-013-9193-2.
- MC MANUS, F. G., 2016, "Los géneros del saber: feminismo analítico, filosofía de la ciencia y conocimiento científico", **INTERdisciplina**, 4(8): 59-87. doi:10.22201/ceiich.24485705e.2016.8.54969.
- MEYER, L. M. N.; BOMFIM, G. C.; EL-HANI, C. N. 2013, "How to Understand the Gene in the Twenty-First Century?", **Science & Education**, 22(2): 345-374. doi:10.1007/s11191-011-9390-z.
- MIKENBERG, Irene; NEWTON C. A. da Costa, and Rolando Chuaqui, 1986, "Pragmatic Truth and Approximation to Truth", *Journal of Symbolic Logic*, 51(1): 201-221. doi:10.2307/2273956.
- MIRÓ-QUESADA, F., 1954, **Filosofía de las Matemáticas**, Lima: UNMSM.
- MIRÓ-QUESADA, F., 1962, **Apuntes para una Teoría de la Razón**, Lima: UNMSM.

- MIRÓ-QUESADA, F., 2013, **Esquema de una Teoría de la Razón**, Lima: Universidad Ricardo Palmaem.
- MOREIRA-DOS-SANTOS, F.; EL-HANI, C. N. 2017, "Belief, Knowledge and Understanding: How to Deal with the Relations Between Different Cultural Perspectives in Classrooms", **Science & Education**, 26(3-4): 215-245. doi:10.1007/s11191-017-9891-5.
- MORO, R.; BODANZA, G. A.; FREIDIN, E. 2011, "Sets or Frequencies? How to Help People Solve Conditional Probability Problems", **Journal of Cognitive Psychology**, 23(7): 843-857. doi:10.1080/20445911.2011.579072.
- MORTARI, C. A. 2007, "Restricted Classical Modal Logics", **Logic Journal of IGPL**, 15(5-6): 741-757. doi:10.1093/jigpal/jzm046.
- MOULINES, C. U., 1973, **La Estructura del Mundo Sensible**, Barcelona: Ariel.
- MOULINES, C. U., 1975, "A Logical Reconstruction of Simple Equilibrium Thermodynamics", **Erkenntnis**, 9(1): 101-130. doi:10.1007/BF00223135.
- MOULINES, C. U., 1976, "Approximate Application of Empirical Theories: A General Explication", **Erkenntnis**, 10(2): 201-227. doi:10.1007/BF00204970
- MOULINES, C. U., 1982, **Exploraciones Metacientíficas**, Madrid: Alianza Editorial.
- MUDROVICIC, M. I., 2013, "About Lost Futures or the Political Heart of History", **Historein**, 14(1): 7-21. doi:10.12681/historein.228.
- MUDROVICIC, M. I., 2014, "Time, History, and Philosophy of History", **Journal of the Philosophy of History**, 8(2): 217-242. doi:10.1163/18722636-12341272.
- MUNÉVAR, G., 1981, **Radical Knowledge: A Philosophical Inquiry into the Nature and Limits of Science**, Indianapolis: Hackett Publishing.
- MUNÉVAR, G., 1998, **Evolution and the Naked Truth: A Darwinian Approach to Philosophy**, Aldershot: Taylor and Francis.
- MUNÉVAR, G., 2006, **Variaciones sobre Temas de Feyerabend**, Cali: Programa Editorial Universidad del Valle.
- NACHMAN, R. G., 1977, "Positivism, Modernization, and the Middle Class in Brazil", **The Hispanic American Historical Review**, 57(1): 1-23. doi:10.2307/2513540.
- NAISHTAT, F. S., 2000, "Continuity of Political Philosophy: War and Peace in Secularized Politics", **Diogenes**, 48(192): 76-85. doi:10.1177/039219210004819207.
- NAISHTAT, F. S., 2010a, "Governance, Sovereignty and Profane Hope in a Globalised Catastrophe-World", **Diogenes**, 57(4): 46-55. doi:10.1177/0392192112436455.

- NAISHTAT, F. S., 2010b, "The Figures of Terror and the Philosophical Debate on Modernity", in **Terror, Terrorism, States and Societies**. A Historical and Philosophical Perspective, Samir Kumar Das and Rada Iveković (eds.), New Delhi: Women Unlimited, 284-294.
- NAISHTAT, F. S., 2011, "Global Justice and Politics: on the Transition from the Normative to the Political Level", in *The Borders of Justice*, Étienne Balibar, Sandra Mezzadra, and Ranabir Samaddar (eds.), Philadelphia: Temple University Press, pp. 33-51.
- NAISHTAT, F. S., 2012, "The Problematic Reception of Latin American Emancipation in Marx's Historiography", in *New Perspectives in Global History*, Daniel Brauer, Iwan D'Aprile, Günther Lottes, and Concha Roldán (eds.), Hannover: Wehrhahn Verlag, 49-64.
- NEEDHAM, P. 2006, "Ontological Reduction: A Comment on Lombardi and Labarca", **Foundations of Chemistry**, 8(1): 73-80. doi:10.1007/s10698-005-9002-6.
- NIETO OLARTE, M., 2000, **Remedios para el Imperio**: Historia Natural y la Apropriación del Nuevo Mundo, Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia.
- NIETO OLARTE, M., 2007, **Orden Natural y Orden Social**: Ciencia y Política en el Semanario del Nuevo Reino de Granada, Madrid: CSIC.
- NIEVES DELGADO, A., 2018, "Science, Politics and the Production of Biological Knowledge: New Trends and Old Challenges", **Journal for General Philosophy of Science**, 49(3): 467-473. doi:10.1007/s10838-018-9406-3.
- NUDLER, O., 1990, "On Conflicts and Metaphors: Toward an Extended Rationality", in **Conflict: Human Needs Theory**, John Burton (ed.), London: Palgrave Macmillan UK, 177-201. doi:10.1007/978-1-349-21000-8_9.
- NUDLER, O., 2002, "Campos controversiales y progreso en filosofía", **Manuscrito: Revista Internacional de Filosofía**, 25(2): 337-352.
- NUDLER, O., 2004, "Hacia un modelo de cambio conceptual: espacios controversiales y refocalización", **Revista de Filosofía**, 29(2): 7-19.
- NUDLER, O., (ed.), 2011, **Controversy Spaces**. A Model of Scientific and Philosophical Change, Amsterdam-Philadelphia: John Benjamin.
- NUNES-NETO, N.; MORENO, A.; EL-HANI, C. N. 2014, "Function in Ecology: An Organizational Approach", **Biology & Philosophy**, 29(1): 123-141. doi:10.1007/s10539-013-9398-7.
- NÚÑEZ JOVER, J., 1985, **Indagaciones Metodológicas Acerca de las Revoluciones Científicas**. Filosofía y Ciencia, La Habana: Editorial de Ciencias Sociales.

- NÚÑEZ JOVER, J., 1989, **Interpretación Teórica de la Ciencia**, La Habana: Editorial de Ciencias Sociales.
- OKON, E.; SUDARSKY, D., 2014a, "On the Consistency of the Consistent Histories Approach to Quantum Mechanics", **Foundations of Physics**, 44(1): 19-33. doi:10.1007/s10701-013-9760-2.
- OKON, E.; SUDARSKY, D., 2014b, "Measurements According to Consistent Histories", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 48: 7-12. doi:10.1016/j.shpsb.2014.08.011.
- OKON, E.; SUDARSKY, D., 2014c, "Benefits of Objective Collapse Models for Cosmology and Quantum Gravity", **Foundations of Physics**, 44(2): 114-143. doi:10.1007/s10701-014-9772-6.
- OKON, E.; SUDARSKY, D., 2015a, "The Consistent Histories Formalism and the Measurement Problem", **Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics**, 52: 217-222. doi:10.1016/j.shpsb.2015.07.008.
- OKON, E.; SUDARSKY, D., 2015b, "The Black Hole Information Paradox and the Collapse of the Wave Function", **Foundations of Physics**, 45(4): 461-470. doi:10.1007/s10701-015-9877-6
- OKON, E.; SUDARSKY, D., 2017, "Black Holes, Information Loss and the Measurement Problem", **Foundations of Physics**, 47(1): 120-131. doi:10.1007/s10701-016-0048-1
- OKON, E.; SUDARSKY, D., 2018a, "The Weight of Collapse: Dynamical Reduction Models in General Relativistic Contexts", in **Collapse of the Wave Function: Models, Ontology, Origin, and Implications**, Shan Gao (ed.), Cambridge University Press, 312-345. doi:10.1017/9781316995457.018.
- OKON, E.; SUDARSKY, D., 2018b, "Losing Stuff Down a Black Hole", **Foundations of Physics**, 48(4): 411-428. doi:10.1007/s10701-018-0154-3.
- OLIVÉ, L., 1988 [1993], **Conocimiento, Sociedad y Realidad. Problemas del Análisis Social del Conocimiento y el Realismo Científico**, México, D.F.: Fondo de Cultura Económica. Translated as **Knowledge, Society and Reality: Problems of the Social Analysis of Knowledge and of Scientific Realism**, David Sosa (trans.), Amsterdam: Rodopi, 1993.
- OLIVÉ, L., 2000, **El Bien, el Mal y la Razón: Facetas de la Ciencia y de la Tecnología**, México: Paidós. OLIVÉ, L., 2007, **La Ciencia y la Tecnología en la Sociedad del Conocimiento: Ética, Política y Epistemología**, México: Fondo de

Cultura Económica.

- OSORIO MARULANDA, C. A., 2018, "Philosophy of Activism and Community Management in Water Systems", in **Spanish Philosophy of Technology**, Belén Laspra and Jose Antonio López Cerezo (eds.), 211-222. doi:10.1007/978-3-319-71958-0_15.
- OTERO, M. H. (ed.), 1997, **Kuhn Hoy**, Montevideo: Universidad de la República.
- OYARZÚN R., P., 2007, "Memory, Moment, and Tears: A Speculative Approach to the Problem of Latin American Singularities", **CR: The New Centennial Review**, 7(3): 1-20. doi:10.1353/ncr.0.0000.
- OYARZÚN R., P., 2012, "On the Concept of Authority", **CR: The New Centennial Review**, 11(3): 225-252. doi:10.1353/ncr.2012.0017.
- OYARZÚN R., P., 2017, "Fear and Abyss: Two Figures of Power", **CR: The New Centennial Review**, 17(3): 219-235.
- PÁEZ, A., 2006, **Explanations in K**. An Analysis of Explanation as a Belief Revision Operation, Oberhausen: Athena Verlag.
- PALTI, E. J., 2004, "The 'Return of the Subject' As a Historico-Intellectual Problem", **History and Theory**, 43(1): 57-82. doi:10.1111/j.1468-2303.2004.00265.x.
- PALTI, E. J., 2005, "On the Thesis of the Essential Contestability of Concepts, and 19th Century Latin American Intellectual History", **Redescriptions: Political Thought, Conceptual History and Feminist Theory**, 9(1): 113-134. doi:10.7227/R.9.1.7.
- PALTI, E. J., 2006, "The Problem of 'Misplaced Ideas' Revisited: Beyond the 'History of Ideas' in Latin America", **Journal of the History of Ideas**, 67(1): 149-179. doi:10.1353/jhi.2006.0009.
- PALTI, E. J., 2009, "Beyond Revisionism: The Bicentennial of Independence, the Early Republican Experience, and Intellectual History in Latin America", **Journal of the History of Ideas**, 70(4): 593-614. doi:10.1353/jhi.0.0058.
- PALTI, E. J., 2010, "From Ideas to Concepts to Metaphors: The German Tradition of Intellectual History and the Complex Fabric of Language", **History and Theory**, 49(2): 194-211. doi:10.1111/j.1468-2303.2010.00539.x
- PALTI, E. J., 2014, "The 'Theoretical Revolution' in Intellectual History: From the History of Political Ideas to the History of Political Languages", *History and Theory*, 53(3): 387-405. doi:10.1111/hith.10719
- PALTI, E. J., 2018, "Koselleck-Foucault: The Birth and Death of Philosophy of History", in **Philosophy of Globalization**, Concha Roldán, Daniel Brauer, and Johannes Rohbeck (eds.), Berlin: De Gruyter, 409-422.

doi:10.1515/9783110492415-030.

- PARENTE, D., 2018, "Synthetic Life: Organisms, Machines, and the Nature of Synthetic Biology Products", in **Spanish Philosophy of Technology**, Belén Laspra and Jose Antonio López Cerezo (eds.), 31-41. doi:10.1007/978-3-319-71958-0_3.
- PÉREZ RANSANZ, A. R., 1999, **Kuhn y el Cambio Científico**, México, D.F.: Fondo de Cultura Económica. Reprinted in 2000 and 2012.
- PÉREZ RANSANZ, A. R.; GÓMEZ, A. V. (eds.), 2011, **Racionalidad en Ciencia y Tecnología**. Nuevas Perspectivas Iberoamericanas, México D.F.: UNAM.
- PESSOA, JR. O., 1997, "Can the Decoherence Approach Help to Solve the Measurement Problem?", **Synthese**, 113(3): 323-346. doi:10.1023/A:1004994303863.
- PESSOA, JR. O., 2005, "Towards a Modal Logical Treatment of Quantum Physics", **Logic Journal of the IGPL**, 13(1): 139-147. doi:10.1093/jigpal/jzi009
- PIAGET, J. ; GARCIA, R., 1971, **Les Explications Causales**, Paris: Presses Universitaires de France.
- PIAGET, J. ; GARCIA, R., 1983, **Psychogenèse et Histoire des Sciences**, Paris: Flammarion.
- PIAGET, J. ; GARCIA, R., 1987, **Vers une Logique des Significations**, Gêneve: Murionde Science Nouvelle.
- PICOLLO, L. M., 2013, "Yablo's Paradox in Second-Order Languages: Consistency and Unsatisfiability", **Studia Logica**, 101(3): 601-617. doi:10.1007/s11225-012-9399-6.
- PISCOYA, L., 1993, **Metapedagogía: un Análisis de las Denominadas Ciencias de la Educación**, Lima: Ediciones Episteme.
- PISCOYA, L., 1995, **Investigación Científica y Educacional: un Enfoque Epistemológico**, Lima: Amaru Editores.
- PUTNAM, H., 1981, **Reason, Truth and History**, Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9780511625398.
- PUTNAM, H., 1987, **The Many Faces of Realism**, The Paul Carus Lectures, LaSalle, IL: Open Court.
- QUEIROZ, J., 2012, "Dicent Symbols in Non-Human Semiotic Processes", **Biosemiotics**, 5(3): 319-329. doi:10.1007/s12304-011-9138-9.
- QUEIROZ, J.; EL-HANI, C. N. 2006, "Towards a Multi-Level Approach to the Emergence of Meaning Processes in Living Systems", **Acta Biotheoretica**, 54(3): 179-206. doi:10.1007/s10441-006-8177-0.

- QUEIROZ, J.; EMMECHE, C.; KULL, K.; EL-HANI, C. 2011, "The Biosemiotic Approach in Biology: Theoretical Bases and Applied Models", in **Information and Living Systems: Philosophical and Scientific Perspectives**, George Terzis and Robert Arp (eds.), Cambridge, MA: The MIT Press, 91-130. doi:10.7551/mitpress/9780262201742.003.0005.
- QUEIROZ, J.; STJERNFELT, F.; EL-HANI, C. N. 2014, "Dicent Symbols and Proto-Propositions in Biological Mimicry", in **Peirce and Biosemiotics: A Guess at the Riddle of Life**, Vinicius Romanini and Eliseo Fernández (eds.), (Biosemiotics 11), Dordrecht: Springer Netherlands, 199-213. doi:10.1007/978-94-007-7732-3_11.
- QUEZADA PULIDO, W., 2002, "Causalidad física: procesos causales y cantidades conservadas", **Revista de Filosofía**, 58: 79-99.
- QUEZADA PULIDO, W., 2007, "Causalidad por manipulación y el problema del antropomorfismo", **Cuadernos de Filosofía**, 25: 9-26.
- QUINTANILLA PÉREZ-WICHT, P., 2006, "La recepción del positivismo en Latinoamérica", **Logos Latinoamericano**, second series, 1(6): 65-76.
- RAHMAN, S.; CARNIELLI, W. A. 2000, "The Dialogical Approach to Paraconsistency", **Synthese**, 125(1/2): 201-232. doi:10.1023/A:1005294523930
- RATTO, A., 2018, "Where Is History Heading? Concerning the Idea of Progress", in **Philosophy of Globalization**, Concha Roldán, Daniel Brauer, and Johannes Rohbeck (eds.), Berlin: De Gruyter, 423-434. doi:10.1515/9783110492415-031.
- RECIO, G. L.; CARMAN, C. C. 2018, "On the Equant Point for the Planets and the Moon", **Journal for the History of Astronomy**, 49(4): 401-424. doi:10.1177/0021828618809222.
- RESTREPO, G., 2013, "To Mathematize, or Not to Mathematize Chemistry", **Foundations of Chemistry**, 15(2): 185-197. doi:10.1007/s10698-013-9183-3.
- RESTREPO, G.; PACHÓN, L. 2007, "Mathematical Aspects of the Periodic Law", **Foundations of Chemistry**, 9(2): 189-214. doi:10.1007/s10698-006-9026-6.
- RESTREPO, G.; VILLAVECES, J. L., 2011, "Chemistry, a Lingua Philosophica", **Foundations of Chemistry**, 13(3): 233-249. doi:10.1007/s10698-011-9123-z.
- RESTREPO, G.; VILLAVECES, J. L., 2012, "Mathematical Thinking in Chemistry", **Hyle: International Journal for Philosophy of Chemistry**, 18(1): 3-22.
- RESTREPO, G.; VILLAVECES, J. L., 2013, "Discrete Mathematical Chemistry: Social Aspects of Its Emergence and Reception", **Hyle: International Journal for Philosophy of Chemistry**, 19(1): 19-33.

- RIETTI, S.; MAFFÍA, D. 2005, "Género, ciencia y ciudadanía", *Arbor: Ciencia Pensamiento y Cultura*, 181(716): 539-544. doi:10.3989/arbor.2005.i716.411.
- RÍOS, D., 2004, "Mechanistic Explanations in the Social Sciences", *Current Sociology*, 52(1): 75-89. doi:10.1177/0011392104039315.
- RÍOS, D., 2005, "Social Complexity and the Micro-Macro Link", *Current Sociology*, 53(5): 773-787. doi:10.1177/0011392105055018.
- RÍOS, D., 2009, "Comment", in *Philosophy of the Social Sciences*, Chrysostomos Mantzavinos (ed.), Cambridge: Cambridge University Press, 92-98. doi:10.1017/CBO9780511812880.008.
- RÍOS POZZI, D., 2007, "System's Effects. Some Comments on Methodological Individualism", *L'Année sociologique*, 57(1): 63-82. doi:10.3917/anso.071.0063.
- ROBLES, J. A.; BENÍTEZ, L. (ed.), 2004, *La Filosofía Natural en los Pensadores de la Modernidad*, México D.F.: UNAM
- RODRÍGUEZ MEDINA, L. 2014, *Centers and Peripheries in Knowledge Production*, New York and London: Routledge.
- RODRÍGUEZ, P.; BLANCO, J. 2017, "Organization and Information in Simondon's Theory of Individuation", *Culture and Organization*, 23(1): 34-43. doi:10.1080/14759551.2016.1240745.
- ROLDÁN, C., 2018, "The Thinning and Deformation of Ethical and Political Concepts in the Era of Globalization", in *Philosophy of Globalization*, Concha Roldán, Daniel Brauer, and Johannes Rohbeck (eds.), Berlin: De Gruyter, 109-122. doi:10.1515/9783110492415-009.
- ROLDÁN, C.; BRAUER, D.; ROHBECK, J. (eds.), 2018, *Philosophy of Globalization*, Berlin: De Gruyter. doi:10.1515/9783110492415.
- ROMERO-MALTRANA, D., 2015, "Symmetries as By-Products of Conserved Quantities", *Studies in History and Philosophy of Science Part B: Studies in History and Philosophy of Modern Physics*, 52: 358-368. doi:10.1016/j.shpsb.2015.10.006.
- ROSAS, A., 2002, "Psychological and Evolutionary Evidence for Altruism", *Biology & Philosophy*, 17(1): 93-107. doi:10.1023/A:1012967912103.
- ROSAS, A., 2008a, "The Return of Reciprocity: A Psychological Approach to the Evolution of Cooperation", *Biology & Philosophy*, 23(4): 555-566. doi:10.1007/s10539-007-9065-y.

- ROSAS, A., 2008b, "Multilevel Selection and Human Altruism", **Biology & Philosophy**, 23(2): 205-215. doi:10.1007/s10539-007-9083-9
- ROSAS, A., 2010, "Evolutionary Game Theory Meets Social Science: Is There a Unifying Rule for Human Cooperation?", **Journal of Theoretical Biology**, 264(2): 450-456. doi:10.1016/j.jtbi.2010.02.015.
- ROSAS, A., 2012, "Towards a Unified Theory of Reciprocity", **Behavioral and Brain Sciences**, 35(1): 36-37. doi:10.1017/S0140525X11001312.
- ROSAS, A.; BERMÚDEZ, J. P. 2018, "Viewing Others as Equals: The Non-Cognitive Roots of Shared Intentionality", **Review of Philosophy and Psychology**, 9(3): 485-502. doi:10.1007/s13164-018-0394-3
- ROSAS, A.; BERMÚDEZ, J. P.; GUTIÉRREZ, A. 2018, "Is a Bad Will a Weak Will? Cognitive Dispositions Modulate Folk Attributions of Weakness of Will", **Philosophical Explorations**, 21(3): 350-363. doi:10.1080/13869795.2018.1457709.
- ROSAS, A.; KOENIGS, M. 2014, "Beyond 'Utilitarianism': Maximizing the Clinical Impact of Moral Judgment Research", **Social Neuroscience**, 9(6): 661-667. doi:10.1080/17470919.2014.937506.
- ROSAS, A.; VICIANA, H.; CAVIEDES, E.; ARCINIEGAS, A. 2019, "Hot Utilitarianism and Cold Deontology: Insights from a Response Patterns Approach to Sacrificial and Real World Dilemmas", **Social Neuroscience**, 14(2): 125-135. doi:10.1080/17470919.2018.1464945.
- ROSENBLATT, L.; SZMUC, D. E. 2014, "On Pathological Truths", **The Review of Symbolic Logic**, 7(4): 601-617. doi:10.1017/S1755020314000239.
- SABATO, J. (ed.), 1975, **El Pensamiento Latinoamericano en la Problemática Ciencia-Tecnología-Desarrollo-Dependencia**, Buenos Aires: Paidós. New edition in 2011, Buenos Aires: Ediciones Biblioteca Nacional.
- SALMERÓN, F. 1968, **La Filosofía y las Matemáticas**, Mexico D.F.: Ediciones Productividad.
- SAMANIEGO, F., 2013, "Causality and Intervention in the Spin-Echo Experiments", **Theoria: An International Journal for Theory, History and Foundations of Science**, 28(3): 477-497. doi: 10.1387/theoria.6136
- SAMANIEGO, F., 2014, "Causation and the Interventionist Vector of Explanatory Depth", in **New Advances in Causation, Agency and Moral Responsibility**, Fabio Bacchini, Stefano Caputo, and Massimo Dell'Utri (ed.), Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 1-17.

- SAMANIEGO, F., 2015, "Manipulating Spins: Causality and Decoherence", in **Recent Developments in the Philosophy of Science**: EPSA13 Helsinki, Uskali Mäki, Ioannis Votsis, Stéphanie Ruphy, and Gerhard Schurz (eds.), (European Studies in Philosophy of Science 1), Cham: Springer International Publishing, 183-193. doi:10.1007/978-3-319-23015-3_14.
- SANT'ANNA, A. S.; KRAUSE, D. 1997, "Indistinguishable Particles and Hidden Variables", **Foundations of Physics Letters**, 10(5): 409-426. doi:10.1007/BF02764019.
- SCARANO, E. R., 2012, "Economics as a Separate Science: A Critical Review", in **Perspectives on Epistemology and Economics**, Andrés Lazzarini and Diego Weisman (eds.), Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 73-98.
- SCHUSTER, F. G., 1992, **El Método en las Ciencias Sociales**, Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- SEBASTIÁN, M. Á., 2014, "Dreams: An Empirical Way to Settle the Discussion between Cognitive and Non-Cognitive Theories of Consciousness", **Synthese**, 191(2): 263-285. doi:10.1007/s11229-013-0385-y.
- SEBASTIÁN, M. Á.; ARTIGA, M. forthcoming, "Can Informational Theories Account for Metarepresentation?", **Topoi**, first online: 20 October 2017. doi:10.1007/s11245-017-9514-4.
- SKIDELSKY, L., 2013, "Faculty of Language, Functional Models, and Mechanisms", **Journal of Cognitive Science**, 14(2): 111-149.
- SOLER-TOSCANO, F.; NEPOMUCENO-FERNÁNDEZ, A.; ALISEDA-LLERA, A. 2009, "Abduction via C -Tableaux and δ -Resolution", **Journal of Applied Non-Classical Logics**, 19(2): 211-225. doi:10.3166/jancl.19.211-225.
- SUÁREZ-DÍAZ, E., 2007, "The Rhetoric of Informational Molecules: Authority and Promises in the Early Study of Molecular Evolution", **Science in Context**, 20(4): 649-677. doi:10.1017/S0269889707001482.
- SUÁREZ-DÍAZ, E., 2009, "Molecular Evolution: Concepts and the Origin of Disciplines", **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, 40(1): 43-53. doi:10.1016/j.shpsc.2008.12.006.
- SUÁREZ-DÍAZ, E., 2010, "Making Room for New Faces: Evolution, Genomics and the Growth of Bioinformatics", **History and Philosophy of the Life Sciences**, 32(1): 65-89.
- SUÁREZ-DÍAZ, E., 2013, "Variation, Differential Reproduction and Oscillation: The Evolution of Nucleic Acid Hybridization", **History and Philosophy of the**

Life Sciences, 35(1): 39-44.

- SUÁREZ-DÍAZ, E., 2014a, "The Long and Winding Road of Molecular Data in Phylogenetic Analysis", **Journal of the History of Biology**, 47(3): 443-478. doi:10.1007/s10739-013-9373-9.
- SUÁREZ-DÍAZ, E., 2014b, "Indigenous Populations in Mexico: Medical Anthropology in the Work of Ruben Lisker in the 1960s", **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, 47: 108-117. doi:10.1016/j.shpsc.2014.05.011.
- SUÁREZ-DÍAZ, E.; ANAYA-MUÑOZ, V. H., 2008, "History, Objectivity, and the Construction of Molecular Phylogenies", **Studies in History and Philosophy of Science Part C: Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences**, 39(4): 451-468. doi:10.1016/j.shpsc.2008.09.002.
- SUÁREZ-DÍAZ, E.; BARAHONA, A. 1996, "The Experimental Roots of the Neutral Theory of Molecular Evolution", **History and Philosophy of the Life Sciences**, 18(1): 55-81.
- TAJER, D., forthcoming, "*LFIs* and Methods of Classical Recapture", **Logic Journal of the IGPL**, first online: 27 November 2018. doi:10.1093/jigpal/jzy060.
- TEIJEIRO, P., forthcoming, "Subvaluationism and Classical Recapture", **Logic Journal of the IGPL**, first online: 27 November 2018. doi:10.1093/jigpal/jzy062.
- TOHMÉ, F.; CATERINA, G.; GANGLE, R. 2015, "Abduction: A Categorical Characterization", **Journal of Applied Logic**, 13(1): 78-90. doi:10.1016/j.jal.2014.12.004.
- TOHMÉ, F.; CRESPO, R. 2013, "Abduction in Economics: A Conceptual Framework and Its Model", **Synthese**, 190(18): 4215-4237. doi:10.1007/s11229-013-0268-2.
- TORRES, J. M., 1997, "On the Limits of Enhancement in Human Gene Transfer: Drawing the Line", **Journal of Medicine and Philosophy**, 22(1): 43-53. doi:10.1093/jmp/22.1.43.
- TORRES, J. M., 2002, "The Importance of Genetic Services for the Theory of Health: A Basis for an Integrating View of Health", **Medicine, Health Care and Philosophy**, 5(1): 43-51. doi:10.1023/A:1014280007453
- TORRES, J. M., 2006, "Genetic Tools, Kuhnean Theoretical Shift and the Geneticization Process", **Medicine, Health Care and Philosophy**, 9(1): 3-12. doi:10.1007/s11019-005-8317-3.
- TORRETTI, R., 1967 [2005], **Manuel Kant**. Estudio sobre los Fundamentos de la Filosofía Crítica, Santiago: Ediciones de la Universidad de Chile. (Third

- revised edition, Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2005).
- TORRETTI, R., 1978, **Philosophy of Geometry from Riemann to Poincaré**, Dordrecht: Reidel (Corrected reprint, 1984). doi:10.1007/978-94-009-9909-1
- TORRETTI, R., 1985, **Relativity and Geometry**, Oxford: Pergamon Press (Corrected reprint, New York: Dover, 1996).
- TORRETTI, R., 1990, **Creative Understanding**: Philosophical Reflections on Physics, Chicago: The University of Chicago Press.
- TORRETTI, R., 1999, **The Philosophy of Physics**, Cambridge: Cambridge University Press. doi:10.1017/CBO9781139172981.
- TORRETTI, R., 2000, "'Scientific Realism' and Scientific Practice", in **The Reality of the Unobservable: Observability, Unobservability and Their Impact on the Issue of Scientific Realism**, Evandro Agazzi and Massimo Pauri (ed.), (Boston Studies in the Philosophy of Science 215), Dordrecht: Springer Netherlands, 113-122. Reprinted in 2007 as "El realismo científico y la ciencia como es", in *Escritos Filosóficos 1986-2006*, Santiago de Chile: Universidad Diego Portales, 75-98. doi:10.1007/978-94-015-9391-5_6.
- TORRETTI, R., 2008, "Objectivity: A Kantian Perspective", *Kant and Philosophy of Science Today*, Michela Massimi (ed.), **Royal Institute of Philosophy Supplement**, 63: 81-94. doi:10.1017/S1358246108000052.
- TOSSATO, C. R.; MARICONDA, P. R. 2010, "O método da astronomia segundo Kepler", **Scientiae Studia**, 8(3): 339-366. doi:10.1590/S1678-31662010000300003.
- TOZZI, V., 2009, "Figuring Malvinas War Experience. Heuristic and History as An Unfulfilled Promise", in **Re-Figuring Hayden White, Frank Ankersmit, Ewa Domanska**, and Hans Kellner (eds.), Stanford, CA: Stanford University Press, 261-280.
- TOZZI, V., 2012a, "Pragmatist Contributions to a New Philosophy of History", **Pragmatism Today**, 3(1): 121-131.
- TOZZI, V., 2012b, "The Epistemic and Moral Role of Testimony", **History and Theory**, 51(1): 1-17. doi:10.1111/j.1468-2303.2012.00609.x.
- TOZZI, V., 2016, "Dewey, Mead, John Ford, and the Writing of History: Pragmatist Contributions to Narrativism", **European Journal of Pragmatism and American Philosophy**, 8(2): 167-189. doi:10.4000/ejap.641.
- TOZZI, V., 2018, "A Pragmatist View on Two Accounts of the Nature of Our 'Connection' with the Past: Hayden White and David Carr Thirty Years Later", **Rethinking History**, 22(1): 65-85. doi:10.1080/13642529.2017.1423010.

- VACCARI, A. P., 2013, "Artifact Dualism, Materiality, and the Hard Problem of Ontology: Some Critical Remarks on the Dual Nature of Technical Artifacts Program", **Philosophy & Technology**, 26(1): 7-29. doi:10.1007/s13347-011-0059-y.
- VACCARI, A. P., 2015, "Transhumanism and Human Enhancement: A Post-mortem", **Bioethica Forum**, 8(1): 22-23.
- VACCARI, A. P., 2017, "Against Cognitive Artifacts: Extended Cognition and the Problem of Defining 'Artifact'", **Phenomenology and the Cognitive Sciences**, 16(5): 879-892. doi:10.1007/s11097-016-9484-9.
- VARSASKY, O., 1971, "Ideología y verdad", **Ciencia Nueva**, 12: 44-47.
- VEGA-ENCABO, J.; LAWLER, D. 2014, "Creating Artifactual Kinds", in *Artefact Kinds: Ontology and the Human-Made World*, Maarten Franssen, Peter Kroes, Thomas A.C. Reydon, and Pieter E. Vermaas (eds.), Cham: Springer International Publishing, 105-124. doi:10.1007/978-3-319-00801-1_7.
- VELASCO GÓMEZ, A., (ed.), 1997, **Racionalidad y Cambio Científico**, México F. F.: UNAM-Paidós.
- VELASCO GÓMEZ, A., 2015, "Ibero-American Republican Humanism and the Intellectual Roots of Mexican Independence", in **The Traditions of Liberty in the Atlantic World**, Francisco Colom González and Angel Rivero (eds.), Leiden: Brill. doi:10.1163/9789004299689_005.
- VERDUGO, C., 2009, "Popper's Thesis of the Unity of Scientific Method: Method Versus Techniques", in **Rethinking Popper**, Zuzana Parusniková and Robert S. Cohen (eds.), (Boston Studies in The Philosophy of Science 272), Dordrecht: Springer Netherlands, 155-160. doi:10.1007/978-1-4020-9338-8_12
- VESSURI, H., 2000, "Mode 2 or the Emblematic Disestablishment of Science: A View from the Edge", **Science, Technology and Society**, 5(2): 195-207. doi:10.1177/097172180000500204.
- VESSURI, H., 2003, "Science, Politics, and Democratic Participation in Policy-Making: A Latin American View", **Technology in Society**, 25(2): 263-273. doi:10.1016/S0160-791X(03)00020-4.
- VILLANI, G.; GHIBAUDI, E.; CERRUTI, L. 2018, "The Orbital: A Pivotal Concept in the Relationship between Chemistry and Physics? A Comment to the Work by Fortin and Coauthors", **Foundations of Chemistry**, 20(2): 89-97. doi:10.1007/s10698-017-9293-4.

- VILLORO, L., 1982, **Creer, Saber, Conocer**, Mexico D.F.: Siglo XXI.
- WADE, P.; LÓPEZ-BELTRÁN, C.; RESTREPO, E.; SANTOS, R. V. 2015, "Genomic Research, Publics and Experts in Latin America: Nation, Race and Body", **Social Studies of Science**, 45(6): 775-796. doi:10.1177/0306312715623108.
- ZAMBON, A., 2018, "A Representation of the Periodic System Based on Atomic-Number Triads", **Foundations of Chemistry**, 20(1): 51-74. doi:10.1007/s10698-017-9297-0.
- ZEAL, L., 1943-1944, **El Positivismo en México**, Vol. 1 (1943), Vol. 2 (1944), Mexico D.F.: Fondo de Cultura Económica.

(III) Epistemologia na América Latina*

Autor: Diego Machuca

Tradução: Maria Teresa Marques Santos

Revisão: Danúzia Fernandes Brandão

Após apresentar a situação atual da pesquisa epistemológica na América Latina e parte de sua história, esta entrada abordará cinco tópicos: ceticismo (especialmente em sua corrente pirrônica), epistemologia central, epistemologia formal, o pensamento de Wittgenstein em conexão com a epistemologia e o ceticismo, e a epistemologia do Direito. Deve-se observar desde o início que esta entrada não pretende fornecer um relato abrangente da epistemologia na América Latina, e sim traçar um quadro geral tendo como foco as principais questões que vem sendo discutidas nesse campo.

*MACHUCA, D. I. Epistemology in Latin America. In: ZALTA, E. N. (ed.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Fall 2018 Edition. Stanford, CA: The Metaphysics Research Lab, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/epistemology-latin-america/>. Acesso em: 19 out. 2021.

The following is the translation of the entry Analytic Philosophy in Latin America by Diana Ines Perez, in the Stanford Encyclopedia of Philosophy. The translation follows the version of the entry in the SEP's archives at <https://plato.stanford.edu/archives/fall2018/entries/epistemology-latin-america/>. This translated version may differ from the current version of the entry, which may have been updated since the time of this translation. The current version is located at <https://plato.stanford.edu/entries/epistemology-latin-america/>. We'd like to thank the Editors of the Stanford Encyclopedia of Philosophy, mainly Prof. Dr. Edward Zalta, for granting permission to translate and to publish this entry. Finally, we would like to thank to John Templeton Foundation for financially supporting this project.

Levaremos em consideração o trabalho dos estudiosos que escreveram (em espanhol, português ou inglês) sobre questões epistemológicas independente de estarem atualmente residindo na América Latina ou de terem trabalhado em países não latino-americanos por parte considerável de suas carreiras. O marco para a inclusão não foi o nascimento na América latina, embora todos, exceto um dos que serão mencionados, nasceram nesse continente, e, sim, o fato de terem origem latino-americana, terem se formado em universidades latino-americanas e terem trabalhado ao menos por algum tempo na América Latina, recebendo assim (parte de) sua educação filosófica em tal continente. Por esta razão, não haverá nenhuma menção, por exemplo, do extenso e influente trabalho em epistemologia de Ernest Sosa e Linda Martín Alcoff.

1. Introdução

Existe um crescente interesse por temas e problemas epistemológicos entre membros do que podemos chamar, um tanto artificialmente, de “comunidade filosófica Latino-Americana”. No entanto, deve-se observar desde o início que, apesar da larga extensão dessa comunidade e de suas conexões com filósofos e grupos de pesquisa principalmente nos Estados Unidos e no Reino Unido, de modo geral a investigação epistemológica na América Latina difere significativamente em abordagem, amplitude e originalidade da epistemologia anglófona dominante, que no momento pode ser razoavelmente considerada emblemática devido à sua profundidade, precisão, inovação e fecundidade.

Na América Latina, a epistemologia tem sido tradicionalmente abordada de uma perspectiva histórico-exegética ao invés de sistemática. Mesmo hoje, não é incomum que um curso de epistemologia do departamento de Filosofia de uma universidade latino-americana se concentre (quase que) exclusivamente nas visões sobre a natureza e na possibilidade de conhecimento encontradas nas obras de Descartes, Hume, Kant, Husserl, Heidegger, Merleau-Ponty ou Ricoeur, em vez de concentrar-se nas principais posições epistemológicas adotadas na Filosofia analítica contemporânea. A razão é, ao menos em parte, que a maioria dos professores responsáveis por cursos sobre a teoria do conhecimento tradicionalmente são historiadores da Filosofia moderna ou fenomenólogos influenciados pela forma como a Filosofia tem sido habitualmente praticada na França, Alemanha e Espanha, seguido assim a tradição da chamada Filosofia continental. No meio acadêmico

latino-americano, a Filosofia em geral tem sido predominantemente abordada ou por meio da exegese de textos filosóficos ou por meio da história das ideias filosóficas, ambas com uma orientação marcadamente continental.

Ainda que a história da Filosofia analítica na América Latina comece nos anos 1950-1960s (*vide* PÉREZ; ORTIZ-MILLÁN, 2010), foi preciso esperar até as duas últimas décadas do século XX para que emergisse uma tendência forte e abrangente de Filosofia analítica.

O ímpeto influente para a produção e disseminação, na América Latina (particularmente na Argentina, no Brasil e no México), de novos trabalhos de tradição analítica foi a fundação de centros de pesquisa com uma abordagem distintamente analítica e o posterior lançamento de seus respectivos periódicos: o *Instituto de Investigaciones Filosóficas* (IIF, 1967), na *Universidad Autónoma de México* (UNAM), com a revista *Crítica* (1967); a *Sociedad Argentina de Análisis Filosófico* (SADAF, 1972) com *Análisis Filosófico* (1981); e o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE, 1976), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil, com o periódico *Manuscrito* (1977). A fundação, em 2007, da *Asociación Latinoamericana de Filosofía Analítica* (ALFA) reflete o sustentado desenvolvimento da Filosofia analítica nos países latino-americanos. O recente ímpeto sem precedentes no que pode ser considerado o modo analítico de fazer Filosofia explica por que, desde a virada do milênio, a abordagem predominantemente histórico-exegética e continental da epistemologia tem lentamente começado a ser substituída por uma abordagem sistemática e analítica.

Quanto à amplitude dos estudos latino-americanos em epistemologia, um número considerável de temáticas discutidas na epistemologia analítica atual não tem recebido a menor atenção, outras têm sido abordadas apenas superficialmente, e outras mais têm sido tratadas apenas por alguns poucos pesquisadores. Essa situação não se limita a áreas relativamente novas como a epistemologia do testemunho, a epistemologia da discordância ou a epistemologia coletiva (todas inseridas na chamada epistemologia social), trata-se um fenômeno mais geral. Pode ser que isso se deva ao fato que, por alguma razão, na Filosofia latino-americana de estilo analítico, a epistemologia recebeu menos atenção que a lógica, a Filosofia da ciência ou a Filosofia da linguagem.

Finalmente, embora posições e argumentos originais sobre tópicos específicos tenham sido desenvolvidos por estudiosos latino-americanos, é seguro dizer que não existe uma epistemologia distintamente latino-americana. Questões e problemas epistemológicos atualmente examinados na obra dos autores latino-

americanos que adotam uma abordagem sistemática ou têm sido discutidos ao longo da história da Filosofia ou foram “importados” de estudos anglófonos. Tampouco existe uma maneira particular de fazer epistemologia que possa ser identificada como latino-americana. Por essa razão, pode-se falar em “epistemologia na América Latina” ou em “epistemologia feita por latino-americanos” em vez de “epistemologia latino-americana”.

Uma ressalva deve ser feita: o acima exposto pretende ser uma descrição geral da situação atual na comunidade filosófica latino-americana. A colaboração acadêmica entre grupos de pesquisa dentro e fora da América Latina, o crescente número de pesquisadores de países latino-americanos visitantes em departamentos de Filosofia da América do Norte e da Europa, onde as melhores pesquisas epistemológicas são realizadas, assim como o aumento de recursos financeiros em alguns desses países irá, como se pode razoavelmente esperar, mudar a situação nos próximos anos, construindo sobre o que já foi investigado na área e inaugurando outras pesquisas e debates. Nas próximas décadas, provavelmente haverá uma comunidade latino-americana consolidada trabalhando em questões epistemológicas, e talvez possamos até mesmo começar a falar de uma epistemologia distintamente latino-americana.

2. Ceticismo

É seguro dizer que o ceticismo é a principal questão discutida por estudiosos latino-americanos que trabalham com epistemologia, a julgar pelo número de trabalhos dedicados ao tema. Além disso, em certos países latino-americanos há uma curta, mas forte tradição de estudos sobre a história e a significância filosófica do ceticismo. Esta é a razão pela qual ceticismo é o primeiro tópico abordado nesta entrada.

Conforme aponta Cresto (2010a, p. 468), o estudo da história do ceticismo é uma das linhas de pesquisa a serem consideradas ao se traçar um panorama da investigação epistemológica na América Latina. Contudo, ao contrário do que ele afirma, é difícil encontrar qualquer discussão epistemológica sistemática sobre ceticismo nas numerosas obras em que estudiosos latino-americanos abordam a história do ceticismo antigo ou moderno. Ainda assim, é principalmente em conexão com o estudo do pirronismo antigo que o campo viu o surgimento de discussões sistemáticas sobre a natureza do ceticismo e os desafios epistêmicos que ele levanta. O pirronismo é a variedade do ceticismo mais comumente tratada nas obras de acadêmicos latino-americanos, tanto de forma geral quanto em conexão com questões epistemológicas.

A tradição latino-americana de estudos sobre a história do ceticismo antigo e moderno começou na década de 1970 com Oswaldo Porchat Pereira (1933-2017) no Brasil e Ezequiel de Olaso (1932-1996) na Argentina. Os dois mantiveram um próximo contato e coorganizaram duas conferências sobre ceticismo: uma em Campinas (Brasil) em 1986 e outra em Buenos Aires (Argentina) em 1992.

Porchat fez sua graduação e pós-graduação em Filosofia na Universidade de São Paulo (USP), obtendo seu doutorado com sua tese sobre a concepção de ciência de Aristóteles. Porchat também realizou pesquisas nos Estados Unidos, no Reino Unido e na França, onde foi fortemente influenciado por historiadores da Filosofia franceses. Foi professor na USP e fundador tanto do departamento de Filosofia quanto do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (*vide* seção 1) da UNICAMP.

De Olaso obteve sua licenciatura em Filosofia pela *Universidad de Buenos Aires* e seu doutorado, também em Filosofia, pelo *Bryn Mawr College*, com tese sobre Leibniz e o ceticismo antigo. Ele lecionou na *Universidad Nacional de La Plata*, na *Universidad de Buenos Aires* e na *Universidad de San Andrés*, todas na Argentina. Também foi pesquisador no *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET) da Argentina e membro fundador do *Centro de Investigaciones Filosóficas* (CIF, 1965) e de seu periódico, a *Revista Latinoamericana de Filosofía* (RLF, 1975). De Olaso também parece ter colaborado com Porchat na fundação do CLE.

Enquanto os estudos de Porchat sobre ceticismo (todos exceto um, PORCHAT PEREIRA, 2013, coletado em seu livro de 2007) tratam quase que exclusivamente do pirronismo exposto nas obras do médico Sexto Empírico, do século II, as pesquisas de De Olaso consideram não apenas o pirronismo de Sextus (DE OLASO, 1983, 1988, 1992), mas também as discussões de Hume e Leibniz sobre ceticismo, particularmente em sua variedade pirrônica (DE OLASO, 1974, 1977, 1978, 1980, 1984). Quase no final de sua vida, os escritos de De Olaso se concentraram na epistemologia praticada na tradição analítica: por exemplo, ele ofereceu uma análise dos conceitos de certeza, conhecimento e ceticismo, e de suas relações, tanto na Filosofia moderna quanto contemporânea (DE OLASO, 1999). Não houve, contudo, uma contribuição original aos debates atuais sobre essas questões. Enquanto Porchat se considerava um cético, De Olaso não o fazia, adotando assim uma postura muito mais crítica ao ceticismo. Aqui iremos nos concentrar em Porchat tanto porque ele afirmou a adoção de uma postura neopirrônica quanto porque foi dito que seus escritos oferecem reflexões epistemológicas significativas sobre o ceticismo. No entanto, primeiro, ao discutir o pirronismo antigo

em sua obra publicada, ele raramente aborda ou propõe soluções às questões interpretativas e filosóficas mais complexas levantadas por Sexto em sua apresentação do pirronismo, além de se envolver superficialmente com apenas uma pequena parte da vasta literatura especializada.

Fazemos essa observação porque algumas dessas questões amplamente discutidas na literatura secundária estão relacionadas a problemas epistemológicos intrigantes: por exemplo, o desafio epistêmico colocado pelos Cinco Modos de Agripa, o ataque ao critério da verdade, a postura do pirrônico sobre os padrões de justificação e normas de racionalidade e a possibilidade de investigação cética. Em segundo lugar, ao propor seu neopirronismo, ele desconsidera completamente as centenas de estudos epistemológicos sobre o ceticismo em geral ou sobre o pirronismo em particular publicados especialmente a partir do final dos anos 1970. A razão é simplesmente que Porchat não se envolve com nenhuma discussão sistemática de questões epistemológicas. Para uma apreciação diferente do trabalho de Porchat, confira Smith e Bueno (2016) e Smith (2018).

Contudo, deve-se observar que, diferente de De Olaso, os ensinamentos e os textos de Porchat exerceram forte influência sobre seus alunos, ao ponto de vários deles dedicarem seu próprio trabalho ao estudo do ceticismo, criando no Brasil uma comunidade relativamente grande de acadêmicos interessados nesse movimento filosófico. O trabalho desses estudiosos brasileiros influenciados por Porchat foi principalmente exegético e histórico, com foco especial no ceticismo antigo e moderno. Uma clara exceção é Otávio Bueno (1970-) que, após completar a graduação e o mestrado na USP, dedicou-se ao doutorado na *University of Leeds* e atualmente é professor da *University of Miami*. Embora as principais áreas de pesquisa de Bueno sejam a Filosofia da ciência, a Filosofia da matemática e a lógica, ele também discutiu questões epistemológicas em conexão com o ceticismo, particularmente de vertente pirrônica. Ele argumentou que é um erro afirmar que o pirrônico está, ao final, comprometido com o internalismo epistêmico, dado que os argumentos deste último contra o externalismo epistêmico são meramente dialéticos (BUENO, 2011). Ele também rejeitou a visão de que o Pirrônico não pode induzir o estado de suspensão do julgamento com base no modo Agripa apenas por desacordo (BUENO, 2013). Em outros artigos nos quais o pirronismo também é considerado, Bueno avaliou criticamente as respostas de Donald Davidson e Ernest Sosa ao ceticismo (BUENO, 2005, 2009). Finalmente, vale mencionar que ele defendeu uma abordagem pirrônica para a ciência contemporânea em conexão com o empirismo construtivo de Bas van Fraassen (BUENO, 2015).

Com relação aos estudos brasileiros sobre ceticismo epistemológico, três outros pesquisadores devem ser mencionados: Plínio Junqueira Smith (1964-), Waldomiro José da Silva Filho (1966-), e Claudio Gonçalves de Almeida (1960-).

Smith, que cursou a graduação e pós-graduação em Filosofia na USP, é provavelmente o acadêmico brasileiro mais influenciado pelos ensinamentos e escritos de Porchat. Atualmente ele é docente na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e editor do periódico brasileiro *Sképsis* (2007), uma das duas revistas dedicadas ao ceticismo (co)editadas na América Latina. Embora seu trabalho se dedique especialmente à história do ceticismo moderno, Smith recentemente escreveu artigos mais orientados epistemologicamente dedicados à postura cética de Porchat (SMITH, 2015) e ao que ele considera o neopirronismo de Barry Stroud (SMITH, 2016).

Da Silva Filho graduou-se em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz e concluiu seu mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente professor da UFBA, atua nas áreas de Filosofia da mente e epistemologia. Em algumas de suas publicações, examinou certas dificuldades céticas em relação ao autoconhecimento (DA SILVA FILHO, 2007, 2008). Embora não fosse aluno de Porchat, também foi influenciado pela sua postura cética.

De Almeida graduou-se em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), fez seu mestrado em Filosofia na USP e doutorado em Filosofia pela *McMaster University* (Canadá). Atualmente professor na PUCRS, sua principal área de pesquisa é a epistemologia. Escreveu sobre fechamento epistêmico e ceticismo, argumentando, entre outras coisas, que nem o conhecimento nem a justificação epistêmica são fechados sob implicação lógica e que essa falha de fechamento não afeta o ceticismo cartesiano (DE ALMEIDA, 2007, 2012). Também escreveu sobre a influente interpretação de Stroud do ceticismo cartesiano, que, segundo De Almeida, está prejudicada por confusões (DE ALMEIDA, 2016).

No que diz respeito à Argentina, é possível encontrar diversos pesquisadores explorando o ceticismo no contexto da epistemologia contemporânea, entre os quais se pode citar Eleonora Cresto (1971-), Juan Comesaña (1972-), e Diego Machuca (1976-).

O interesse inicial de Cresto pelo ceticismo surgiu sob a influência de Olaso, que orientou seu trabalho final de graduação na *Universidad de Buenos Aires* (UBA). Mais tarde ela obteve o grau de mestre e doutora em Filosofia pela *Columbia University*. Atualmente é pesquisadora no CONICET e professora na *Universidad Nacional de Tres de Febrero*, Argentina, onde trabalha principalmente

com epistemologia formal (*vide* seção 4). Em seus primeiros artigos publicados ela examinou criticamente as respostas anticéticas confiabilistas e naturalistas propostas na literatura, considerando-as insatisfatórias (CRESTO, 1996a, 1996b), mas também apresentou sua própria resposta confiabilista ao ceticismo (CRESTO, 1997).

Após cursar a graduação na UBA, Comesaña concluiu seu doutorado na *Brown University* sob orientação de Sosa, e atualmente é professor na *University of Arizona*. Em Buenos Aires ele foi membro fundador do influente, mas agora extinto *Grupo de Acción Filosófica* (GAF). Publicou sobre várias questões epistemológicas (sobre as quais, *vide* seção 3), e dedicou alguns de seus estudos ao ceticismo. Comesaña ofereceu visões gerais bastante úteis acerca da chamada problemática pirrônica e do ceticismo em geral (COMESAÑA, 2006a, 2009a). Também examinou se as teorias contemporâneas do contextualismo e contrastivismo podem ajudar os pirrônicos a oferecerem uma resposta filosoficamente satisfatória à objeção tradicional de que eles são reduzidos à inatividade porque ação requer crença, e eles, por sua vez, alegam suspender o julgamento em relação às crenças filosófico-científicas ou todas as crenças de qualquer tipo. O veredito de Comesaña é negativo (COMESAÑA, 2011).

Machuca, que cursou sua graduação e pós-graduação na Argentina, concluindo seu doutorado na UBA, atualmente é pesquisador no CONICET e editor (juntamente com Duncan Pritchard) da *Revista Intenacional de Estudo do Ceticismo* (2011). Inicialmente dedicado a examinar o pirronismo e o ceticismo moral de Sexto, mais recentemente ele tem se concentrado à discussão sistemática do ceticismo em relação às questões epistemológicas. Tem observado a relevância do pirronismo para as teorias contemporâneas do conhecimento e justificação e, em particular, ao debate presente acerca da significância epistêmica do desacordo, defendendo uma postura neopirrônica (MACHUCA, 2013b, 2015a, 2017a, a ser publicado). Ele também examinou a conexão entre desacordo e ceticismo em geral, argumentando, entre outros pontos, que um ceticismo radical baseado em desacordo não pode ser descartado de imediato como sendo insustentável ou absurdo (MACHUCA, 2015b, 2017b).

Em outros países latino-americanos, encontra-se alguns estudos epistemológicos sobre o ceticismo, e sobre o pirronismo em particular, entretanto o interesse nesse assunto é muito mais esporádico. Resumiremos aqui os trabalhos de Pedro Stepanenko (México) e Mauricio Zuluaga (Colômbia), de natureza mais epistemológica.

Stepanenko (1960-), um especialista em Kant, obteve seu doutorado em Filosofia pela *Universidad Autónoma de México*, onde é atualmente professor e membro do *Instituto de Investigaciones Filosóficas* (*vide* seção 1). Em Stepanenko (2011), ele argumenta que, usando uma interpretação condicional ou disjuntivista de suas

declarações de aparência, o cético pirrônico pode relatar suas próprias experiências sem estar epistemicamente comprometido com as crenças geralmente aceitas ao se atribuir estados mentais a si mesmo.

Zuluaga fez sua graduação e seu mestrado em Filosofia na *Universidad de los Andes* e na *Universidad Nacional de Colombia*, respectivamente. Seu doutorado, na mesma área, foi obtido pela *Ludwig-Maximilians-Universität München* (Alemanha). Atualmente ele é professor na *Universidad del Valle* (Colômbia). Zuluaga analisou o trilema de Agripa no contexto das discussões epistemológicas contemporâneas acerca do argumento do regresso, mas sua abordagem é meramente expositiva: ele se limita a oferecer um panorama geral de parte da literatura sobre o trilema e sobre problemas enfrentados pelo fundacionismo e coerentismo (ZULUAGA, 2005). Ele também escreveu sobre reconstruções contemporâneas do ceticismo cartesiano que são baseadas no princípio de fechamento (ZULUAGA, 2012), mas novamente sua abordagem é inteiramente expositiva.

3. Epistemologia central

A epistemologia central se preocupa basicamente com a análise sistemática do conhecimento e da crença justificada. Desta forma, nesta seção nos referiremos a trabalhos que examinam conceitos epistemológicos fundamentais – tais como conhecimento, verdade e justificação, ou que defendem ou atacam certas teorias epistemológicas gerais, como confiabilismo e falibilismo.

É no *Instituto de Investigaciones Filosóficas* que Luis Villoro (1922-2014) passou a maior parte de sua carreira acadêmica. Nascido em Barcelona (Espanha) de mãe mexicana e pai espanhol, foi criado na Espanha e na Bélgica, mas se estabeleceu no México com o deflagrar da Segunda Guerra Mundial, tornando-se cidadão mexicano. Coursou a graduação e a pós-graduação na *Universidad Autónoma de México* e passou períodos de estudos na França e na Alemanha. Em 1982 ele publicou o primeiro livro analiticamente orientado sobre epistemologia escrito em espanhol: *Creer, saber, conocer* (VILLORO, 1982), traduzido para o inglês como *Belief, Personal, and Propositional Knowledge* (VILLORO, 1998). Villoro examinou conceitos fundamentais como crença, conhecimento, verdade, objetividade e comunidades epistêmicas. Ele distinguiu saber e conhecer, que, grosso modo, corresponde ao que podemos chamar de “conhecimento proposicional” e “conhecimento pessoal”, respectivamente, este último consistindo em ter experiências diretas com dado objeto.

S pode afirmar que tem conhecimento pessoal de X contanto que tenha as experiências pessoais relevantes, mas se S quiser justificar a alguém a afirmação de que tem tal conhecimento de X, S deve demonstrar que tem conhecimento proposicional de seu conhecimento pessoal. Villoro parece ter defendido uma forma de relativismo epistêmico na medida em que afirmou que saber que p é acreditar que p , e ter razões objetivamente suficientes para assim fazê-lo – uma razão objetivamente suficiente seria aquela conclusiva, coerente e completa – mas também sustentou que o que é considerado razão objetivamente suficiente em uma comunidade epistêmica pode não o ser em outra. Por essa razão, ele afirmou que o conhecimento empírico é falível: com base nas razões objetivamente suficientes para qualquer membro de sua comunidade epistêmica, S sabe que p , porém não se pode descartar a possibilidade de ha razões contrárias disponíveis a uma comunidade epistêmica diferente que comprometeria seu conhecimento de p . Razões objetivamente suficientes são nossa melhor garantia de verdades empíricas, mas não implicam necessariamente em tais verdades (VILLORO, 1982, p. 180-192). Villoro sustentou que a visão de que todo conhecimento é socialmente condicionado constitui a única alternativa válida ao ceticismo (1982, p. 164). Ele também propôs uma reforma surpreendente no conceito tradicional de conhecimento: a noção de verdade não deve ser incluída na definição de conhecimento porque, embora a noção de uma razão objetivamente suficiente não possa ser compreendida sem a noção de verdade, pode-se saber de p , mesmo que p não seja verdadeiro, pois a verdade não é uma condição necessária para que uma razão seja objetivamente suficiente (1982, cap. 8). (Para uma visão geral mais completa do livro de Villoro, consulte CRESTO, 2010a, p. 474-477.)

A posição de Villoro foi criticada por Guillermo Hurtado (1962-), professor na *Universidad Autónoma de Mexico* que obteve seu diploma em Filosofia nesta universidade, e seu bacharelado e doutorado na mesma área pela Universidade de Oxford. Hurtado (2003) defende que o relativismo epistêmico de Villoro e sua redefinição do conceito de conhecimento são resultado do fato que Villoro concede ao cético a visão inaceitável de que, para poder afirmar que se sabe de p , é preciso ter um critério infalível para saber que se sabe.

Eleonora Cresto (*vide* seção 2) dedicou alguns artigos ao exame de questões epistemológicas centrais. Por exemplo, adotando uma perspectiva moderadamente peirciana, ela questionou o quadro tradicional de atribuição de conhecimento segundo o qual pode-se atribuir conhecimento de p a s apenas se p for verdadeiro e s for epistemicamente justificado a acreditar em p . Cresto afirma que a justificação epistêmica (entendida em termos internalistas ou externalistas) *nem sempre* é vista como uma

condição necessária para o conhecimento e, portanto, como uma condição necessária para fazer uma atribuição correta de conhecimento, de acordo com nosso uso pré-teórico de termos epistêmicos padrão (Cresto, no prelo (a); CRESTO, 2012, p. 928-929).

Também tem havido algumas discussões sobre o conceito de conhecimento em termos de confiabilidade e falibilidade. Começamos com o primeiro. Colocado de forma sucinta, o confiabilismo sustenta que uma crença é conhecimento se for verdadeira e se tiver sido produzida, ou ser sustentada, por um processo confiável que produz, em sua maioria, crenças verdadeiras. As teorias confiabilistas do conhecimento requerem um mecanismo confiável para a formação de crenças, mas não exigem que o agente epistêmico esteja ciente ou tenha evidências da confiabilidade do mecanismo. Por essa razão, o confiabilismo é uma forma de externalismo.

Juan Comesaña (*vide* seção anterior) propôs uma teoria original da justificação epistêmica que combina elementos tanto do confiabilismo quanto do evidencialismo – que representam duas abordagens concorrentes na epistemologia analítica contemporânea. Essa teoria, que ele chama de “confiabilismo evidencialista”, pretende incorporar os melhores aspectos de ambas as posições ao mesmo tempo em que evita os problemas mais sérios enfrentados (COMESAÑA, 2010). Comesaña também argumentou que o confiabilismo é capaz de lidar com sucesso com o chamado “problema de generalidade” (COMESAÑA, 2006b), e que os problemas epistemológicos decorrentes das apostas ou não são peculiares ao confiabilismo ou podem ser resolvidos apelando-se para um relato probabilístico de confiabilidade (COMESAÑA, 2009b). Ele também se referiu à confiabilidade em sua discussão sobre “segurança”. Vários epistemólogos (como Ernest Sosa, Timothy Williamson, e Duncan Pritchard) defenderam a visão de que segurança é uma condição necessária para o conhecimento. Resumidamente, o que essa condição afirma é que *S* sabe que *p* se e somente se *S* acredita que *p* somente se *p* fosse verdadeiro⁴. Com base em um contraexemplo,

⁴ N.E.: Como esse período parece pouco explícito para o leitor não familiarizado com a lógica contemporânea, optamos por inserir uma elucidação. O texto traduzido original: “Several epistemologists (such as Ernest Sosa, Timothy Williamson, and Duncan Pritchard) have defended the view that safety is a necessary condition for knowledge. Roughly put, what that condition says is that *S* knows that *p* if and only if *S* would believe that *p* only if *p* were true.” Pode-se compreender melhor a expressão inserindo um exemplo: *resumidamente, o que essa condição* (a condição de segurança epistêmica ou de certeza do conhecimento) *afirma é que S* (um sujeito qualquer: João) *sabe que p* (a rosa é vermelha, por exemplo, ou outra afirmação qualquer sem valor de verdade absoluto e já dado) *se e apenas se na condição de que S* (João) *acredita que* (a rosa seja vermelha) *e esse é o caso.*

Comesaña (2005) argumentou que segurança, como definido por Sosa, não é de fato uma condição necessária para o conhecimento. A razão é que, enquanto a confiabilidade é plausivelmente uma condição necessária para o conhecimento, a confiabilidade confiável não o é, e enquanto o conhecimento é compatível com crenças não confiáveis (*unreliably reliable beliefs*), a segurança não é. Portanto, é possível ter um conhecimento “inseguro”. O trabalho mais recente de Comesaña em colaboração com Matthew McGrath e Stewart Cohen concentrou-se no papel desempenhado por falsas crenças em epistemologia. Ele argumentou que proposições falsas podem ser parte de uma evidência ou podem constituir razões para se fazer algo (COMESAÑA; MCGRATH, 2014, 2016). Em oposição a Williamson, argumentou que é possível ter crenças falsas racionais ou justificadas (COHEN; COMESAÑA, 2013a, 2013b, no prelo).

A respeito do falibilismo, é seguro dizer que quase todos os epistemólogos atuais são falibilistas: eventualmente cometemos erros, por vezes envolvendo questões que consideramos evidentes, apesar de termos uma boa justificativa para nossas crenças. Mais precisamente, S sabe de maneira falível que *p* é o caso, apesar da boa justificação subjacente ao conhecimento de alguém, a crença de S em relação a *p* pode ser falsa ou acidentalmente verdadeira (*vide* REED, 2002). Hurtado (2000) rejeita essa posição virtualmente unânime – que ele define como “a doutrina de que qualquer crença pode acabar sendo falsa” – tanto por ser revisionista quanto por não termos boas razões para aceitá-la. Segundo ele, o falibilismo é revisionista porque vai contra o senso comum, tanto por apagar a distinção comum entre as crenças que não podem ser falsas daquelas que podem, quanto por alegar que nenhuma evidência ou razão pode garantir a verdade de uma dada crença. Não há boas razões para aceitar o falibilismo porque Hurtado afirma ser capaz de refutar o que descreve como argumentos histórico-pragmáticos, epistemológicos e éticos a seu favor, e porque ele acredita que o falibilismo é dialeticamente fraco contra o ceticismo e o dogmatismo.

Também vale mencionar que Claudio de Almeida (*vide* seção 2) dedicou parte de seu trabalho ao chamado paradoxo de Moore, argumentando que nenhuma das análises mais influentes do paradoxo oferece uma solução bem-sucedida a ele. Assim, propõe sua própria solução (DE ALMEIDA, 2001, 2009). Mais recentemente ele publicou sobre a teoria da revogabilidade do conhecimento (*defeasibility theory of knowledge*), defendendo que uma versão falibilística dessa teoria fornece a solução correta para o problema de Gettier (DE ALMEIDA; FETT, 2016; DE ALMEIDA, 2017).

Por fim, devemos nos referir à obra de Carlos Pereda (1944), embora a epistemologia não tenha sido o foco de suas pesquisas. Nascido no Uruguai, conquistou seu diploma de bacharel em Filosofia e Ciências da Educação pela *Universidad de la Republica*, em seu próprio país. Seu mestrado e doutorado em Filosofia foram realizados na *Universität Konstanz* (Alemanha). Pereda desenvolveu a maior parte de sua carreira acadêmica no México, primeiro na *Universidad Autónoma Metropolitana* e então no *Instituto de Investigaciones Filosóficas* da UNAM. Seu trabalho é especialmente dedicado à natureza e ao propósito da argumentação (PEREDA, 1994a, 1994b), e é nesse contexto que ele lida com certos assuntos epistemológicos. Por exemplo, ele chama as regras que governam a maneira como o jogo argumentativo é jogado de “virtudes epistêmicas”, que são traços de personalidade ou disposições dos envolvidos em um debate, tais como coerência, rigor e disposição para considerar as teses do rival. O exercício das virtudes epistêmicas é o que torna a argumentação possível e nos permite resolver conflitos de crenças. Pereda também discute o que ele chama de “trilemma do conhecimento” (*el trilema del saber*), que surge a partir das três afirmações a seguir:

1. Nós sabemos (no sentido de que muitas de nossas crenças são conhecimentos).
2. Somos falíveis (no sentido de que qualquer uma de nossas crenças pode acabar se mostrando falsa).
3. S sabe que p se (a) S acredita que p, (b) p é verdadeiro, (c) S está totalmente justificado a acreditar que p, e d) entre o fato p e a crença de que p há uma conexão causal apropriada e S reconstrói corretamente tal conexão em sua justificação.

O trilemma surge porque, dado que (3) formula o conceito de conhecimento como conhecimento infalível, apenas dois de (1), (2) e (3) podem ser mantidos juntos: se (1) e (2) forem verdade, então (3) é falso (há conhecimento falível); se (1) e (3) são verdade, então (2) é falso (há conhecimento infalível), e se (2) e (3) são verdade, então (1) é falso (não há conhecimento). Pereda afirma que a solução para o trilema não consiste em abandonar uma das alegações, mas em reconhecer que existe um sentido forte e um sentido fraco envolvendo o conceito de conhecimento. A visão de Pereda tem sido criticada por Guillermo Hurtado (1996), que sustenta que o trilema resulta da análise incorreta de (2), que deveria ser entendida não

como afirmação de que qualquer de nossas crenças pode mostrar-se falsa, mas como uma afirmação de que algumas de nossas crenças podem mostrar-se falsas.

4. Epistemologia formal

A epistemologia formal preocupa-se com o exame das questões epistemológicas tradicionais usando as ferramentas formais de lógica e probabilidade. Tem havido um pequeno, mas importante grupo de pesquisadores latino-americanos trabalhando nessa subárea da epistemologia, às vezes em estreita colaboração com estudiosos dos Estados Unidos, Europa e Austrália, particularmente em tópicos como mudança de crença, epistemologia bayesiana e teoria da escolha.

Desde meados da década de 1980, a Argentina tem sido o principal centro de desenvolvimento desta subárea (epistemologia formal) na América Latina. A primeira figura central foi o argentino Carlos Alchourrón (1931-1996), que cursou sua graduação em direito e seu doutorado em Direito e Ciências Sociais na *Universidad de Buenos Aires* (UBA), onde lecionou até a sua morte. Alchourrón foi um dos fundadores da Sociedade Argentina de Análise Filosófica (*vide* seção 1). Ele também fundou, no departamento de Filosofia da UBA, um grupo de lógica que viria a incorporar pesquisadores que trabalhavam com inteligência artificial no departamento de ciência da computação da UBA. O grupo interdisciplinar se tornou um foco de epistemologia formal.

A principal linha de pesquisa de Alchourrón é a teoria da mudança de crenças, que basicamente lida com a questão de como um conjunto de crenças deve ser atualizado à luz de novas informações. Em 1985 ele publicou, juntamente com Peter Gärdenfors e David Makinson, um influente artigo em que avançavam em direção a uma teoria axiomática que veio a ser conhecida como “a teoria AGM da mudança de crenças”, a explicação AGM da lógica da mudança de crenças” ou “a teoria AGM de revisão de crenças” (ALCHOURRÓN; GÄNDENFORS; MAKINSON, 1985; ALCHOURRÓN; MAKINSON, 1982, 1985, 1986). A teoria AGM identifica três tipos de mudança de crença: expansão, contração e revisão, com foco nas duas últimas. Em termos gerais, a expansão consiste em adicionar a um determinado conjunto de crenças uma nova crença não conflituosa com as atuais crenças do conjunto. A contração envolve a remoção de uma crença do conjunto e a revisão equivale a adicionar uma nova crença ao conjunto e remover outras para que o conjunto resultante permaneça consistente.

A teoria AGM propõe seis postulados básicos e dois suplementares para cada uma das duas operações de contração e revisão que todo método consistente de mudança de crenças deve satisfazer. Desde seu surgimento em 1985, a teoria AGM teve um tremendo impacto nas discussões subsequentes sobre mudança de crenças, tornando-se o paradigma predominante, embora algumas de suas principais suposições tenham sido questionadas e várias modificações ou extensões dela tenham sido propostas. Para uma visão geral, consulte Arló-Costa e Fermé (2010) e Hansson (2011). Confira, também, Fermé e Hansson (2011), uma edição especial por ocasião dos 25 anos da teoria AGM). A teoria também exerceu considerável influência nas pesquisas sobre inteligência artificial (*vide* CARNOTA; RODRÍGUEZ, 2010). Ao final de sua vida, o trabalho de Alchourrón concentrou-se na lógica das condicionais derrotáveis (ALCHOURRÓN, 1993, 1995, 1996). Confira Fermé e Rodríguez (2006) para uma análise de sua teoria de condicionais.

Um segundo importante contribuinte para o desenvolvimento da epistemologia formal não apenas na América Latina, mas em todo o mundo foi Horacio Arló-Costa (1956-2011). Nascido em Montevideo (Uruguai), graduou-se em Filosofia pela UBA, conquistando seu bacharelado sob a orientação de Alchourrón, e foi membro do grupo de lógica de Alchourrón desde a sua criação. Posteriormente ele fez seu doutorado em Filosofia pela *Columbia University* sob a orientação de Isaac Levi, com quem colaborou em diversas publicações. De 1997 até a sua morte, trabalhou na *Carnegie Mellon University*, onde ajudou a fundar o Centro para Epistemologia Formal (*Center for Formal Epistemology*). Arló-Costa trouxe significativas contribuições ao estudo da lógica da mudança de crenças (ARLÓ-COSTA, 1990, 2006; ARLÓ-COSTA; LEVI, 2006), dos condicionais (ARLÓ-COSTA, 1995, 1999; ARLÓ-COSTA; LEVI, 1996), da epistemologia bayesiana (ARLÓ-COSTA, 2001; ARLÓ-COSTA; THOMASON, 2001; ARLÓ-COSTA; PARIKH, 2005; ARLÓ-COSTA; PEDERSEN, 2012), e racionalidade e teoria da decisão (*rationality and decision theory*) (ARLÓ-COSTA, 1996; ARLÓ-COSTA, COLLINS, & LEVI 1995; ARLÓ-COSTA; HELZNER, 2010; ARLÓ-COSTA; PEDERSEN, 2011, 2013). Para uma breve apresentação das contribuições originais de Arló-Costa a esses temas, assim como para a lógica modal, confira Cresto (2011).

Outro ex-aluno de Alchourrón a ser mencionado é o argentino Eduardo Fermé (1964), que também foi membro do grupo de Alchourrón quando este se tornou interdisciplinar. Atualmente professor na Universidade de Madeira (Portugal), concluiu sua graduação e seu doutorado em Ciência da Computação na UBA, e seu doutorado em Filosofia pela *Royal Institute of Technology* (Suécia). A pesquisa

de Fermé tem se concentrado principalmente em contração de teoria e consolidação epistêmica, estendendo ou modificando a teoria AGM em várias de suas publicações. (FERMÉ, 1998, 2000, 2001; FERMÉ; HANSSON, 1999; FERMÉ; REIS, 2013).

Importante especialista internacional em teoria de banco de dados, o argentino Alberto Mendelzon (1951-2005) também merece menção por sua contribuição chave à teoria da mudança de crenças. Graduiu-se pela UBA, fez mestrado em Engenharia, mestrado em humanidades e doutorado na *Princeton University*. De 1980 até sua morte, lecionou na *University of Toronto*. Mendelzon também contribuiu para a criação do departamento de ciência da computação na UBA no início dos anos 1980. Em 1992 publicou, juntamente com Hirofumi Katsuno, um artigo bastante influente que aborda a questão da atualização de bases de conhecimento (KATSUNO; MENDELZON, 1992). Nesse trabalho eles distinguem dois tipos de modificação a uma base de conhecimento: atualização e revisão. Enquanto o primeiro consiste em atualizar a base de conhecimento quando o mundo descrito por ela muda, o segundo consiste em modificar a base de conhecimento quando novas informações sobre um mundo estático são adquiridas. Mendelzon e Katsuno afirmaram que os postulados AGM descrevem apenas a revisão e, portanto, para descrever a atualização, a teoria AGM deve ser consideravelmente modificada pela adição de novos postulados. Sobre o trabalho de Mendelzon sobre mudança de crenças, consulte, também, Katsuno e Mendelzon (1989, 1991).

Em relação à epistemologia formal na Argentina, podemos finalmente mencionar a série de trabalhos de Eleonora Cresto, que concluiu seu doutorado sob a orientação de Isaac Levi. Suas primeiras publicações na área trataram de teorias formais de revisão de crenças (CRESTO, 2008, 2010b). Mais tarde ela defendeu uma versão moderada do chamado princípio KK, segundo o qual se S sabe que p, então S sabe que ela sabe que p, como um princípio epistêmico normativo em vez de descritivo. Sua defesa de tal princípio de transparência epistêmica é diferente daquela tradicionalmente proposta por internalistas epistêmicos, na medida em que seu argumento é formal e apela para probabilidades de ordem inferior e superior (CRESTO, 2012). A pesquisa mais recente de Cresto na subárea da epistemologia formal está focada em tópicos como conhecimento de grupo e agregação de probabilidade (CRESTO, 2015a, 2016, b, no prelo).

A pesquisa em epistemologia formal também tem sido importante no Brasil, onde vários pesquisadores da inteligência artificial e da ciência da computação examinaram a aplicação da teoria da mudança de crenças em várias áreas. Entre eles, podemos citar Odinaldo Rodrigues (1968) e Renata Wassermann (1971).

Rodrigues, que leciona no *King's College London* desde 1998, fez sua graduação em ciência da computação na Universidade de Fortaleza, mestrado em ciência da computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e seu doutorado em computação no *Imperial College London*. Ele aplicou os princípios da mudança de crenças a lógicas não clássicas, à engenharia de *software* e à teoria da escolha social (GABBAY; RODRIGUES, 1996; GABBAY; PIGOZZI; RODRIGUES, 2006, 2007; GABBAY; RODRIGUES; RUSSO, 2008; GABBAY; RODRIGUES; PIGOZZI, 2009).

Wassermann concluiu sua graduação em ciência da computação e seu mestrado em matemática aplicada na Universidade de São Paulo (USP). Seu doutorado em ciência da computação foi conquistado na *University of Amsterdam*. Atualmente é professora no departamento de ciência da computação da USP e membro do grupo de pesquisa “Lógica, Inteligência Artificial e Métodos Formais” (LIAMF), fundado em 2000 na USP e um dos mais ativos na América Latina na área de mudança de crenças. Wassermann tem publicado extensivamente neste campo, examinando a mudança de crenças local e aplicando a teoria AGM à lógica não-clássica e à ciência da computação (WASSERMANN, 1999; CHOPRA; PARIKH; WASSERMANN, 2001; HANSSON; WASSERMANN, 2002; RIBEIRO; WASSERMANN; FLOURIS; ANTONIOU, 2013; WASSERMANN; RIBEIRO, 2015).

5. Wittgenstein: epistemologia e ceticismo

Outra linha de pesquisa epistemológica na América Latina envolve o pensamento de Ludwig Wittgenstein. O primeiro estudioso a ser mencionado é Alejandro Tomassini Bassols (1952). Membro do *Instituto de Investigaciones Filosóficas da Universidad Autónoma de México*, dedicou parte considerável de seu trabalho à interpretação do pensamento de Wittgenstein e endossa o que descreve como “um Wittgensteinismo radical”. Embora do ponto de vista dos diversos especialistas anglófonos em Wittgenstein seus textos possam não oferecer *insights* originais, eles contribuíram para a disseminação do pensamento do filósofo austríaco em língua espanhola. Em seu livro de 2001, Tomassini Bassols examina o conceito de conhecimento, o problema do ceticismo e várias questões relacionadas a percepção, memória, autoconhecimento, identidade pessoal e verdade contrastando as abordagens “clássicas” e as de Wittgensteinian a cada uma dessas questões. Valendo-se principalmente das considerações epistemológicas encontradas em *Sobre a Certeza*, seu principal argumento é que o tipo de análise gramatical proposta

por Wittgenstein mostra que os problemas tradicionais que a epistemologia clássica pretendia resolver por meio da construção de teorias elaboradas nada mais são que pseudoproblemas decorrentes de mal-entendidos conceituais. Por essa razão, afirma ele, não é mais possível continuar praticando a epistemologia da maneira como ela era praticada antes de Wittgenstein.

Na Colômbia encontram-se vários estudiosos interessados na Filosofia de Wittgenstein, entre os quais se destacam Magdalena Holguín (1950) e Raúl Meléndez (1964). Holguín fez a graduação e o mestrado em Filosofia na *Georgetown University*, além de um mestrado em direito pela *Universidad de los Andes* (Colômbia) e doutorado em Filosofia pela *Columbia University*. Lecionou na *Universidad de los Andes* e na *Universidad Nacional de Colombia*. Em seu curto livro de 1997, ela explora a postura de Wittgenstein sobre certos problemas céticos. Após apresentar a visão de Wittgenstein de que a Filosofia não é nem teoria nem doutrina, mas uma atividade, e demonstrar as mudanças na concepção de Filosofia ao longo das diferentes fases de pensamento do filósofo, Holguín examina a distinção entre aparência e realidade, entre subjetivo e objetivo, além da ideia – compartilhada por céticos e dogmáticos, mas rejeitada por Wittgenstein como sendo baseada na confusão – de que o conhecimento requer um fundamento último. (Deve-se observar que os céticos de vertente pirrônica suspendem o julgamento sobre o conhecimento requerer ou não um fundamento último).

Meléndez é professor na *Universidad Nacional de Colombia*, onde também realizou seu doutorado em Filosofia. Em seu livro de 1998, ele explora a noção de verdade do ponto de vista da Filosofia posterior de Wittgenstein, embora também considere a concepção de verdade defendida no *Tractatus*. O principal objetivo de Meléndez é questionar as tentativas de construir uma teoria geral da verdade que a faria repousar sobre um fundamento último e inabalável. Em uma publicação posterior, ele discute o exame de Wittgenstein das noções de justificação, persuasão e figura do mundo (*Weltbild*) em *Sobre a Certeza*, discutindo se as figuras do mundo são consideradas incomensuráveis e, portanto, se Wittgenstein endossa uma forma de relativismo epistêmico (MELÉNDEZ, 2014).

Finalmente, deve-se apontar que no Brasil tem havido discussões sobre as conexões filosóficas entre o pensamento de Wittgenstein e o ceticismo pirrônico, uma comparação feita pela primeira vez, até onde sei, por Richard Watson (1969) e Robert Fogelin (1981). Plínio Junqueira Smith (1993) afirmou que há fortes semelhanças entre a Filosofia posterior de Wittgenstein e o pirronismo exposto nas obras sobreviventes de Sexto Empírico. A título de exemplo, segundo Smith, ambos

rejeitam a concepção de Filosofia como uma teoria que nos oferece conhecimento da essência das coisas, essência que está abaixo da superfície, concebendo-a, em vez disso, como uma habilidade e uma prática terapêutica cuja função é negativa e crítica. A interpretação de Smith foi posteriormente questionada por Paulo Roberto Margutti Pinto – atualmente professor da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – que sustentou que, embora existam semelhanças, estas são meramente superficiais, enquanto as diferenças são radicais: por exemplo, enquanto o pirrônico aceita que há problemas filosóficos a serem resolvidos, Wittgenstein os dissolve apelando para a maneira como as palavras são usadas na linguagem comum (MARGUTTI PINTO, 1996).

6. Epistemologia do direito

Para concluir, podemos fazer uma breve referência a uma área que tem recebido atenção nos últimos anos, a saber, a epistemologia do direito. A esse respeito, podemos citar o trabalho de Andrés Páez e Eleonora Cresto.

Páez graduou-se em Filosofia pela *Universidad de los Andes* (Colômbia) e realizou seu mestrado e doutorado, também em Filosofia, pela *The City University of New York*. Atualmente é professor na *Universidad de los Andes*. Enquanto em Páez (2014) ele examina a relevância do debate epistemológico entre reducionismo e anti-reducionismo relacionado ao testemunho do problema da confiabilidade da evidência testemunhal, focando tanto na legislação colombiana quanto na americana, em Páez (2016) ele explora a natureza da reputação legal do ponto de vista da epistemologia social, considerando as visões recentes sobre crenças de grupo.

Já discutimos o trabalho de Cresto em epistemologia nas seções anteriores. Com respeito à epistemologia do direito, enquanto Cresto (2015b) delinea uma teoria da evidência no contexto jurídico, focando em um modelo particular da interferência para a melhor explicação, que se baseia em elementos da teoria da decisão, Cresto (2016) propõe uma solução ao problema da agregação de sentenças que pode ser aplicada ao problema da agregação de opiniões no contexto de um tribunal de apelação ou júri.

Referência bibliográfica

- ALCHOURRÓN, C. E., 1993, "Philosophical Foundations of Deontic Logic and the Logic of Defeasible Conditionals", in J.-J. Meyer & R. J. Wieringa (eds.), **Deontic Logic in Computer Science: Normative System Specifications**, Chichester: Wiley and Sons, pp. 43-84.
- ALCHOURRÓN, C. E., 1995, "Defeasible Logic: Demarcation and Affinities", in **Crocco**, Fariñas del Cerro, & Herzog 1995: 67-102.
- ALCHOURRÓN, C. E., 1996, "Detachment and Defeasibility in Deontic Logic", **Studia Logica**, 57(1): 5-18. doi:10.1007/BF00370667.
- ALCHOURRÓN, C. E.; GÄRDENFORS, P.; MAKINSON, D. 1985, "On the Logic of Theory Change: Partial Meet Contraction and Revision Functions", **The Journal of Symbolic Logic**, 50(2): 510-530. doi:10.2307/2274239.
- ALCHOURRÓN, C. E.; MAKINSON, D., 1982, "On the Logic of Theory Change: Contraction Functions and Their Associated Revision Functions", **Theoria**, 48(1): 14-37. doi:10.1111/j.1755-2567.1982.tb00480.x.
- ALCHOURRÓN, C. E.; MAKINSON, D., 1985, "On the Logic of Theory Change: Safe Contraction", **Studia Logica**, 44(4): 405-422. doi:10.1007/BF00370430.
- ALCHOURRÓN, C. E.; MAKINSON, D., 1986, "Maps between Some Different Kinds of Contraction Function: The Finite Case", **Studia Logica**, 45(2): 187-198. doi:10.1007/BF00373274.
- ARLÓ-COSTA, H., 1990, "Conditionals and Monotonic Belief Revisions: The Success Postulate", **Studia Logica**, 49(4): 557-566. doi:10.1007/BF00370165.
- ARLÓ-COSTA, H., 1995, "Epistemic Conditionals, Snakes and Stars", in **Crocco**, Fariñas del Cerro, & Herzog 1995: 193-239.
- ARLÓ-COSTA, H., 1996, "Racionalidad y teoría de la acción", in Oscar Nudler & G. Klimovsky (eds.), **La racionalidad y sus límites**, Barcelona: Paidós, pp. 295-327.
- ARLÓ-COSTA, H., 1999, "Belief Revision Conditionals: Basic Iterated Systems", **Annals of Pure and Applied Logic**, 96(1-3): 3-28. doi:10.1016/S0168-0072(98)00028-1.
- ARLÓ-COSTA, H., 2001, "Bayesian Epistemology and Epistemic Conditionals: On the Status of the Export-Import Laws", **Journal of Philosophy**, 98(11): 555-598. doi:10.2307/3649472.

- ARLÓ-COSTA, H., 2006, "Rationally Choosing Beliefs: Some Open Questions", **Análisis Filosófico**, 26(1): 93-114.
- ARLÓ-COSTA, H.; COLLINS, J.; LEVI, I. 1995, "Desire-as-Belief Implies Opinionation or Indifference", **Analysis**, 55(1): 2-5. doi:10.2307/3328612.
- ARLÓ-COSTA, H.; FERMÉ, E. 2010, "Formal Epistemology and Logic", in **Nuccetelli, Schutte & Bueno** 2010: 482-495.
- ARLÓ-COSTA, H.; HELZNER, J. 2010, "Ambiguity Aversion: The Explanatory Power of Indeterminate Probabilities", **Synthese**, 172(1): 37-55. doi:10.1007/s11229-009-9475-2.
- ARLÓ-COSTA, H.; LEVI, I., 1996, "Two Notions of Epistemic Validity: Epistemic Models for Ramsey's Conditionals", **Synthese**, 109(2): 217-262. doi:10.1007/BF00413768.
- ARLÓ-COSTA, H.; LEVI, I., 2006, "Contraction: On the Decision-Theoretical Origins of Minimal Change and Entrenchment", **Synthese**, 152(1): 129-154. doi:10.1007/s11229-005-0351-4.
- ARLÓ-COSTA, H.; PARIKH, R. 2005, "Conditional Probability and Defeasible Inference", **Journal of Philosophical Logic**, 34(1): 97-119. doi:10.1007/s10992-004-5553-6.
- ARLÓ-COSTA, H.; PEDERSEN, A. P., 2012, "Belief and Probability: A General Theory of Probability Cores", **International Journal of Approximate Reasoning**, 53(3): 293-315. doi:10.1016/j.ijar.2012.01.002.
- ARLÓ-COSTA, H.; PEDERSEN, A. P., 2011, "Bounded Rationality: Models for Some Fast and Frugal Heuristics", in Johan van Benthem, Amitabha Gupta, & Eric Pacuit (eds.), **Games, Norms and Reasons: Logic at the Crossroads**, Dordrecht: Springer, pp. 1-21. doi:10.1007/978-94-007-0714-6_1.
- ARLÓ-COSTA, H.; PEDERSEN, A. P., 2013, "Fast and Frugal Heuristics: Rationality and the Limits of Naturalism", **Synthese**, 190(5): 831-850. doi:10.1007/s11229-012-0188-6.
- ARLÓ-COSTA, H.; THOMASON, R. H. 2001, "Iterative Probability Kinematics", **Journal of Philosophical Logic**, 30(5): 479-524. doi:10.1023/A:101227721.
- BUENO, O., 2005, "Davidson and Skepticism: How Not to Respond to the Skeptic", **Principia**, 9: 1-18. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/principia/article/view/14541>. Acesso em: 22 jan. 2022.
- BUENO, O., 2009, "Sosa on Skepticism", **Metaphilosophy**, 40(2): 195-202. doi:10.1111/j.1467-9973.2009.01574.x.

- BUENO, O., 2011, "Is the Pyrrhonist an Internalist?", in Machuca 2011a: 179-192.
- BUENO, O., 2013, "Disagreeing with the Pyrrhonist?", in Machuca 2013a: 24-45.
- BUENO, O., 2015, "Realism and Anti-Realism about Science: A Pyrrhonian Stance", **International Journal for the Study of Skepticism**, 5(2): 145-167. doi:10.1163/22105700-04031176.
- CARNOTA, R.; RODRÍGUEZ, R. 2010, "AGM Theory and Artificial Intelligence", in Erik J. Olsson & Sebastian Enqvist (eds.), **Belief Revision Meets Philosophy of Science**, Dordrecht: Springer, pp. 1-42. doi:10.1007/978-90-481-9609-8_1.
- CHOPRA, S.; PARIKH, R.; WASSERMANN, R. 2001, "Approximate Belief Revision", **Logic Journal of the IGPL**, 9(6): 755-768. doi:10.1093/jigpal/9.6.755
- COHEN, S.; COMESAÑA, J., 2013a, "Williamson on Gettier Cases and Epistemic Logic", **Inquiry**, 56(1): 15-29. doi:10.1080/0020174X.2013.775012
- COHEN, S.; COMESAÑA, J., 2013b, "Williamson on Gettier Cases in Epistemic Logic and the Knowledge Norm for Rational Belief: A Reply to a Reply to a Reply", **Inquiry**, 56(4): 400-415. doi:10.1080/0020174X.2013.816087
- COHEN, S.; COMESAÑA, J., no prelo, "Being Rational and Being Right", in Julien Dutant & F. Dorsch (eds.), **The New Evil Demon: New Essays on Knowledge, Justification and Rationality**, Oxford: Oxford University Press.
- COMESAÑA, J., 2005, "Unsafe Knowledge", *Synthese*, 146(3): 393-402. doi:10.1007/s11229-004-6213-7.
- COMESAÑA, J., 2006a, "The Pyrrhonian Problematic", in Donald M. Borchert (ed.), **The Encyclopedia of Philosophy**, 2nd edition, Detroit: Macmillan & Thompson-Gale, pp. 174-181.
- COMESAÑA, J., 2006b, "A Well-Founded Solution to the Generality Problem", **Philosophical Studies**, 129(1): 27-47. doi:10.1007/s11098-005-3020-z.
- COMESAÑA, J., 2009a, "Escepticismo", in D. Quesada (ed.), **Cuestiones de Teoría del Conocimiento**, Madrid: Tecnos.
- COMESAÑA, J., 2009b, "What Lottery Problem for Reliabilism?", **Pacific Philosophical Quarterly**, 19(1): 1-20. doi:10.1111/j.1468-0114.2009.01326.x.
- COMESAÑA, J., 2010, "Evidentialist Reliabilism", **Noûs**, 44(4): 571-600. doi:10.1111/j.1468-0068.2010.00748.x.
- COMESAÑA, J., 2011, "Can Contemporary Semantics Help the Pyrrhonian Get a Life?", in Machuca 2011b: 217-240. doi:10.1007/978-94-007-1991-0_12.
- COMESAÑA, J.; MCGRATH, M., 2014, "Having False Reasons", in Clayton Littlejohn & John Turri (eds.), **Epistemic Norms**, Oxford: Oxford University Press, pp. 59-78. doi:10.1093/acprof:oso/9780199660025.003.0004.

- COMESAÑA, J.; MCGRATH, M., 2016, "Perceptual Reasons", **Philosophical Studies**, 173(4): 991-1006. doi:10.1007/s11098-015-0542-x.
- CRESTO, E., 1996a, "Naturalismo y escepticismo", **Revista de Filosofía y Teoría Política**, 31-32: 439-447.
- CRESTO, E., 1996b, "Algunas estrategias naturalistas contra el escepticismo", **Revista de Filosofía** (Argentina), 11: 21-33.
- CRESTO, E., 1997, "Escepticismo, verdad y confiabilidad", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 23(1): 93-125.
- CRESTO, E., 2008, "A Model for Structural Changes of Belief", **Studia Logica**, 88(3): 431-451. doi:10.1007/s11225-008-9112-y.
- CRESTO, E., 2010a, "Epistemology", in **Nuccetelli**, Schutte, & Bueno 2010: 468-481.
- CRESTO, E., 2010b, "Belief and Contextual Acceptance", **Synthese**, 177(1): 41-66. doi:10.1007/s11229-009-9637-2.
- CRESTO, E., 2011, "Horacio Arló-Costa (1956-2011)", **Cuadernos de Filosofía**, 57: 109-111.
- CRESTO, E., 2012, "A Defense of Temperate Epistemic Transparency", **The Journal of Philosophical Logic**, 41(6): 923-955. doi:10.1007/s10992-012-9225-7.
- CRESTO, E., 2015a, "El conocimiento grupal de agentes epistémicamente responsables", **Veritas**, 60(3): 460-482. doi:10.15448/1984-6746.2015.3.24269.
- CRESTO, E., 2015b, "Una teoría de la evidencia para el ámbito jurídico: probabilidades inciertas, decisiones y explicaciones", in A. Páez (ed.), *Hechos, evidencia y estándares de prueba. Ensayos de epistemología jurídica*, Bogotá: Ediciones Uniandes, pp. 89-119.
- CRESTO, E., 2016, "De la paradoja doctrinaria a la agregación de probabilidades: la aceptación de hipótesis en el ámbito jurídico", in R. Villanueva, B. Marciani & P. Lastres (eds.), **Ensayos sobre prueba, argumentación y justicia**, Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 157-184.
- CRESTO, E., no prelo (a), "Knowledge Attribution Revisited: A Deflationary Account", **Synthese**, (Special Issue, *Epistemic Justification*). doi:10.1007/s11229-016-1282-y.
- CRESTO, E., no prelo (b), "Models and Modelling in Formal Epistemology: Some Thoughts on Probability Aggregation", in H. Leitgeb, I. Niiniluoto, E. Sober & P. Seppälä (eds.), **15th Congress on Logic, Methodology and Philosophy of Science**, Helsinki.

- CROCCO, G., DEL CERRO, L. F.; HERZIG, A. (eds.), 1995, **Conditionals: From Philosophy to Computer Science**, (Studies in logic and computation, 5), Oxford: Oxford University Press.
- DE ALMEIDA, C., 2001, "What Moore's Paradox Is About", **Philosophy and Phenomenological Research**, 62(1): 33-58. doi:10.2307/2653588
- DE ALMEIDA, C., 2007, "Closure, Defeasibility and Conclusive Reasons", **Acta Analytica**, 22(4): 301-319. doi:10.1007/s12136-007-0013-x
- DE ALMEIDA, C., 2009, "Racionalidade epistêmica e o Paradoxo de Moore", **Veritas**, 54(2): 48-73.
- DE ALMEIDA, C., 2012, "Epistemic Closure, Skepticism and Defeasibility", **Synthese**, 188(2): 197-215. doi:10.1007/s11229-011-9923-7.
- DE ALMEIDA, C., 2016, "Stroud, Skepticism, and Knowledge-Claims", **Sképsis**, 14: 40-56.
- DE ALMEIDA, C., 2017, "Knowledge, Benign Falsehoods, and the Gettier Problem", in Rodrigo Borges, Claudio de Almeida & Peter D. Klein (eds.), **Explaining Knowledge: New Essays on the Gettier Problem**, Oxford: Oxford University Press, pp. 292-311.
- DE ALMEIDA, Claudio & J.R. Fet, 2016, "Defeasibility and Gettierization: A Reminder", **Australasian Journal of Philosophy**, 94(1): 152-169. doi:10.1080/00048402.2015.1009127.
- DE OLASO, E., 1974, "Objections inédites de Leibniz au principe sceptique de l'équipollence", in Gerhard Funke (ed.), **Akten des 4. Internationalen Kant-Kongresses**, Berlin: de Gruyter, pp. 52-59.
- DE OLASO, E., 1977, "La crisis pirrónica de Hume", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 3(2): 131-143.
- DE OLASO, E., 1978, "Otra vez sobre el escepticismo de Hume", **Manuscrito**, 1(1): 65-82.
- DE OLASO, E., 1980, "Praxis sans Théorie? La réfutation pragmatiste du pyrrhonisme selon un texte inédit de Leibniz", **Theoria cum Praxi: zum Verhältnis von Theorie und Praxis im 17. und 18. Jahrhundert**, Akten des III. Internationalen Leibniz-Kongresses, Band III: Logik, Erkenntnistheorie, Wissenschaftstheorie, Metaphysik, Théologie (Studia Leibnitiana, Supplementa 21), Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, pp. 159-167.
- DE OLASO, E., 1983, "La investigación y la verdad", **Manuscrito**, 6(2): 45-62.
- DE OLASO, E., 1984, "Leibniz y el escepticismo", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 10(3): 197-229.
- DE OLASO, E., 1988, "Zetesis", **Manuscrito**, 11(2): 7-32.

- DE OLASO, E., 1992, "El escepticismo y los límites de la caridad", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 18(2): 219-240.
- DE OLASO, E., 1999, "Certeza y escepticismo", in L. Villoro (ed.), **El conocimiento (Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía, Vol. 20)**, Madrid: Trotta, pp. 107-133.
- FERMÉ, E. L., 1998, "On the Logic of Theory Change: Contraction without Recovery", **Journal of Logic, Language and Information**, 7(2): 127-137. doi:10.1023/A:1008241816078.
- FERMÉ, E. L., 2000, "Irrevocable Belief Revision and Epistemic Entrenchment", **Logic Journal of the IGPL**, 8(5): 645-652. doi:10.1093/jigpal/8.5.645.
- FERMÉ, E. L., 2001, "Five Faces of Recovery", in Mary-Anne Williams & Hans Rott (eds.), **Frontiers in Belief Revision**, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, pp. 247-259. doi:10.1007/978-94-015-9817-0_12.
- FERMÉ, E. L.; HANSSON, S. O., 1999, "Selective Revision", **Studia Logica**, 63(3): 331-342. doi:10.1023/A:1005294718935.
- FERMÉ, E. L.; HANSSON, S. O., (ed.), 2011, **Special Issue on 25 Years of AGM Model**, **Journal of Symbolic Logic**, 40(2).
- FERMÉ, E.; REIS, M. D.L. 2013, "Epistemic Entrenchment-based Multiple Contractions", **The Review of Symbolic Logic**, 6(3): 460-487. doi:10.1017/S1755020313000105.
- FERMÉ, E. & Ricardo Rodríguez, 2006, "DFT and Belief Revision", **Análisis Filosófico**, 26(2): 373-393.
- FOGELIN, R. J., 1981, "Wittgenstein and Classical Scepticism", **International Philosophical Quarterly**, 21(1): 3-15. doi:10.5840/ipq19812118.
- GABBAY, D.; PIGOZZI, G.; RODRIGUES, O., 2006, "Belief Revision, Belief Merging and Voting", in G. Bonanno, W. van der Hoek, & M. Wooldridge (eds.), **Proceedings of the Seventh Conference on Logic and the Foundations of Games and Decision Theory (LOFT06)**, Liverpool: University of Liverpool Department of Computer Science, pp. 71-78.
- GABBAY, D.; PIGOZZI, G.; RODRIGUES, O., 2007, "Common Foundations for Belief Revision, Belief Merging and Voting", in G. Bonanno, J. Delgrande, J. Lang, & H. Rott (eds.), **Formal Models of Belief Change in Rational Agents** (Dagstuhl Seminar Proceedings 07531), Dagstuhl: Internationales Begegnungs- und Forschungszentrum für Informatik (IBFI). <http://drops.dagstuhl.de/opus/volltexte/2007/1217> (extended abstract).

- GABBAY, D.; RODRIGUES, O. 1996, "Structured Databases: A Framework to Reason about Belief Change", in A. Edalat, S. Jourdan, & G. McCusker (eds.), **Advancing in Theory and Formal Methods of Computing**, London: Imperial College Press, pp. 204-215.
- GABBAY, D.; RODRIGUES, O.; PIGOZZI, G. 2009, "Connections between Belief Revision, Belief Merging and Social Choice", **Journal of Logic and Computation**, 19(3): 445-446. doi:10.1093/logcom/exn013.
- GABBAY, D.; RODRIGUES, O.; RUSSO, A. 2008, "Belief Revision in Non-Classical Logics", **The Review of Symbolic Logic**, 1(3): 267-304. doi:10.1017/S1755020308080246.
- HANSSON, S. O., 2011, "Logic of Belief Revision", in **Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Winter 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/logic-belief-revision/>.
- HANSSON, S. O.; WASSERMANN, R. 2002, "Local Change", **Studia Logica**, 70(1): 49-76. doi:10.1023/A:1014654208944
- HOLGUÍN, M., 1997, **Wittgenstein y el escepticismo**, Cali: Editorial Universidad del Valle.
- HURTADO, G., 1996, "El (supuesto) trilema del saber", **Crítica**, 28(83): 131-136.
- HURTADO, G., 2000, "Por qué no soy falibilista", **Crítica**, 32(96): 59-97.
- HURTADO, G., 2003, "¿Saber sin verdad? Objeciones a un argumento de Villoro", **Crítica**, 35(103): 121-134.
- KATSUNO, H.; MENDELZON, A. O., 1989, "A Unified View of Propositional Knowledge Base Updates", in **IJCAI'89 Proceedings of the 11th International Joint Conference on Artificial Intelligence**, San Francisco: Morgan Kaufmann Publishers Inc., vol. 2, pp. 1413-1419.
- KATSUNO, H.; MENDELZON, A. O., 1991, "Propositional Knowledge Base Revision and Minimal Change", **Artificial Intelligence**, 52(3): 263-294. doi:10.1016/0004-3702(91)90069-V.
- KATSUNO, H.; MENDELZON, A. O., 1992, "On the Difference between Updating a knowledge Database and Revising It", in Peter Gärdenfors (ed.), **Belief Revision**, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 182-203. doi:10.1017/CBO9780511526664.007.
- MACHUCA, D. E. (ed.), 2011a, **New Essays on Ancient Pyrrhonism**, Leiden: Brill.
- MACHUCA, D. E. (ed.), 2011b, **Pyrrhonism in Ancient, Modern, and Contemporary Philosophy**, Dordrecht: Springer. doi:10.1007/978-94-007-1991-0
- MACHUCA, D. E. (ed.), 2013a, **Disagreement and Skepticism**, New York: Routledge.

- MACHUCA, D. E., 2013b, "A Neo-Pyrrhonian Approach to the Epistemology of Disagreement", in Machuca 2013a: 66-89.
- MACHUCA, D. E., 2015a, "Agrippan Pyrrhonism and the Challenge of Disagreement", **Journal of Philosophical Research**, 40: 23-39. doi:10.5840/jpr2015102631.
- MACHUCA, D. E., 2015b, "Conciliationism and the Menace of Scepticism", **Dialogue: Canadian Philosophical Review**, 54(3): 469-488. doi:10.1017/S0012217315000347.
- MACHUCA, D. E., 2017a, "A Neo-Pyrrhonian Response to the Disagreeing about Disagreement Argument", **Synthese**, 194(5): 1663-1680. doi:10.1007/s11229-015-1012-x
- MACHUCA, D. E., 2017b, "Disagreement-Based Skepticism", **Syndicate Philosophy**, 1(1).
- MACHUCA, D. E., no prelo, **Pyrrhonism Past and Present: Inquiry, Rationality, and Disagreement**, Dordrecht: Springer.
- MARGUTTI PINTO, P. R., 1996, "Sobre a natureza da filosofia: Wittgenstein e o pirronismo", **Kriterion**, 93: 164-183.
- MELÉNDEZ, R., 1998, **Verdad sin fundamentos**. Una indagación acerca del concepto de verdad a la luz de la filosofía de Wittgenstein, Bogotá: Ministerio de Cultura.
- MELÉNDEZ, R., 2014, "Justificación y persuasión en *Sobre la certeza*", in R. Mélendez, J. Morales, L. Murillo, & A. Pinzón (eds.), **Imágenes de la mente en el mundo natural**, Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia, pp. 107-131.
- NUCCETELLI, S.; SCHUTTE, O.; BUENO, O., 2010, **A Companion to Latin American Philosophy**, Chichester: Wiley-Blackwell.
- PÁEZ, A., 2014, "La prueba testimonial y la epistemología del testimonio", **Isonomía**, 40: 95-118.
- NUCCETELLI, S.; SCHUTTE, O.; BUENO, O., 2016, "La reputación en el derecho: una aproximación epistemológica", in R. Villanueva, B. Marciani, and P. Lastres (ed.), **Ensayos sobre prueba, argumentación y justicia**, Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 185-209.
- PEREDA, C., 1994a, **Razón e incertidumbre**, México: Siglo XXI.
- PEREDA, C., 1994b, **Vértigos argumentales: una ética de la disputa**, Barcelona & México: Anthropos & Universidad Autónoma Metropolitana.

- PÉREZ, D. I.; ORTIZ-MILLÁN, G., 2010, "Analytic Philosophy", in **Nuccetelli**, Schutte, & Bueno 2010: 199-213.
- PORCHAT PEREIRA, O., 2007, **Rumo ao ceticismo**, São Paulo: Editora UNESP.
- PORCHAT PEREIRA, O., 2013, "A noção de *phainómenon* em Sexto Empírico", **Analytica**, 17(2): 291-323. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/2175>. Acesso em: 22 jan. 2022.
- REED, B., 2002, "How to Think about Fallibilism", **Philosophical Studies**, 107(2): 143-157. doi:10.1023/A:1014759313260.
- RIBEIRO, M. M.; WASSERMANN, R.; FLOURIS, G.; ANTONIOU, G., 2013, "Minimal Change: Relevance and Recovery Revisited", **Artificial Intelligence**, 201: 59-80. doi:10.1016/j.artint.2013.06.001.
- SILVA FILHO, W., 2007, "Externalismo, Autoconhecimento e Ceticismo", in W. Silva Filho & P. Junqueira Smith (eds.), **Ensaio sobre o Ceticismo**, São Paulo: Alameda, pp. 121-146.
- SILVA FILHO, W., 2008, "Externismo y escepticismo", in W. Silva Filho & C. Caorsi (eds.), **Razones e interpretaciones: La filosofía después de Davidson**, Buenos Aires: Del Signo, pp. 256-271.
- SMITH, P. J., 1993, "Wittgenstein e o pirronismo: sobre a natureza da filosofia", **Analytica**, 1/1: 153-186. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/640>. Acesso em: 22 jan. 2022.
- SMITH, P. J., 2015, "Ceticismo, filosofia e visão comum", in P. J. Smith (ed.), **O neopirronismo de Oswaldo Porchat: interpretações e debate**, São Paulo: Alameda, pp. 125-158.
- SMITH, P. J., 2016, "Stroud's Neo-Pyrrhonism and the Human Condition", **Sképsis**, 14: 156-187.
- SMITH, P. J., 2018, **Uma visão cética do mundo: Porchat e a filosofia**, São Paulo: Editora da UNESP.
- SMITH, P. J.; BUENO, O., 2016, "Skepticism in Latin America", in **Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Spring 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <https://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/skepticism-latin-america/>.
- STEPANENKO, P., 2011, "Los reportes pirrónicos. Escepticismo, inferencialismo y disyuntivismo", **Signos Filosóficos**, 13(25): 73-100.
- TOMASSINI BASSOLS, A., 2001, **Teoría del conocimiento clásica e epistemología wittgensteiniana**, México, D.F.: Plaza y Janés.

- VAN FRAASSEN, B. C., 1980, **The Scientific Image**, Oxford: Oxford University Press. doi:10.1093/0198244274.001.0001.
- VILLORO, L., 1982, **Creer, saber, conocer**, México, D.F.: Siglo XXI Editores.
- VILLORO, L., 1998, **Belief, Personal, and Propositional Knowledge** (Creer, saber, conocer), translated by D. Sosa and Douglas McDermid, Amsterdam & Atlanta: Rodopi.
- WASSERMANN, R., 1999, "Resource Bounded Belief Revision", **Erkenntnis**, 50(2-3): 429-446. doi:10.1023/A:1005565603303.
- WASSERMANN, R.; RIBEIRO, M. M., 2015, "Bringing AGM to Computer Science", **South American Journal of Logic**, 1(2): 447-459. Disponível em: <http://www.sa-logic.org/sajl-v1-i2/08-Wassermann-Ribeiro-SAJL.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022.
- WATSON, R. A., 1969, "Sextus and Wittgenstein", **Southern Journal of Philosophy**, 7(3): 229-237. doi:10.1111/j.2041-6962.1969.tb02057.x.
- ZULUAGA, M., 2005, "El problema de Agripa", **Ideas y Valores**, 54(128): 61-88.
- ZULUAGA, M., 2012, "El principio de cierre lógico del conocimiento y el escepticismo", **Praxis Filosófica**, 35: 97-110.

(IV) Ceticismo na América Latina*

Autores: Plínio Junqueira Smith e Otávio Bueno

Tradução: Maria Teresa Marques Santos

Revisão: Danúzia Fernandes Brandão

Esta entrada examina o desenvolvimento e o impacto do estudo do ceticismo filosófico em toda a América Latina. Também destaca tendências significativas e contribuições importantes feitas a essa tradição venerada por vários filósofos latino-americanos.

O ceticismo é uma atividade filosófica de investigação caracterizada pela noção de suspensão do juízo. Enquanto os dogmáticos afirmam ou negam uma proposição sobre um dado tema filosófico, os céticos nem afirmam nem negam tal proposição, isto é, permanecem descompromissados com qualquer doutrina dogmática. De acordo com os céticos, a oposição básica na Filosofia é aquela entre

*SMITH, P. J.; BUENO, O. Skepticism in Latin America. In: ZALTA, E. N. (ed.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Spring Edition. Stanford, CA: The Metaphysics Research Lab, 2018. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/skepticism-latin-america/>. Acesso em: 19 out. 2021.

The following is the translation of the entry Skepticism in Latin America by Plínio Junqueira Smith e Otávio Bueno, in the Stanford Encyclopedia of Philosophy. The translation follows the version of the entry in the SEP's archives at <https://plato.stanford.edu/archives/spr2016/entries/skepticism-latin-america/>. This translated version may differ from the current version of the entry, which may have been updated since the time of this translation. The current version is located at <https://plato.stanford.edu/entries/skepticism-latin-america/>. We'd like to thank the Editors of the Stanford Encyclopedia of Philosophy, mainly Prof. Dr. Edward Zalta, for granting permission to translate and to publish this entry. Finally, we would like to thank to John Templeton Foundation for financially supporting this project.

os que endossam uma teoria filosófica e aqueles que, após terem investigado a verdade, não encontraram respostas às questões examinadas. É por isso que o ceticismo passou a ser visto pelos filósofos dogmáticos como um grande desafio a seu projeto filosófico de encontrar a verdade. Tanto epistemólogos quanto metafísicos se propuseram a superar o ceticismo a fim de estabelecer suas próprias doutrinas. Assim, constantemente encontramos filósofos dogmáticos tentando refutar céticos. Um dos critérios de aceitação de uma proposta filosófica é determinar em que medida ela supera o desafio cético.

Na antiguidade, o ceticismo tinha duas linhas principais: o Pirronismo e o ceticismo Acadêmico. Redescoberto na Renascença, o ceticismo tornou-se um dos pilares da Filosofia moderna, não apenas depois que céticos modernos, como Michel de Montaigne, Pierre Bayle e David Hume deram-lhe novos impulsos, mas também em razão das diversas respostas que lhe foram dadas por filósofos como Francis Bacon, René Descartes, George Berkeley e Immanuel Kant. Na tradição analítica, de G. E. Moore e Bertrand Russell em diante, o ceticismo é um tema central de preocupação. Essa história surpreendentemente longa mostra não apenas quão profundo é o desafio cético, mas também o quão fascinante demonstra ser a postura cética.

Da mesma forma que filósofos de várias outras partes do mundo, os filósofos latino-americanos enfrentaram desafios céticos e dedicaram muita atenção ao ceticismo. Eles adotam, em geral, o mesmo entendimento do ceticismo, compartilham a mesma tradição histórica – de Pirro à Filosofia analítica contemporânea – com a qual filósofos de outras regiões se engajaram e conduzem o mesmo tipo de pesquisa que investigadores ao redor do mundo. O que é específico aos estudiosos latino-americanos sobre o ceticismo é o fato de que eles são, em geral, mais simpáticos ao ceticismo que filósofos de outros lugares tendem a ser. Consequentemente, é possível encontrar não apenas estudos sobre a história do ceticismo e das críticas filosóficas, mas também desenvolvimentos de novas formas de ceticismo, que, com cuidado, vale a pena considerar.

1. Introdução

Não deve ser mera coincidência que, em 1991, Oswaldo Porchat, um proeminente filósofo brasileiro, e em 1994, Robert J. Fogelin tenham cunhado o termo “neopirronismo” para descrever suas respectivas posições filosóficas. Essa coincidência reflete tanto a crescente importância dos estudos sobre o ceticismo

na Filosofia latino-americana e anglo-americana, quanto uma atitude mais favorável em relação a essa venerável tradição.

Escrever sobre o ceticismo na América Latina é mais difícil do que se pode esperar. Em primeiro lugar, os fenômenos a serem discutidos são complexos e multifacetados. O interesse pelo ceticismo é generalizado nesta região e de modo algum está confinado a um país ou a um pequeno grupo de filósofos. Por um lado, a importância do ceticismo na Filosofia de cada país parece variar enormemente. Por outro, a história dos estudos sobre o ceticismo em cada país tem seu próprio desenvolvimento interno, apesar das diversas conexões entre os países envolvidos. Em segundo lugar, o interesse pelo ceticismo é tão recente na América Latina que não se passou tempo suficiente para que alguma perspectiva sobre o assunto pudesse ser elaborada. Talvez ainda seja muito cedo para se ter uma visão inteiramente equilibrada do ceticismo na região. Mas faremos o nosso melhor para assim consegui-lo.

Uma característica interessante do modo latino-americano de abordar o ceticismo é de não o tomar apenas como a personificação de um oponente a ser refutado. No mínimo, não existe um preconceito generalizado contra o ceticismo. Ao contrário, muitos filósofos latino-americanos têm forte simpatia pela proposta cética, e até mesmo os não céticos não pensam que uma tese filosófica está refutada se leva ao ceticismo – como se isso constituísse uma espécie de *reductio ad absurdum* da suposição inicial. O ceticismo é, para muitos filósofos latino-americanos, ao menos uma posição sustentável *prima facie*. Isso não significa, é claro, que a maioria dos filósofos latino-americanos que lidam com o ceticismo sejam céticos, mas encontramos muitos que se consideram como tal. Mesmo para os não céticos, a importância do ceticismo filosófico é inegável, e os filósofos latino-americanos têm feito esforços para compreender cuidadosamente seu significado e papel histórico.

A melhor maneira de apresentar o ceticismo na América Latina não é explicando o que se passa em cada país, mas relatando o que os filósofos latino-americanos disseram sobre os temas que chamaram sua atenção. Entretanto, iniciaremos apresentando um breve panorama histórico e o pensamento dos dois fundadores dos estudos latino-americanos sobre o ceticismo: Oswaldo Porchat (Brasil) e Ezequiel de Olaso (Argentina). Um cuidado especial deve ser tomado em relação ao trabalho destes, porque juntos eles preparam o terreno para uma compreensão adequada do que acontece em todos os outros países da América Latina. Em seguida, examinaremos o que os filósofos latino-americanos têm realizado tanto no ceticismo contemporâneo quanto na história dessa tradição filosófica.

Nosso relato não se pretende completo e, sendo seletivo, não é capaz de acomodar todas as propostas da área. Esperamos, no entanto, oferecer uma ideia razoável do que aconteceu e está acontecendo atualmente, a fim de situar o leitor e suscitar pesquisas adicionais na área.

2. Antecedentes históricos

Os estudos contemporâneos sobre o ceticismo tiveram início na América Latina graças aos trabalhos de Oswaldo Porchat e Ezequiel de Olaso, um ilustre historiador da Filosofia argentino. Em decorrência do trabalho desses dois, o ceticismo atraiu uma quantidade significativa – embora um tanto dispersa – de atenção na América Latina. Ambos já se interessavam pelo ceticismo antes mesmo de se conhecerem. Em 1968, Porchat deu uma famosa palestra, publicada no ano seguinte, em que chamou a atenção para um problema cético básico que todo filósofo deveria tentar superar: o problema do conflito de filosofias (grosso modo, o fato de que as doutrinas filosóficas muitas vezes discordam em suas respostas a qualquer questão filosófica dada). Dada a sua graduação nos clássicos e sua tese de doutorado na concepção de ciência de Aristóteles, não surpreende que Porchat tenha conhecido o ceticismo antigo muito bem. Sua perspectiva era filosófica, e ele identificou sua própria experiência filosófica com a dos antigos céticos. No mesmo ano, em 1969, Olaso defendeu sua tese de doutorado sobre “Leibniz e os Céticos Antigos” no *Byrn Mawr College* (Pensilvânia). Na tese ele mostra que Leibniz tinha um profundo conhecimento do ceticismo grego, cujos modos ele claramente identificou nos argumentos cartesianos. Assim, pode-se dizer que o ceticismo na América Latina teve início no final da década de 1960.

Em 1975, a convite de Porchat, Olaso foi para o Brasil, onde se tornou professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) até 1977. Esse fato teve profunda influência no desenvolvimento dos estudos do ceticismo nos dois países e até mesmo em outras nações latino-americanas. A colaboração mútua entre os dois provou-se muito frutífera. Filósofos interessados pelo ceticismo logo entraram em contato, dada a organização de conferências seminais sobre o tema (1986, em Campinas, Brasil; em 1992, em Buenos Aires, Argentina; infelizmente, não foram publicados os anais). Ao longo dos anos, diversas outras conferências sobre ceticismo foram realizadas (no Brasil, México e na Argentina), com a participação de filósofos de vários países e resultando na produção de livros coletivos sobre o tema.

A influência de Porchat e Olaso foi enorme, afinal, foram eles os pais fundadores do ceticismo na América Latina. Pode-se até falar de uma segunda geração que se formou a partir da década de 1990 quando o caminho já havia sido aberto. Filósofos no Brasil, México, Argentina e Colômbia têm colaborado nos últimos vinte anos porque ambos inauguraram uma forma colaborativa e amistosa de fazer Filosofia que tem sido preservada por seus seguidores. Embora Olaso, Porchat e alguns de seus discípulos estivessem em contato com diversos filósofos de outros países e exercessem uma influência de longo alcance, não há uma explicação única e integrada para esse interesse generalizado.

Não há dúvidas de que o ceticismo floresceu no Brasil como em nenhum outro país latino-americano. Talvez não seja incorreto dizer que o neopirronismo de Porchat é a conquista mais importante do ceticismo latino-americano, fornecendo material para futuras discussões sistemáticas. No Brasil, um importante grupo de filósofos em torno de Porchat foi organizado em todo o país na década de 1980. O grupo dedicou-se não apenas a compreender a história do ceticismo, mas também a discutir o ceticismo contemporâneo, desenvolvendo-o e criticando-o. Conferências eram realizadas todo ano, às vezes duas por ano, e muitos livros, monografias individuais e coleções editadas foram publicadas. Além disso, Porchat foi professor e orientador de vários jovens filósofos, assim como referência a todos os demais filósofos estudiosos do ceticismo. Até mesmo aqueles que não se interessavam prioritariamente pelo ceticismo acharam atraente a maneira do grupo de fazer Filosofia. O grupo inclusive convidava, de forma sistemática, filósofos não céticos para enriquecer suas discussões. Como resultado, ao longo do tempo o grupo cresceu cada vez mais.

Argentina, México e Colômbia também apresentaram grande interesse pelo ceticismo, oferecendo importantes contribuições, embora talvez não tão sistematicamente como o Brasil. Na Argentina, o trabalho sobre o ceticismo permaneceu, a princípio, um tanto quanto confinado a Olaso e a alguns historiadores da Filosofia moderna ao seu redor. Posteriormente houve um crescente interesse pela Argentina, desta vez por parte de filósofos de tradição analítica que estiveram (e ainda estão) em contato com o grupo brasileiro, incluindo, mais recentemente, um novo impulso ao estudo do antigo ceticismo.

No México também existe um profundo interesse pelo ceticismo. A história do ceticismo não foi negligenciada, como podemos verificar nas obras de Laura Benítez e José Antonio Robles, entre outros, que trabalharam com Olaso (e Popkin). O foco desses dois está no ceticismo moderno. Alguns filósofos mexicanos que

trabalham segundo a tradição kantiana concentraram-se nos argumentos transcendentais como armas contra o ceticismo. Outros trabalham com o ceticismo contemporâneo em conexão com questões como disjuntivismo e percepção. Finalmente, o ceticismo e suas conexões com o falibilismo e os conceitos céticos ou epistêmicos, como dúvida e certeza, foram temas centrais de alguns filósofos mexicanos.

Em diversos outros países, especialmente na Colômbia, o interesse pelo ceticismo também tem se manifestado. Normalmente esse interesse é combinado a autores clássicos, como Descartes, Hume ou Kant, ou a filósofos analíticos como Wittgenstein ou Dennett. Mais recentemente também tem surgido interesse pelo ceticismo antigo. No Peru, Chile e Uruguai o interesse por questões céticas já é mais disperso. Não se verifica mais do que um interesse secundário e ocasional pela história do ceticismo ou por questões epistemológicas atuais que influenciam o desafio cético.

3. Ceticismo redescoberto

O estudo e a difusão do ceticismo na Argentina e em outros países como Brasil e México se devem muito a Ezequiel de Olaso. Quanto Olaso faleceu, Porchat observou que, apesar de não ser um cético, Olaso “era de fato o pai do ceticismo brasileiro” (PORCHAT, 1997). No entanto, sua liderança e influência eram vastas, como Popkin testemunhou:

Ezequiel de Olaso foi um dos mais proeminentes historiadores da filosofia. Ele contribuiu enormemente para despertar o interesse por uma ampla gama de tópicos em história da filosofia, seja por meio de seus escritos e ensinamentos quanto de suas palestras na América Latina, América do Norte e Europa. (POPKIN, 1997)

Olaso lecionou em várias universidades tanto na Argentina quanto em outros lugares. Sua tese de doutorado não foi publicada, mas muitos artigos resultaram dela. Ele escreveu diversos artigos importantes sobre o ceticismo, tanto antigo quanto moderno. Explorou diversos autores dos séculos XVII e XVIII: Hume, Benito Jerónimo Feijóo, Rousseau, Hobbes e Leibniz. Esses avanços foram resumidos

em Olaso 1994. Muitos de seus artigos são dedicados ao ceticismo de Hume. Este, segundo Olaso, era um cético acadêmico, não um pirrônico como Popkin havia suposto. Mais importante, seu estudo sobre certos autores do Iluminismo fez Popkin revisar sua interpretação de que, além de Hume, não havia nenhum interesse pelo ceticismo no século XVIII.

O trabalho de Olaso não se limitou à presença do ceticismo na Filosofia moderna. Ele também dedicou esforços à interpretação de certos conceitos do léxico principal do ceticismo. Olaso não se interessava pelo ceticismo apenas do ponto de vista histórico, mas também de uma perspectiva filosófica: argumentava vigorosamente contra a coerência da posição cética em “Zétesis” (OLASO, 1988) – um artigo detalhado sobre o pirronismo antigo no qual ele expôs tanto uma compreensão precisa dessa postura filosófica quanto uma atitude altamente crítica em relação à concepção pirrônica de investigação. Sua avaliação do conceito de *zétesis* foi bastante influente. Olaso o interpretou como uma investigação cujo objetivo era a suspensão do juízo, que definia o pirronismo, e contrastava com a investigação aberta conduzida por céticos acadêmicos e modernos, cujo objetivo é a verdade. Dentre suas contribuições, encontra-se também a distinção entre o conceito de dúvida, ou suspensão da mente, e o conceito de *epokhé*, ou suspensão do juízo, que seria a atitude apropriada ao cético pois estaria além da própria dúvida e tentaria superá-la. Essas novas interpretações foram parte de seu debate com estudiosos como Naess, Chisholm, Mates, Frede e, é claro, com Porchat, a fim de encontrar uma forma aceitável de ceticismo contemporâneo. Com base na distinção que Ortega e Gasset estabelecem entre crença e conhecimento, Olaso propôs novas versões das noções de Moore de senso comum e certeza (OLASO, 1975a) e a análise crítica realizada por Wittgenstein (OLASO, 1999).

As contribuições de Olaso ao ceticismo inauguraram dois caminhos principais que passaram a ser seguidos por muitos filósofos, sob sua influência direta ou não. Primeiro, o ceticismo surgiu como um problema epistemológico e, à luz da virada linguística, ele se encarregou de reinterpretar e dar sentido a essa postura filosófica. Em segundo lugar, o estudioso iniciou uma investigação acadêmica da história do ceticismo, particularmente do ceticismo moderno, mas também de ambas as versões de sua forma antiga.

4. Neopirronismo

Este é o momento de apresentar com detalhes o neopirronismo de Porchat, pois é indiscutivelmente a contribuição mais importante para o ceticismo latino-americano. Seu influente artigo, *Sobre o que aparece*, foi publicado em 1991, lançando as bases e o esboço de sua postura cética. Mais tarde, em uma série de artigos, ele seguiu explorando as ideias principais, corrigiu pormenores, desenvolveu novos aspectos e escreveu alguns textos introdutórios e acessíveis.

Um dos méritos do neopirronismo de Porchat é que ele fornece uma postura filosófica geral e articulada que pode ser adotada. O ceticismo não é, como se costuma apresentar nos círculos epistemológicos, uma mera dúvida a ser superada sobre este ou aquele assunto, ou seja, não é uma dúvida metodológica ou um expediente para fortalecer uma posição dogmática. Para a maioria dos filósofos que se ocupam do ceticismo, a coerência e a inteligibilidade da posição cética não são realmente importantes. Qualquer dúvida, por mais louca que seja, pode ser útil se permitir ao filósofo aprender algo sobre um argumento. Mas Porchat não pensa assim. Para ele, o ceticismo é pensado como uma postura articulada e plausível proposta por certos filósofos. O neopirronismo de Porchat sequer se limita a uma doutrina epistemológica ampla, já que pretende ser uma atitude filosófica geral que inclui aspectos epistemológicos, mas não se restringe a eles.

É preciso também enfatizar que o seu neopirronismo deve ser cuidadosamente distinguido do ceticismo Cartesiano. Porchat deixa claro que as “*aporias*” neopirrônicas são um tipo de argumento diferente das dúvidas cartesianas. Em particular, o neopirronismo não está comprometido com o mentalismo (a doutrina de que é possível conceber a mente e suas representações como independentes do corpo) e nem convida a qualquer tipo de solipsismo. Assim, a maioria das críticas levantadas contra o ceticismo cartesiano não se aplicam ao neopirronismo.

O neopirronismo tem duas partes: uma negativa e outra positiva. Os dois conceitos mais importantes da parte negativa são “*diaphonía*” (o conflito entre as várias doutrinas filosóficas) e “*epokhé*” (a suspensão do juízo). Para Porchat, “*ataraxia*”, ou tranquilidade da mente, não é um ingrediente essencial do pirronismo e tem mais interesse histórico. Posto o conflito entre as Filosofias, Porchat chega à conclusão cética: sendo genuinamente incapaz de escolher entre as várias visões filosóficas, ele suspende seu juízo, argumentando com vigor que o desacordo entre Filosofias é indecível. Nem mesmo a sua anterior “Filosofia da visão comum do mundo” (PORCHAT, 1975, 1979) é capaz de resolver ou evitar o conflito. Tal conflito

envolve o dogmatismo não somente de filósofos da visão comum do mundo, mas também de pessoas comuns. No entanto, nem todas as Filosofias fazem parte do conflito, uma vez que algumas delas não são dogmáticas: não pretendem descrever a natureza última das coisas.

Porchat (1993) distingue dois tipos de argumentos céticos: dialético e empírico, e esta é uma contribuição significativa do neopirronismo de Porchat ao ceticismo. Consideremos, primeiro, os argumentos dialéticos. O modo de *diaphonía*, no neopirronismo de Porchat, é crucial. É claro, no entanto, que Porchat também considera os outros modos de Agripa como importantes armas céticas contra o dogmatismo. Mais importante, ele reconhece que, para o pirronismo antigo, o método cético das antinomias (argumentar a favor e contra com igual persuasão) é indispensável contra a afirmação dogmática de que algumas doutrinas e argumentos são sentidos com mais força que outros. Ou seja, o método é indispensável para neutralizar a experiência dogmática dos argumentos desequilibrados por tornar mais forte os argumentos mais fracos. Por argumentar sobre ambos os lados de uma questão, o cético os percebe como sendo igualmente fortes. Por que eles parecem igualmente poderosos na experiência intelectual do cético? Pela seguinte razão: qualquer critério proposto para decidir a questão será ele mesmo parte da disputa, e a discordância surgirá novamente. Os céticos não se comprometem com esses argumentos dialéticos, eles apenas usam o que os dogmáticos admitem contra o dogmatismo. O objetivo deles é induzir a suspensão do juízo nos dogmáticos, embora ainda mantendo sua própria “*epokhé*”.

Existe, no entanto, outro caminho em direção à suspensão do juízo. Os céticos podem empregar argumentos que sejam capazes de endossar, os quais levam à conclusão de que seja preciso suspender o juízo. Como os céticos (pirrônicos) vivem suas vidas comuns como qualquer pessoa, eles também podem raciocinar como qualquer outra pessoa. Podem buscar a conjunção de fenômenos no mundo, estabelecer correlações empíricas e inferir a presença de fogo a partir do fato da fumaça ou a ocorrência de uma ferida pela presença de uma cicatriz. O raciocínio empírico nos leva de um fenômeno a outro. Não poderia ser o caso de tais argumentos empíricos levarem à suspensão do juízo? Esses argumentos têm como premissas o que é aparente, e não indicam uma conclusão para além dos fenômenos, já que a “*epokhé*”, sua conclusão, é uma experiência intelectual. Segundo Porchat (1993), os modos de Enesidemo são argumentos empíricos, e não dialéticos, que conduzem à “*epokhé*”.

Com relação à parte positiva, o neopirronismo apresenta um relato detalhado da noção crucial de “*phainómenon*”. Porchat pensava, em uma fase anterior, que

“*phainómenon*” deveria ser identificado ou assimilado a “*phantasia*” (PORCHAT, 1985, 1986). Isso explica por qual motivo, certa vez, ele interpretou essa noção como implicação de alguma forma de mentalismo: o que aparece era concebido como uma representação mental. Mais tarde ele rejeitou essa identificação (PORCHAT, 1991). Em sua nova explicação, “*phainómenon*” é melhor explicado por outra noção crucial: *bios*, ou vida comum. Afinal, diz Sexto Empírico, o que aparece é *bios*. Dessa forma, a explicação de Sexto sobre o padrão cético de ação é também uma explicação da noção de “*phainómenon*”. Ao prestar especial atenção às quatro partes das observâncias cotidianas, pode-se compreender melhor o que é o “*phainómenon*”. Ao mesmo tempo, a vida comum deve ser entendida como o que é aparente (o que aparece àqueles que a vivem), e não como uma realidade em si mesma.

De acordo com Porchat, fenômenos são uma espécie de resíduo da suspensão do juízo; são o que resta após suspendermos o juízo com relação ao discurso dogmático. E uma vez que o dogmatismo é abandonado, a vida é o que nos resta. Os fenômenos se nos impõem, não cabendo a nós aceitá-los ou não. É possível que digam que fenômeno é o que nos é “dado”, mas isso é enganoso, pois em certo sentido ele não é “dado” de forma alguma. A princípio, Porchat afirmou que a linguagem é um tipo de ingrediente constitutivo dos fenômenos e que ela permeia toda a nossa experiência (PORCHAT, 1991). Posteriormente, talvez para evitar alguma conotação kantiana ou idealista, ele preferiu falar em uma associação entre o que aparece e a linguagem (PORCHAT, 1995, 2013). Assim, os fenômenos são impregnados pela linguagem, e não nos são “dados”.

Um importante comentário de Porchat a respeito dos fenômenos é o de que eles são sempre relativos a alguém. Na verdade, eles podem ser pessoais ou públicos. Algo pode aparecer para alguém ou para mais de uma pessoa, talvez até para todos nós. Por exemplo, pode aparecer a você agora mesmo que estás a ler este artigo; pode aparecer a vários de nós que Brasília é a capital do Brasil, pode aparecer a todos nós que existem árvores do mundo. Nota-se aqui que não há tendência solipsista no neopirronismo, já que muitas pessoas de fato compartilham a maioria dos fenômenos. Esse solipsismo não é uma tendência inerente ao neopirronismo devido às conexões entre os fenômenos e a vida cotidiana. Afinal, o que nos é aparente são objetos e eventos do mundo, parte da vida que todos nós vivemos.

Outra observação é que os fenômenos são sensíveis ou intelectuais. Quando algo aparece aos sentidos, como a percepção de uma mesa, trata-se de um fenômeno sensível; quando aparece ao intelecto, como uma lei, trata-se de um fenômeno intelectual. Para Porchat, não existe uma divisão precisa entre esses

dois tipos de fenômeno. Um fenômeno sensível também apresenta aspectos intelectuais: quando você vê uma mesa diante de si, a própria ideia de mesa inclui algo além do que está presente em suas modalidades sensoriais. No entanto, embora Porchat não desenvolva essa ideia explicitamente, a maioria dos fenômenos intelectuais parecem remeter a algo sensível, ou ao menos ter algo sensível em sua origem. Portanto, diversos fenômenos são usualmente de um tipo, sempre incluindo tanto um aspecto sensível quanto um intelectual. Mais recentemente, contudo, Porchat abandonou essa doutrina e agora prefere distinguir entre dois tipos de fenômeno (PORCHAT, 2013).

A interpretação de Porchat do pirronismo parece mais próxima da de Frede (1997) que da de Burnyeat (1980). Parece que tanto para ele quanto para Frede, os céticos têm várias crenças na vida cotidiana, mas não estão comprometidos com as crenças filosóficas (crenças sobre a verdade acerca das diversas visões filosóficas sobre o mundo). Seu neopirronismo, portanto, pareceria uma forma urbana de ceticismo (*vide* BARNES, 1992). No entanto, a própria distinção na base dessa disputa entre Frede e Burnyeat pressupõe o que Porchat rejeita: um contraste entre filósofos e pessoas comuns. Do ponto de vista neopirrônico, ambos são tipicamente, embora nem sempre, dogmáticos: a maioria dos filósofos é dogmática, assim como o são as pessoas comuns; filósofos dogmáticos só tendem a ser mais refinados em algumas de suas concepções.

A distinção crucial é aquela entre dogmatismo e não-dogmatismo. Às vezes, pessoas comuns não são dogmáticas, e nem certos filósofos, como os céticos (pirrônicos). Para Porchat, muitos filósofos contemporâneos são céticos ou têm uma tendência cética sem perceber (PORCHAT, 2001). Assim, o que importa para um neopirrônico não é se o cético não tem qualquer crença ou se tem apenas crenças comuns, e sim se ele tem crenças dogmáticas (relativas ao “*ádela*”) ou crenças não-dogmáticas (relativas ao que aparece, isto é, o mundo ou *bíos*). Frede teria perdido o ponto no que tange ao alcance da “*epokhé*” por não ter compreendido adequadamente a noção de “*phainómenon*” (PORCHAT, 1991).

Por conseguinte, a distinção neopirrônica básica é aquela entre os fenômenos e o que é dito sobre eles. O discurso dogmático é sobre os fenômenos. Quando os dogmáticos afirmam “rosas são vermelhas”, eles querem dizer “rosas são realmente vermelhas”, e contam com uma teoria para explicar em que consiste essa suposta realidade. Assim, eles não estão mais tratando do mundo, mas de uma realidade postulada por sua teoria. Ninguém contesta se a rosa aparece vermelha, mas se ela de fato é vermelha. Nem todo discurso, contudo, é sobre os fenômenos; alguns

apenas expressam os fenômenos. Assim é a linguagem comum na vida cotidiana, e assim é também o uso da linguagem pelos neopirrônicos: eles usam a linguagem para expressar o que aparece para eles (ou para nós, se o fenômeno for comum), e não para afirmar como as coisas realmente são. Nesse sentido, “rosas são vermelhas” expressa como as rosas aparecem para nós; nessa perspectiva, os neopirrônicos podem até dizer que é verdade que as rosas são vermelhas e que sabemos disso. O neopirronismo não é, portanto, em certo sentido da palavra, uma forma de relativismo, já que aceita um conhecimento objetivo acerca do mundo.

Dois outros conceitos pirrônicos são atualizados pelo neopirrônico em sua parte positiva: “*haíresis*” e “*zétesis*”. Segundo Porchat, os neopirrônicos têm uma doutrina ou “uma visão cética do mundo”. Essa visão cética do mundo é uma elaboração de como as coisas aparecem aos neopirrônicos. O discurso cético deve ser entendido como uma expressão dos fenômenos. Desta forma, os neopirrônicos podem articular explicitamente sua própria visão do mundo. Uma vez que a maioria dos fenômenos são comuns, especialmente aqueles que envolvem questões filosóficas, os neopirrônicos tentarão explicitar nossas formas de pensar, ao menos como as veem. Entretanto, cada cético ou cética terá sua própria visão cética do mundo, visto que tal visão depende também das circunstâncias em que vive.

Por último, deve-se observar que os neopirrônicos são empiristas, mas seu empirismo é aprimorado pela atual Filosofia da ciência. Por exemplo, eles podem endossar o método hipotético-dedutivo. Para eles, é possível explorar o mundo empiricamente e, em sua visão cética do mundo, podem incorporar resultados científicos. Por exemplo, achamos que a terra se move e não mais achamos que a terra é o centro do universo. Resultados científicos podem e têm impactos significantes em nossa visão do mundo, incluindo na dos neopirrônicos. Porchat chegou a distinguir realismo filosófico de realismo científico (PORCHAT, 1991, 1994), ao afirmar que os neopirrônicos não precisam ser instrumentalistas, mas podem ter realismo científico embora não, é claro, realismo filosófico. Se existe um conhecimento objetivo do mundo comum, parece que as ciências podem aprimorar esse conhecimento guiando-se por um método experimental como o hipotético-dedutivo. A “*zétesis*” neopirrônica é não apenas uma investigação filosófica para destruir o dogmatismo, como no caso de Sexto, mas também uma exploração empírica do mundo dos fenômenos.

5. Reações ao neopirronismo

O neopirronismo provocou muitas reações diferentes no Brasil e em outros lugares. Por ser impossível revisar todas aqui, nosso propósito será oferecer uma ideia razoável sobre elas.

A primeira importante reação veio de filósofos preocupados com o conhecimento científico. Hilan Bensusan e Paulo Souza (1994) consideravam o pirronismo uma Filosofia ultrapassada. Diante da ciência contemporânea, o pirronismo não seria mais uma alternativa viável, pois não tinha os conceitos adequados para explicá-la. Portanto, o fato de que a ciência tenha evoluído de maneiras imprevisíveis é uma objeção ao neopirronismo. Luiz Henrique de Araújo Dutra (1993, 1995, 1996, 1997b), também criticando a concepção de Porchat, passou a propor outra posição cética, que chamou de “ceticismo alético”. Dutra acreditava que a noção metafísica da verdade é indispensável à pesquisa científica. Ambos sustentaram que a ciência moderna estabelece teorias que não podem ser postas em dúvida pelo neopirrônico. Otávio Bueno tem uma proposta mais simpática ao ceticismo e desenvolve uma abordagem neopirrônica para a ciência contemporânea, combinando-a com a visão de van Fraassen (BUENO, 2015). O empirismo neopirrônico enfatiza a noção de adequação empírica.

Um segundo tipo de resposta foi dado por aqueles que desejam desenvolver ou aprimorar características básicas do neopirronismo. Alguns, como Plínio Junqueira Smith (1995b), tentaram purificar o neopirronismo do que ainda parecia uma noção dogmática. Por exemplo, a ideia de que o dogmatismo é uma doença e que o cético (pirrônico) oferece um modo de vida melhor ao curar os dogmáticos de sua doença pode ser mero preconceito. Portanto, a ideia cética de terapia talvez seja dogmática. A noção de vida comum empregada pelo neopirrônico também parece ser herdada da “filosofia da visão comum do mundo” de Porchat (PORCHAT, 1975, 1979). A visão cética do mundo tem um aspecto pessoal inegável. Waldomiro José da Silva Filho explorou, de um lado, as dificuldades céticas da vida comum negligenciadas pelo neopirrônico (SILVA FILHO, 2015) e, de outro, as dificuldades relacionadas a autoconhecimento, tentando assim estender o neopirronismo a temas não abordados por Porchat (SILVA FILHO, 2007, 2008).

Outra importante discussão voltada à correção e ao aprimoramento do neopirronismo diz respeito à visão neopirrônica da verdade. Em um importante artigo, Porchat desenvolveu uma doutrina cética da verdade (PORCHAT, 1995). Segundo Porchat, uma vez divorciados de uma noção metafísica da realidade, os

neopirrônicos podem defender uma teoria da verdade como correspondência: o que dizemos e o que aparece estariam correlacionados com nossa experiência. Aparece que existe uma ligação entre o que dizemos e o que nos aparece. Eduardo Barrio (2000) acredita, contudo, que a única alternativa ao neopirrônico é adotar uma teoria deflacionista da verdade, como a teoria da redundância, e que nenhuma teoria correspondencial implicaria em dogmatismo.

Um importante e inesperado desenvolvimento do neopirronismo veio de filósofos também preocupados com a Filosofia política. Eles estavam interessados em saber qual seria a proposta cética (pirrônica) para a política. Porchat (em conversa) sempre foi bastante claro sobre esse assunto, mantendo que o cético poderia ter qualquer doutrina política, incluindo uma radical: da extrema direita à extrema esquerda. Afinal, o ceticismo não excluiria nenhum conteúdo dos “*phainomena*”. No entanto, a maioria acredita que nem todas as alternativas são acessíveis à posição cética. Renato Lessa (1995) defende que o neopirrônico seria um liberal; Paulo Jonas de Lima Piva (2002) sustenta que poderia ser um social-democrata ou um socialista; Cicero Romão Araújo (2007, 2008) conecta a noção de ceticismo à de cidadania. Esse debate inaugurou uma nova linha de pesquisa sobre o ceticismo.

Muito recentemente surgiu uma crítica interna ao neopirronismo que merece ser mencionada. Vitor Hirschbruch Schwartz (2015) e Diego Machuca (2013a) defendem uma versão rústica do neopirronismo, segundo a qual os pirrônicos não mantêm crenças e não escapam de todas as consequências resultantes da força do ataque cético ao dogmatismo. Uma posição verdadeiramente cética destruiria quaisquer crenças, sejam elas comuns ou filosóficas. Neste sentido, Schwartz e Machuca se veem como neopirrônicos rústicos e não aceitam o neopirronismo de Porchat com suas crenças não dogmáticas.

Também tem havido muitas críticas externas cuja intenção é rejeitar o neopirronismo. Roberto Bolzani Filho elaborou uma crítica incisiva ao neopirronismo de Porchat. Bolzani (1996, 2003) identificou uma espécie de “razão naturalizada” ou pressupostos dogmáticos na ideia de uma “filosofia saudável” no pensamento de Porchat. Poder-se-ia aplicar ao ceticismo o mesmo tipo de argumento que o cético usa contra outras filosofias. No final das contas, o ceticismo seria parte do conflito entre filosofias que tenta evitar. Bolzani também tentou mostrar que, apesar da intenção de Porchat, o neopirronismo é uma forma ultrapassada de filosofar. Roberto Horácio de Sá Pereira (2003) apresentou uma resposta kantiana ao neopirronismo de Porchat. Ele levantou uma série de dificuldades para entender a conceção de fenômenos de Porchat, e argumentou que uma solução aceitável viria

apenas de uma Filosofia transcendental. Essas duas críticas, se sólidas, deveriam nos levar a reconsiderar o neopirronismo. Mais recentemente, Pereira (2015) passou a defender o realismo ingênuo contra o pirronismo.

6. Ceticismo contemporâneo

Assim como em muitas partes do mundo, o ceticismo contemporâneo na América Latina lida com questões epistemológicas dentro da teoria analítica do conhecimento. Diversas estratégias anticéticas, como a contextualismo e o externalismo, mereceram amplo escrutínio por filósofos latino-americanos. Além disso, a estratégia transcendental também atraiu a atenção de diversos filósofos interessados no ceticismo. Todavia, o ceticismo contemporâneo não se limita à epistemologia apenas, interagindo de forma mais ampla com a Filosofia analítica. Preocupações analíticas com a linguagem e, mais especificamente, com a noção de significado, levaram ao desenvolvimento de uma nova forma de ceticismo, conhecida como ceticismo do significado. Revisaremos algumas das discussões sobre esses tópicos, começando com as conexões entre ceticismo e Filosofia analítica.

Daniilo Marcondes de Souza Filho (Brasil) desenvolveu alguns conceitos céticos usando a visão pragmática de linguagem de Austin e, também, identificou várias ideias comuns entre Wittgenstein e Pyrrhonism (DE SOUZA FILHO, 1988, 1996a, 1996b). Assim, Marcondes articulou o pirronismo com um espírito semelhante ao de Porchat. Outro trabalho inovador sobre o ceticismo derivado da virada linguística é o de Samuel Cabanchik (Argentina). Cabanchik interessou-se pela possibilidade de uma forma linguística de ceticismo ou ceticismo sobre o significado não apenas em Wittgenstein, mas também em Aristóteles e Francisco Sanchez. Seu principal foco, no entanto, foi Wittgenstein, sobre quem ele escreveu dois livros (2003, 2010), além de vários artigos (1990, 2008a, 2008b).

A preocupação de Marcondes e Cabanchik com a Filosofia analítica e sua relação com o ceticismo foi verdadeiramente um guia para outros filósofos. As conexões entre o ceticismo e a Filosofia de Wittgenstein foram destacadas por muitos estudiosos. Plínio Junqueira Smith (1994) tentou mostrar as fortes afinidades entre a Filosofia posterior de Wittgenstein e o pirronismo antigo, ao qual Paulo Roberto Margutti (Brasil) (PINTO, 1996a) fez críticas. No mesmo espírito, Guadalupe Reinoso (Argentina) (2006, 2008, 2009) chama nossa atenção para o valor do ceticismo em Sexto e Wittgenstein como uma *ars vivendi*: a crítica que fazem ao

encantamento da linguagem, perspectiva antiteórica e concepção de Filosofia como uma terapia. Magdalena Holguín (Colômbia) (1997) e R. Meléndez (Colômbia) (2014) também analisam as relações entre ceticismo e Wittgenstein. Pamela Lastres (Peru) (2011) recentemente desenvolveu trabalhos promissores sobre Wittgenstein e Moore, mas também sobre o ceticismo pirrônico. Vale também mencionar que Oscar Nudler (Argentina) (2010) desenvolveu o que chama de “filosofia dos limites”, inspirada tanto por Wittgenstein quanto pela consciência socrática de nossa ignorância, que, embora não propriamente cética, é uma doutrina no mínimo intimamente associada ao ceticismo.

Mais recentemente, Glenda Satne (Argentina) (2003, 2005a, 2005b, 2008) também seguiu uma linha de pesquisa baseada em teorias analíticas do significado, mais especificamente, no ceticismo do significado. Ela tem estado ocupada com argumentos céticos derivados da semântica contemporânea, como o de Quine da indeterminação da tradução radical, o argumento de teoria de modelos de Putnam, o argumento de Dummett da manifestação do conhecimento linguístico e, sobretudo, os argumentos céticos de Kripke (ou de Kripkenstein). O ceticismo do significado também foi tema de um livro muito bem-informado de Silvio Mota Pinto (2009, 2014), no Brasil e no México. Efraín Lazos (2002), no México, publicou artigos interessantes sobre Wittgenstein, Kripke e, também, sobre ceticismo do significado.

Assim, a conexão entre ceticismo e Filosofia analítica tornou-se um tópico mais explorado por filósofos latino-americanos. Porchat argumentava que a Filosofia analítica contemporânea era em boa medida cética sem mesmo perceber. Segundo ele, diversos filósofos analíticos não entendem muito bem o que os céticos disseram, e o que entendem por cético não corresponde ao ceticismo propriamente entendido. Se eles tivessem o conhecimento apropriado da história do ceticismo, talvez reconhecessem a orientação cética de suas doutrinas. Não é claro, contudo, que esse seja o caso da Filosofia analítica. Um debate que tem recebido atenção é até que ponto este ou aquele filósofo analítico está próximo do ceticismo. Por exemplo, contrário à opinião de Porchat sobre Quine, Marcos Nascimento Bulcão (Brasil) escreveu um livro sobre o realismo naturalista de Quine, negando que ele seja um cético (BULCÃO, 2008). Entretanto, a percepção de um Quine cético ainda persiste em alguns lugares.

Davidson é outro filósofo analítico cujas conexões com o ceticismo foram avaliadas por filósofos latino-americanos. Eleonora Orlando (2000), na Argentina, escreveu um artigo criticando Davidson, pois sua concepção de linguagem acabaria, apesar de suas intenções, em um tipo de ceticismo semântico. Cristian Barturén,

no Peru, por outro lado, interessou-se pela crítica de Davidson ao ceticismo global. Otávio Bueno, no Brasil e nos Estados Unidos, criticou a maneira pela qual Davidson tenta responder ao ceticismo (Bueno, 2005).

A relação entre P.F. Strawson e o ceticismo também foi avaliada por uma série de estudiosos latino-americanos do ceticismo contemporâneo ou da Filosofia analítica. Talvez a mais importante contribuição venha de um grupo mexicano. Falaremos mais sobre eles a seguir, quando discutirmos os argumentos transcendentais como estratégia anticética. Sergio Sanchez (2006), na Argentina, Marco Franciotti (2009) e Plínio Junqueira Smith (2015) também realizaram trabalhos a esse respeito.

Outros filósofos analíticos se engajaram ainda mais no assunto. A título de exemplo, Miguel Ángel Fernández (2014), no México, criticou a incoerência da epistemologia anticética da atribuição de crença desenvolvida por Crispin Wright. Segundo Fernández, Wright pretende combinar duas *desiderata* em uma estratégia anticética única, ou seja, de um lado um elemento concessivo ao cético e, de outro, um elemento de resgate. No entanto, ele argumenta, a combinação é impossível.

Talvez deva-se observar que o ceticismo contemporâneo também se desenvolveu em outras tradições filosóficas, não apenas na tradição analítica. Sob a influência de Wittgenstein, mas também de Stanley Cavell, Mario Gensollem (2006), no México, explorou o papel do ceticismo não apenas na Filosofia, mas também na vida cotidiana. Ele acabou concordando com a tese cavelliana de que o ceticismo filosófico é a melhor expressão da finitude intrínseca da natureza humana. Sergio Sánchez (2006), na Argentina, chamou a atenção não só para a análise de Strawson, mas também para a de Heidegger dos argumentos céticos. Jônadas Techio (2013), no Brasil, também investigou, de um ponto de vista cavelliano e heideggeriano, a importância do ceticismo filosófico.

As preocupações céticas estão normalmente ligadas a questões epistemológicas. Encontramos no México um grupo de filósofos em forte conexão com o ceticismo, chegando a propor novas formas a ele. Armando Cíntora (2010), no México, por exemplo, sustenta uma posição pirrônica na Filosofia da ciência. De acordo com Cíntora, um pirronismo metodológico seria de grande ajuda para livrar os cientistas de dogmas que os limitam quando tentam desenvolver suas pesquisas científicas. Exatamente como no caso de Sexto, Cíntora defende que esse tipo de pirronismo metodológico não é uma paralisia epistêmica: cientistas pirrônicos podem praticar ciência, visto que estão conscientes do caráter não-dogmático (temporal) de seus princípios ontológicos, metodológicos e semânticos. Tal reconhecimento os manterá seguros de uma perspectiva dogmática.

Jorge Ornelas (2012, 2014a; CÍNTORA; ORNELAS, 2013a), no México, um membro mais jovem do grupo, concentrou-se nas principais estratégias anticéticas da Filosofia contemporânea (contextualismo, epistemologia da atribuição de crença, dogmatismo, abordagem transcendental, externalismo, etc.). Ornelas tentou mostrar que nenhuma dessas estratégias solucionam ou removem o desafio cético tradicional, principalmente porque carecem de um diagnóstico satisfatório das motivações por trás da problemática cética. Assim, incorrem num duplo erro: não apenas falham em erradicar as motivações básicas por trás do ceticismo, mas também não atentam para o fato de que a problemática cética tradicional surge apenas para teorias e conceitos do conhecimento que não ameaçam atribuições de conhecimento ordinárias.

O falibilismo e o ceticismo foram temas de alguns artigos escritos por Guillermo Hurtado, no México. Hurtado (2002a) defende que apesar dessas duas posições estarem intimamente relacionadas, é preciso mantê-las separadas. Ele refuta o falibilismo por ser revisionista. Pouco depois, argumenta em favor do uso de termos epistêmicos mais detalhados. Segundo Hurtado (2005), deve-se diferenciar os vários sentidos de “dúvida”, introduzir a noção de “suspeita” e aceitar graus variados de certeza. Sua ideia básica é enriquecer o vocabulário epistemológico, incluindo termos céticos mais sofisticados.

Muitos, é claro, rejeitam a posição cética. Paulo Francisco Estrella Faria (2007, 2012), no Brasil, por exemplo, se posicionou contra o ceticismo. Na verdade, ele acredita que o ceticismo está comprometido com uma espécie de idealismo, mesmo no caso de Porchat e apesar de sua explícita rejeição a essa visão filosófica. Segundo Faria, qualquer afirmação implica uma reivindicação da verdade absoluta, e se os céticos afirmam algo, como o fazem na vida cotidiana, então estão comprometidos com aquilo que prefeririam evitar. Assim, a visão cética da linguagem não se sustenta, e há um tipo de contradição pragmática na posição do cético. Essa crítica foi endossada pelo brasileiro Roberto Horácio de Sá Pereira (2003, 2015).

Os trabalhos de Eleonora Cresto e Alejandro Miroli, na Argentina, também se distanciam da posição cética. Cresto (1996, 1997) concentrou-se nas estratégias anticéticas que surgem das posições naturalísticas, seja seguindo as linhas Wittgensteinianas ou a de F. Dretske e outros fiabilistas. Miroli (2007, 2008, 2010), por sua vez, lidou com o ceticismo científico, abordando tanto casos gerais como casos socialmente relevantes. Ele também examinou o argumento das alternativas relevantes de Dretske e tentou determinar quais tipos de alternativas seria preciso excluir e quais poderiam ser negadas nas atribuições do conhecimento.

Uma série de outras estratégias epistemológicas adicionais foram colocadas sob análise criteriosa por epistemólogos latino-americanos. Aqui estão algumas delas. Diana Hoyos (2006), na Colômbia, trabalha com a teoria contemporânea do conhecimento, interligando os conceitos de responsabilidade epistêmica, os exemplos de Gettier e o ceticismo. Jorge Gregorio Posada (2007), também na Colômbia, reagiu ao trabalho da pesquisadora. O colombiano Ignacio Ávila (2003) confrontou a tese de Davidson de que a maioria das nossas crenças são verdadeiras com o correspondente desafio cético. Outra estratégia anticética popular é o contextualismo. O brasileiro Flávio Williges dedicou sua tese de doutorado a esse assunto, da qual resultou um artigo (WILLIGES, 2013), e André Joffily Abath (2012), também no Brasil, utiliza o contextualismo para refutar o ceticismo cartesiano.

Dentre as estratégias anticéticas, a que evoca considerações transcendentais merece atenção especial. Um grupo de filósofos no México é o de maior destaque no que concerne a essa resposta ao ceticismo inspirada em Kant e Strawson. Pedro Stepanenko, no México, explorou o potencial anticético do conceito kantiano da unidade sintética da apercepção em diversos artigos (2001, 2002a, 2006, 2007, 2008). De acordo com sua interpretação, essa unidade deveria ser considerada a unidade de nossos estados mentais, a qual seria possível apenas através das relações inferidas de seus conteúdos. Essa unidade torna possível a autoconsciência que toda prática argumentativa exige. Se pudéssemos suspender o juízo com relação a qualquer assunto, renunciaríamos ao estabelecimento de relações inferidas dentre os conteúdos dos nossos estados mentais. Nesse caso, não haveria unidade alguma de consciência, e nem conhecimento de nossos estados mentais.

Nesse mesmo grupo kantiano, os trabalhos do mexicano Efraín Lazos são notáveis. Lazos (2002, 2014) conseguiu combinar o anticeticismo kantiano e wittgensteiniano a fim de produzir novas perspectivas sobre o desafio cético. Mais recentemente, Lazos recorreu a uma estratégia transcendental baseada nos trabalhos de Barry Stroud para demonstrar a força anticética dos argumentos transcendentais. Isabel Cabrera (1999), também no México, editou um livro sobre argumentos transcendentais, no qual analisa a força e os limites desses argumentos como ferramentas contra o ceticismo. Cabrera (2002) também se dedicou às relações entre budismo e ceticismo. Em especial, ela mostrou que tanto no budismo quanto no ceticismo de Hume há um ataque à noção de substância, e que a falta de comprometimento com substâncias no entendimento que o indivíduo tem do mundo exerce uma função terapêutica, a saber, evitar o sofrimento.

O chamado trilema de Agripa é um importante argumento para o ceticismo contemporâneo. Alguns filósofos latino-americanos tentaram responder a esse profundo e difícil desafio cético. José de Teresa (2000, 2013, 2014), no México, desenvolveu uma estratégia anticética inspirada na dialética de Platão. Segundo de Teresa, a estratégia de Platão tem efeito contra o trilema apresentado pelo cético, pois escapa às três alternativas em consideração.

Entretanto, dentre os modos de Agripa, o mais importante para o ceticismo latino-americano parece ser a “*diaphonía*” ou desacordo. Vimos como ele é importante para o neopirronismo de Porchat (1969, 1991, 1993). Recentemente, esforços foram feitos no sentido de comparar o modo cético de Agripa de diafonia às reflexões contemporâneas sobre desacordo. Tem especial importância a ideia de Diego Machuca (2013a), na Argentina, de que “*diaphonía*” é diferente do desacordo. Machuca acusa de dogmatismo os epistemólogos contemporâneos que defendem que o desacordo leva à suspensão do juízo. Segundo Machuca, eles baseiam seus argumentos em princípios dogmáticos para alcançar a suspensão do juízo. Também é digna de nota a defesa que o brasileiro Otávio Bueno faz da “*diaphonía*” contra recentes ataques, como a crítica de Barnes (BUENO, 2013). Bueno oferece uma interpretação de “*diaphonía*” livre dos problemas oriundos de interpretações errôneas. Talvez esse seja outro tópico em que se pode descobrir algumas contribuições originais do ceticismo latino-americano. Houve também esforços para estender o modo do desacordo no ceticismo contemporâneo para áreas lógicas (BARRIO, 2015), assim como algumas discussões envolvendo juízos avaliativos e a noção de verdade relativa (ORLANDO, 2014).

7. História do ceticismo moderno

A história do ceticismo também atraiu a atenção de vários estudiosos em toda a América Latina. Como na maioria dos lugares, a investigação histórica tendeu a concentrar no período moderno, principalmente no ceticismo cartesiano e humeano, embora muitos outros autores, como Montaigne, Bacon, Bayle e Kant, também estivessem em foco. Ainda que os pesquisadores brasileiros sejam talvez os que mais tenham contribuído, não se pode negligenciar o enorme e difundido interesse pelo ceticismo moderno no restante da América Latina.

O trabalho mais importante sobre a história do ceticismo é provavelmente o de José Raimundo Maia Neto, no Brasil, que trabalhou com Popkin. Maia Neto

se interessou pelo ceticismo por meio de seu contato com Danilo Marcondes e, algum tempo depois, com os trabalhos de Porchat. Sua principal contribuição é a constatação de que o ceticismo acadêmico exerceu um papel mais importante no ceticismo moderno do que a interpretação de Popkin reconhecia (MAIA NETO, 1997a, 2005, 2013a). De acordo com Maia Neto, Popkin enfatizou a importância do pirronismo para a Filosofia moderna, mas negligenciou o fato de que o ceticismo acadêmico também era amplamente conhecido e utilizado por vários filósofos. Em defesa de sua interpretação, Maia Neto escreveu uma série de artigos sobre filósofos como Montaigne (MAIA NETO, 2004, 2012), Pierre Charron (MAIA NETO, 2014), Descartes (Maia Neto 2001), Gassendi (Maia Neto 1997b) and Pierre-Daniel Huet (MAIA NETO, 2008a, 2008b). De fato, ele explorou o ceticismo moderno como um todo, partindo de Montaigne em diante, com textos importantes sobre Pascal (MAIA NETO, 1995), Bayle (MAIA NETO, 1996), e Hume (MAIA NETO, 1991).

Outra importante contribuição foi a de Luiz Antonio Alves Eva, no Brasil, que estudou em detalhes os Ensaíos de Montaigne, publicando dois livros (2004, 2007b) e uma série de artigos no Brasil e em outros lugares (2001a, 2012, 2013a). Ainda no Brasil, Renato Lessa (1995, 2003) trabalhou com o ceticismo político de Montaigne, demonstrando que os cétricos, ao reconhecerem a função do hábito, seriam realistas na política. Smith (2012a), ao criticar a interpretação de Eva, que insiste nas afinidades entre Montaigne e os cétricos antigos, tenta evidenciar mais diferenças. Na Argentina, empreenderam-se também estudos sobre o ceticismo de Montaigne. Além de Fernando Bahr, a quem retornaremos, Soledad Croce (2006, 2007), por exemplo, publicou vários artigos sobre o que ela considera como o ceticismo prático de Montaigne.

O brasileiro Luiz Eva (2006, 2008, 2011) também se concentrou nas relações entre Francis Bacon e o ceticismo. Ele propôs algumas interpretações criteriosas da teoria dos ídolos e dos argumentos cétricos advindos do pirronismo antigo e de Montaigne e Sanchez. Ele apresentou não só as origens cétricas da maioria dos ídolos baconianos, como também demonstrou como suas estruturas alteravam os modos cétricos, revelando assim o que havia de propriamente novo em Bacon. A argentina Silvia Manzo (2009) escreveu sobre o mesmo assunto, sustentando uma visão equilibrada na qual há uma atitude dupla diante da ameaça cética. Mais recentemente ela voltou ao tema (MANZO, no prelo), oferecendo uma reconstrução da recepção de Francis Bacon do ceticismo acadêmico. Ela trabalha com a avaliação do ceticismo antigo nos escritos de Bacon e argumenta que, por um lado, ele aprovava o estado de dúvida e a suspensão do juízo e, por outro, rejeitava a noção

de acatalepsia. Plínio Junqueira Smith (2012b), no Brasil, referindo-se aos dois estudiosos, mostrou que o principal foco de Bacon estava nas proposições “nada se sabe” e “nada se pode saber”, às quais dedicou cuidadosa atenção. Segundo ele, Bacon se utilizava de armas céticas para rejeitar toda a Filosofia tradicional, incluindo o ceticismo, e não apenas para criticar o dogmatismo, portanto distanciando-se ele próprio do ceticismo.

Danilo Marcondes (2009, 2012), no Brasil, tem realizado pesquisas originais e importantes sobre os modos antigos e a descoberta do Novo Mundo. Essa descoberta ofereceu não só muito mais exemplos do mesmo tipo de diversidade com os quais os europeus estavam acostumados como também ofereceu exemplos de uma diversidade diferente, mais radical, que fortaleceu a potência dos Modos céticos. Essa é uma literatura ampla e rica ainda não explorada pelos acadêmicos da história do ceticismo.

Como era de se esperar, o ceticismo cartesiano é um dos principais objetos de estudo. Em quase todos os países encontramos pesquisadores tentando entender suas fontes, a natureza de seus argumentos, sua força e persuasão. Uma contribuição decisiva, já observada acima, é a de Porchat, que reservou um lugar especial na Filosofia ao uso metodológico do ceticismo de Descartes. Na visão de Porchat nos anos 1980 (PORCHAT, 1985, 1986), havia uma forte afinidade entre o ceticismo antigo e a dúvida cartesiana, de modo que se poderia falar de um modelo cético-cartesiano. O problema do mundo externo se tornou, assim, uma questão crucial para aqueles preocupados com o ceticismo, porque pensava-se nele como um problema cético. Seguindo essa ideia, vários outros filósofos no Brasil, como Paulo Francisco Estrella Faria (2007), Luiz Eva (2001b, 2013b), Alexandre Noronha Machado (2007a), Flávio Williges (2007), entre outros, escreveram artigos sobre tal assunto.

No México, a preocupação com o ceticismo cartesiano foi por algum tempo o objeto predominante de pesquisa sobre o ceticismo. Uma razão para isso foi o contato entre o grupo de Laura Benítez e José Antonio Robles, no México, com Ezequiel de Olaso e Richard Popkin. Esse grupo se voltou fortemente para o trabalho de Descartes e da ciência moderna. Consequentemente, o ceticismo cartesiano ou o ceticismo metodológico foi um tema importante para eles. Diversos membros do grupo partilhavam, talvez de forma implícita, da ideia de que a estratégia anticética cartesiana teve sucesso ao evitar consequências céticas desastrosas. Benítez (1987), por exemplo, dedicou vários de seus trabalhos aos estudos cartesianos e explorou os aspectos metodológicos positivos do ceticismo cartesiano para o alcance da certeza plena, assim como a relevância do ceticismo para discussões acerca da natureza do conhecimento humano.

Algo similar correu na Colômbia, onde Jean Paul Margot (2003) e Adolfo León Gómez (2002) deram ampla atenção ao ceticismo cartesiano. Também muito importantes são as contribuições de Mauricio Zuluaga, que examinou as interpretações contemporâneas do ceticismo cartesiano, especialmente aquelas baseadas no princípio do fechamento (ZULUAGA, 2012), no Trilema de Agripa (ZULUAGA, 2005) e nas relações entre pirronismo e ceticismo cartesiano (ZULUAGA, 2014). Zuluaga publicou um importante livro adaptado de sua tese de doutorado (ZULUAGA, 2007) e, com Margot, editou uma coleção (MARGOT; ZULUAGA, 2012), em que se encontra diversos artigos sobre ceticismo moderno, incluindo sobre Montaigne, com a participação de estudiosos da Colômbia e de outros países.

No Peru, também encontramos interesse na relação entre Descartes e o ceticismo. Jorge Secada (2000) conduziu estudos sobre Descartes e Suarez, mas concentrou-se em Descartes no que diz respeito ao ceticismo. Humberto Quispe (1996) também pesquisou o tema, sob especial influência de Jorge Secada.

Foi dada alguma atenção ao ceticismo francês do século XVII, embora não tanto como se gostaria. Além da já mencionada contribuição de José Raimundo Maia Neto, no Brasil, os trabalhos de Flávio Fontenelle Loque (2012), também no Brasil e Fernando Bahr, na Argentina, merecem destaque. O livro de Loque é sobre a relação entre ceticismo e religião, mais especificamente sobre a própria noção de um ceticismo cristão. Ele dedicou atenção não só a Montaigne e Pierre Charron, mas também a François de La Mothe Le Vayer. Bahr (1999, 2000a, 2000b, 2001, 2002, 2004, 2010) concentrou-se principalmente em Pierre Bayle, cujos argumentos céticos tocam três questões principais: o problema do mal; os fundamentos da crença religiosa e a tolerância civil. Esses temas levaram Bahr a estudar tanto o século XVIII, ao examinar a influência de Bayle sobre Hume (tema de seu doutorado), quanto a primeira metade do século XVII, ao concentrar sua atenção à relação entre La Mothe Le Vayer e Descartes. Plinio Junqueira Smith (2013) evidencia a importância do método cético tanto no trabalho histórico de Bayle quanto em seu pensamento filosófico. Sébastien Charles, em Québec, no Canadá (no prelo a, no prelo b), também trabalhou recentemente com alguns céticos franceses, como Simon Foucher e Pierre-Daniel Huet. Sua pesquisa histórica segue a tendência atual de erudição, descobrindo e explorando figuras menos conhecidas, mas de grande importância a seu tempo.

A reação de Berkeley ao ceticismo ou seu suposto ceticismo não passou despercebida, apesar de não ter recebido a devida atenção. Uma exceção é José Antonio Robles, no México. Robles (1996) demonstrou que a tese cética berkelyana que rejeita a existência de uma substância material tem importantes consequências,

tais como a rejeição de vários outros problemas secundários: a indivisibilidade da matéria e a ideia de um Deus extenso. Jaimir Conte (2008), no Brasil, também explorou as conexões entre Berkely e o ceticismo em um importante artigo. Sébastien Charles (2003) escreveu um livro sobre a recepção inicial do imaterialismo de Berkely na França. Àquela época, Berkeley era considerado o maior dos céticos, até Kant declarar que Hume era ainda maior. Charles mostra, com bastante erudição, como essa imagem de berkely foi criada na França.

Não foi dada muita atenção ao ceticismo na Filosofia materialista francesa do século XVIII. No entanto, o brasileiro Paulo Jonas de Lima Piva (2007, 2008a, 2008b) realizou trabalhos com foco especial em Diderot. Sébastien Charles (2007) chamou atenção a alguns manuscritos céticos clandestinos, bem como a diversos céticos menos conhecidos do mesmo período, não somente na França como também na Alemanha. Charles (2012) e Rodrigo Brandão (2008) exploraram as relações entre Voltaire e o ceticismo.

Uma importante contribuição para se entender o ceticismo de Hume foi dada por Plínio Junqueira Smith, que publicou um livro (1995a) e vários artigos (2011a, 2011b) sobre esse assunto. Sua principal ideia é que o debate entre o ceticismo e o naturalismo de Hume pressupõe uma falsa dicotomia. O que os comentaristas chamam de naturalismo de Hume é o que o próprio Hume define como seu ceticismo. Além disso, comentaristas tendem a pensar o ceticismo como uma doutrina meramente negativa, deixando de prestar a devida atenção ao seu aspecto positivo. Smith também dedicou esforços para demonstrar como o ceticismo mitigado de Hume estava conectado ao ceticismo antigo, em ambas as suas formas, e ao ceticismo moderno. Deve-se, também, atentar para o trabalho de Livia Guimarães (1996, 2008), no Brasil, que dedicou sua carreira ao estudo do pensamento de Hume, não somente a seu ceticismo, como também a muitos outros aspectos da Filosofia do maior dos céticos modernos. A pesquisa acadêmica sobre Hume cresceu tanto no Brasil que não é possível detalhar sua condição neste espaço limitado.

O interesse pelo ceticismo de Hume não se restringiu ao Brasil. O argentino Lisandro Aguirre (2007, 2008, 2010a, 2010b), por exemplo, publicou vários artigos sobre ele. Seu principal argumento é que Hume segue o pirronismo justamente quando acredita evitá-lo; por exemplo, ao ser salvo pela natureza, ele não se considera pirrônico, quando na verdade essa seria a marca maior do pirrônico. Os argumentos céticos de Hume também são estudados na Colômbia por Catalina Gonzalez (2010, 2011). O ceticismo de Hume talvez seja o que gerou o interesse peruano pelo ceticismo moderno. Ainda que estivesse ocupado sobretudo com a

lógica, Juan Bautista Ferro Porcile, no Peru, palestrou extensivamente sobre Filosofia moderna, em especial sobre a tradição empírica e a vertente cética de Hume, sobre o qual ele publicou um artigo bastante influente.

As relações entre Kant e o ceticismo atraíram muita atenção na América Latina, sobretudo no México. Já vimos que um grupo de filósofos, mais notadamente Pedro Stepanenko (2002a, 2006, 2007), Efraín Lazos (2014), Isabel Cabrera (1999) e Jorge Ornelas (2005), combinaram conhecimentos históricos com preocupações sistemáticas, produzindo inúmeras publicações sobre argumentos transcendentais e ceticismo. Discutiam, de um ponto de vista kantiano, obras de Wittgenstein, P.F. Strawson e Barry Stroud, entre outros. Stepanenko, em particular, estava mais interessado na perspectiva histórica. Roberto Horácio de Sá Pereira (2003) e Marco Franciotti (1994, 1995), no Brasil, seguiram um caminho parecido. Na Colômbia, Alejandro Rosas (1990) inaugurou essa linha de pesquisa com um influente artigo. Trilhando esse caminho, Catalina González (2010), também na Colômbia, dedicou-se a um estudo histórico das relações entre Kant e suas fontes céticas antigas.

Mais recentemente, ainda no México, Ornelas (2014a, 2015) desenvolveu uma interpretação do anticeticismo kantiano, segundo o qual a *Refutação do Idealismo* não é relevante, como comumente se assume, mas *Quarto Paralogismo* é. Plínio Junqueira Smith (2008a) sustenta uma visão parecida, ao mesmo tempo em que oferece uma interpretação mais ampliada. Segundo Smith, Kant respondeu a três tipos diferentes de ceticismo moderno: o ceticismo carteasiano relacionado ao mundo externo (que Kant acabou por reconhecer, na segunda edição de *Crítica da Razão Pura* como um problema idealista, e não cético); o ceticismo Bayleano e as antinomias; e o ceticismo de Hume acerca da validade objetiva das categorias.

Luis Eduardo Hoyos (2001), na Colômbia, publicou o importante livro *El escepticismo y la filosofía transcendental* no qual avalia o potencial argumentativo do argumento transcendental contra o ceticismo de Hume como recebido no cenário filosófico alemão do século XVIII. As obras de Hoyos motivaram inúmeros filósofos colombianos a dedicarem atenção a esse assunto e ao período. Ignacio Ávila (1996) explorou a mesma via, enquanto Carlos Patarroyo alinha-se à posição kantiana contra o ceticismo de Hume. Catalina González (2011) elaborou a distinção entre o ceticismo acadêmico e o pirronismo em Kant.

Como muitos estudiosos perceberam a importância fundamental de Kant ao ceticismo moderno (e vice-versa), não seria surpresa que muitos outros também salientassem o que hoje é chamado de ceticismo pós-kantiano. Talvez o primeiro estudo importante sobre o assunto tenha sido o de Luis Eduardo Hoyos (1995), na

Colômbia, quando publica sua tese de doutorado, seguida de dois artigos (HOYOS, 1998, 1999), aos quais Raúl Meléndez (2000), também na Colômbia, respondeu. O interesse no ceticismo pós-kantiano tem se espalhado. O brasileiro Eduardo Brandão (2013) dedica sua atenção ao ceticismo em filósofos como G.E. Schulze, Arthur Schopenhauer e Fichte. Na Argentina, Ricardo Cattaneo (2009, 2010) concentra-se tanto nas discussões sobre o ceticismo na Filosofia kantiana e pós-kantiana (Jacobi, Schulze) quanto nas interpretações e assimilações do ceticismo em Hegel e no Idealismo Alemão. Luiz Fernando Barrère Martin (2007a, 2007b, 2011), no Brasil, desenvolveu sua tese de doutorado e alguns artigos sobre Hegel e o ceticismo.

Sergio Sánchez, na Argentina, é uma referência importante aos estudos sobre ceticismo nos séculos XIX e XX. Sánchez (2010) concentrou-se na presença do ceticismo em Nietzsche, especialmente a influência de Sexto e Cícero. Em seus escritos, um tópico importante é o da análise nietzscheana da crença e sua relação com o ceticismo. Em conexão com Nietzsche, Kathia Hanza (2011), no Peru, explorou os diferentes aspectos do ceticismo. Os trabalhos de Rogério Lopes (2006, 2012), no Brasil, sobre Nietzsche e ceticismo, muito parecidos em espírito aos de Sánchez e Hanza, também merecem ser mencionados.

8. História do ceticismo antigo

O ceticismo antigo também atraiu bastante atenção, embora, como em quase todos os lugares, tenha recebido menos atenção que o ceticismo moderno. Roberto Bolzani Filho (Brasil) publicou um livro (BOLZANI, 2013) e vários artigos sobre o tema (BOLZANI, 1990, 1998, 2000, 2005a). Seu livro sobre ceticismo acadêmico e pirronismo foi cuidadosamente escrito, é muito bem fundamentado e apresenta uma descrição detalhada da relação entre essas duas formas de ceticismo antigo. Vitor Hirschbruch Schvartz (2012) defende uma interpretação rústica de Sexto Empírico. Estudos recentes estão se aprimorando, como demonstrado pelos trabalhos de Rodrigo Pinto de Brito (Brasil) (2014) sobre Sexto.

Mais recentemente, os estudos sobre o ceticismo antigo aumentaram, sobretudo graças aos trabalhos de Diego Machuca (Argentina) (2006a,b, 2009, 2013a). Sua tese de doutorado foi sobre a ética de Sexto. Depois disso, publicou vários artigos e resenhas, bem como organizou eventos. Também foi editor de várias coleções importantes sobre a história do ceticismo (2011a,b, 2013b). É justo afirmar

que ninguém mais do que ele alavancou o aprimoramento das pesquisas latino-americanas sobre ceticismo antigo. Junto com Duncan Pritchard, Machuca é o editor do *International Journal for the Study of Skepticism*. Assim, tanto por suas publicações pessoais quanto por seu envolvimento na organização de pesquisas, Machuca é figura de liderança nos estudos sobre ceticismo antigo.

A Colômbia também deu sua contribuição para a área. Nos *Cuadernos de Filosofía y Letras*, encontramos não só o primeiro livro dos *Esbozos Pirrônicos* de Sexto Empírico traduzido pelo filologista e helenista Jorge Páramo (1989), mas também vários artigos de pesquisadores como Popkin, Giorgio Tonelli, Porchat e Olaso, bem como uma análise de Carlos B. Gutiérrez (Colômbia) (1989) sobre a importância do ceticismo filosófico. No México, Ornelas (2013, 2014b) leu cuidadosamente as obras de Sexto e encontrou recursos teóricos que poderiam ser úteis ao envolvimento com questões epistemológicas contemporâneas.

Os estudos sobre a história do ceticismo antes do período moderno não estão restritos ao pirronismo e ao ceticismo acadêmico. Não se deveria deixar de mencionar o artigo de Mauricio Pagotto Marsola (2007), no Brasil, sobre Plotino e o ceticismo, pois este é um aspecto bastante inusitado da Filosofia de Plotino. Em conexão com as origens da Filosofia medieval, em especial Agostinho e Descartes, Luis Bacigalupo (1999), no Peru, também realizou alguma pesquisa. Rodrigo Pinto de Brito (2015), no Brasil, tem trabalhado no impacto do ceticismo no pensamento cristão.

Deve-se ainda prestar atenção ao mexicano Mauricio (1996, 2003), que dedicou dois artigos ao ceticismo na Idade Média. Seu argumento é que o ceticismo já atraía alguma atenção mesmo antes da Renascença. Segundo ele, diversos autores medievais assumiram posições céticas. Entre eles, o cristianismo platônico de Agostinho recorria ao ceticismo acadêmico em sua teoria da iluminação, na qual Agostinho enfatizava a falibilidade do conhecimento humano. A teoria da dupla verdade, segundo a qual há dois tipos de verdade (verdades para a ciência e verdades para a fé), também tem um tom cético, e aqueles que acreditavam que Deus talvez pudesse nos enganar estavam considerando um argumento cético (Ockham, Pedro Lombardo, Tomás de Aquino e Buenaventura, entre outros). Beuchot também lembra que Nicolás d'Autrecourt, um monge francês (1300-1350 aproximadamente) ativo na Universidade de Paris, antecipou o ceticismo de Hume com relação à causalidade.

9. Ceticismo e literatura

Possivelmente alguns outros estudos sobre a história do ceticismo devam ser mencionados. De um lado, há alguns estudos literários. Machado de Assis, um dos melhores escritores brasileiros, foi considerado um cético por muitos. Uma das razões é que Machado leu e usou extensamente o ceticismo de Montaigne. José Raimundo de Maia Neto (1994) publicou um livro sobre o assunto. A novidade desse seu livro é que foi a primeira discussão sobre o ceticismo de Machado baseado na história do ceticismo. Paulo Roberto Margutti Pinto (2007) e Gustavo Bernardo Krause (2007a) discutiram a interpretação de Maia Neto, e Maia Neto respondeu a eles. Krause é um romancista brasileiro e professor de literatura que publicou vários livros e artigos sobre ceticismo e literatura (KRAUSE, 2004), sobre Machado (KRAUSE, 2006) e outros escritores como o renomado poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade (KRAUSE, 2007b). Por outro lado, Paulo Roberto Margutti Pinto tem estudado a história da Filosofia brasileira, na qual ele enxerga um papel importante para o ceticismo, bem antes de Porchat trazê-lo ao palco central. Em Pinto (2010), ele defende a influência de Francisco Sanches no pensamento colonial brasileiro. Uma das razões para o sucesso de Porchat é que aparentemente o pensamento brasileiro sempre tendeu, pelo menos em alguns lugares, ao ceticismo. Machado de Assis não seria uma exceção.

Referência bibliográfica

Múltiplas coleções citadas

- [TFM] BAHR, F. (ed.), 2010, **Tradición clásica y Filosofía Moderna: el juego de las influencias**, Santa Fe, Universidad Nacional del Litoral.
- [LCM] BELTRÁN, J.; PEREDA, C. (ed.), 2002, **La certeza, ¿un mito?** Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México.
- [CNA] BRUNSTEINS, P.; TESTA, A. (eds.), 2007, **Conocimiento, normatividad y acción**, Córdoba, Universidad Nacional de Córdoba.
- [SEC] CHARLES, S.; SMITH, P. J. (eds.), 2013, **Skepticism in the Eighteenth Century: Enlightenment, Lumières, Aufklärung**, Dordrecht: Springer.

- [ASE] CHARLES, S.; SMITH, P. J. (eds.), forthcoming, **Academic Skepticism in Early Modern Philosophy**, Dordrecht: Springer.
- [DFE] CÍNTORA, A.; ORNELAS, J. (eds.), 2014, **Dudas Filosóficas. Ensayos sobre Escepticismo Antiguo, Moderno y Contemporáneo**, México: Universidad Autónoma Metropolitana/Gedisa.
- [CPH] DUTRA, L. H. A.; SMITH, P. J. (eds.), 2000, **Ceticismo: perspectivas históricas e filosóficas**, Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.
- [PAM] MACHUCA, D. (ed.), 2011, **Pyrrhonism in Ancient, Modern, and Contemporary Philosophy**, Dordrecht: Springer.
- [DAS] MACHUCA, D. (ed.), 2013, **Disagreement and Skepticism**, New York and London: Routledge.
- [SMA] MAIA NETO, J. R.; PAGANINI, G.; LAURSEN, J. C. (eds.), 2009, **Skepticism in the Modern Age: Building on the Work of Richard Popkin**, Leiden and Boston: Brill.
- [IOH] MATTIO, E.; SCOTTO, C. (eds.), 2006, **Interpretación, objetividad e historia: perspectivas filosóficas**, Córdoba, Argentina: Universidad Nacional de Córdoba.
- [SHP] POPKIN, R. H. (ed.), 1996, **Skepticism in the History of Philosophy: A Pan-American Dialogue**, Dordrecht: Kluwer.
- [CPF] SILVA FILHO, W. J. (ed.), 2005, **O ceticismo e a possibilidade da filosofia**, Ijuí: Editora da Universidade de Ijuí.
- [RIF] SILVA FILHO, W. J.; CAORSI, C. (eds.), 2008, **Razones e interpretaciones. La filosofía después de Davidson**, Buenos Aires, Argentina: Del Signo.
- [ESC] SILVA FILHO, W. J.; SMITH, P. J. (eds.), 2007, **Ensaio sobre o Ceticismo**, São Paulo, Brazil: Alameda Editorial.
- [ACC] SILVA FILHO, W. J.; SMITH, P. J. (eds.), 2012, **As consequências do ceticismo**, São Paulo, Brazil: Alameda Editorial.
- [NOP] SMITH, P. J. (ed.), 2015, **O neopirronismo de Oswaldo Porchat**, São Paulo, Brazil: Alameda Editorial.
- [FHU] SMITH, P. J.; WRIGLEY, M. B. (eds.), 2003, **O Filósofo e sua História: Uma Homenagem a Oswaldo Porchat**, Campinas, Brazil: Universidade de Campinas.

Outras literaturas secundárias

- ABATH, A. J., 2012, "Como vencer uma batalha com o cético: um guia contextualista". In: **ACC**: 227-251.
- AGUIRRE, L., 2007, "Sobre la 'melancolía pensativa' del escepticismo humeano". In: **ACC**: 43-50.
- AGUIRRE, L., 2008, Las creencias involuntarias en Sexto Empírico y Hume, **Tópicos**, Santa Fe, Argentina, 16: 5-20.
- AGUIRRE, L., 2010a, David Hume y su *adhesión inconsciente* al escepticismo pirrónico, **Revista de Filosofía y Teoría Política**, La Plata, 41: 13-40.
- AGUIRRE, L., 2010b, El pirronismo moderno de David Hume. In: **TFM**: 147-166.
- ARAÚJO, C. R., 2007, "Política e ceticismo", in **ESC**: 271-295.
- AGUIRRE, L., 2008, "Cosmopolitismo, ceticismo e civilização", **Sképsis**, 3: 67-93.
- ÁVILA, I., 1996, **Escepticismo y argumentación trascendental**. Anatomía de un juego, Bogotá, Colombia: Universidad Nacional de Colombia.
- AGUIRRE, L., 2003, "La estrategia intencional de Dennett y el escepticismo", **Ideas y Valores**, 121: 41-63.
- BACIGALUPO, L., 1999, "La confrontación de San Agustín con el escepticismo y sus probables vínculos con la moral provisional de Descartes", **Pensamiento**, 55, 211: 127-144
- BAHR, F., 1999, "Pierre Bayle en los *early memoranda* de Hume", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 25(1): 7-38.
- BAHR, F., 2000a, "Bayle, Leibniz y las objeciones maniqueas", *Paideia*. **Revista de Filosofía y de Didáctica Filosófica**, 21(52): 203-228.
- BAHR, F., 2000b, "Pierre Bayle: contra los teólogos", **Cuadernos Salmantinos de Filosofía**, 27: 75-94.
- BAHR, F., 2001, "El *Commentaire philosophique* de Pierre Bayle: 'Dios no quiere que conozcamos con certeza'", **Tópicos**, Santa Fe, Argentina, 8/9: 59-80.
- BAHR, F., 2002, "David Hume y el enigma de los *Dialogues*", **Thémata**, 28: 33-45.
- BAHR, F., 2004, "John Locke y Pierre Bayle: sobre la libertad de conciencia", **Tópicos**, Santa Fe, Argentina, 12: 43-64.
- BAHR, F., 2010, "Los escépticos modernos y la génesis del *cogito* cartesiano", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 34(1): 59-85.
- BARNES, J., 1982, "The Beliefs of a Pyrrhonist", **Proceedings of the Cambridge Philosophical Society**, 28: 1-29.

- BARRIO, E., 2000, "La otra cara del escéptico" in **CPH**: 63-79.
- BARRIO, E., 2003, "Desacordos lógicos, ceticismo e transmissão da verdade" in **NOP**: 39-58.
- BENÍTEZ, L., 1987, "Descartes y el escepticismo", **Diánoia**, 33: 247-268.
- BENSUSAN, H. N., 2015, "O lugar da suspensão do juízo: neopirronismo e ontologia da dúvida", in **NOP**: 59-76.
- BENSUSAN, H. N.; SOUZA, P.A.G. 1994, "Sobre o que não aparece (ao neopirrônico)", **Discurso**, 23: 53-70.
- BEUCHOT, M., 1996, "Some Traces of the Presence of Skepticism in Medieval Thought", in **SHP**: 37-43.
- BEUCHOT, M., 2003, "Nicholas of Autrecourt", in Gracia, J.E. and Noone, T.B. (eds.), **A Companion to Philosophy in the Middle Ages**, Oxford: Blackwell, pp. 458-465.
- BOLZANI FILHO, R., 1990, "Ceticismo e Empirismo", **Discurso**, 18: 37-67.
- BOLZANI FILHO, R., 1996, "A *epokhé* cética e seus pressupostos", **Discurso**, 27: 37-60.
- BOLZANI FILHO, R., 1998, "Acadêmicos versus Pirrônicos: Ceticismo Antigo e Filosofia Moderna", **Discurso**, 29: 57-110.
- BOLZANI FILHO, R., 2000, "Cícero Acadêmico", **Kriterion**, 102: 206-224.
- BOLZANI FILHO, R., 2003, "A filosofia e a necessidade de essências", in **FHU**: 87-130.
- BOLZANI FILHO, R., 2005a, "Pirronismo e moral", **Boletim do CPA**, Universidade de Campinas, 20(21): 253-293.
- BOLZANI FILHO, R., 2005b, "Ceticismo como autobiografia e autoterapia", in **CPF**: 181-208.
- BOLZANI FILHO, R., 2007, "Entre a crítica ao ceticismo e uma filosofia positiva: considerações a partir de 'Ceticismo dogmático e dogmatismo sem dogmas' de Plínio J. Smith", **Dois pontos**, 4(2): 61-80.
- BOLZANI FILHO, R., 2013, **Acadêmicos versus Pirrônicos**, São Paulo, Brazil: Alameda Editorial.
- BRANDÃO, E., 2013, "Fichte et Schopenhauer face au scepticisme de Schulze", in **SEC**: 315-326.
- BRANDÃO, R., 2008, "Voltaire et le scepticisme", **Philosophiques**, 35: 261-274.
- BRITO, R. P. de, 2014, "Uma 'via média' interpretativa para o ceticismo sextiano e sua aplicação na análise de 'Contra os Retóricos'", **Sképsis**, 11: 33-69.
- BRITO, R. P. de, 2015, "Algumas outras palavras sobre ceticismo e cristianismo", **Archai**, 14: 26-37.

- BUENO, O., 2005, "Davidson and Skepticism: How not to Respond to the Skeptic", **Principia**, 9: 1–18.
- BUENO, O., 2008, "Relativism and Skepticism", *International Journal of Philosophical Studies*, 16: 247–254.
- BUENO, O., 2009, "Sosa on Skepticism", **Metaphilosophy** 40: 195–202
- BUENO, O., 2011, "Is the Pyrrhonist an Internalist?", in Machuca 2011a: 179–192.
- BUENO, O., 2013, "Disagreeing with the Pyrrhonist?", in **DAS**: 24–45.
- BUENO, O., 2015, "Realism and Anti-Realism about Science: A Pyrrhonian Stance", **International Journal for the Study of Skepticism** 5: 145–167.
- BULCÃO, M. N., 2008, **O realismo naturalista de Quine: crença e conhecimento sem dogmas**, Campinas: Centro de Lógica e Epistemologia.
- BURNYEAT, M., 1980, "Can the Sceptic Live His Scepticism?", in M. Schoffield, M. Burnyeat, and J. Barnes (eds.), **Doubt and Dogmatism**, Oxford: Oxford University Press, pp. 20–53.
- CABANCHIK, S., 1990, "¿Wittgenstein escéptico?", **Cuadernos de filosofía**, 21(34): 31–41.
- CABANCHIK, S., 2003, **El revés de la filosofía. Lenguaje y escepticismo**, Buenos Aires: Argentina: Biblos.
- CABANCHIK, S., 2008a, "El idiota, Kripkenstein y el Intérprete radical", in **RIF**: 77–92.
- CABANCHIK, S., 2008b, "Facticidad del significado y exigencia comunitaria en la filosofía del último Wittgenstein", in L. Fernández Moreno (ed.), **Para leer a Wittgenstein. Lenguaje y pensamiento**, Madrid: Biblioteca Nueva.
- CABANCHIK, S., 2010, **Wittgenstein, una introducción. O la filosofía como ética**, Buenos Aires: Quadrata.
- CABRERA, I., 2002, "Escepticismo y Budismo", in J. Issa (ed.), **Fe y Razón**, México: Universidad Autónoma Metropolitana, pp. 165–175.
- CABRERA, I. (ed.), 1999, **Argumentos Trascendentales**, México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, Universidad Nacional Autónoma de México.
- CABRERA, I., 2010b, "Kant y la destinación de la razón: pensar el límite como superación del escepticismo", in López D. (ed.), **Experiencia y Límite. Kant-Colloquium (1804–2004)**, Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral.
- CATTANEO, R., 2010, "Escepticismo poskantiano y filosofía sistemática en Hegel", in **TFM**: 47–55.
- CHARLES, S., 2003, **Berkeley au siècle des Lumières: immatérialisme et skepticism au XVIIIe siècle**, Paris: Vrin.

- CHARLES, S., 2007, "Scepticisme et clandestinité", **Historia philosophica**, 5: 143–158.
- CHARLES, S., 2012, "Entre pyrrhonisme et académisme: le scepticisme de Voltaire", **Cahiers Voltaire**, 11: 109–131.
- CHARLES, S., no prelo a, "Simon Foucher's Academic Skepticism: Between Truth and Probability" (with Joël Boudreault), in **ASE**.
- CHARLES, S., no prelo b, "Pierre-Daniel Huet's Readings in Skepticism", in **ASE**.
- CÍNTORA, A., 2010, "Pirronismo y conocimiento científico", **Revista de Filosofía de la Universidad de Chile**, 66: 79–92.
- CÍNTORA, A., 2014, "Koan del pirronismo", in **DFE**: 339–350.
- CÍNTORA, A.; ORNELAS, J., 2013a, "Trading one Kind of Dogmatism for Another: Comments on Williams' Criticism of Agrippan Skepticism", **Tópicos: Revista de Filosofía**, México: Universidad Panamericana, 44: 9–34.
- CÍNTORA, A.; ORNELAS, J., 2014a, "¿Qué está mal con el dogmatismo de Pryor?", **Areté, Revista de Filosofía**, 26(1): 7–31.
- CÍNTORA, A.; ORNELAS, J., 2014b, "'Eunucos', 'criminales' y 'enfermos terminales': las distintas caracterizaciones del escepticismo en la filosofía occidental", in **DFE**: 17–42.
- CÍNTORA, A.; ORNELAS, J., 2015, "El laberinto del escepticismo en la *Crítica de la Razón Pura*: la *Refutación del Idealismo*", in P. Stepanenko and L.E. Hoyos, (eds.), **Compendio sobre la Crítica de la Razón Pura**, México-Bogotá: Universidad Nacional Autónoma de México/Universidad Nacional de Colombia.
- CONTE, J., 2008, "A oposição de Berkeley ao ceticismo", **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, Campinas: Universidade de Campinas, pp. 325–355.
- CRESTO, E., 1996, "Algunas estrategias naturalistas contra el escepticismo", **Revista de Filosofía (Arg)**, 11(1–2): 21–33.
- CRESTO, E., 1997, "Escepticismo, verdad y confiabilidad", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 23(1): 93–125.
- CROCE, S., 2006, "Escepticismo y prudencia: argumentos para un escepticismo práctico en Michel de Montaigne", in **IOH**: 155–162.
- CROCE, S., 2007, "*Cristianos por la misma razón que alemanes: el origen contingente de la creencia religiosa en Michel de Montaigne*", in **CNA**: 117–122.
- DE TERESA, J., 2000, "Influencia de Platón en Descartes", in T. Santiago (ed.), **Alcances y límites de la racionalidad en el conocimiento y la sociedad**, México: Universidad Autónoma Metropolitana, pp. 83–91.

- DE TERESA, J., 2013, "Metodología Filosófica. Interés del Escepticismo", in L. Benítez and A. Velázquez (eds.), **Tras las huellas de Platón en la Filosofía Moderna**, México: Universidad Nacional Autónoma de México, pp. 141–154.
- DE TERESA, J., 2014, "Conocimiento reflexivo, fundamentos y ultraescepticismo", in **DFE**: 351–382.
- DUTRA, L. H. A., 1993, "Ceticismo e Filosofia Construtiva", **Manuscrito**, 16(1): 37–62.
- DUTRA, L. H. A., 1995, "Neopirronismo na Filosofia da Ciência", **Revista Latinoamericana de Filosofia**, 21(2): 269–284.
- DUTRA, L. H. A., 1996, "Ceticismo e Realismo Científico", **Manuscrito**, 19(1): 209–253.
- DUTRA, L. H. A., 1997a, "Ceticismo e Indução", **Principia**, 1(1): 135–168.
- DUTRA, L. H. A., 1997b, "Neopirronismo na Filosofia da Ciência", **O Que nos Faz Pensar**, 12: 91–105.
- DUTRA, L. H. A., 1998, "Naturalismo, Falibilismo, Ceticismo", **Discurso**, 29: 15–56.
- EVA, L. A. A., 2001a, "Montaigne: o ensaio como ceticismo", **Manuscrito** 24(2): 7–41.
- EVA, L. A. A., 2001b, "Sobre o Argumento Cartesiano do Sonho e o Ceticismo Moderno", **Revista Latinoamericana de Filosofia**, 27: 199–225.
- EVA, L. A. A., 2003, "Filosofia da Visão Comum do Mundo e Neopirronismo: Pascal ou Montaigne?", in **FHU**: 43–86.
- EVA, L. A. A., 2004, **Montaigne contra a Vaidade**: um Estudo sobre o Ceticismo na "Apologia" de Raimond Sebond, São Paulo, Brazil: Humanitas.
- EVA, L. A. A., 2005, "O primeiro cético (acerca da coerência do pirronismo)", in **CPF**: 45–86.
- EVA, L. A. A., 2006, "Sobre as afinidades entre a filosofia de Francis Bacon e o ceticismo", **Kriterion**, 113: 73–97.
- EVA, L. A. A., 2007a, "Neopirronismo e estruturalismo", in **ESC**: 91–105.
- EVA, L. A. A., 2007b, **A figura do filósofo**: Ceticismo e Subjetividade em Montaigne, São Paulo, Brasil: Loyola.
- EVA, L. A. A., 2008, "Francis Bacon: ceticismo e doutrina dos ídolos", **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, 18: 47–80.
- EVA, L. A. A., 2011, "Bacon's Doctrine of the Idols and Skepticism", in **PAM**: 99–130.
- EVA, L. A. A., 2012, "'Du repentir'—Scepticism and Self-knowledge in Montaigne", **Taulla, quaderns de Pensament**, 44: 71–86.
- EVA, L. A. A., 2013a, "Montaigne et les *Academica* de Cicéron", **Asterion: philosophie, histoire des idées, Pensée politique**, 11: 1–45.
- EVA, L. A. A., 2013b, "Age ergo somniemus: Descartes et la fiction du rêve", **Science & Esprit**, 65(3): 281–298.

- FARIA, P. F.E., 2007, "A encenação", **Sképsis**, 1: 99-130.
- FARIA, P. F.E., 2012, "Sobre o que não temos o direito de não saber", in **ACC**: 253-271.
- FERNÁNDEZ, M. A., 2014, "Acreditaciones epistémicas y escepticismo de segundo orden", in **DFE**: 265-285.
- FERRO PORCILE, J. B., 1988, "La doctrina de las impresiones en la filosofía de Hume", **Archivos de la Sociedad Peruana de Filosofía**, VI: 38-49.
- FOGELIN, R. J., 1994, **Pyrrhonian Reflections on Knowledge and Jutification**, Oxford and New York: Oxford University Press.
- FRANCIOTTI, M. A., 1994, "Transcendental Idealism And Phenomenalism", **Crítica: Revista Hispanoamericana de Filosofía**, México, 26(78): 73-95.
- FRANCIOTTI, M. A., 1995, "Refuting Kant's Refutation", **Idealistic Studies**, 25(1): 93-106.
- FRANCIOTTI, M. A., 2009, "Once more unto the breach: Strawson's Anti-Sceptical View", **Principia**, 13: 137-151.
- FREDE, M., 1997, **Essays in Ancient Philosophy**, Oxford: Clarendon Press.
- GENSOLLEM, M., 2006, **Las andanzas de la razón. Escepticismo y racionalidad en el pensamiento de Stanley Cavell**, México: Los libros de Homero.
- GÓMEZ, A. L., 2002, **Descartes ayer y hoy**, Cali, Colombia: Alego Editores.
- GONZÁLEZ, C., 2010, "Ironía y escepticismo en *Sobre el suicidio* de David Hume", in Felipe Castañeda (ed.), **Francisco de Vitoria: Relección sobre el homicidio**, Bogotá, Colombia: Universidad de Los Andes, pp. 243-260.
- GONZÁLEZ, C., 2011, "Pyrrhonism vs. Academic Skepticism in Kant's Critique of Pure Reason", **Philosophy Today**, 55: 225-230.
- GUIMARÃES, L. M., 1996, "Hume entre o Academicismo e o Pirronismo", **Kriterion**, 35(93): 106-122.
- GUIMARÃES, L. M., 2008, "Skeptical Tranquility and Hume's Manner of Death", **The Journal of Scottish Philosophy**, 6: 115-134.
- GUTIERREZ, C. B., 1989, "La importancia del escepticismo", **Cuadernos de Filosofía y Letras**, 10: 1-4.
- HANZA, K., 2011, "El escepticismo como voluntad de poder. Nietzsche lector de Lange", in C. Feitosa, M. A. de Berrenechea, P. Pinheiro and R Suarez (eds.) **Nietzsche e as ciências**, Rio de Janeiro, Brazil: Viveiro de Castro.
- HOLGUÍN, M., 1997, **Wittgenstein y el escepticismo**, Cali, Colombia: Editorial Universidad del Valle.
- HOYOS, D., 2006, "Teoría de las virtudes: un nuevo enfoque de la epistemología", **Discusiones Filosóficas**, 7(10): 89-113.

- HOYOS, L. E., 1995, **Kant und die Idealismusfrage. Eine Untersuchung über Kants Widerlegung des Idealismus**, Mainz: Gardez.
- HOYOS, L. E., 1998, "El escándalo de la filosofía: sobre la refutación kantiana del idealismo", **Escritos de Filosofía**, 33–34: 27–53.
- HOYOS, L. E., 1999, "Significado y banalidad del escepticismo filosófico", **Ideas y Valores**, 109: 53–84.
- HOYOS, L. E., 2001, **El escepticismo y la filosofía trascendental**, Bogotá, Colombia: Siglo del Hombre Editores and Universidad Nacional de Colombia.
- HURTADO, G., 1989, "Ward on Davidson's refutation of skepticism", **Crítica**, 21(63): 75–81.
- HURTADO, G., 1996, "El (supuesto) trilema del saber", **Crítica**, 28(83): 131–136.
- HURTADO, G., 2002a, "Por qué no soy falibilista", **Crítica**, 32(96): 59–97.
- HURTADO, G., 2002b, "Respuesta a Julio Beltrán", in **LCM**: 217–218.
- HURTADO, G., 2003, "¿Saber sin verdad? Objeciones a un argumento de Villoro", **Crítica**, 35(103): 121–134.
- HURTADO, G., 2005, "Dudas y sospechas", in Luis Eduardo Hoyos (ed.), **Racionalidad y relativismo**, Bogotá, Colombia: Universidad Nacional de Colombia, pp. 65–75.
- HURTADO, G., 2006, "Notas sobre *De utilitate credendi*", **Tópicos: Revista de Filosofía**, 36: 135–146.
- KRAUSE, G. B., 2004, **A ficção cética**, São Paulo, Brazil: Annablume.
- KRAUSE, G. B., 2006, "The skeptical Paradox in Machado de Assis", **Portuguese Literary and Cultural Studies**, 13–14: 227–248.
- KRAUSE, G. B., 2007a, "Quem me dera: o ceticismo de Machado de Assis", **Sképsis**, 2: 171–183.
- KRAUSE, G. B., 2007b, "O poeta cético" in S. Schaefer and R.A. da Silveira (ed.). **Drummond e a Filosofia**, Santa Cruz do Sul, RS: Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, pp. 65–85.
- LASTRES, P., 2011, "Errores y desvaríos. Las certezas de Wittgenstein y Moore", in Pablo Quintanilla and Diógenes Rosales (eds.), **Lógica, lenguaje y mente**, Lima, Peru: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 79–88.
- LAZOS, E., 2002, "Escepticismo y cartesianismo en las Investigaciones Filosóficas de Wittgenstein", in **LCM**: 151–165.
- LAZOS, E., 2014, **Disonancias de la Crítica. Variaciones sobre cuatro temas kantianos**, México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, Universidad Nacional Autónoma de México.

- LESSA, R., 1995, **Veneno pirrônico**: ensaios sobre o Ceticismo, Rio de Janeiro, Brasil: Francisco Alves.
- LESSA, R., 2003, **Agonia, aposta e ceticismo**: ensaios de filosofia política, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- LOPES, R. A., 2006, "Por que o cético não abdica da argumentação? Notas sobre estratégia e motivação no ceticismo pirrônico", **Síntese**, 33: 213–228.
- LOPES, R. A., 2012, "Nietzsche e a interpretação cética de Platão", **Artefilosofia**, 13: 17–40.
- LOQUE, F. F., 2012, **Ceticismo e Religião no Início da Modernidade**: A Ambivalência do Ceticismo Cristão, São Paulo, Brazil: Loyola.
- MACHADO, A. N., 2007a, "Notas sobre a dúvida cartesiana", **Dois Pontos** 4: 81–102.
- MACHADO, A. N., 2007b, "Wittgenstein e o externalismo", in **ESC**: 195–226.
- MACHUCA, D., 2006a, "The Local Nature of Modern Moral Skepticism", **Pacific Philosophical Quarterly**, 87(3): 315–324.
- MACHUCA, D., 2006b, "The Pyrrhonist's *ataraxia* and *philanthropia*", **Ancient Philosophy**, 26(1): 111–126.
- MACHUCA, D., 2009, "Argumentative Persuasiveness in Ancient Pyrrhonism", **Méthexis**, 22: 101–126.
- MACHUCA, D. (ed.), 2011, **New Essays on Ancient Pyrrhonism**, Leiden/Boston: Brill.
- MACHUCA, D., 2013, "A neo-Pyrrhonian Approach to the Epistemology of Disagreement", in **DAS**: pp. 66–89.
- MAIA NETO, J. R., 1991, "Hume and Pascal: Pyrrhonism vs. Nature", **Hume Studies**, 17(1): 41–49.
- MAIA NETO, J. R., 1994, *Machado de Assis, The Brazilian Pyrrhonian*, West Lafayette: Purdue University Press.
- MAIA NETO, J. R., 1995, **The Christianization of Pyrrhonism**: Skepticism and Faith in Pascal, Kierkegaard, and Shestov, Dordrecht: Kluwer.
- MAIA NETO, J. R., 1996, "O ceticismo de Bayle", **Kriterion**, 35(93): 77–88.
- MAIA NETO, J. R., 1997a, "Academic Scepticism in Early Modern Philosophy", **Journal of the History of Ideas**, 58(2): 199–220.
- MAIA NETO, J. R., 1997b, "Usos do ceticismo no nascimento da ciência moderna por Gassendi", **O Que nos Faz Pensar**, 12(12): 29–38.
- MAIA NETO, J. R., 2001, "Descartes e os céticos do seu tempo", **Revista Latinoamericana de Filosofia**, 27(1): 59–80.

- MAIA NETO, J. R., 2004, “*Epoche as Perfection: Montaigne’s View of Ancient Skepticism*”, in J.R. Maia Neto and R. Popkin (eds.), **Skepticism in Renaissance and Post-Renaissance Thought: New Interpretations**, Amherst, NY: Humanity Books, pp. 13–42.
- MAIA NETO, J. R., 2005, “Ceticismo e crença no século XVII”, **Manuscrito**, 28(1): 9–36.
- MAIA NETO, J. R., 2007, “Machado, um cético brasileiro: resposta a Paulo Margutti e a Gustavo Bernanrdo”, **Sképsis**, 2: 212–226.
- MAIA NETO, J. R., 2008a, “Huet n’est pas un sceptique Chrétien”, **Les Études Philosophiques**, 2: 209–222.
- MAIA NETO, J. R., 2008b, “Huet sceptique cartésien”, **Philosophiques**, 35(1): 223–239.
- MAIA NETO, J. R., 2012, “O contexto religioso-político da contraposição entre pirronismo e Academia na ‘Apologia de Raymond Sebond’”, **Kriterion** 126: 351–374.
- MAIA NETO, J. R., 2013a, “Le probabilisme académicien dans le scepticisme français de Montaigne à Descartes”, **Revue Philosophique de la France et de l’Étranger**, 138(4): 467–484.
- MAIA NETO, J. R., 2013b, “Rationalisme critique académicien chez Montaigne et Descartes”, **Montaigne Studies: an interdisciplinary forum**, 25: 49–60.
- MAIA NETO, J. R., 2014, **Academic Skepticism in Seventeenth Century French Philosophy. The Charronian Legacy 1601–1662**, Heidelberg: Springer.
- MANZO, S., 2009, “Probability, Certainty and Facts in Francis Bacon’s Natural Histories. A Double Attitude towards Skepticism”, in **SMA**: 123–137.
- MANZO, S., no prelo, “Academic skepticism, acatalepsia and the Fall of Adam in Francis Bacon”, in **SEC**.
- MARGOT, J. P., 2003, “Engaño divino y escepticismo”, **Estudios Cartesianos**, Mexico: Instituto de Investigaciones Filosóficas, Universidad Nacional Autónoma de México, pp. 113–139.
- MARGOT, J. P.; ZULUAGA, M. (eds.), 2012, **Perspectivas de la Modernidad**, Cali, Colombia: Programa Editorial, Universidad del Valle.
- MARSOLA, M. P., 2007, “Plotino e o ceticismo”, **Dois Pontos**, 4(2): 247–273.
- MARTIN, L. F. B., 2007a, “A presença do ceticismo na filosofia do jovem Hegel”, in **ESC**: 153–171.
- MARTIN, L. F. B., 2007b, “Alguns aspectos da compreensão hegeliana do ceticismo antigo a partir da crítica ao ceticismo de Gottlob Ernst Schulze”, **Dois Pontos**, 4(2): 221–246

- MARTIN, L. F. B., 2011, "Entendimento, razão e ceticismo na *Diferença entre o sistema filosófico de Fichte e de Schelling*", **Sképsis**, 4: 73–87.
- MELÉNDEZ, R., 2000, "Escepticismo, realismo y diálogo de sordos", **Ideas y Valores**, 112: 87–97.
- MELÉNDEZ, R., 2014, "Justificación y persuasión en *Sobre la certeza*", in Meléndez, Raúl, Juan Diego Morales, Luis Alejandro Murillo and Anderson Pinzón (eds.), **Imágenes de la Mente en el Mundo Natural**, Bogotá, Colombia: Editorial Universidad Nacional de Colombia, pp. 107–131.
- MIROLI, A., 2007, "Filtros epistémicos y alternativas relevantes", **Andamio: Revista de Investigación Social**, 4(7): 19–54.
- MIROLI, A., 2008, "Un examen de la relación entre escepticismo y epistemología: el caso del llamado *escepticismo científico*", in P. Lorenzano and H. Miguel (eds.), **Filosofía e Historia de la Ciencia en el Cono Sur**, Buenos Aires, Argentina: Editora CCC Educando.
- MIROLI, A., 2010, "El debate sobre el escepticismo en ciencias: Steve Fuller El caso Tammy Kitzmiller y otros contra Dover Area School District y otros", in Andrade Martins *et al.* (ed.) **Filosofia e História da Ciência no Cone Sul**. Seleção de Trabalhos do 6º Encontro, Campinas, Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul.
- NUDLER, O., 2010, "Wittgenstein, filósofo en el límite", in A. Perona (ed.), **Wittgenstein y la tradición clásica**. Los peldaños de la escalera. Valencia: Pre-Textos, pp. 117–136.
- OLASO, E. de, 1970, "Las reglas de la discusión filosófica en Leibniz", **Revista de Filosofía**, 22: 7–20,
- OLASO, E. de, 1974, "Objections inédites de Leibniz au principe sceptique de l'équipollence", in Funke (ed.), **Akten des 4. Internationalen Kant-Congresses**, Berlin: de Gruyter.
- OLASO, E. de, 1975a, "El significado de la duda escéptica. Con un examen preliminar de las opiniones de G.W. Leibniz y de G.E. Moore", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 1(1): 27–37.
- OLASO, E. de, 1975b, "Leibniz et l'art de disputer", **Akten des 2. Internationalen Leibniz-Congresses**, Bd. 4, Wiesbaden, Franz Steiner (Spanish translation: "Leibniz y el arte de disputar", *Diálogos*, 1973, 24: 7–31).
- OLASO, E. de, 1976, "El 'escepticismo filosófico' de Feijóo y la Medicina", **Asclepio: Revista de Historia de la Medicina y la Ciencia**, 28: 291–299.

- OLASO, E. de, 1977a, "La crisis pirrónica de Hume", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 3(2): 131-143.
- OLASO, E. de, 1977b, "Praxis sans Théorie? La réfutation pragmatiste du pyrrhonisme selon un texte inédit de Leibniz", **Theoria cum Praxi: zum Verhältnis von Theorie und Praxis im 17. und 18. Jahrhundert**, Akten des 3. Internationalen Leibniz-Kongresses (Hanovre, 12–17 November 1977), Bd. 3, Wiesbaden: Franz Steiner, pp. 159–167.
- OLASO, E. de, 1978, "Otra vez sobre el escepticismo de Hume", **Manuscrito**, 1/1: 65-82.
- OLASO, E. de, 1980, "Hobbes y la formación del análisis del discurso ideológico", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 6/1: 3-16.
- OLASO, E. de, 1980a, "Los dos escepticismos del vicario saboyano", **Manuscrito**, 2(3): 7–23.
- OLASO, E. de, 1980b, "Thomas Hobbes y la recta razón" **Manuscrito**, 4(1): 29–35.
- OLASO, E. de, 1981a, "El ataque de Enesidemo a la razón y la defensa de Leibniz", **Escritos de Filosofía**, 8: 119-159.
- OLASO, E. de, 1981b, **Escepticismo e ilustración**. La crisis pirrónica de Hume a Rousseau, Venezuela: Universidad de Carabobo.
- OLASO, E. de, 1983, "La investigación y la verdad", **Manuscrito**, 6(2): 45–62.
- OLASO, E. de, 1984, "Leibniz y el escepticismo", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 10(3): 197-229. (English translation: "Leibniz and Skepticism" in R.H. Popkin and C.B. Schmitt (eds.), *Skepticism from the Renaissance to the Enlightenment*, Wolfenbütteler Forschungen 33, Wolfenbüttel, 1987, p. 133–167).
- OLASO, E. de, 1986, "Francisco Sanches e Leibniz", **Análise**, 4: 37–74.
- OLASO, E. de, 1988, "Zétesis", **Manuscrito**, 11(2): 7–32.
- OLASO, E. de, 1992, "El escepticismo y los límites de la caridad", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 18: 219-240.
- OLASO, E. de, 1993, "Hobbes: religion and ideology. Notes on the political utilization of religion", in R.H. Popkin and A. Vanderjagt (eds.), **Skepticism and Irreligion in the Seventeenth and Eighteenth Centuries**, Leiden: Brill.
- OLASO, E. de (ed.), 1994, **Del Renacimiento a la Ilustración** (Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía, Vol. 6), Madrid: Trotta.
- OLASO, E. de, 1995, "Escepticismo y conocimiento", in C.B. Gutierrez (ed.), **El trabajo filosófico de hoy en el continente**, Bogotá, Colombia: Sociedad Interamericana de Filosofía, Sociedad Colombiana de Filosofía.

- OLASO, E. de, 1996, "Racionalidad y escepticismo", in O. Nudler (ed.) **La racionalidad: su poder y sus límites**, Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- OLASO, E. de, 1999, "Certeza y escepticismo", in L. Villoro (ed.), **El conocimiento** (Enciclopedia Iberoamericana de Filosofía, Vol. 20), Madrid: Trotta.
- OLASO, E. de, POPKIN, R. H.; TONELLI, G., (eds.), 1997, **Skepticism in the Enlightenment**, Dordrecht: Kluwer.
- ORLANDO, E., 2000, "Una crítica del escepticismo semántico", in **CPH**: 9-39.
- ORLANDO, E., 2003, "Conductismo y escepticismo semántico", in S. Cabanchik, F. Penelas, and V. Tozzi (eds.), 2003, **El Giro Pragmático en la Filosofía**, Spain: Gedisa: pp. 248-257.
- ORLANDO, E., 2014, "Desacuerdo y verdad relativa", in P. Santos, P. J. Smith, W. J. da Silva Filho (eds.), **Crença, verdade, racionalidade: Ensaios de Filosofia Analítica**, Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, pp. 135-158.
- ORNELAS, J., 2005, "La disolución kantiana del idealismo", **Diánoia**, 50(55): 95–117.
- ORNELAS, J., 2012, "Externismo, Disyuntivismo y Antiescepticismo en McDowell", in P. Stepanenko (ed.), **La Perspectiva de la Primera Person**, México: Universidad Nacional Autónoma de México, pp. 163–194.
- ORNELAS, J., 2013a, "Ataraxia y metaepistemología en Sexto: problemas en el 'camino escéptico'", in R. Gutiérrez (ed.), **Mathemata. Ecos de la Filosofía Antigua**, Lima, Peru: Pontificia Universidad Católica del Perú, pp. 505–515.
- ORNELAS, J., 2014a, "'E = K' y Anti-escepticismo: algunos Problemas para Williamson", in **DFE**: 287–312.
- ORNELAS, J., 2014b, "Escepticismo y Anti-intelectualismo: una revisión del ideal socrático desde la perspectiva pirrónica", **Tópicos: Revista de Filosofía**, México: Universidad Panamericana, 46: 175–201.
- PÁRAMO, J., 1989, "Translation of 'Esbozos Pirrónicos'", **Cuadernos de Filosofía y Letras**, 10(1–4): 5-48.
- PEREIRA, R. H. S., 2003, "Dogma versus Fenômeno: Neopirronismo ou Transcendentalismo?", in **FHU**: 131-155.
- PEREIRA, R. H. S., 2007, "Naturalismo e Ceticismo", **Sképsis**, 1: 69–97.
- PEREIRA, R. H. S., 2010, "Por que Kant jamais levou o ceticismo a sério como uma doutrina filosófica", **Sképsis**, 5: 149–182.
- PEREIRA, R. H. S., 2015, "Against Pyrrhonism", **Sképsis**, 12: 68–84.
- PINTO, P. R. M., 1996a, "Sobre A Natureza da Filosofia: Wittgenstein e O Pirronismo", **Kriterion**, 36(92): 40–59.

- PINTO, P. R. M., 1996b, "Há Problemas Filosóficos? Uma Avaliação da Resposta do Pirronismo", **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, 3: 159–178.
- PINTO, P. R. M., 1999, "O neopirronismo, os problemas filosóficos e o pragmatismo", **Principia**, 3(2): 307–340.
- PINTO, P. R. M., 2007, "Machado, um cético pirrônico? Um debate com Maia Neto", **Sképsis**, 2: 183–212.
- PINTO, P. R. M., 2010, "As idéias de Francisco Sanches e suas relações com o pensamento filosófico brasileiro", **Sképsis**, 5: 103–148.
- PINTO, S. M., 2009, **Escepticismo del Significado y Teoría de conceptos**, México: Anthropos/Universidad Autónoma Metropolitana.
- PINTO, S. M., 2014, "Escepticismo del significado y autoconocimiento", in DFE: 383–418.
- PIVA, P. J. de L., 2001, "Filosofia como idiosincrasia, ética como fenômeno: sobre o ceticismo de Plínio Smith", **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, 3: 67–87.
- PIVA, P. J. de L., 2002, "Lacunas e desafios de uma política pirrônica", **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, 5: 141–164.
- PIVA, P. J. de L., 2007, "O jovem Diderot e o ceticismo dos Pensamentos", **Dois Pontos**, 4: 171–201.
- PIVA, P. J. de L., 2008a, "O acerto de contas de Diderot com o ceticismo", **Trans/Form/Ação**, 31: 79–95.
- PIVA, P. J. de L., 2008b, "O ceticismo no Diderot da maturidade", *Philosophos*, 13: 125–147.
- POPKIN, R. H., 1997, "Ezequiel de Olaso: in memoriam", **O que nos faz pensar**, 12: 111–113.
- PORCHAT, O., 1969, "O conflito das filosofias", **Revista Brasileira de Filosofia**, 19(73): 3–15.
- PORCHAT, O., 1975, "Prefácio a uma filosofia", **Discurso**, 6: pp. 9–24.
- PORCHAT, O., 1979, "A filosofia e a visão comum do mundo", **Manuscrito**, 3(1): 115–149.
- PORCHAT, O., 1985, "Saber comum e ceticismo", **Manuscrito**, 9(1): 143–59.
- PORCHAT, O., 1986, "Ceticismo e mundo exterior", **Análise**, 4: 75–109 (also published in *Discurso*, 16: 33–68).
- PORCHAT, O., 1991, "Sobre o que aparece", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 17(2): 195–229.
- PORCHAT, O., 1993, "Ceticismo e argumentação", **Revista Latinoamericana de Filosofía**, 19(2): 213–244.
- PORCHAT, O., 1994, "Resposta a H. Bensusan e Paulo A.G. de Souza", **Discurso**, 23: 71–86.

- PORCHAT, O., 1995, "Verdade, realismo, ceticismo", **Discurso**, 25: 7–67.
- PORCHAT, O., 1996, "O ceticismo pirrônico e os problemas filosóficos", **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, 3(6): 97–157.
- PORCHAT, O., 1997, "Depoimento sobre Ezequiel de Olaso", **O que nos faz pensar**, 12: 107–109.
- PORCHAT, O., 2001, "Ainda é preciso ser cético", **Discurso**, 32: 9–30.
- PORCHAT, O., 2003, "O argumento da loucura", **Manuscrito**, 26(1): 11–43.
- PORCHAT, O., 2005a, "A autocrítica da razão no mundo antigo", in CPF: 23–44.
- PORCHAT, O., 2005b, "Empirismo e ceticismo", **Discurso**, 35: 61–108.
- PORCHAT, O., 2006, **Rumo ao ceticismo**, São Paulo, Brazil: Editora da Universidade do Estado de São Paulo.
- PORCHAT, O., 2013, "A noção de *phainómenon* em Sexto Empírico", **Analytica**, 17(2): 291–323.
- POSADA, J. G., 2007, "Presuponen los argumentos escépticos cartesianos el realismo indirecto", **Discusiones Filosóficas**, 11: 283–291.
- QUISPE, H., 1996, "Descartes y el escepticismo", **Areté**, 8(2): 293–307.
- REINOSO, G., 2006, "El origen de la duda escéptica, observaciones sobre su fundamento", **Versiones**, 6: 23–34.
- REINOSO, G., 2008, "Consideraciones de una prueba ordinaria. Moore y las creencias del sentido común", in Urtubey Agüero and Vera Murúa (eds.), **Conceptos, creencia y racionalidad**, Córdoba, Argentina: Brujas.
- REINOSO, G., 2009, "Conocimiento, certeza y sentido común. Enfoques filosóficos frente al desafío escéptico: Descartes, Moore, Wittgenstein", **Síntesis**, 2: 95–107.
- ROBLES, J. A., 1996, "Berkeley: Skepticism, Matter and Infinite Divisibility", in **SHP**: 87–97.
- ROSAS, A., 1990, "Argumentos trascendentales y la refutación kantiana del idealismo", **Ideas y Valores**, 82: 33–50.
- SÁNCHEZ, S., 2000, "Logica, verità e credenza: alcune considerazioni in merito alla relazione Nietzsche-Spir", in M.C. Fornari (ed.), **La trama del testo**. Su alcune letture di Nietzsche, Lecce, Italy: Milella, 249–282.
- SÁNCHEZ, S., 2001, "Linguaggio, conoscenza e verità nella filosofia del giovane Nietzsche: I frammenti postumi del 1873 e le loro fonti", **Annuario Filosofico**, Milano: Mursia, 213–240.
- SÁNCHEZ, S., 2005, "Strawson y el escéptico", in C. Martínez Ruiz and S. Sánchez (eds.), **Naturaleza, significado, experiencia. Hacia una reconstrucción de la filosofía**, Córdoba, Argentina: Universidad Nacional de Córdoba, 57–64.

- SÁNCHEZ, S., 2006, "Heidegger y Strawson: sobre el mundo externo", in **IOH**: 403-414.
- SÁNCHEZ, S., 2010, "La insensata fábrica de la vigilia. Nietzsche y el fenómeno del sueño", in L. Ballerini and M. Ciavolletta (eds.), **Navigatio Vitae**: saggi per i settant'anni di Remo Bodei, New York: Edizioni Agincourt Press, 299-323.
- SATNE, G., 2003, "Reglas y hechos semánticos", **Manuscrito**, 26(1): 45-69.
- SATNE, G., 2005a, "McDowell vs Kripke: Práctica comunitaria y semántica de condiciones de verdad", **Análisis filosófico**, 25: 21-44.
- SATNE, G., 2005b, **El argumento escéptico**. De Wittgenstein a Kripke, Buenos Aires, Argentina: Grama Ediciones.
- SATNE, G., 2008, "Una propuesta de cambio para la teoría semántica: ¿el deflacionismo de Horwich o el antifactualismo de Kripkestein?", **Teorema**, 27: 61-77.
- SCHVARTZ, V. H., 2012, "Epokhé e lógos no pirronismo grego", in **ACC**: 75-94.
- SCHVARTZ, V. H., 2015, "Porchat, sua interpretação de Sexto e um possível neopirronismo rústico", in **NOP**: 181-204.
- SECADA KOEHLIN, J., 2000, **Cartesian Metaphysics**: The Scholastic Origins of Modern Philosophy, Cambridge: Cambridge University Press.
- SILVA FILHO, W. J., 2007, "Externalismo, Autoconhecimento e Ceticismo", in **ESC**: 121-146.
- SILVA FILHO, W. J., 2008, "Externismo y escepticismo", in **RIF**: 256-271.
- SILVA FILHO, W. J., 2013, **Sem Ideias Claras e Distintas**, Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- SILVA FILHO, W. J., 2015, "Razões Comuns", in **NOP**: 154-172.
- SMITH, P. J., 1994, "Wittgenstein e O Pirronismo: Sobre A Natureza da Filosofia", **Analytica**, 1(1): 153-186.
- SMITH, P. J., 1995a, **O Ceticismo de Hume**, São Paulo, Brazil: Loyola.
- SMITH, P. J., 1995b, "Terapia e vida comum", in **Do começo da filosofia e outros ensaios**, São Paulo, Brazil: Discurso Editorial.
- SMITH, P. J., 2008a, "La *Critique de la Raison Pure* face aux scepticismes cartésien, humien et baylien", **Dialogue**, 1: 127-183.
- SMITH, P. J., 2011a, "¿Cómo Hume se volvió escéptico?", **Dáimon**, 17: 32-49.
- SMITH, P. J., 2011b, "Hume on skeptical arguments" in **PAM**: 171-189.
- SMITH, P. J., 2012a, "O método cético da oposição e as fantasias de Montaigne", **Kriterion**, 53: 375-396.
- SMITH, P. J., 2012b, "Por que Bacon pensa que o ataque cético ao dogmatismo é insuficiente?", **Revista Latinoamericana de Filosofia**, 38: 31-63.

- SMITH, P. J., 2013a, "Bayle and Pyrrhonism: Antinomy, Method, and History", in **SEC**: 19–30.
- SMITH, P. J., 2015, "Strawson e o ceticismo em *Individuals*", in Jaimir Conte and Itamar Gelain (eds.), 2015, **Ensaio sobre a filosofia de Strawson**, Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, pp. 119-140.
- SOUZA FILHO, D. M., 1988, "Ceticismo semântico", **Manuscrito**, 11(2): 95–112.
- SOUZA FILHO, D. M., 1996a, "Juízo, suspensão do juízo e a filosofia cética", **Kriterion**, 93 (reprinted: *Sképsis*, 1: 69–82).
- SOUZA FILHO, D. M., 1996b, "Finding One'S Way About" in **SHP**: 167-180.
- SOUZA FILHO, D. M., 1998, "Scepticism and Language in Early Modern Thought", **Language and Communication**, 18(2): 111–124.
- SOUZA FILHO, D. M., 2007, "O argumento do criador conhecimento argumento cético", **Sképsis**, 1: 37–60.
- SOUZA FILHO, D. M., 2008, "Rústicos x urbanos: o problema do insulamento e a possibilidade do discurso cético", **O que nos faz pensar**, 24: 135–150.
- SOUZA FILHO, D. M., 2009, "The anthropological argument: the rediscovery of ancient skepticism in modern thought", in **SMA**: 37–54.
- SOUZA FILHO, D. M., 2012, "Montaigne, a descoberta do Novo Mundo e o ceticismo", **Kriterion**, 53(126): 421–434.
- STEPANENKO, P., 2001, "Las estrategias escépticas y la distinción mente-cuerpo", in G. Hurtado (ed.), **Subjetividad, representación y realidad**, Puebla, Mexico: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla.
- STEPANENKO, P., 2002a, "El escepticismo y la reconstrucción de P.F. Strawson de la deducción kantiana de las categorías", in **LCM**: 85-96.
- STEPANENKO, P., 2002b, "Schopenhauer y la necia disputa sobre el mundo externo", in **LCM**: 145-149.
- STEPANENKO, P., 2006, "Kant y los diversos rostros del escéptico", **Ideas y Valores**, 129: 35–46.
- STEPANENKO, P., 2007, "Una lectura no-representacionista de la posición de Kant frente al escepticismo", in F. Castañeda, V. Durán, and L. E. Hoyos, **Immanuel Kant: vigencia de la filosofía crítica**, Bogotá, Colombia: Siglo del Hombre Editores y Universidad Nacional de Colombia.
- STEPANENKO, P., 2008, **Unidad de la conciencia y objetividad. Ensayos sobre autoconciencia, subjetividad y escepticismo en Kant**, México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, Universidad Nacional Autónoma de México.

- STEPANENKO, P., 2010, "Ramón Xirau y el silencio del pirrónico", in Margarita Valdés (ed.), **Celebración 85 años de Ramón Xirau**, México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, Universidad Nacional Autónoma de México.
- STEPANENKO, P., 2011, "Los reportes pirrónicos", **Signos Filosóficos**, 13(25): 73–100.
- STEPANENKO, P., 2014, "Atomismo epistémico y escepticismo cartesiano", in **DFE**: 221–237.
- TECHIO, J., 2012, "Ceticismo e Finitude: Notas sobre a filosofia de Stanley Cavell", in **ACC**: 205–226.
- WILLIGES, F., 2007, "A função das dúvidas céticas nas meditações de Descartes", **Dois Pontos**, 4: 103–118.
- WILLIGES, F., 2013, "Conhecimento, ceticismo e alternativas relevantes em Dretske", **Sképsis**, 6: 40–85.
- ZULUAGA, M., 2005, "El Problema de Agripa", **Ideas y Valores**, 128: 61–88.
- ZULUAGA, M., 2007, **Skeptische Szenarien und Argumente**, München: Herbert UTZ Verlag GmbH.
- ZULUAGA, M., 2012, "El principio de cierre lógico del conocimiento y el escepticismo", **Praxis Filosófica**, 35: 97–110.
- ZULUAGA, M., 2014, "Escepticismo pirrónico-escepticismo cartesiano", in **DFE**: 153–176.

(V) A influência da filosofia árabe e islâmica no Ocidente latino*

Autores: Dag Nikolaus Hasse

Tradução: Maria Teresa Marques Santos

Revisão: Danúzia Fernandes Brandão

Os movimentos de tradução do árabe para o latim na Idade Média – que ocorreram em paralelo ao do grego para o latim – levaram a transformações em quase todas as disciplinas filosóficas no mundo latino medieval. O impacto de filósofos árabes como al-Fārābī, Avicenna e Averroes na Filosofia ocidental foi particularmente forte na Filosofia natural, na psicologia e na metafísica, mas também se estendeu à lógica e à ética.

* HASSE, D. N. Influence of Arabic and Islamic Philosophy on the Latin West. In: ZALTA, E. N. (ed.). **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Spring Edition. Stanford, CA: The Metaphysics Research Lab, 2020. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/arabic-islamic-influence/>. Acesso em: 19 out. 2021.

The following is the translation of the entry Influence of Arabic and Islamic Philosophy on the Latin West by Dag Nikolaus Hasse, in the Stanford Encyclopedia of Philosophy. The translation follows the version of the entry in the SEP's archives at <https://plato.stanford.edu/archives/spr2020/entries/arabic-islamic-influence/>. This translated version may differ from the current version of the entry, which may have been updated since the time of this translation. The current version is located at <https://plato.stanford.edu/entries/arabic-islamic-influence/>. We'd like to thank the Editors of the Stanford Encyclopedia of Philosophy, mainly Prof. Dr. Edward Zalta, for granting permission to translate and to publish this entry. Finally, we would like to thank to John Templeton Foundation for financially supporting this project.

Entre as influentes teorias árabes estão: a distinção lógica entre a primeira e a segunda intenção; a intenção (*intension*) e remissão das formas elementares; a faculdade de avaliação da alma e seu objeto, as intenções; a conjunção entre o intelecto humano e o intelecto ativo separado; a unicidade do intelecto material (Averroísmo); as teorias naturalistas de milagres e profecia; a eternidade do mundo e o conceito de criação eterna; o intelecto ativo como provedor de formas; a causa primeira como necessária em si mesma; a emanção de inteligências da causa primeira; a distinção entre essência e existência; a teoria dos conceitos primários; o conceito de felicidade humana como resultado da perfeita conjunção do intelecto humano com o intelecto ativo.

1. Transmissão

A Filosofia Árabe ficou conhecida no Ocidente latino por meio de traduções e, em menor grau, por meio de contatos pessoais entre cristãos e muçulmanos, como é o caso de Frederick II Hohenstaufen, que conhecia diretamente uma série de estudiosos muçulmanos. Um pequeno número de estudiosos cristãos, como Ramón Martí e Ramón Llull, conhecia o árabe e recorreu a fontes árabes para compor obras em latim. As traduções, no entanto, foram bem mais influentes. As primeiras traduções do árabe ao latim a transportar material filosófico para a Europa Latina foram as traduções de textos sobre medicina e filosofia natural, produzidos ao final do século XI na Itália. A maioria dessas traduções foram feitas por Constantino, o africano, que, ao contrário dos tradutores seguintes, tentou disfarçar a origem árabe de seus textos (BURNETT, 2006, p. 2-24). Na Espanha, na primeira metade do século XII, vários importantes textos astrológicos foram traduzidos, como *A grande Introdução à Astrologia*, de Albumasar, que incorporou muito material de tradição aristotélica (LEMAY, 1962).

As traduções de textos filosóficos propriamente ditos, como de al-Kindī, do autor anônimo de *Liber de causis*, de al-Fārābī, Isaac Israeli, al-Ghazālī e Avicena, mas também de obras gregas transmitidas em árabe, ganharam ritmo em Toledo na segunda metade do século XII, onde dois prolíficos tradutores trabalharam: Gerardo de Cremona e Domingo Gundisalvo. É provável que o tratado *Enumeração das Ciências*, de al-Fārābī, traduzido duas vezes, por Gerardo e Gundisalvo, tenha servido de modelo para um programa de tradução coerente. Uma indicação disso é que tradutores toledanos posteriores, como Alfred de Shareshill, Michael Scot e

Hermannus Alemannus preencheram lacunas na lista de disciplinas de al-Fārābī que tradutores anteriores não haviam preenchido (BURNETT, 2001). O movimento de tradução também foi influenciado pelas preferências filosóficas dos estudiosos judeus. Gundisalvo trabalhou com o estudioso judeu Avendauth ao traduzir *De anima*, de Avicena, cuja tradução havia sido recomendada por Avendauth. Outras traduções de Gundisalvo também remontam a tal recomendação. O impressionante movimento de tradução para o espanhol foi motivado e fomentado por diversos fatores: o interesse pessoal de tradutores individuais; a demanda das escolas francesas por textos científicos; a disponibilidade de manuscritos árabes em cidades recém conquistadas pelos cristãos; o patrocínio do arcebispo de Toledo e por interesses clérigos em promover a cultura científica latina em um ambiente cristão de língua árabe (HASSE, 2006, p. 79-84).

A próxima importante fase de transmissão foram as traduções feitas na Sicília e no sul da Itália por vários tradutores associados ao Hohenstaufen ou à corte papal, dos quais os mais produtivos foram os tradutores de Averróis Michael Scot e Guilherme de Luna.

Foi somente cerca de trinta anos após a morte de Averróis em 1198 que as traduções de Averróis para o latim foram disponibilizadas em universidades em desenvolvimento (GAUTHIER, 1982b). Em 1255, os estatutos da faculdade de arte de Paris declararam como leitura obrigatória a seus estudantes todas as obras conhecidas de Aristóteles, um movimento muito influente, que contribuiu significativamente para o surgimento dos comentários de Averróis como a principal literatura secundária na cultura universitária latina.

Após 1300, as traduções do árabe para o latim cessaram quase que integralmente, para serem retomadas novamente após 1480. As traduções da Renascença foram quase todas produzidas por judeus italianos a partir de versões hebraicas de textos árabes, com exceção das traduções de Avicena feitas por Andrea Alpago do árabe, realizadas em Damasco (TAMANI, 1992; BURNETT, 1999; HASSE, 2016, cap. 3). O contexto social dessas traduções era a vibrante cultura filosófica das universidades italianas, especialmente de Pádua, e o patrocínio de estudiosos italianos pertencentes à nobreza italiana que haviam sido educados nessas mesmas universidades. O impacto dessas traduções do Renascimento, mais fraco que o das traduções medievais, permanece largamente inexplorado. Já foi demonstrado que as novas traduções influenciaram as discussões lógicas e zoológicas do século XVI (PERFETTI, 2000, p. 106-109; PERFETTI, 2004, XVII-XVIII; BURNETT, 2013). Na segunda metade do século XVI, o interesse pela Filosofia

e pela ciência árabes diminuiu, e com isso o movimento de tradução árabe-(hebraico)latim. Ao mesmo tempo, o novo estudo acadêmico da cultura árabe se desenvolveu, motivado principalmente por interesses históricos e filológicos, mas não por interesses filosóficos. A partir do século XVII, traduções para línguas vernaculares gradualmente substituíram as traduções do árabe para o latim (BOBZIN, 1992).

O *corpus* de textos filosóficos árabes traduzidos para o latim foi substancial: uma publicação recente lista 131 textos (BURNETT, 2005). Confirma Kischlat (2000, p. 53-54, p. 196-198) para distribuição de manuscritos; sobre as traduções de Avicena, consulte Bertolacci (2011, 2013b); sobre atribuição do tradutor, veja Hasse e Bütner (2018). A introdução da Filosofia árabe na Europa latina levou à transformação de quase todas as disciplinas filosóficas. A influência é particularmente dominante na Filosofia natural, na psicologia e na metafísica, mas também é sentida na lógica e na ética. O impacto árabe é particularmente forte no século XIII, mas certas tradições árabes, como a teoria do intelecto de Averróis, alcançou o ponto mais alto de influência na Europa latina por volta de 1500. (A influência de filósofos judeus escrevendo em árabe, como Ibn Gabirol e Maimônides, não é abordada neste artigo).

2. Divisão das ciências

As divisões árabes das ciências influenciaram o Ocidente latino especialmente por meio do tratado de Domingo Gundisalvo, *Divisão da Filosofia* (*De divisione philosophiae*). Nesse texto, Gundisalvo reutiliza muito material de sua própria tradução abreviada da *Enumeração das Ciências* (*Iḥṣā' al-'ulūm*) de al-Fārābī, a partir da qual uma segunda e mais literal tradução foi produzida por Gerardo de Cremona. Entretanto, foi o próprio tratado arabicizado de Gundisalvo o principal canal de influência de al-Fārābī. A literatura introdutória principalmente anônima para estudantes de artes do século XIII baseia-se amplamente no tratado de Gundisalvo, às vezes referindo-se a ele como “Alpharabius” (LAFLEUR, 1988, p. 341n). O tradutor Michael Scot também escreve sua própria *Divisão da filosofia*, na qual adota material substancial de Gundisalvo, mas organiza-a de acordo com seu próprio esquema (BURNETT, 1997).

Gundisalvo adota princípios centrais para a divisão das ciências de Avicena: que o critério principal de divisão entre as ciências é o seu objeto de estudo, que uma ciência não pode demonstrar a existência de seu objeto de estudo, e que existem dois tipos de subordinação de uma ciência: ou como parte (*pars*) de outra

ciência, quando estuda parte de seu objeto, ou como espécie (*species*) de outra ciência, quando estuda o objeto sob um aspecto específico (HUGONNARD-ROCHE, 1984; FIDORA; WERNER, 2007, p. 24-35).

A influência de al-Fārābī's é especialmente óbvia na enumeração das sete partes da gramática, nas oito partes das ciências naturais (cobrindo o espectro dos *libri naturales* de Aristóteles), e as sete partes da matemática: aritmética, música, geometria, óptica, astrologia, astronomia, a ciência dos pesos, a ciência dos dispositivos técnicos (*ingenia*) (*vide* BOUYGES, 1923, p. 65-69). Quanto à disciplina de lógica, Gundisalvo adota explicitamente a divisão de al-Fārābī em oito partes, seguido a tradição que faz da *Retórica* e da *Poética* de Aristóteles partes da lógica. A divisão farábica da lógica em oito partes reaparece, por exemplo, em Roger Bacon (MAIERÛ, 1987) e na *Divisão das Ciências* de Arnoul de Provence (ca. 1250). Arnoul observa que nem Aristóteles nem o uso comum incluem *Retórica* e *Poética* entre as partes da lógica (LAFLEUR, 1988, p. 342). Gundisalvo ainda distingue, com al-Fārābī, os cinco tipos de raciocínio silogístico, dos quais a demonstração é o maior deles. A ênfase de al-Fārābī na demonstração como meio principal de aquisição de certo conhecimento é uma inovação importante da filosofia árabe, que chegou ao Ocidente latino através de Gundisalvo (FIDORA, 2007).

A influência da *Enumeração das Ciências* de al-Fārābī se estende também a áreas específicas como a música (FARMER, 1934, p. 31-34). Em geral, as obras de al-Fārābī e Gundisalvo foram fundamentais na disseminação de uma divisão sistemática das ciências que integrou toda a gama de obras de Aristóteles e um amplo espectro de ciências, muitas das quais eram novas no Ocidente latino (BURNETT, 2011).

3. Lógica

A influência árabe sobre a lógica é menor que em outras disciplinas (com exceção da ética), porque apenas algumas poucas obras sobre lógica árabe foram traduzidas para o latim. As traduções mais influentes foram a parte *Isagoge* da *summa* de Avicena *A Cura* (*al-Shifā'*) e *Intenções dos Filósofos*, de al-Ghazālī, da qual a primeira parte é uma reformulação da lógica de Avicena. Ramón Llull produziu um compêndio em árabe do texto de al-Ghazālī que ele mesmo traduziu para o latim (LOHR, 1965). A essas fontes, pode-se adicionar *Enumeração das Ciências*, de al-Fārābī, que transmitiu muito material sobre disciplinas lógicas. A tradução

realizada por Hermannus Alemannus do comentário de Averróis sobre a *Poética* foi importante pois permaneceu sendo a única fonte sobre a poética aristotélica disponível na Idade Média, e teve uma rica transmissão de manuscrito (por sua influência no juízo negativo de Petrarca a respeito da poesia árabe ver BURNETT, 1997). Outros textos traduzidos permaneceram amplamente sem influência, como as traduções de Guilherme de Luna dos cinco comentários de Averróis sobre as obras lógicas de Aristóteles, ou as traduções de Averróis feitas do hebraico na Renascença. Em resumo, isso significa que o Ocidente latino não estava ciente dos aspectos mais inovadores da lógica árabe, como no silogismo e na lógica modal (STREETS, 2005).

Todavia, diversas doutrinas particulares da lógica árabe foram muito influentes. Entre elas, a teoria de Avicena sobre o objeto de estudo da lógica, com sua doutrina de primeira e segunda intenção. O argumento básico de Avicena é que a lógica lida com conceitos de segunda ordem. Isso é discutido na parte lógica de *A Cura*, mas é explicitado no vocabulário técnico da parte sobre metafísica (*Metafísica* I, 2): “O objeto de estudo da lógica são os conceitos inteligíveis secundários (*al-ma‘ānī al-ma‘qūla al-thāniyya, intentiones intellectae secundo*), que dependem dos conceitos inteligíveis primários relacionados à maneira como se chega através deles ao desconhecido partindo do conhecido”. Nessa sentença, “conceito” (*ma‘nan*) é traduzido para o latim como *intentio*.

Uma breve nota sobre esse termo: na literatura tradutória árabe-latina, *intentio* é muito frequentemente usado para se referir a *ma‘nan*, com a consequência de que o termo *intentio* assumiu um alcance semântico igualmente amplo, como o seu correspondente árabe. Nos textos de Avicena, *ma‘nan* pode significar “conceito”, mas também “significado” de uma palavra, ou algo “inteligível” pelo intelecto, ou “perceptível” por estimativa, mas não pelos sentidos externos (sobre estimativa ver seção 5.1). Na epistemologia de Averróis, o termo *ma‘nan* tem um significado específico de objeto da memória e um significado mais amplo de conteúdo abstraído das formas sensoriais, imaginárias ou inteligíveis (BLACK, 1996, p. 166).

Na teoria da lógica de Avicena, segundas intenções são definidas como as propriedades dos conceitos que tais conceitos adquirem quando usados na obtenção de conhecimento, por exemplo: ser um sujeito ou ser um predicado, ser uma premissa ou ser um silogismo. Avicena assim confirma que a lógica tem um objeto próprio, tornando-se, portanto, parte completa da filosofia, e não apenas uma ferramenta para as disciplinas filosóficas (SABRA, 1980, p. 752-753). A definição de lógica de Avicena aparece já em Domingo Gundisalvo (*De divisione philosophiae*

150). Outros escritores latinos que adotaram a tese de Avicena de que o objeto da lógica são as segundas intenções são Roger Bacon e Thomas Aquinas, seguidos por diversos autores como Pseudo-Robert Kilwardby, Radulphus Brito, Hervé de Nédélec, Petrus Aureolus, Duns Scotus e Guilherme de Ockham (KNUDSEN, 1982; MAIERÙ, 1987; PERLER, 1994).

É uma questão controversa como primeira e segunda intenções se diferem, a que se referem e qual seu *status* ontológico, uma disputa que beirava a epistemologia e a filosofia da mente. Participantes importantes nessa discussão são Roger Bacon, que define intenções como espécies inteligíveis, ou seja, semelhanças mentais das coisas, e Hervé de Nédélec e Peter Aureoli que (para além das discordâncias em muitas questões), afirmam que as intenções não são idênticas nem às coisas extramentais nem às qualidades do intelecto, elas têm seu próprio “ser intencional” (*esse intentionale*), que é resultado de um ato cognitivo (PERLER, 1994). Essa posição foi criticada tanto por nominalistas quanto por realistas: o nominalista Guilherme de Ockham posicionou-se contra a reificação das intenções sustentando que as intenções são sempre signos naturais na mente. Segundas intenções são signos naturais que significam outros signos naturais (*Summa logicae*, I.12). O autor realista Walter Burley rejeita a ideia de um ser especial das intenções e argumenta que segundas intenções são parte da realidade extramental (KNUDSEN, 1982). A lógica como ciência das segundas intenções continuou a ser um tema filosófico até o século XVI, especialmente entre autores tomistas e escoceses.

4. Filosofia Natural

A filosofia natural é o campo com o maior número de traduções árabe-latinas. Nesta disciplina, filósofos árabes foram particularmente ativos, enquanto filósofos latinos estiveram especialmente interessados. A filosofia natural árabe alcançou o Ocidente latino bem antes das outras disciplinas filosóficas. As traduções médicas e astrológicas do final do século XI e início do século XII transportaram muito material filosófico da tradição grego-árabe ao mundo latino. Sob a influência dessas fontes árabes, autores latinos do século XII explicaram os fenômenos naturais recorrendo aos quatro elementos, às quatro qualidades, aos quatro humores, aos três *spiritus* (natural, espiritual, animal) e seus órgãos, à localização das faculdades da alma nas diferentes cavidades do cérebro, à distinção entre o universo sublunar e o celestial, ao movimento circular das esferas celestiais, e utilizando conceitos

aristotélicos como matéria e forma, ação e paixão, causa e efeito. Enquanto vários escritores latinos do século XII continuaram a compreender a natureza em termos da tradição cristã latina, outros, no contexto da chamada “escola de Chartres”, como Guilherme de Conches, Adelardo de Bath, Hermann de Caríntia e Bernardus Silvestris, recorreram amplamente às novas fontes médicas e astrológicas, por vezes combinando-as às doutrinas do *Timaeus*, de Platão (BURNETT, 1982, introdução; vide LEMAY, 1962). Algumas vezes eles o fizeram dividindo abertamente sua apresentação em seções, uma segundo os padres da igreja e outra segundo os filósofos e cientistas naturais (*physici*), que integraram material de tradições filosóficas latinas e árabes (por exemplo, os tratados de *Philosophia* de Guilherme de Conches e *De natura corporis et animae*, de Guilherme de St.-Thierry).

A influência do árabe na Filosofia natural no final da idade média, isto é, após as traduções de Avicena e Averróis, é especialmente forte na psicologia (Seção 5 abaixo). No entanto, outras disciplinas como a física, a cosmologia, a meteorologia ou a zoologia também são influenciadas por fontes árabes (vide MANDOSIO, 2018 sobre meteorologia), em particular pelos comentários de Averróis e suas críticas a Avicena (CERAMI, 2018). Diversas teses dos longos comentários de Averróis sobre *Física* e *De caelo* influenciaram a história da física e da cosmologia latina medieval: A explicação do movimento do projétil (por exemplo, de uma pedra atirada) como movimento sucessivo do meio; a tese de que movimento e tempo diferem na realidade, as apenas em relação à alma numeradora; e a teoria de que a esfera celeste está em um lugar apenas acidentalmente, na medida em que se move ao redor da terra em seu centro (MAIER, 1951; WOOD, 2010; TRIFOGLI, 2000; TRIFOGLI, 2010).

Uma questão sobre a qual Avicena e Averróis discordaram foi a “forma da corporeidade” (*Şūra jismiyya*, forma *corporeitatis*), que, segundo Avicena, é a forma comum da matéria primária que está subjacente a todas as formas corporais individuais. Averróis, por sua vez, nega que a “forma da corporeidade” seja uma forma na categoria de substância – é apenas um acidente, a ser identificado com a tridimensionalidade indeterminada (HYMAN, 1965). Tomás de Aquino rejeitou a ideia de que antes da alma intelectiva exista uma forma substancial na matéria (*Summa theol.* Ia q. 76 a. 4, a. 6). O conceito aviceniano foi adotado por outros, como Henry de Ghent e Duns Scotus, e assim serviu à teoria da pluralidade das formas substanciais. Que a matéria prima tem sua própria realidade tornou-se um princípio que identifica o partido franciscano nas lutas doutrinárias com os dominicanos. A discussão do conceito de forma *corporeitatis* permaneceu até o século XVI (DES CHENE, 2000, p. 81-93).

Três importantes tópicos da Filosofia natural são aqui tratados individualmente para uma atenção especial: a eternidade do mundo; a persistência de elementos em um composto e a geração espontânea.

4.1. Eternidade do Mundo

A teoria grega da eternidade do mundo representou um desafio à visão de mundo cristã, desafio aumentado pelo fato de que a teoria era apoiada por fontes árabes: por Avicena, que a combinou com um conceito metafísico de Deus como “ser necessário em si mesmo”, que é a eterna causa eficiente da existência do mundo celestial e sublunar (*vide* seção 6.4 sobre a causa primeira), e por Averróis, que a combinou com uma concepção de Deus como o primeiro motor, cuja existência é comprovada na Filosofia natural. Em *Erros dos Filósofos*, de Giles de Roma, Avicena e Averróis são acusados de muitos “erros”, mas a eternidade do mundo figura de forma mais proeminente. Averróis, em particular, é atacado por se opor “ainda mais veementemente que o filósofo (Aristóteles) àqueles que afirmaram que o mundo teve um começo” (GILES DE ROMA, 1944, p.15). A eternidade do mundo e as teses relacionadas foram condenadas como heréticas em 1270 e 1277 pelo bispo parisiense Étienne Tempier (art. 87, 90, 99, 184) (PICHÉ, 1999).

No século XIII e posteriormente, essa questão foi amplamente discutida pelos escolásticos, que chegaram a uma variedade de posições, mas mantiveram, por unanimidade, que o mundo foi criado no tempo por Deus. Isso significa que eles nunca compartilharam totalmente da posição de Avicena ou Averróis. Muitos argumentos da discussão escolástica foram extraídos de autoridades árabes, em especial dos longos comentários de Averróis em *De caelo* e *Física*, e da *Metafísica* de Avicena. Os primeiros vestígios da influência árabe podem ser encontrados em *Summa de bono* de Filipe, o Chanceler (datado de 1225-8). Thomas de York, por exemplo, assume a exposição de Averróis dos quatro pontos de vista principais sobre a questão (*Comm. magnum De caelo* I.102; DALES, 1990, p. 81). Passagens extraídas de textos árabes foram usadas não apenas para defender, mas também para atacar a tese da eternidade. Um argumento particularmente citado vem de *Intenções dos Filósofos*, de al-Ghazālī: Se o mundo fosse eterno, um número infinito de almas (imortais) existiria agora, o que é impossível (DALES, 1990, p. 44, p. 256). Outra fonte muito influente do debate latino foi o *Guia para os Perplexos de Maimônides* (II.13-28). Nele, Maimônides argumentou que tanto a eternidade quanto a não eternidade são filosoficamente possíveis.

Comentário sobre as *Sentenças* (II, d.1 q.1 a.5), de Tomás de Aquino é um bom exemplo do impacto das fontes árabes. Entre os argumentos citados de Averróis em favor da eternidade está que sempre há um outro momento no tempo antes de um momento no tempo; que apenas o movimento pode ser a causa da mudança do repouso para o movimento; que se o mundo tivesse um começo, um vácuo o precederia (*Comm. magnum De caelo* III.29, *Comm. magnum Phys.* VIII. 8,9,11,15). Avicena é citado por Tomás como quem sustenta que a vontade de Deus é imutável e nunca se inicia novamente (argumento desenvolvido também por Averróis), e que é impossível que Deus preceda o mundo em duração, já que isso implicaria que o tempo existiu antes do mundo e antes do movimento (*Metaphysics* IX.1). Esses argumentos claramente influenciaram a conclusão de Tomás de que a tese da eternidade é a mais provável em termos filosóficos. No entanto, assim como a criação, a eternidade escapa à demonstração completa. Do ponto de vista da fé, a eternidade do mundo é falsa e herética. Em seu tratado *Sobre a Eternidade do Mundo*, Tomás de Aquino, ao contrário da maioria de seus contemporâneos, defende a possibilidade de uma criação eterna, aproximando-se assim da posição de Avicena e de outros pensadores neoplatônicos.

Posições sobre a eternidade do mundo por parte de outros mestres das artes foram, em alguns casos, muito provocativas. Aos olhos de Siger de Brabante, o filósofo natural não pode deixar de concluir que o mundo é criado eternamente, ao passo que o metafísico admite que a vontade de Deus é inescrutável e, portanto, não há certeza sobre a eternidade ou não eternidade (*De aeternitate mundi; Quaest. in tertium De anima* q.2). Para Boécio de Dacia, o filósofo natural deve inferir a eternidade do movimento a partir dos princípios da Filosofia natural, mas o metafísico, embora possa demonstrar a existência de uma causa primeira, é incapaz de demonstrar se o mundo é coeterno com a causa primeira ou não eterna, dada a inescrutabilidade da vontade de Deus (*De aeternitate mundi*). Ambos os autores compartilham a convicção de que o filósofo natural é forçado a concluir que o mundo é eterno, provocando assim uma oposição teológica. Os argumentos para essa conclusão foram amplamente fornecidos por fontes árabes.

4.2. Os elementos em um composto

No Ocidente latino, Avicena e Averróis eram conhecidos como os principais adversários em uma questão muito discutida da teoria dos elementos, especialmente

no século XIV. Dado que todas as substâncias físicas (exceto os próprios elementos) são misturas de elementos, como os elementos existem em si? (MAIER, 1952; GRANT, 1974, §77, EICHNER, 2005, p. 139-145). A resposta de Avicena é que as formas substanciais dos elementos permanecem inalteradas quando um composto é formado. Somente as qualidades dos elementos são alteradas e se unem para uma qualidade média (*qualitas media*) ou tez (*complexio*). A tez dispõe a matéria para receber a forma substancial do composto do intelecto ativo, o doador de formas (*dator formarum*) (*O livro da cura: Física* I.10, *Sobre a geração* 6). O problema com esta posição, como vários escolásticos perceberam, é que diversos corpos são combinados em um, o que não forma uma mistura verdadeira. Averróis rejeita a teoria de Avicena e argumenta que as formas substanciais dos elementos são diminuídas são diminuídas no composto (*Comm. magnum De caelo* III.67). A forma do composto é “composta” pelas formas elementares (*Comm. magnum Metaph.* XII.22). A fim de não violar o princípio de Aristóteles de que as formas substanciais não podem ser diminuídas ou aumentadas (um homem não é mais homem que outro), Averróis argumentou que as formas elementares não são formas substanciais em sentido pleno.

Uma terceira influente alternativa foi proposta por Tomás de Aquino. Ele argumentou que as formas substanciais dos elementos são destruídas e que somente as qualidades contribuem para a mistura. Tomás de Aquino compartilha da convicção de Avicena de que toda forma pressupõe uma certa disposição material, que é a característica de qualidade média do composto. No entanto, ele diverge de Avicena, pois entende que as formas dos elementos não são preservadas. Elas estão presentes apenas virtualmente no composto, mas seus poderes sobrevivem (*De mixtione elementorum*, cf. *Summa theol.* Ia q. 76 a. 4). A posição de Tomás de Aquino encontrou muitos adeptos, o problema é que os corpos físicos não podem ser chamados de misturas de elementos.

A teoria da permanência das formas substanciais de Avicena foi muito mencionada, mas raramente aceita no Ocidente latino. A posição de Averróis de que as formas elementares podem ser diminuídas ou aumentadas encontrou muitos apoiadores, entre eles Henri de Gante, Petrus Johannes Olivi, Richard de Middleton, Jean de Jandun e diversos membros da escola Merton do século XIV (MAIER, 1952, p. 36-46). Vários autores aceitam a posição de Averróis com modificações, especialmente por reinterpretarem a tese da intenção e remissão das formas elementares. Henry Bate e Dietrich de Freiberg defendem que as formas diminuídas assumem o caráter de formas potenciais e, portanto, se unem à matéria do composto.

A forma do composto é uma forma adicionada a essas formas diminuídas. Para Averróis, em contraste, a combinação das formas diminuídas era idêntica à nova forma do composto. No Renascimento, a questão permaneceu sendo discutida. Houve discordância até mesmo entre os seguidores de Averróis. Alguns, como Marcantonio Zimara, defenderam que a forma do composto estava adicionada às outras formas, outros, como Jacopo Zabarella argumentaram contra essa adição (MAIER, 1952, p. 46-69).

4.3. Geração Espontânea

A geração espontânea, isto é, a geração da vida sem haver pais, como quando os vermes crescem em decomposição, é um assunto muito discutido na física e na metafísica medievais. As explicações conflitantes do fenômeno por Avicena e Averróis determinaram em grande medida as discussões latinas até o século XVI. Enquanto Avicena sustenta que a geração espontânea depende de misturas cada vez mais refinadas de qualidades elementares que desencadeiam a emanação de formas do intelecto ativo, o doador de formas (*The Healing: Meteorology* II.6: *On Floods*), Averróis a explica com a influência de certas constelações celestes que atualizam formas potenciais em água ou em terra. Avicena e Averróis também discordam sobre o caso especial da geração espontânea de seres humanos, que Avicena acredita ser possível enquanto Averróis não. Para Averróis, todos os animais espontaneamente criados não são verdadeiros, são animais anormais e monstruosos (*Comm. magnum Metaph.* II.15, VII.31, XII.13,18) (BERTOLACCI, 2013a).

No Ocidente latino, a explicação de Averróis dominou a discussão por vários séculos (HASSE, 2007a). Tomás de Aquino defende que não há necessidade de assumir a existência de um doador aviceniano de formas para explicar a geração espontânea, visto que o poder celestial é suficiente para produzir animais comuns a partir da matéria. No entanto, seres mais complexos, como cavalos e seres humanos, não podem ser produzidos apenas pelo poder celestial, sem o poder formativo do sêmen (*Quaest. de potentia*, qu. 3 a. 8,9,11). A posição de Tomás foi chamada de *media via* pelos autores posteriores, ou seja, o caminho do meio entre Avicena e Averróis, uma vez que Tomás rejeitou a teoria de Avicena, mas também modificou a posição de Averróis ao tratar a geração espontânea como um fenômeno natural, e não milagroso.

A teoria da influência celestial de Averróis e a da *media via* de Tomás de Aquino se tornaram populares na Idade Média latina. Alguns autores, no entanto, seguiram Avicena em permitir a geração espontânea de seres humanos, entre eles Albertus Magnus, Blasius de Parma, e, no Renascimento, Pietro Pomponazzi, Paolo Ricci e Tiberio Russiliano. Pomponazzi torna a geração espontânea de seres humanos dependente da conjunção dos planetas superiores Júpiter e Saturno, e assim introduz outra teoria árabe na discussão: a teoria astrológica de Albumasar das grandes conjunções (NARDI, 1965).

Uma versão modificada da teoria aviceniana do doador de formas aparece em John Buridan, que se desvia da posição dominante de que a forma dos seres humanos vem de fora, ou seja, de Deus, enquanto a dos animais provém da matéria. Em contraste, Buridan sustenta que todas as formas são dadas por uma substância incorpórea separada, que ele chama de Deus. O fenômeno da geração espontânea apoia essa visão, já que não pode ser explicado com a influência das estrelas, que são muito fracas e imperfeitas para gerar animais (*In Metaphysicen Aristotelis lib. 8 q. 9*). O que não aparece em Buridan é a teoria de Avicena das misturas posteriores de qualidades elementares.

5. Psicologia

Na psicologia Latina, a influência de obras árabes é particularmente forte e durou até o século XVI. Avicena e Averróis, os filósofos mais influentes, presentearam o Ocidente com uma faculdade psicológica na tradição de Aristóteles e enriquecida pelas doutrinas médicas greco-árabes, como aquelas sobre as cavidades do cérebro, os nervos e os espíritos que transportam informações no corpo. Por volta de 1220 em diante, toda a gama de faculdades avicenianas (vegetal, sentido externo e interno, faculdades motivacionais, o intelecto prático e teórico) aparece em tratados latinos de mestres das artes e teólogos. Esse sistema de faculdades permanece, em geral, padrão por muito tempo nos manuais filosóficos, desde a anônima *Filosofia do Simples* (*Philosophia pauperum*) e Espelho da Natureza (*Speculum naturale*) de Vicente de Beauvais no século XIII até *Pérola Filosófica* (*Margarita philosophica*) dos anos 1490. Também influente foi a definição de Avicena da alma como uma substância separada (HASSE, 2008) e seu experimento de pensamento do “Homem voador” (HASSE, 2000, p. 80-92).

Averróis discordou de Avicena em uma série de assuntos relativos à faculdade psicológica, por exemplo: sobre o órgão e o meio do tato, sobre a transmissão material ou imaterial de odores e sobre se os seres humanos têm uma faculdade estimativa ou não. Essas controvérsias continuaram na tradição latina. As obras mais influentes da doutrina psicológica importada dos árabes provavelmente foram a teoria da estimativa de Avicena (*wahm*), sua teoria da potência, dos intelectos adquirido e ativo, e a tese de Averróis de que existe um intelecto para todos os seres humanos.

5.1. Estimativa

No *Livro da Alma* (*De anima* parte de A cura I.5 e IV.3), Avicena argumenta que os seres humanos e os animais compartilham de um sentido interno chamado estimativa (*wahm*, *aestimatio*), que percebe as chamadas “intenções” (*ma ‘ānin*, *intentiones*) em um objeto – tanto hostilidade quanto simpatia: A ovelha percebe hostilidade no lobo e julga que deve se afastar dele. Os ingredientes básicos dessa teoria foram adotados por muitos escritores escolásticos. Houve discordância, no entanto, sobre diversas questões: Em primeiro lugar, Averróis e Tomás de Aquino (em contraste com Avicena, Albertus Magnus e outros) argumentaram que a estimativa existe apenas em animais, e não em humanos. Para explicar reações instintivas em seres humanos, não é necessário, segundo eles, assumir a existência de uma faculdade além da cogitativa, ou *ratio particularis*, como Tomás a denomina (*Summa theologiae* Ia. 81.3c). Em segundo lugar, os escritores escolásticos estavam divididos a respeito das intenções serem percebidas no objeto, como afirmam Avicena e Tomás de Aquino (*vide* BLUND, *Tractatus de anima*, cap. 19), ou serem abstraídas de formas sensoriais, como defendido por Albertus Magnus e John Buridan (ALBERTUS, *De anima* II.4.7; BURIDAN, *Quaestiones de anima* II.22) (BLACK, 2000; HASSE, 2000, p. 141-153; *vide* BLACK, 2011). Em terceiro lugar, houve desacordo sobre a noção de “julgamento animal” propagada por Avicena. Nominalistas como Adam Wodeham argumentam que julgamentos sempre envolvem a formação de uma sentença complexa, que pressupõe capacidades linguísticas. Os animais, portanto, nunca julgam verdadeiramente (PERLER, 2006).

5.2. Intelecto ativo

Típica à teoria árabe do intelecto é a distinção entre diferentes graus ou níveis de intelecto, de um intelecto inteiramente potencial a um intelecto perpetuamente ativo, e a suposição, assumida de filósofos gregos posteriores, de que o intelecto ativo é uma entidade separada do ser humano. Al-Fārābī, Avicena e Averróis identificam o intelecto ativo com a menor das inteligências cosmológicas, e argumentam que o intelecto humano é capaz de se unir ao intelecto ativo. A grande maioria dos escritores escolásticos ensina que intelecto potencial e ativo são partes da alma, mas também havia uma corrente adotando a ideia árabe de um intelecto ativo separado (por exemplo, Dominicus Gundisalvi e Petrus Hispanus). Vários autores escolásticos identificam o intelecto ativo com Deus segundo a autoridade de Avicena e Agostinho – uma posição que os estudiosos modernos rotularam de “Augustinisme avicennisant” (GILSON, 1926/1927, p. 102). Entre os primeiros expoentes da doutrina está Jean de la Rochelle, cujas obras em psicologia foram escritas nos anos 1230. Ele ensina que o termo “intelecto ativo” se refere tanto a Deus quanto ao intelecto dos anjos ou à luz interna dos seres humanos, dependendo de quais objetos intelectuais são apreendidos pelo intelecto humano (*Summa de anima* 116). Essa doutrina reaparece em 1240 na *Summa fratris Alexandri*, e em Vicente de Beauvais. Seguidores posteriores incluem Roger Bacon, John Pecham, Roger Marston, Vital du Four, e, também, Henry de Ghent (embora apenas em partes de sua obra). Contudo, há os escolásticos discordantes. Adam de Buckfield, Bonaventure e Tomás de Aquino criticam teólogos com nomes desconhecidos por identificarem o intelecto ativo com Deus. Como mostra a evidência filológica, eles se referem à corrente acima mencionada, que começa com Jean de la Rochelle. Tomás rejeita a tese porque a interpreta em termos iluminacionistas e a percebe incompatível com sua própria epistemologia da abstração (*Summa contra gentiles* II.74). Deve-se observar, no entanto, que a epistemologia de Avicena combina os aspectos abstracionistas e emanacionistas e que sua teoria da abstração também atraiu leitores latinos (HASSE, 2001; vide MCGINNIS, 2007; BLACK, 2014).

5.3. Os quatro intelectos

Avicena distingue quatro diferentes estados do intelecto humano, que não são faculdades diferentes da alma, mas diferentes fases da intelecção: três potenciais

intelectos, chamados materiais, *in habitu, in effectum*, e um intelecto realmente pensante, o “intelecto adquirido” (*al-‘aql al-mustafād, intellectus adeptus*). O primeiro intelecto potencial é pura potencialidade para saber algo; o segundo intelecto potencial conhece axiomas como “O todo é maior do que a parte”; o terceiro já adquiriu conclusões por meio do raciocínio silogístico e da intuição de termos médios, mas não os considera no momento. O “intelecto adquirido” surge quando o intelecto humano se conecta com o intelecto ativo (*De anima* I.5). Essa teoria exerceu profunda influência na teoria do intelecto escolástico, especialmente no período de Dominicus Gundisalvi a Albertus Magnus. Os escolásticos herdaram de Avicena a ideia principal de que a atividade do intelecto humano pode ser diferenciada em distintas fases de desenvolvimento gradual e em diferentes atos do raciocínio silogístico (HASSE, 2000, cap. II.6).

Um importante passo na recepção da doutrina é o tratado anônimo *De anima et de potentiis eius*, de um mestre parisiense de artes de ca. 1225 (GAUTHIER, 1982a, p. 53). Esse autor adota os três primeiros níveis do intelecto de Avicena – o primeiro sendo pura potencialidade, o segundo conhecendo as proposições primeiras e as terceiras conclusões – e os combina com os ensinamentos de Aristóteles sobre o intelecto conhecedor de axiomas e princípios em *Posterior Analytics* (I.3 and II.19). Jean de la Rochelle segue essa linha e denomina o segundo intelecto *intellectus principiorum*, o terceiro *intellectus conclusionum*, e usa um termo boethiano para os axiomas do segundo intelecto: “noção comum da mente” (*communis animi conceptio*), combinando assim a doutrina aviceniana com a teoria axiomática latina (*Tractatus de divisione multiplici potentiarum animae* II.18).

Nos escritos de Albertus Magnus, a influência de Avicena é combinada com a de Averróis, que distingue dois intelectos além do intelecto ativo separado: o intelecto material, que é pura potencialidade (e único, ver seção 5.4 abaixo) e o intelecto especulativo, que é a realidade do inteligível apreendido. Averróis e Avicena ensinam que o intelecto ativo e o humano se unem no momento da intelectção. Averróis, em particular, defende que uma conjunção perfeita com o intelecto ativo resulta em conhecimento semelhante a Deus e que tal conjunção é possível nesta vida (*Comm. magnum De anima* III.5 e III.36).

Albertus Magnus, em seu primeiro *De homine* (qu. 56 a. 3), adota a doutrina aviceniana dos três intelectos potenciais em sua reformulação escolástica, mas em suas obras posteriores, sob a influência de Averróis, ele a transforma em uma teoria da ascensão intelectual. O mais alto nível de intelecto humano é chamado “intelecto adquirido” (*intellectus adeptus*) e resulta da conjunção entre o intelecto potencial e

o ativo, ambos as partes da alma humana. Nesse estágio, o intelecto é capaz de apreender todo o conhecimento intelectual, não precisando recorrer aos sentidos novamente. Em virtude desse intelecto, o ser humano se assemelha a Deus (*De anima* 3.3.11) (DE LIBERA, 2005, p. 325-327). Tomás de Aquino discorda de forma veemente. O intelecto nunca pode prescindir dos sentidos, já que precisa dos fantasmas para conceber uma forma intelectual. Essa é a razão pela qual o conhecimento intelectual perfeito não é possível nesta vida (*Summa theol.* Ia q. 84 a. 7).

5.4. A tese da unicidade de Averróis

A doutrina filosófica mais conhecida de Averróis afirma que existe apenas um intelecto para todos os seres humanos. Tal doutrina às vezes é rotulada como “monopsiquismo”, porém trata-se de um termo problemático, uma vez que a tese da unicidade de Averróis diz respeito ao intelecto e não à alma. A teoria de Averróis tem um propósito epistemológico e outro ontológico. De um lado, Averróis quer explicar como os inteligíveis universais podem ser conhecidas, por outro, quer explicar a afirmação de Aristóteles de que o intelecto é pura potencialidade e é desvinculado do corpo (*Comm. magnum De anima* III.5). Diversos leitores escolásticos preocuparam-se com o problema relativo ao intelecto material (ou potencial), se ele é um, ele pode ser a forma do corpo. Esse problema não foi diretamente abordado por Averróis, mas por vários de seus partidários latinos.

Os estudos modernos ainda estão divididos em relação ao significado da corrente do averroísmo no século XIII (para discussões mais recentes, ver IMBACH, 1991; HAYOUN; DE LIBERA, 1991; BIANCHI, 1993; NIEWÖHNER; STURLESE, 1994; KUKSEWICZ, 1997; BRENET, 2003, p. 21-22; COCCIA, 2005, 20-53; HASSE, 2007b; MARTIN, 2007; CALMA, 2010, p. 11-20, p. 367-373; MARTIN, 2013; AKASOY; GIGLIONI, 2013). Argumentou-se, por exemplo, que os “aristotélicos radicais” do século XIII não eram “averroístas” em sentido estrito (VAN STEENBERGHEN, 1974, p. 531-534). No entanto, o seguinte está claro: existiram ao menos quatro grupos de autores que explicitamente adotaram a tese da unicidade em um de seus textos: Siger de Brabante e possivelmente outros mestres de artes na Paris do final do século XIII; um segundo grupo parisiense no início do século XIV em torno de Thomas Wilton, Jean de Jandun e John Baconthorpe; diversos mestres de artes italianos na Universidade de Bolonha no século XIV, e um grupo maior de autores na Itália renascentista, especialmente em Pádua.

Quando os medievais usavam o termo latino averroísta, eles se referiam a autores pertencentes a esses grupos. O termo averroísta entrou em uso no final do século XIII, mas em raras ocasiões. A primeira aparição, como podemos ver hoje, está no tratado de Tomás de Aquino *Sobre a Unidade do Intelecto* (*De unitate intellectus*). A frase adicional ao título contra averroístas aparece somente na tradição do manuscrito posterior e é improvável que seja autêntica. Foi nas décadas próximas a 1500 que o termo foi utilizado com mais frequência. *Averroistae* foram associados principalmente com a tese da unicidade, mas também com teorias sobre a eternidade do mundo, o conhecimento de Deus sobre o mundo, matéria prima e felicidade (KUKSEWICZ, 1997, p. 93-96; CALMA, 2010). No Renascimento, averroísta também foi usado com uma conotação positiva para se referir a especialistas em Averróis (MARTIN, 2007; MARTIN, 2013). Um uso historiográfico sensível do termo “averroísmo” estaria amarrado aos usos medievais e renascentistas. Em particular, dois sentidos do termo “averroísmo” parecem historicamente legítimos: significando uma corrente de seguidores de Averróis que sustentam doutrinas teologicamente controversas, ou significando uma corrente de especialistas em Averróis. O primeiro sentido tem uma tradição mais longa na Idade Média e nos estudos modernos e, portanto, deve ser em geral preferido. Alguns historiadores modernos usam o termo “averroísmo” em sentido muito mais amplo, para todas as influências do pensamento de Averróis (por exemplo, GAUTHIER, 1982, p. 334-335; CALMA, 2010, p. 368-369). Os assim chamados “averroismos” seriam então encontrados, por exemplo, em quase todos os comentários latinos de Aristóteles do final da Idade Média. Esse uso, no entanto, ignora as raízes históricas do significado do termo.

Siger de Brabant (1284) e Jean de Jandun (1328) foram os averroístas mais conhecidos e influentes. Siger, em sua primeira e mais explícita obra averroísta sobre a alma, argumenta que o intelecto separado e eterno está unido ao corpo somente em uma união operacional e que a verdadeira forma do corpo é a alma sensível (*Quaest. in tertium de anima*, esp. q. 3 e 9). Sob a influência de Tomás de Aquino e outros, Siger posteriormente revisou essa posição. Para Jean de Jandun, a alma intelectiva, que em si mesma é uma e separada, opera dentro do corpo. Ela está unida ao corpo apenas por meio da assistência do *phantasmata* (BRENET, 2003). Os averroístas renascentistas Agostino Nifo e Luca Prassicio argumentaram que Siger e Jean de Jandun professavam visões conflitantes: eles interpretaram que, para Siger, o intelecto único pode ser unido ao corpo como forma, porém Jean de Jandun sustenta que não. Outro influente averroísta foi John Baconthorpe (1345/48): Ele desenvolveu a teoria da assim chamada “conjunção dupla” (*copulatio*

bifaria) entre o intelecto e os fantasmas corporais: uma epistemológica, outra ontológica. A conjunção ontológica pressupõe uma união entre intelecto único e ser humano de maneira que o intelecto se torna uma faculdade humana (ETZWILER, 1971, p. 266-269). Entre os mais explícitos e sinceros averroístas do Renascimento estão Nicoletto Vernia (1499) e Luca Prassicio (1533). A tese da unicidade alcançou sucesso entre autores latinos não apenas porque Averróis enquanto o comentador havia se tornado uma excepcional autoridade no ensino universitário, mas também porque era filosoficamente atraente: explicava a possibilidade do conhecimento dos universais e assegurava que a alma intelectual, como argumentado por Aristóteles (*De anima* III.4, 429a p. 22-25), não era misturada ao corpo.

A tese da unicidade foi incluída entre as doutrinas condenadas em 1270 e 1277 em Paris (art. 32) e em 1489 em Pádua pelos bispos locais. Do ponto de vista teológico, seu principal obstáculo era o conflito com a doutrina da imortalidade individual. O principal contra-argumento filosófico, apresentado primeiramente pelo próprio Averróis (*Comm. magnum De anima*, 393) e poderosamente formulado por Tomás de Aquino, era que a tese da unicidade não poderia explicar o fato de que “este homem individual pensa”, como colocado por Tomás (“*hic homo singularis intelligit*”, *De unitate intellectus* III) (BLACK, 2004). A resposta padrão de Averróis e seus seguidores era que a forma inteligível é integrada ao ser humano individual por meio da forma imaginativa atualizada, que é particular. Assim, o conhecimento individual de formas universais é possível.

As décadas próximas a 1500 presenciaram a maré alta da corrente averroísta, segundo o que podemos discernir hoje (SCHMITT, 1979; AKASOY; GIGLIONI, 2013). Isso é indicado por várias evidências: o uso frequente do termo averroísta; o número expressivo de autores que adotam a tese da unicidade em uma de suas obras; a composição de super-comentários nos comentários de Averróis e, finalmente, o fato de que a interpretação correta da posição filosófica de Averróis tornou-se uma questão de disputa entre seus partidários (por exemplo, entre Nifo, Trombetta, Zimara, Pomponazzi e Prassicio). A tese da unicidade perdeu seu apelo em meados do século XVI, com o advento de novas tendências do aristotelismo que deram explicações alternativas à intelecção universal (por exemplo, por Melanchthon, Zabarella e Suarez) (HASSE, 2016, cap. 5).

5.5. Teorias naturalistas da profecia

A interpretação filosófica de profecia e milagres é uma característica típica da Filosofia árabe. O Ocidente latino não estava familiarizado com o conceito de al-Fārābī de filósofo-profeta, o líder da cidade excelente, mas com partes das teorias de al-Kindī e Avicena. A linha geral da teoria naturalista da profecia de Avicena, que descreve a profecia como resultante de faculdades extraordinárias da alma, foi criticada por Tomás de Aquino. Tomás admite que existe também a “profecia natural” que resulta do contato da imaginação e do intelecto humano com os corpos celestes e anjos, no entanto, a “profecia divina” dependente inteiramente de Deus, e não da preparação da alma humana (*Quaest. de veritate*, q. 12, a. 1, 3).

Entre as especificidades da teoria da profecia, o trabalho sobre milagres recebeu mais atenção no Ocidente latino. A explicação dos milagres de al-Kindī e Avicena é naturalista no sentido de que nenhuma das teorias envolve fatores divinos. Em *Sobre os raios* (*De radiis*, existente apenas em latim), al-Kindī argumenta que se uma pessoa concebe uma imagem corporal em sua imaginação, a imagem assume uma existência material no *spiritus* que pertence à faculdade. O *spiritus*, por sua vez, emite raios, que alteram objetos no mundo externo (D’ALVERNY; HUDRY, 1975, p. 230-1). Uma alternativa a essa teoria da extramissão é formulada por Avicena, que afirma que as pessoas que aperfeiçoaram seu corpo e alma são capazes de afetar diretamente a matéria externa do mundo e podem produzir chuva, estações férteis e semelhantes, pelo simples poder da vontade. Avicena chega a essa conclusão generalizando o princípio de que existem causas psíquicas para os efeitos materiais (*De anima* IV.4).

Albertus Magnus rejeita a teoria da longa distância de Avicena pois ela rompe com a regra aristotélica de que não há causação eficiente sem contato material (*De sensu et sensato* 1.10). Tomás de Aquino segue uma terceira alternativa: que os poderes psíquicos podem mover o meio interveniente e, assim, agir indiretamente sobre os objetos externos, o que explica o dano causado por um mau-olhado. Tomás toma emprestada uma passagem de *Dos Sonhos*, de Aristóteles, em que o ar é movido e afetado pelos olhos de mulheres menstruadas (459b23-60a24). Milagres verdadeiros, no entanto, são sempre produzidos por Deus (*Summa theol.* Ia q.117 a. 3). No final da Idade Média, a teoria aristotélica do meio móvel provou ser mais bem-sucedida que as teorias da extramissão e da ação a longa distância de al-Kindī e Avicena. Uma exceção é Roger Bacon, que ensina que algumas pessoas são capazes de enviar “poderes, formas e calor” a fim de alterar

corpos exteriores. Bacon emprega a teoria da extramissão de al-Kindī para explicar a magia como um fenômeno puramente natural (em *De secretis operibus artis et naturae*).

A melhor fase para as teorias árabes dos milagres veio no Renascimento (HASSE, 2007c, p. 121-125). Marsilio Ficino, em sua *Teologia Platônica* (*Theologia platonica* XIII.4.8-9) explica os efeitos de longa distância, como o mau-olhado, com o modelo de extramissão que lembra al-Kindī: O mau-olhado é explicado como vapores sendo emitidos dos olhos do feiticeiro que alcançam e afligem a vítima. Milagres verdadeiros, no entanto, não podem ser alcançados sem a ajuda de Deus. Andrea Cattani (1506) adota explicitamente a teoria de Avicena de que as almas nobres são capazes de influenciar o mundo externo sem mediação, mas vincula essa capacidade extraordinária à inspiração do Espírito Santo. Tais reservas não aparecem na adoção da teoria de Pietro Bairo (1558). Pietro Pomponazzi (1525) discute a posição de Avicena, mas favorece uma teoria da extramissão: Ele explica um milagre contemporâneo na cidade de Aquila, como a transmissão de vapores emitidos dos olhos dos observadores (em *De naturalium effectuum causis sive de incantationibus*, 237-8).

6. Metafísica

As duas mais importantes fontes árabes da metafísica latina medieval são a parte metafísica (*Ilāhiyyāt*) da suma filosófica de Avicena *A Cura* (*al-Shifā'*), aqui referida como sua *Metafísica* (HASSE; BERTOLACCI, 2012), e o *Grande comentário sobre a Metafísica* de Averróis (BERTOLACCI, 2009). O tratado de Avicena apresentou a metafísica como uma disciplina totalmente sistemática e combinou as tradições aristotélica e neoplatônica. O comentário de Averróis provou ser uma ferramenta indispensável para a compreensão do texto de Aristóteles e ofereceu uma alternativa à posição de Avicena em várias questões importantes. *Intenções dos Filósofos*, de al-Ghazālī, também contribuiu muito para a disseminação da metafísica de Avicena no Ocidente latino (MINNEMA, 2014; MINNEMA, 2017). Outro texto muito influente foi o *Livro do Bem Puro* (*Kalām fī mahḍ al-khayr*, *Liber de pura bonitate*), conhecido em latim também como *O Livro das Causas* (*Liber de causis*). O autor árabe anônimo do tratado reorganizou passagens de *Elementos da Teologia*, de Proclo, segundo uma perspectiva monoteísta, criacionista e plotiniana, e as combinou com doutrinas de fontes aristotélicas e plotinianas. Em 1255, o texto em latim passou a fazer parte do currículo obrigatório de estudos da Faculdade de Artes de Paris, juntamente com

as obras de Aristóteles. Com efeito, o texto recebeu vários comentários e teve uma transmissão extraordinária em mais de 237 manuscritos (TAYLOR, 1983). *Liber de causis* foi por muito tempo considerado um texto autêntico por Aristóteles. Em 1268, quando William de Moerbeke traduziu *Elementos da Teologia* de Proclo para o latim, Tomás de Aquino pôde identificar Proclo como a principal fonte do texto. No entanto, *Liber de causis* permaneceu popular. Ao menos 74 comentários do século XII ao século XV atestam sua grande influência (D'ANCONA COSTA, 1995, p. 195-258; FIDORA; NIEDERBERGER, 2001, p. 205-247; CALMA, 2016, I, p. 20-21).

6.1. O objeto da metafísica

Era bem sabido entre os escolásticos que Avicena e Averróis discordam sobre o objeto de estudo da metafísica. Nos dois capítulos de introdução à sua *Metafísica*, Avicena argumenta que nenhuma ciência pode demonstrar a existência de seu próprio objeto, e, portanto, Deus, cuja existência está provada pela metafísica, não pode ser seu objeto. O objeto/sujeito (*mawḍūʿ*, *subiectum*) da metafísica é o ser enquanto ser. O que é perseguido (*maḥlūb*, *quaesitum*) na metafísica é aquilo que incondicionalmente acompanha o ser: como as causas do ser, entre as quais Deus é a primeira. Averróis rebateu que a existência do primeiro princípio não pode ser demonstrada na metafísica, já que tal comprovação só pode começar com os efeitos de Deus e com o movimento em particular. Essa é a razão pela qual a comprovação de Deus pertence à física. O objeto da metafísica são os seres separáveis, entre os quais está Deus, como argumentado por Averróis em *Grande comentário sobre a Física* (cap. I.83). No entanto, em outras obras ele atribui essa função ao ser enquanto ser (*vide* BERTOLACCI, 2007).

A maior parte dos autores escolásticos preferiram a posição de Avicena à de Averróis, mas dentro dessa posição dominante havia desacordo sobre a maneira como Deus se relaciona com o objeto da metafísica, ser enquanto ser. Albertus Magnus defende Avicena das críticas de Averróis. Ser enquanto ser é o objeto da metafísica, sendo que as divisões e os acidentes (*passiones*) do ser constituem o que se busca, entre eles Deus e os seres divinos separados (*Metaph.* I.2, *Phys.* I.3.18). A posição de Tomás de Aquino é novamente bastante influenciada por Avicena: O objeto da metafísica é o ser enquanto ser (ou *ens commune*), ao passo que Deus é o alvo nesta ciência, visto que ele é a causa de todo ser (*Metaph.*, *prooem.*). Entretanto, diferente de Avicena, Tomás afirma que Deus é o objeto próprio

de uma ciência diferente, cujos princípios são dados em revelação: a teologia (*Summa theol.* Ia q.1).

Havia três posições principais sobre a questão no Ocidente latino (ZIMMERMANN, 1998): Albertus e Tomás fazem de Deus um objeto da metafísica apenas como causa do objeto; um segundo grupo, entre eles Roger Bacon e Giles de Roma, afirma que Deus é um dos vários objetos da metafísica; um terceiro grupo argumenta que Deus é parte do objeto da metafísica. Esta última posição foi formulada de forma influente por Henry de Ghent (PICKAVÉ, 2007), e assumida por vários outros autores, entre eles Duns Scotus. Scotus desenvolve seu próprio ponto de vista contra as autoridades de Avicena, Averróis e Henry de Ghent. Ele concorda com Avicena que ser enquanto ser é o objeto e que a noção de ser inclui todo ser, seja eles material ou imaterial. Para Scotus, essa noção de ser inclui explicitamente Deus no objeto da metafísica (ZIMMERMANN, 1998, p. 294-329).

6.2. Conceitos primários

No capítulo I.5 de sua *Metafísica*, Avicena afirma que assim como existem sentenças primeiras e autoevidentes, existem também conceitos fundamentais, primeiramente conhecidos e autoevidentes, que são comuns a todos os seres: “o existente”, “a coisa”, “o necessário”. Foi por conta de Avicena que o *primum cognitum*, o primeiro objeto do conhecimento, tornou-se um tópico central na metafísica latina medieval. A questão do *primum cognitum* foi respondida de várias maneiras. Para Guibert de Tournai, Bonaventure e Henry de Ghent, Deus é o *primum cognitum* (GORIS, 1999), para Tomás de Aquino e Duns Scotus ser (*ens*), para Berthold de Moosburg o bom (*bonum*). Um exemplo de teoria *primum cognitum* influenciada por Avicena é a de Tomás de Aquino. Não pode haver uma regressão infinita, nem na ordem da demonstração, nem na de definição, argumenta Tomás. É por isso que existe um conceito primário: “ser”. É ele que é primeiramente apreendido pela mente, e é irrestritamente universal. É específico para Tomás de Aquino, entretanto, que a ordem de definição e de demonstração não estão no mesmo nível. O princípio da contradição repousa (*fundatur*) em uma base conceitual, visto que pode ser reduzido aos termos dos quais é composto, entre os quais “ser” é o primeiro (*In Metaph.* IV.6; AERTSEN, 1996, p. 146-151).

A teoria dos conceitos primários de Avicena foi uma importante fonte para a teoria dos conceitos transcendentais, desenvolvida por filósofos escolásticos no

século XIII, seguindo a sugestão de Aristóteles, Avicena e da tradição Dionisiana (AERTSEN, 2008; AERTSEN, 2012; PINI, 2012). Avicena deixou como legado para a discussão dos transcendentais não apenas ensinamentos específicos sobre as noções de “ser”, “um” e “coisa”, mas também a ideia geral de que, ontologicamente, os conceitos primários são os mais comuns, visto que são verdadeiros para tudo e que, epistemologicamente, são primeiramente conhecidos por serem autoevidentes e não redutíveis a conceitos anteriores.

6.3. Essência e existência, universais e individuais

Entre as mais influentes doutrinas filosóficas de origem árabe está a distinção entre essência (*māhiyya*, *essentia*) e existência (*wujūd*, *ens*), que o Ocidente latino veio a conhecer por meio da obra *Metafísica* capítulos I.5 e V.1-2, de Avicena. A distinção foi muito influente historicamente: encontrou seguidores entre filósofos e teólogos de culturas árabe, hebraica e latina. Essa distinção entre essência e existência foi empregada por Avicena em diversos contextos metafísicos, por exemplo, na discussão dos conceitos primários, dos universais ou da causa primeira. A apresentação a seguir concentra-se no contexto dos universais. A ideia central de Avicena era diferenciar dois componentes dos universais: essência e universalidade. A essência da “cavalaria” (*horseness*), para usar o exemplo de Avicena (*Metafísica* V.1) não é, em si, nem universal, nem particular. Somente a existência, que em si é distinta da essência, acrescenta universalidade ou particularidade, a depender se a “cavalaria” existe na mente, isto é, como um universal, ou no mundo externo, isto é, como um particular. Em alguns de seus escritos, Avicena enfatiza que só existe universalidade se a essência for encontrada em vários objetos no mundo externo (MARMURA, 1979, p. 49).

Tomás de Aquino adota a distinção de Avicena já em seu inicial *O Ente e a Essência* (*De ente et essentia* IV). A essência pode ser considerada tanto em si como em relação à sua existência na alma ou nas coisas particulares. Universalidade e particularidade são acidentes da essência, que em si não é nem universal, nem particular. Tomás de Aquino adota a expressão “acidentes da essência” de Averróis (*Comm. magnum Metaph.* IV.3). O universal, segundo Tomás, é uma *natura communis*, que tem existência somente no intelecto. Indivíduos são essências individualizadas pela matéria com dimensões quantitativas, mas apenas no momento de sua origem; a individuação posterior é devido à forma. Em textos posteriores, Tomás de Aquino

desenvolve seu conceito de essência e existência de modo que a existência seja o que atualiza a essência (*Summa theol.* Ia q. 3 a. 4) (WIPPEL, 1990; BLACK, 1999).

Um influente defensor da real distinção entre essência e existência foi Giles de Roma. Uma vez que ele usa a terminologia “coisa” (*res*) para ambos os conceitos, foi criticado por tornar “existência” em uma coisa, que só existe se a existência de outra coisa for adicionada, e assim por diante *ad infinitum*. Este argumento foi expresso contra a distinção real por Siger de Brabante e Godfrey de Fontaines (WIPPEL, 1982), mas vem originalmente de Averróis, que rejeita categoricamente a distinção de Avicena em seu *Grande Comentário sobre a Metafísica* (IV.3).

Enquanto alguns autores assumem a posição extrema de que há apenas uma distinção mental entre essência e existência, Henry de Gent desenvolve uma versão modificada da teoria de Avicena. Ele faz a distinção entre essência em si mesma e enquanto existente, isto é, existente na mente ou no mundo externo. Contudo, ele atribui um tipo específico de existência à essência em si (*Quodlibet* I, 9 e III, 9): *esse essentiae* (“ser essencial”), que é a relação eterna da essência com Deus como sua causa. O *esse existentiae*, em contraste, é a existência real da essência. Henry, portanto, desenvolve uma teoria sobre como as essências existem antes mesmo da sua existência real na mente ou no mundo, ampliando em uma breve e provisória referência à *Metafísica* I.5 de Avicena para a “existência própria” (*esse proprium*) das essências.

Duns Scotus também se inspira na ideia aviceniana de que a natureza comum (*natura communis*), como Scotus a chama, não é nem verdadeiramente universal nem verdadeiramente particular em si mesma, sendo universal somente enquanto objeto do intelecto. No entanto, a explicação de Scotus sobre individuação difere: A natureza comum é particular apenas por causa de uma segunda “realidade” no objeto, um princípio de individuação ou diferença de contração, que por autores posteriores foi chamada de *haecceitas* (“hecceidade”). A distinção entre as duas “realidades” natureza e hecceidade não é real, mas formal no sentido de que as duas são diferentes, mas nunca existem separadas uma da outra (*Ordinatio* II, d. 3, p. 1, q. 6).

A influência da metafísica árabe é bem mais extensa do que sugerem essas breves referências a alguns pensadores renomados. A influência de Avicena e Averróis, especialmente sobre o tema da metafísica e da essência e existência, estende-se a diversos autores e por vários séculos, chegando a autores jesuítas do século XVI como Benedictus Pereira, Pedro da Fonseca e Francisco Suárez (LEINSLE, 1985, cap. 2).

6.4. A causa primeira e a emanção das inteligências

A influência do conceito de Avicena de causa primeira como o único ser necessário em si mesmo (*wājib al-wujūd bi-dātihi*, *necesse esse per se*) e de sua teoria da emanção é aparente já no século XII. Domingo Gundisalvo, tradutor de Avicena, em *Na Procissão do Mundo* (*De processione mundi*) traz a distinção entre a causa primeira, que é o “ser necessário” (*necesse esse*), e os seres criados, que em si são apenas seres possíveis. Todo o universo procede da causa primeira. Os princípios criados primeiro, no entanto, não são as inteligências, como na *Metafísica* de Avicena, mas os princípios materiais e formais das coisas (JOLIVET, 1988, p. 138-140; POLLONI, 2017, p. 532-538).

O autor anônimo de *O Livro das causas primeira e segunda* (*Liber de causis primis et secundis*), datado da virada do século XIII, não adota a distinção entre seres necessários e possíveis, mas descreve o processo de emanção em termos fortemente avicenianos: da causa primeira surge um primeiro ser criado, um intelecto. Deste intelecto, por sua vez, emana uma série de inteligências, a menor das quais é o intelecto ativo. A emanção acontece em tríades: de uma inteligência emana, em virtude de sua atividade intelectual, a forma de uma esfera celeste, o corpo de uma esfera e outra inteligência (cap 4). O autor anônimo também recorre ao *Livro das Causas* (ver o início da seção 6 acima), por exemplo, ao descrever a hierarquia das inteligências como uma diminuição no poder e na unidade (cap. 6)

Guilherme de Auvergne (1249) é muito atraído pelas teorias árabes metafísicas e psicológicas (que ele frequentemente atribui, de forma indiscriminada, a “Aristóteles e seus seguidores”), discutindo-as amplamente, ainda que muitas vezes as rejeite ao final enquanto conflitantes com a fé cristã. Em *De Universo* (*De universo* II.1), Guilherme discute e rejeita o sistema aviceniano de emanção: a necessidade da causação por meio da causa primeira; a emanção das inteligências desde a primeira inteligência até o intelecto ativo; o intelecto ativo como causa eficiente das almas humanas. Não obstante, ele adota tacitamente o princípio metafísico “De um surge apenas um” (*de uno non nisi unum*) de Avicena (TESKE, 1993), em particular no contexto da teologia trinitária (FISCHER, 2015), e descreve a causa primeira como o “ser necessário por si mesmo” (TESKE, 2002; FISCHER, 2018).

Tomás de Aquino adota de Avicena a descrição de Deus como o ser necessário, cuja essência é sua própria existência (*Summa contra gentiles* I.22). A influência de Avicena é também aparente em uma passagem bastante conhecida: as “cinco maneiras” (*quinque viae*) de provar a existência de Deus em *Summa*

theologiae (la q. 2 a. 3). A terceira prova avança via “o possível e o necessário”: estabelece a existência de algo necessário em virtude de si mesmo. A prova é muito colorida pela metafísica de Avicena, contudo sua fonte direta é o *Guia para os Perplexos de Maimônides* (II.1), do qual se desvia apenas em pequenos detalhes. Um elemento conspícuo da prova de Maimônides e Tomás de Aquino é a premissa, não explicitamente formulada por Avicena, de que, em um mundo eterno, todas as possibilidades são ao final realizadas, o que é uma versão do chamado “princípio da plenitude” (DAVIDSON, 1987, p. 378-388). Tomás, no entanto, rejeita a teoria aviceniana da emanção. A criação do mundo não é um processo necessário, e não ocorre por meio de intermediários, ou seja, por inteligências ou anjos. Ele também rejeita a teoria de Avicena de um intelecto ativo separado como o doador de formas do mundo sublunar e como o lugar ontológico dos inteligíveis, uma teoria contra a qual Tomás apresenta argumentos epistemológicos em primeiro lugar (*Summa contra gentiles* II.42 and II.76). Albertus Magnus, em contraste, adota tacitamente muito da teoria do *dator formarum* em vários de seus escritos, embora ele frequentemente expresse suas críticas a ela (HASSE, 2012).

A atração da posição de Avicena é evidente na obra de Siger de Brabante. Em alguns de seus escritos, Siger ensina que Deus como o ser primeiro cria imediatamente apenas um ser, a primeira substância imaterial, da qual emanam as outras inteligências, as esferas celestes e, finalmente, o mundo sublunar, em um processo eterno e necessário. A necessidade não é universal, mas encontra seus limites na contingência e no livre arbítrio que existe no mundo sublunar (*De necessitate et contingentia causarum*; VAN STEENBERGHEN, 1991, p. 346). Duns Scotus, por outro lado, mostra-se bastante crítico à teoria de Avicena da causação necessária por meio da causa primeira. Ele apresenta diversas razões contra ela, dentre as quais a mais importante é que apenas pode haver contingência no mundo se a causa primeira não age por necessidade (*Ordinatio* I d. 8 p. 2 q. un).

Diversas teses sobre a causa primeira e as inteligências inspiradas em Avicena são condenadas pelo bispo parisiense em 1277, entre elas: que Deus é a causa primeira necessária da inteligência primeira e dos movimentos celestes (art. 58 e 59); que Deus faz necessariamente o que é imediatamente produzido por ele (art. 53); que o intelecto ativo é uma substância separada do intelecto humano (art. 123); que as almas racionais são criadas pelas inteligências (art. 30). A teoria da causa primeira de Avicena, no entanto, continuou a influenciar a discussão escolástica. É o caso, por exemplo, da prova da existência de Deus, citada por Tomás de Aquino. Pedro de Auvergne, Henry de Ghent e Duns Scotus também recorrem ao argumento

de Avicena do ser possível e necessário (DRUART, 2002; JANSSENS, 2003; PICKAVÉ, 2007, ch. 6).

As condenações de 1270 e 1277 também foram dirigidas contra outra teoria baseada em fontes árabes: a do determinismo astrológico (art. 143, 161, 167, 195, 206, 207). As condenações não atestam a influência dos filósofos árabes propriamente ditos: Avicena era crítico da astrologia por razões epistemológicas e Averróis incorporou doutrinas astrológicas nas principais teorias peripatéticas sobre a influência das estrelas. Em vez disso, as condenações indicam que astrólogos árabes como Albumasar e Alcabitus foram muito influentes no Ocidente latino já no século XIII.

7. Ética

A influência de textos árabes éticos e políticos é tênue, em parte porque filósofos árabes foram menos produtivos nesses campos, e em parte porque obras importantes não chegaram a ser traduzidas (tais como *Princípios dos Cidadãos do Estado Perfeito*, de al-Fārābī) ou foram traduzidos apenas no século XVI (como *Comentário sobre a República de Platão*, de Averróis). No entanto, filósofos árabes, através de seus ensinamentos sobre o intelecto, exerceram uma importante influência na área fronteira entre ética e psicologia, e na discussão sobre felicidade humana em particular.

Al-Fārābī, Avicena e Averróis compartilham a visão de que a felicidade é alcançada através da conjunção do intelecto humano com o intelecto ativo separado. Também compartilham um otimismo epistemológico de que para pessoas especificamente dotadas, que eles descrevem como filósofos ou profetas-filósofos, uma conjunção perfeita é possível nesta vida. A teoria da felicidade de Albertus Magnus é muito influenciada por essas teorias árabes. Como mencionado acima, ele adotou de Avicena e Averróis o conceito de um “intelecto adquirido” (*intellectus adeptus*) como o nível mais alto de conjunção entre o intelecto possível e ativo. Somente nesta fase o ser humano se torna verdadeiramente um ser humano. Pela conjunção com o intelecto ativo, o intelecto humano contempla as substâncias separadas, e nisso consiste a “felicidade teórica” do homem (*felicitas contemplativa*), uma felicidade que é possível nesta vida (*De anima* III.3.12) (MÜLLER, 2006). Sobre a influência de Albertus, confira LIBERA, 2005, p. 329-361). Tomás de Aquino discorda das premissas epistemológicas e da conclusão ética desta posição: uma vez que o conhecimento humano está vinculado aos sentidos, o conhecimento das

substâncias imateriais não é possível nesta vida, assim como não é perfeita a felicidade humana (*Summa theol.* Ia IIae q.3 a.2). Entretanto, quando Tomás explica a visão beatífica e a felicidade humana na vida após a morte, ele adota de Averróis a ideia de que uma substância separada é conjunta ao intelecto humana como sua forma (*Comm. on the Sentences* IV, d.49 q.2 a.1; ver TAYLOR, 2012)

Em 1277, diversas teses filosóficas sobre a felicidade humana e a boa vida foram condenadas: que a felicidade é para ser alcançada nesta vida e não em outra (art. 176), que não há melhor estado (de vida) que estudar filosofia (art. 40). Aparentemente, esses artigos foram dirigidos a mestres das artes da Universidade de Paris, entre eles Siger de Brabante e Boécio de Dácia. Como sabemos por fragmentos do tratado de Siger *Da Felicidade* (*De felicitate*), ele abraça a tese de Averróis de que todos os intelectos são abençoados através da conjunção com o intelecto ativo. Na interpretação de Siger, os seres humanos em tal estado pensam em Deus por uma intelecção que é o próprio Deus. Há muitas indicações de que Siger estava convencido de que o conhecimento das substâncias separadas – e, portanto, a obtenção da felicidade humana – é possível nesta vida (STEEL, 2001, p. 227-231). Boécio de Dácia também está convencido de que a felicidade humana pode ser alcançada nesta vida, que seria uma felicidade proporcionada às capacidades humanas, enquanto o mais elevado tipo de felicidade fica reservado para a vida pós-morte (em seu tratado *De summo bono*). Boécio parece ter se inspirado nas teorias árabes da ascensão intelectual, mas não endossa uma teoria da conjunção, como faz Siger. Sua convicção de que a vida do filósofo é a única vida verdadeira ecoa a postura autoconfiante e elitista assumida pelos principais filósofos árabes.

Referência bibliográfica

- AERTSEN, J. A., 1996, **Medieval Philosophy and the Transcendentals: the Case of Thomas Aquinas**, Leiden: Brill.
- AERTSEN, J. A., 1998, “What is First and Most Fundamental? The Beginnings of Transcendental Philosophy”, in J. A. Aertsen and A. Speer (eds.), **Was ist Philosophie im Mittelalter?**, Berlin/New York: deGruyter, 177–192.
- AERTSEN, J. A., 2008, “Avicenna’s Doctrine of the Primary Notions and Its Impact on Medieval Philosophy”, in A. Akasoy and W. Raven (eds.), **Islamic Thought in the Middle Ages. Studies in Text, Transmission and Translation, in Honour of Hans Daiber**, Leiden/Boston: Brill, 21–42.

- AERTSEN, J. A., 2012, **Medieval Philosophy as Transcendental Thought**, Leiden: Brill.
- AKASOY, A.; GIGLIONI, G. (eds.), 2013, **Renaissance Averroism and its Aftermath: Arabic Philosophy in Early Modern Europe**, Dordrecht: Springer.
- BERTOLACCI, A., 2007, "Avicenna and Averroes on the Proof of God's Existence and the Subject-Matter of Metaphysics", **Medioevo**, 32: 61–97.
- BERTOLACCI, A., 2009, "The Reception of Averroes' Long Commentary on the 'Metaphysics' in Latin Medieval Philosophy until Albertus Magnus", in L. Honnefelder, H. Möhle and S. Bullido del Barrio (eds.), **Via Alberti. Texte – Quellen – Interpretationen**, Münster: Aschendorff, 457–480.
- BERTOLACCI, A., 2011, "Community of Translators: The Latin Medieval Versions of Avicenna's *Kitāb al-Shifā'* (Book of the Cure)", in J.N. Crossley and C.J. Mews (eds.), **Communities of Learning: Networks and the Shaping of Intellectual Identity in Europe 1100–1450**, Turnhout: Brepols, 37–54.
- BERTOLACCI, A., 2012, "On the Latin Reception of Avicenna's Metaphysics before Albertus Magnus: An Attempt at Periodization", in D.N. Hasse and A. Bertolacci (eds.), **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Metaphysics**, Berlin/Boston: deGruyter, 197–223.
- BERTOLACCI, A., 2013a, "Averroes against Avicenna on Human Spontaneous Generation: The Starting-Point of an Enduring Debate", in A. Akasoy and G. Giglioni (eds.), **Renaissance Averroism and its Aftermath: Arabic Philosophy in Early Modern Europe**, Dordrecht: Springer, 37–54.
- BERTOLACCI, A., 2013b, "The Reception of Avicenna in Latin Medieval Culture", in P. Adamson, ed., **Interpreting Avicenna: Critical Essays**, Cambridge: Cambridge University Press, 242–269.
- BIANCHI, L., 1993, "Les aristotélismes de la scolastique", in L. Bianchi and E. Randi (eds.), **Vérités dissonantes. Aristote à la fin du Moyen Âge**, Fribourg: Ed. univ., 1–37.
- BLACK, D. L., 1996, "Memory, Individuals, and the Past in Averroes' Psychology", **Medieval Philosophy and Theology**, 5: 161–187.
- BLACK, D. L., 1999, "Mental Existence in Thomas Aquinas and Avicenna", **Mediaeval Studies** 61: 45–79.
- BLACK, D. L., 2000, "Imagination and Estimation: Arabic Paradigms and Western Transformations", **Topoi**, 19: 59–75.
- BLACK, D. L., 2004, "Models of the Mind: Metaphysical Presuppositions of the Averroist and Thomistic Accounts of Intellection", **Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale** 15: 319–352.

- BLACK, D. L., 2011, "Avicenna's 'Vague Individual' and its Impact on Medieval Latin Philosophy", in C. Fraenkel, R. Wisnovsky, F. Wallis and J. Fumo (eds.), **Vehicles of Transmission, Translation, and Transformation in Medieval Cultures**, Turnhout: Brepols, 269–302.
- BLACK, D. L., 2014, "How Do We Acquire Concepts? Avicenna on Abstraction and Emanation", in J. Hause, ed., **Debates in Medieval Philosophy: Essential Readings and Contemporary Responses**, London: Routledge, 126–144.
- BOBZIN, H., 1992, "Geschichte der arabischen Philologie in Europa bis zum Ausgang des achtzehnten Jahrhunderts", in W. Fischer, ed., **Grundriß der Arabischen Philologie, III Supplement**, Wiesbaden: Reichert, 155–187.
- BOUYGES, M., 1923, "VII. Sur le De scientiis d'Alfarabi, récemment édité en arabe à Saida et sur le de Divisione Philosophiae de Gundissalinus", **Mélanges de l'Université Saint-Joseph de Beyrouth**, 9: 49–70.
- BRENET, J.-B., 2003, **Transferts du sujet: la noétique d'Averroès selon Jean de Jandun**, Paris: Vrin.
- BURNETT, C., 1982, **Hermann of Carinthia, De essentiis, critical edition, translation and commentary**, Leiden: Brill.
- BURNETT, C., 1997a, "Vincent of Beauvais, Michael Scot and the 'New Aristotle'", in S. Lusignan and M. Paulmier-Foucart (eds.), **Vincent de Beauvais, frère prêcheur: un intellectuel et son milieu au XIIIe siècle**, Grâne: Editions Créaphis, 189–213.
- BURNETT, C., 1997b, "Petrarch and Averroes: An Episode in the History of Poetics", in I. Macpherson and R. Penny (eds.), **The Medieval Mind: Hispanic Studies in Honour of Alan Deyermond**, Woodbridge: Tamesis, 49–56.
- BURNETT, C., 1999, "The Second Revelation of Arabic Philosophy and Science: 1492–1575", in C. Burnett and A. Contadini (eds.), **Islam and the Italian Renaissance**, London: The Warburg Institute, 185–198.
- BURNETT, C., 2001, "The Coherence of the Arabic-Latin Translation Program in Toledo in the Twelfth Century", **Science in Context**, 14: 249–288.
- BURNETT, C., 2005, "Arabic into Latin: the reception of Arabic philosophy into Western Europe", in P. Adamson and R.C. Taylor (eds.), **The Cambridge Companion to Arabic Philosophy**, Cambridge: Cambridge University Press, 370–404.
- BURNETT, C., 2006, "Humanism and Orientalism in the Translations from Arabic into Latin in the Middle Ages", in A. Speer and L. Wegener (eds.), **Wissen über Grenzen. Arabisches und lateinisches Mittelalter**, Berlin: deGruyter, 22–31.

- BURNETT, C., 2011, "Two Approaches to Natural Science in the Twelfth Century", in M.M. Tischler and A. Fidora (eds.), **Christlicher Norden – Muslimischer Süden: Ansprüche und Wirklichkeiten von Christen, Juden und Muslimen auf der Iberischen Halbinsel im Hoch– und Spätmittelalter**, Münster: Aschendorff, 69–80.
- BURNETT, C., 2013, "Revisiting the 1552–1550 and 1562 Aristotle-Averroes Edition", in A. Akasoy and G. Giglioni (eds.), **Renaissance Averroism and its Aftermath: Arabic Philosophy in Early Modern Europe**, Dordrecht: Springer, 55–64.
- CALMA, D., 2010, **Études sur le premier siècle de l'averroïsme latin: approches et textes inédits**, Turnhout: Brepols.
- CALMA, D. (ed.), 2016, **Neoplatonism in the Middle Ages**: vol. 1: New Commentaries on 'Liber de Causis' (ca. 1250–1350); vol 2: **New Commentaries on 'Liber de Causis' and 'Elementatio theologica' (ca. 1350–1500)**, Turnhout: Brepols.
- CERAMI, C., 2018, "A Map of Averroes' Criticism against Avicenna: Physics, De caelo, De generatione et corruptione and Meteorology", in D. N. Hasse and A. Bertolacci (eds.), **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Physics and Cosmology**, Berlin/Boston: deGruyter, 163–240.
- COCCIA, E., 2005, **La trasparenza delle immagini. Averroè e l'averroismo**, Milano: Mondadori.
- CRAIG, M., 2007, "Rethinking Renaissance Averroism", **Intellectual History Review** 17: 3–19.
- CRAIG, M., 2013, "Humanism and the Assessment of Averroes in the Renaissance", in A. Akasoy and G. Giglioni (eds.), **Renaissance Averroism and its Aftermath: Arabic Philosophy in Early Modern Europe**, Dordrecht: Springer, 65–80.
- DAIBER, H., 1990, "Lateinische Übersetzungen arabischer Texte zur Philosophie und ihre Bedeutung für die Scholastik des Mittelalters. Stand und Aufgaben der Forschung", in J. Hamesse and M. Fattori (eds.), **Rencontres de cultures dans la philosophie médiévale: traductions et traducteurs de l'antiquité tardive au XIVe siècle**, Louvain-la-Neuve: Université catholique de Louvain; Cassino: Università degli studi di Cassino, 203–250.
- DALES, R. C., 1990, **Medieval discussions of the eternity of the world**, Leiden: Brill.
- DAVIDSON, H. A., 1987, **Proofs for eternity, creation, and the existence of God in medieval Islamic and Jewish philosophy**, New York: Oxford University Press.

- D'ALVERNY, M.-TH.; HUDRY, F., 1975, "Al-Kindi: De radiis", **Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge**, 41: 139–260.
- D'ANCONA COSTA, C., 1995, **Recherches sur le Liber de causis**, Paris: Vrin.
- DE LIBERA, A., 2005, **Métaphysique et noétique**: Albert le Grand, Paris: Vrin.
- DENIFLE, H.; CHATELAIN, E., 1889, **Chartularium Universitatis Parisiensis**, Tomus I, Paris: Delalain.
- DES CHENE, D., 2000, **Life's form: late Aristotelian conceptions of the soul**, Ithaca, N.Y.: Cornell University Press.
- DRUART, Th.-A., 2002, "Avicenna's Influence on Duns Scotus' Proof for the Existence of God in the *Lectura*", in J. Janssens and D. De Smet (eds.), **Avicenna and His Heritage**, Leuven: Leuven University Press, 253–266.
- EICHNER, H., 2005, **Averroes: Talkhīṣ kitāb al-kawn wa-al-fasād. Mittlerer Kommentar zu Aristoteles' De generatione et corruptione**, Paderborn: Schöningh.
- ETZWILER, J. P., 1971, "Baconthorp and the Latin Averroism: The Doctrine of the Unique Intellect", **Carmelus**, 19: 235–292.
- FARMER, H. G., 1934, **Al-Fārābī's Arabic-Latin Writings on Music**, Glasgow: The Civic Press.
- FIDORA, A., 2007, "Politik, Religion und Philosophie in den Wissenschaftseinteilungen der Artisten im 13. Jahrhundert", in A. Fidora, J. Fried and M. Lutz-Bachmann (eds.), **Politischer Aristotelismus und Religion in Mittelalter und Früher Neuzeit**, Berlin: Akademie-Verlag, 27–36.
- FIDORA, A., NIEDERBERGER, A., 2001, **Von Bagdad nach Toledo**: Das "Buch der Ursachen" und seine Rezeption im Mittelalter, Lateinisch-deutscher Text, Kommentar und Wirkungsgeschichte des Liber de causis, Mainz: Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung.
- FIDORA, A., WERNER, D., 2007, **Dominicus Gundissalinus: De divisione philosophiae**: Lateinisch/Deutsch, Über die Einteilung der Philosophie, Freiburg im Breisgau: Herder.
- FISCHER, K., 2015, "Avicenna's *ex uno*-Principle in William of Auvergne's *De trinitate*", **Quaestio**, 15: 423–432.
- FISCHER, K., 2018, "Avicenna's Influence on William of Auvergne's Theory of Efficient Causes", in D. N. Hasse and A. Bertolacci (eds.), **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Physics and Cosmology**, Berlin/Boston: deGruyter, 371–396.

- GAUTHIER, R. A., 1982a, "Le Traité De anima et de potenciis eius d'un maître ès arts (vers 1225)", **Revue des Sciences philosophiques et théologiques**, 66: 27–55.
- GAUTHIER, R. A., 1982b, "Notes sur les débuts (1225–1240) du premier 'Averroïsme'", **Revue des Sciences philosophiques et théologiques**, 66: 321–374.
- GILES OF ROME, 1944, **Errores philosophorum**: critical text with notes and introduction by Josef Koch and English translation by John O. Riedl, Milwaukee, Wis.: Marquette University Press.
- GILSON, E., 1926/27, "Pourquoi saint Thomas a critiqué saint Augustin", **Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Âge**, 1: 1–127.
- GOICHON, A.-M., 1951, "L'influence de la philosophie avicennienne dans l'Europe médiévale", in A.-M. Goichon, **La philosophie d'Avicenne et son influence en Europe médiévale**, 2. ed., Paris: Adrien-Maisonneuve, 89–133.
- GORIS, W., 1999, "Die Anfänge der Auseinandersetzung um das Ersterkannte im 13. Jahrhundert: Guibert von Tournai, Bonaventura und Thomas von Aquin", **Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale**, 10: 355–369.
- GRANT, E., 1974, **A Source Book in Medieval Science**, Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- HASSE, D. N., 2000, **Avicenna's De Anima in the Latin West: The Formation of a Peripatetic Philosophy of the Soul, 1160–1300**, London / Turin: The Warburg Institute – Nino Aragno Editore.
- HASSE, D. N., 2001, "Avicenna on Abstraction", in R. Wisnovsky, ed., **Aspects of Avicenna**, Princeton: Markus Wiener, 39–72.
- HASSE, D. N., 2006, "The Social Conditions of the Arabic-(Hebrew-) Latin Translation Movements in Medieval Spain and in the Renaissance", in A. Speer and L. Wegener (eds.), **Wissen über Grenzen: Arabisches Wissen und lateinisches Mittelalter**, Berlin: de Gruyter, 68–86 and 806.
- HASSE, D. N., 2007a, "Spontaneous Generation and the Ontology of Forms in Greek, Arabic, and Medieval Latin Sources", in P. Adamson, ed., **Classical Arabic Philosophy: Sources and Reception**, London / Turin: The Warburg Institute – Nino Aragno Editore, 150–175.
- HASSE, D. N., 2007b, "Averroica secta: Notes on the Formation of Averroist Movements in Fourteenth-Century Bologna and Renaissance Italy", in J.-B. Brenet, ed., **Averroes et les Averroïsmes juif et latin**, Turnhout: Brepols, 307–331.

- HASSE, D. N., 2007c, "Arabic philosophy and Averroism", in J. Hankins, ed., **Cambridge Companion to Renaissance Philosophy**, Cambridge: Cambridge University Press, 113–136.
- HASSE, D. N., 2008, "The Early Albertus Magnus and his Arabic Sources on the Theory of the Soul", **Vivarium** 46: 232–252.
- HASSE, D. N., 2012, "Avicenna's 'Giver of Forms' in Latin Philosophy, Especially in the Works of Albertus Magnus", in D.N. Hasse and A. Bertolacci (eds.), **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Metaphysics**, Berlin/Boston: deGruyter, 225–249.
- HASSE, D. N., 2016, **Success and Suppression: Arabic Sciences and Philosophy in the Renaissance**, Cambridge, MA / London: Harvard University Press.
- HASSE, D. N.; BÜTTNER, A., 2018, "Notes on Anonymous Twelfth-Century Translations of Philosophical Texts from Arabic into Latin on the Iberian Peninsula", in D. N. Hasse and A. Bertolacci (eds.), **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Physics and Cosmology**, Berlin/Boston: deGruyter, 314–369.
- HASSE, D. N., BERTOLACCI, A. (eds.), 2012, **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Metaphysics**, Berlin/Boston: deGruyter.
- HASSE, D. N.; BERTOLACCI, A. (eds.), 2018, **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Physics and Cosmology**, Berlin/Boston: deGruyter.
- HAYOUN, M.-R., DE LIBERA, A., 1991, **Averroès et l'averroïsme**, Paris: Presses Univ. de France.
- HUGONNARD-ROCHE, H., 1984, "La classification des sciences de Gundissalinus et l'influence d'Avicenne", in J. Jolivet and R. Rashed (eds.), **Etudes sur Avicenne**, Paris: Belles Lettres, 41–75.
- HYMAN, A., 1965, "Aristotle's 'First Matter' and Avicenna's and Averroes' 'Corporeal Form'", in **Harry Austryn Wolfson Jubilee Volume**, 3 volumes, Jerusalem: American Academy for Jewish Research, vol. 1, 385–406.
- IMBACH, R., 1991, "L'averroïsme latin du XIIIe siècle", in R. Imbach and A. Maierù (eds.), **Gli studi di filosofia medievale fra otto e novecento, contributo a un bilancio storiografico**, Roma: Ed. di Storia et Letteratura, 191–208.
- JANSSENS, J., 2003, "Elements of Avicennian Metaphysics in the Summa", in G. Guldentops and C. Steel (eds.), **Henry of Ghent and the Transformation of Scholastic Thought**, Leuven: Leuven University Press, 41–59.

- JOLIVET, J., 1988, "The Arabic Inheritance", in P. Dronke, ed., **A History of Twelfth Century Western Philosophy**, Cambridge: Cambridge University Press, 113–150.
- KISCHLAT, H., 2000, **Studien zur Verbreitung von Übersetzungen arabischer philosophischer Werke in Westeuropa 1150–1400: Das Zeugnis der Bibliotheken**, Münster: Aschendorff.
- KNUDSEN, C., 1982, "Intentions and Impositions", in N. Kretzmann, A. Kenny, J. Pinborg (eds.), **The Cambridge History of Later Medieval Philosophy**, Cambridge: Cambridge University Press, 479–495.
- KUKSEWICZ, Z., 1997, "Some Remarks on Erfurt Averroists", **Studia Mediewistyczne** 32: 93–121.
- LAFLEUR, C., 1988, **Quatre introductions à la philosophie au XIIIe siècle. Textes critiques et études historique**, Montreal: Institut d'Etudes Médiévales, 1988.
- LEINSLE, U. G., 1985, **Das Ding und die Methode: methodische Konstitution und Gegenstand der frühen protestantischen Metaphysik**, Augsburg: Maroverlag.
- LEMAY, R. J., 1962, **Abu Ma'shar and Latin Aristotelianism in the twelfth century: the recovery of Aristotle's natural philosophy through Arabic astrology**, Beirut: Catholic Press.
- LOHR, C.H., 1965, "Logica Algazelis: Introduction and Critical Text", **Traditio**, 21: 223–290.
- MAIER, A., 1952, **An der Grenze von Scholastik und Naturwissenschaft: Studien zur Naturphilosophie des 14. Jahrhunderts**, 2. ed., Rome: Edizioni di storia e letteratura.
- MAIER, A., 1955, **Metaphysische Hintergründe der spätscholastischen Naturphilosophie**, Rome: Edizioni di storia e letteratura.
- MAIERÙ, A., 1987, "Influenze arabe e discussioni sulla natura della logica presso i latini fra XIII e XIV secolo", in B. Scarcia Amoretti, ed., **La diffusione delle scienze islamiche nel Medio Evo europeo**, Rome: Accademia nazionale dei Lincei, 243–267.
- MANDOSIO, J.-M., 2018, "Follower or Opponent of Aristotle? The Critical Reception of Avicenna's Meteorology in the Latin World and the Legacy of Alfred the Englishman", in D. N. Hasse and A. Bertolacci (eds.), **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Physics and Cosmology**, Berlin/Boston: deGruyter, 459–534.
- MARMURA, M. E., 1979, "Avicenna's Chapter on Universals in the Isagoge of his *Shifā*", in A. T. Welch and P. Cachia (eds.), **Islam: Past influence and present challenge**, Albany: State University of New York Press, 34–56.

- (repr. in M. Marmura, *Probing in Islamic Philosophy*, Binghamton: Global Acad. Publ., 2005).
- MCGINNIS, J., 2007, "Making Abstraction Less Abstract: The Logical, Psychological, and Metaphysical Dimensions of Avicenna's Theory of Abstraction", in M. Baur, ed., **Intelligence and the Philosophy of Mind**, Bronx, NY: American Catholic Philosophical Association, 169–183.
- MINNEMA, A., 2014, "Algazel Latinus: The Audience of the *Summa theoriae philosophiae*, 1150–1600", **Traditio**, 69: 153–215.
- MINNEMA, A., 2017, "Cave hic: Marginal Warnings in Latin Translations of Arab Philosophy: A Case Study from Algazel", **Mediterranea**, 2: 145–162.
- MÜLLER, J., 2006, "Der Einfluß der arabischen Intellektsspekulation auf die Ethik des Albertus Magnus", in A. Speer and L. Wegener, ed., **Wissen über Grenzen: Arabisches Wissen und lateinisches Mittelalter**, Berlin: de Gruyter, 545–568.
- NARDI, B., 1965, "Pietro Pomponazzi e la teoria di Avicenna intorno alla generazione spontanea nell'uomo", in B. Nardi, **Studi su Pietro Pomponazzi**, Firenze: F. Le Monnier, 305–319.
- NIEWÖHNER, F.; STURLESE, L. (eds.), 1994, **Averroismus im Mittelalter und in der Renaissance**, Zürich: Spur-Verlag.
- PERFETTI, S., 2000, **Aristotle's Zoology and its Renaissance Commentators (1521–1601)**, Leuven: Leuven University Press.
- PERFETTI, S., 2004, **Pietro Pomponazzi: Expositio super primo et secundo De partibus animalium**, Firenze: Olschki.
- PERLER, D., 1994, "Peter Aureol vs. Hervaeus Natalis on Intentionality, A Text Edition with Introductory Remarks", **Archives d'Histoire Doctrinale et Littéraire du Moyen Age**, 61: 227–262.
- PERLER, D., 2006, "Intentionality and Action: Medieval Discussions on the Cognitive Capacities of Animals", in M.C. Pacheco and J.F. Meirinhos (eds.), **Intellect et imagination dans la philosophie médiévale**, 3 volumes, Turnhout: Brepols, vol. 1, 73–98.
- PICKAVÉ, M., 2007, **Heinrich von Gent über Metaphysik als erste Wissenschaft: Studien zu einem Metaphysikentwurf aus dem letzten Viertel des 13. Jahrhunderts**, Leiden: Brill.
- PICHÉ, D., 1999, **La condamnation parisienne de 1277: nouvelle édition du texte latin: traduction, introduction et commentaires**, Paris: Vrin.

- PINI, G., 2012, "Scotus and Avicenna on What it is to Be a Thing", in D.N. Hasse and A. Bertolacci (eds.), **The Arabic, Hebrew and Latin Reception of Avicenna's Metaphysics**, Berlin/Boston: deGruyter, 365–387.
- POLLONI, N., 2017, "Gundissalinus and Avicenna: Some Remarks on an Intricate Philosophical Connection", **Documenti e studi sulla tradizione filosofica medievale** 28: 515–552.
- SABRA, A. I., 1980, "Avicenna on the Subject Matter of Logic", **The Journal of Philosophy**, 77: 746–764.
- SCHMITT, C. B., 1979, "Renaissance Averroism Studied through the Venetian Editions of Aristotle-Averroes (with Particular Reference to the Giunta Edition of 1550–2)", in **Convegno Internazionale l'Averroismo in Italia**, Roma, 121–142 (repr. in: Schmitt, C. B., **The Aristotelian Tradition and Renaissance Universities**, London: Variorum repr., 1984, art. VIII).
- SIRAI, N., 1987, **Avicenna in Renaissance Italy: the Canon and Medical Teaching in Italian Universities after 1500**, Princeton: Princeton University Press.
- STEEL, C., 2001, "Siger of Brabant versus Thomas Aquinas on the Possibility of Knowing the Separate Substances", in J. A. Aertsen, K. Emery, Jr., A. Speer (ed.), *Nach der Verurteilung von 1277: Philosophie und Theologie an der Universität von Paris im letzten Viertel des 13. Jahrhunderts*, Berlin: deGruyter, 211–231.
- STREET, T., 2005, "Logic", in P. Adamson and R.C. Taylor (eds.), **The Cambridge Companion to Arabic Philosophy**, Cambridge: Cambridge University Press, 247–265.
- TAMANI, G., 1992, "Traduzioni ebraico-latine di opere filosofiche e scientifiche", in I. Zinguer ed., **L'hébreu au temps de la Renaissance**, Leiden: Brill, 105–114.
- Taylor, R. C., 1983, "The Liber de Causis. A Preliminary List of Extant MSS.", **Bulletin de philosophie médiévale** 25: 63–84.
- TAMANI, G., 2012, "Arabic/Islamic Philosophy in Thomas Aquinas's Conception of the Beatific Vision in IV Sent., D. 49, Q. 2, A. 1", *The Thomist* 76: 509–550.
- TESKE, R. J., 1993, "William of Auvergne's Use of Avicenna's Principle: Ex Uno, Secundum Unum, Non Nisi Unum", **The Modern Schoolman**, 71: 1–15.
- TESKE, R. J., 2002, "William of Auvergne's Debt to Avicenna", in J. Janssens and D. De Smet (eds.), *Avicenna and His Heritage*, Leuven: Leuven University Press, 153–170.

- TRIFOGLI, C., 2000, **Oxford physics in the thirteenth century (ca. 1250–1270):** motion, infinity, place and time, Leiden: Brill.
- TRIFOGLI, C., 2010, “Change, Time and Place”, in R. Pasnau, ed., *The Cambridge History of Medieval Philosophy*, I, Cambridge: Cambridge University Press, 267–278.
- VAN STEENBERGHEN, F., 1974, **Introduction à l’étude de la philosophie médiévale**, Louvain: Publ. Univ.
- VAN STEENBERGHEN, F., 1991, **La philosophie au XIIIe siècle**, Louvain-la-Neuve: Institut supérieur de philosophie.
- WIPPEL, J. F., 1982, “Essence and Existence”, in N. Kretzmann, A. Kenny, J. Pinborg (eds.), **The Cambridge History of Later Medieval Philosophy**, Cambridge: Cambridge University Press, 385–410.
- WIPPEL, J. F., 1990, “The Latin Avicenna as a Source for Thomas Aquinas’s Metaphysics”, **Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie** 37: 65–72.
- Wood, R., 2010, “The Influence of Arabic Aristotelianism on Scholastic Natural Philosophy. Projectile Motion, the Place of the Universe, and Elemental Composition”, in R. Pasnau, ed., **The Cambridge History of Medieval Philosophy**, I, Cambridge: Cambridge University Press, 247–266.
- ZIMMERMANN, A., 1998, **Ontologie oder Metaphysik?** Die Diskussion über den Gegenstand der Metaphysik im 13. und 14. Jahrhundert; Texte und Untersuchungen, Leuven: Peeters.

Sobre os organizadores e a tradutora

Lúcio Álvaro Marques (organizador e revisor). Licenciado em filosofia (PUC Minas 1999-2001), doutorado em filosofia (PUCRS 2012-2014) e pós-doutorado em filosofia brasileira (Universidade do Porto, Portugal, 2015). Atua principalmente em temas da Escolástica Colonial, História do Ensino no Brasil e Metafísica. Principais publicações são *A glória do ateísmo* (2013), *Philosophia brasiliensis* (2015), *A lógica da necessidade* (2018), *Escritos sobre escravidão* (2020) e *A tensão do real* (2021).

Maria Teresa Marques Santos (tradutora e organizadora). Tradutora e intérprete na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, na qual trabalha com tradução e versão de documentos, textos científicos e de comunicação institucional. Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília, com projeto de pesquisa relacionando tradução, jornalismo científico e Linguística de Corpus. Graduada em Letras, bacharelado em Tradução e Interpretação (Inglês), pela Universidade de Franca, onde, no campo da pesquisa, desenvolveu a Iniciação Científica na área de Semiótica, em particular, a Semiótica Greimasiana.

Sobre a revisora

Danúzia Fernandes Brandão (revisora). Graduada em Letras (UNIPAC 2008). Especialista em Crítica Literária e Ensino de Licenciatura (UFTM 2014). Idealizadora e empreendedora social nos projetos socioculturais Bibliotecando: Relendo o mundo e Na raiz da cultura. Mestranda em Educação (UFTM-PPGE 2020).





DISSERTATIO
FILOSOFIA